

REVISTA DOS CRIADORES



NESTE NUMERO

- MERCADOS PECUARIOS
- A LIBERACAO DO PRECO DO LEITE DE CONSUMO — UMA VITORIA DOS USU-
NEIROS PAULISTAS
- CARNE DOS ESTADOS SULINOS DEMANDA SAO PAULO
- O LEITE PAULISTA EM 1961
- A TECNOLOGIA LEITEIRA NO BRASIL
- O CONSUMO DE LEITE EM ESPECIE NO BRASIL
- OS PROGRESSOS DA RACA SANTA GERTRUDIS
- INSEMINACAO ARTIFICIAL EM CAES
- VETERINARIA — SUINOCULTURA — AVICULTURA
- MERCADOS DE LATICINIOS, AVES, OVOS E RACOES



Um
grande
perigo:
a MASTITE
(MAMITE)
agora é
fácil de eliminar
com o unguento

SINTOMICETINA

Lepetit

de efeito imediato e infalível

Sendo absolutamente atóxico, de facilíssima aplicação e super-econômico, SINTOMICETINA Lepetit é o mais moderno e positivo tratamento da perigosa mastite (mamite), mesmo quando resistente à penicilina, estreptomicina e sulfas.

Sintomicetina Lepetit assegura
MAIS LEITE E MELHORES CRIAS
com segurança

Um produto
mundialmente
consagrado

Lepetit

LABORATÓRIOS LEPETIT S.A.
(DIVISÃO VETERINÁRIA)

Rua Afonso Celso, 1015 Telefone 7-1106 (rede interna)
Caixa Postal 1.128 - End. Teleg. "LEPETIT" - São Paulo



Solicite e receba grátis
o interessante e útil
"INDICADOR
VETERINÁRIO
LEPETIT"



De sol a sol

5 horas: a Kombi leva para o mercado as caixas de ovos. A mercadoria, embora sensível a choques, chega ao seu destino em perfeito estado, porque viaja na zona de melhor suspensão, entre os dois eixos.

6 horas: a volta é aproveitada para trazer rações e sacas de cimento. A carroçaria inteiriça de aço da Kombi proporciona proteção completa contra chuva, sol e poeira.

9 horas: os oito bezerros vendidos a uma fazenda distante 40 km são transportados sem qualquer problema dentro do enorme compartimento de carga da Kombi (o espaço útil é de quase 5 metros cúbicos e a capacidade de car-

ga de 810 kg). A Kombi é um verdadeiro vagão.

11 horas: no armazém da cidade são carregados os suprimentos de toda uma semana. A operação é fácil e rápida pelas amplas portas laterais e porta traseira. Menor esforço é despendido porque o compartimento de carga fica ao nível da calçada.

13 horas: é hora de levar a criançada à escola. São 15 ao todo. Em dois minutos os bancos são colocados (é só apertar 4 borboletas). Apesar da chuva torrencial e do péssimo estado da estrada, a Kombi passa seguramente, graças à grande altura livre do chão (24 cm).

16 horas: a Kombi vai à estação para apanhar um grupo de amigos e parentes que veio passar uns dias na fazenda. As oito pessoas (fora o motorista) cabem confortavelmente, com bagagem e tudo. Ainda sobra lugar.

19 horas: agora a Kombi leva toda a turma ao cinema na cidade.

A Kombi Volkswagen é o veículo ideal para a fazenda. É a solução do bom senso, principalmente quando se considera que ela economiza, em comparação com qualquer outra camioneta, mais de 50% em gasolina, óleo e pneus.

Procure o seu Revendedor Autorizado Volkswagen.



Compre com poucos cruzeiros...

...NOSSA EXPERIENCIA DE MUITOS ANOS.
Planos PRÁTICOS, CÔMODOS e ECONÔMICOS cuidadosamente
estudados para você adotar em suas CONSTRUÇÕES RURAIS.



PLANTAS	Cr\$
Abrigo mixto	50,00
Abrigo para touros	120,00
Aparelhos contenção de estábulo (5 modelos)	90,00
Aprisco para 70 carneiros	50,00
Banheiro carrapaticida..	90,00
Banheiros para suínos..	90,00
Banheiro parasitocida pa- ra suínos	70,00
Bebedouro e comedouro automático	180,00
Bebedouro e esponjadou- ro	70,00
Brete e balança	100,00
Câmara de fermentação de estérco	180,00
Cavalaria mista	90,00
Cercado movidoço (ma- ternidade)	60,00
Cocheira	170,00
Ceva com 10 Baías..	100,00
Comedouros automáticos para leitões	90,00
Cocho coberto para dar sal ao gado	60,00
Curral	120,00
Curral circular	360,00
Currais com apartador e tronco para ordenha..	120,00
Estábulo de madeira p/ 12 vacas	70,00
Estábulo modelo	120,00
Estábulo p/ 60 vacas....	150,00
Estábulo econômico	90,00
Estábulo p/ bezeros	100,00
Estábulo modelo c/ com- partimentos p/ bezeros	70,00
Estábulo Cruzeiro	60,00
Estábulo de granja	70,00
Estábulo Vila Brandina..	70,00
Estrumeira pequena	120,00
Fábrica de Manteiga	70,00
Fábrica de manteiga ca- pacidade 100 lts. diários	130,00
Fábrica de manteiga ca- pacidade 300 lts. diários	130,00
Fábrica de manteiga ca- pacidade 500 lts. diários	130,00
Galpão esterqueira	90,00
Instalações econômicas p/ suínos	120,00

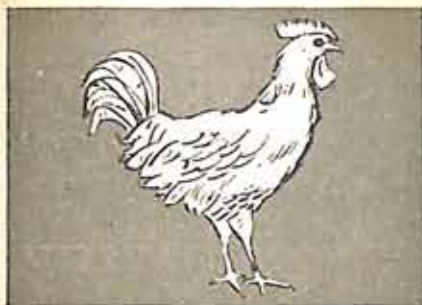
PLANTAS	Cr\$
Instalações p/ banho car- rapaticida	60,00
Instalações p/ ordenha ..	120,00
Maternidade p/ porcas - construída de madeira - tipo B	160,00
Maternidade p/ suínos ..	90,00
Maternidade p/ porcas - construção de madeira c/ piso de concreto - tipo A	180,00
Maternidade individual (portátil) que pode ser- vir também para lei- tões desmamados, em regime de campo	70,00
Paioi	140,00
Pocilga pequena	200,00
Pocilga p/ produção men- sal de 5 porcos com 100 quilos	130,00
Posto de resfriamento de latões por circulação, capacidade 200 lts. diá- rios	90,00
Posto de resfriamento ca- pacidade 200 lts. diários	130,00
Posto de resfriamento ca- pacidade 500 lts. diários	130,00
Posto de resfriamento e engarrafamento capaci- dade 200 litros diários..	140,00
Posto de resfriamento e engarrafamento capaci- dade 500 lts. diários ...	140,00
Rolo de faca	50,00
Silo elevado (aéreo)	80,00
Silo Econômico	120,00
Silo de encosta (100 to- neladas)	120,00
Silo de encosta (50 tone- ladas)	80,00
Silo subterrâneo	70,00
Silo de 130 toneladas....	90,00
Silo trincheira	90,00
Tronco p/ cobertura	90,00
Tronco p/ apartação	90,00
Tronco p/ contenção de bovinos	90,00
Tronco p/ ordenha	50,00
Pulverização e Pedilúvio.	50,00

Atendemos pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL

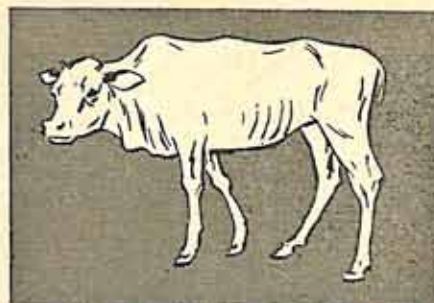


PEDIDOS:

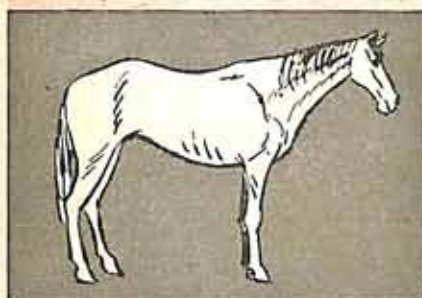
Associação dos Criadores
Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo



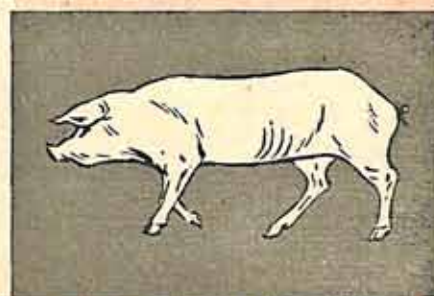
Aves - coriza, doença crônica respiratória, exantese (enterite catarral aguda), enterites não específicos.



Bovinos - pneumonia, anaplasmoses, diarreia ou curso, difteria de bezerras, infecções do umbigo, metrite, apodrecimento do casco (frieira).



Equinos - garrotilho, pneumonia, metrite, influenza.

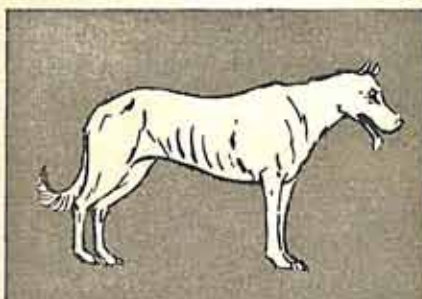


Suínos - pneumonia ou batelada, enterite (necro), diarreia, pneumoenterite, endometrite.

**NÃO OS
DEIXE
MORRER!
SALVE-OS COM**

TALCIN

TETRACICLINA - SQUIBB



Caninos - diarreia, leptospirose, pneumonia.

TALCIN é o mais eficaz dos modernos antibióticos para uso veterinário!

TALCIN tem extraordinária eficiência nestas e em outras das mais variadas doenças dos animais.

Bastam uns poucos cruzeiros para evitar grandes prejuízos!



Ovinos - pneumonia, metrite, enterite, septicemia hemorrágica.

Apresentação:

Cápsulas de 250 mg

Comprimidos de 500 mg

Frasco-ampola de 100 e 500 mg



À E. R. SQUIBB & SONS S. A.

Divisão Agro-Pecuária

Av. João Dias, 2758 (Sto. Amaro) - C. P. 7225 - S. Paulo

Favor enviar-me, sem compromisso, completos detalhes sobre Talcin.

Data: _____

Nome _____

Enderêço _____

Cidade _____ Estado _____

Adquira Talcin no seu fornecedor preferido. Para maiores informações, consulte seu veterinário, ou envie-nos o cupom ao lado.



Squibb-Mathieson

DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA DA

E. R. SQUIBB & SONS, S. A.

Av. João Dias, 2758 (Sto. Amaro) - Cx. Postal 7225 - S. Paulo



**PARA SEU
REBANHO...**



EXIJA O LEGÍTIMO SAL DE MACAU DAS MARCAS:

"NAVIO" OU "BOIADEIRO"

PRODUTOS DA CIA. COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO — MACAU — RIO GRANDE DO NORTE



Vendas

CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA
Av. Rio Branco, 103 - 7.º andar - Tel. 43-2540 e 43-0870, Ramal 15
Caixa Postal 575 - End. Teleg. "SALCIMA"

DIRETOR

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR

Rosemberg Marson

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

José de Assis Ribeiro

Dr. Henrique F. Raimo

Dr. Rolando Lemos

Dr. Alberto Alves Santiago

Dr. Leovigildo P. Jordão

Dr. Walter C. Battiston

Eng.º Agr.º Pimentel Gomes

Dr. Fausto Gonçalves de Araújo

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo

Francisco de Almeida Penna

D. Dina Avela

João Baptista Pinto

REDAÇÃO:

RUA JAGUARIBE, 634

S. PAULO (BRASIL)

Tel. 51-9234

(Sede própria)

CAIXA POSTAL 9194

Endereço telegráfico: "Criadores"

ASSINATURA:

1 ano Cr\$ 600,00

1 ano sob registro postal Cr\$ 900,00

Semestre Cr\$ 350,00

Número avulso Cr\$ 60,00

Número atrasado Cr\$ 70,00



Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

ANO XXXIII - S. PAULO, MARÇO DE 1962 - N.º 387

SUMÁRIO

Mercados pecuários	6
PECUARIA DE CORTE E PECUARIA DE LEITE:	
A liberação do preço do leite de consumo — uma vitória dos usineiros paulistas	9
Carne dos estados sulinos demanda São Paulo e Rio	11
LEITE E DERIVADOS	
O leite paulista em 1961 — Mario Mazzei Guimarães	12
A tecnologia leiteira no Brasil — José Assis Ribeiro	14
A produção leiteira do Estado de São Paulo — Pedro Treu	21
Beneficiamento do leite — Alberto Sampaio Dias	23
O gado leiteiro nas regiões tropicais — Fuad Naufel	26
Aproveitamento rural das sobras de leite — Manoel L. Arruda Behmer	30
O consumo de leite em espécie no Brasil — Max Luiz Rodrigues Rezende	35
O carro-tanque no transporte do leite — Cicero Ferraz Lopes	38
Qualidade das manteigas fabricadas e consumidas no Estado de São Paulo — F. A. Rogick	43
O queijo como fonte de proteína — Osvaldo D. Soldado	47
Mecanização agrícola — Inaugurada a fábrica de tratores da Massey-Ferguson do Brasil	50
Os progressos da raça Santa Gertrudis — IV — Valdez Correa	57
Do Brasil à Índia — A Viagem de Teófilo de Godoy em 1893 — II — Alberto Alves Santiago	60
A volta ao mundo em noventa dias — Urbano Junqueira	63
Veterinária — Cuidados de higiene nas operações — Walter C. Battiston	66
Problemas sanitários da pecuária paulista — III — Tuberculose — Mario D'Apice	70
Inseminação artificial em cães — L. P. Jordão	73
Os capins Colômbio e Pangola, na produção de carne, durante a seca de 1961 — A. Tundisi, W. Dupas e J. Barisson Villares	75
SUINOCULTURA	
Terra nas maternidades? — Luiz Paulin Neto	77
Normas para a alimentação de suínos	78
AVICULTURA	
A debicagem das frangas como fator econômico — Henrique F. Raimo	79
Ciscando notícias — Informativo de interesse avícola	80
Trocando em miúdos — Últimas da ciência	81
Você sabe? — Informações úteis para avicultores	82
A luta contra a fome	83
Mercados de laticínios, aves, ovos e rações	84
Relatório n.º 205 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	85

NOSSA CAPA...

... deste mês publica o clichê do excelente touro da raça Holandesa vermelha e branca HEINE, nascido em 11-2-1956, filho de Lúkele e Ana 4, importado e escolhido na Frisia pelo dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, quando da segunda viagem à Holanda. HEINE descende das melhores linhagens leiteiras daquele país. Sagrou-se Grande Campeão da Raça na V Exposição-Feira de Gado Leiteiro realizada em junho de 1961 no Parque da Água Branca de São Paulo. Pertence ao seleto plantel da Fazenda Marambaia — ganhadora por mais de uma vez da "Medalha de Ouro Governo do Estado de São Paulo" conferida ao "melhor expositor da raça" nas exposições especializadas de gado leiteiro. Ademais, cumpre ressaltar a seleção constante que caracteriza aquela organização, sob a orientação segura e esclarecida do seu proprietário dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho. A Fazenda Marambaia situa-se no km 78 da Via Anhanguera em Vinhedo, Estado de São Paulo.

Mercados Pecuarários

OS MERCADOS PECUARIOS EM FEVEREIRO
PREÇO DO BOI NA DEPENDENCIA DA ESTOCAGEM
PREÇO DO PORCO SOBE, MESMO COM POUCO MILHO
O JUDICIÁRIO LIBERTA PARA CIMA O PREÇO DO LEITE

Os principais mercados pecuarários, em meados de fevereiro, apresentavam-se favoráveis aos produtores. O gado bovino de corte ainda se mantinha a preços elevados e na dependência da estocagem, poderia firmar-se ainda mais. O gado suíno experimentava altas generalizadas. E o leite, superada, pelo menos provisoriamente, a barreira da tabela da COFAP, apresentava alta abrupta de cerca de 30% em relação aos níveis do mês anterior.

FIRMEZA NA BOCA DAS AGUAS

O novilho para abate imediato, em todo o Estado de São Paulo, estava sendo negociado dentro de uma faixa que oscilava entre Cr\$ 1.850,00 e Cr\$ 2.000,00 por arroba, preço líquido para o internista, isto é, livre de frete e imposto. Os grandes frigoríficos não iam além de Cr\$ 1.900,00, mas os medios e pequenos abatedores avançavam até o máximo. E embora a oferta, em meados do mês, tivesse crescido um pouco, as transações ainda se faziam em geral a olho, o que significa mercado ainda favorável ao produtor.

Havia curiosidade pelo comportamento do mercado na segunda quinzena do mês e sobretudo em março, quando a "safra das águas" se inaugura oficialmente. Se se efetivasse o plano de estocagem de 25.000 toneladas, que estava sendo anunciadas, os negócios deveriam firmar-se e, se não houvesse alta, pelo menos o grosso do gado do ano pecuario seria vendido pelos preços da entre-safra passada, isto é, de 1.800,00 a Cr\$ 2.000,00 por arroba.

O PROBLEMA DA ESTOCAGEM

A estocagem achava-se assentada em princípio, mas havia di-

fículdades a vencer. O Banco do Brasil relutava em dispor de numerário (cerca de 5 bilhões de cruzeiros) para o financiamento reclamado pelos frigoríficos. A maior dificuldade, porém, estava na garantia de mercado na entre-safra e consistente na suspensão total dos abates para a área Rio-São Paulo, de setembro a outubro, a fim de que a carne congelada não sofresse a concorrência da verde e os preços do boi não subissem demasiadamente nessa época do ano. Os internistas estavam divergindo dessa solução e alguns medios e pequenos abatedores condicionavam a sua adesão ao sistema se lhes fosse garantida uma cota de estocagem. Como vários deles, porém, não têm instalações próprias ou alugadas para enfrentar o problema, pleiteavam um acordo com os grandes frigoríficos, que, mediante remuneração especial, se incumbiriam, de abater, elaborar, estocar e conservar o gado que habitualmente entregam nos 45 dias agudos da entre-safra à sua clientela. O Grupo de Trabalho presidido pelo representante do Ministério da Agricultura estudava essas questões e outras relacionadas com o plano e, apesar dos pesares, esperava chegar a bom porto.



Se quer um **GARROTE HOLANDÊS VERMELHO E BRANCO**
para aumentar o leite do seu rebanho
visite a
fazenda MARAMBAIA
KM 77 - VIA ANHANGUERA - VINHEDO - SP

EXPORTAÇÃO INVIÁVEL

De exportação pouco se falava, pelo menos de carne congelada, cuja cotação internacional, para o dianteiro desossado, não ultrapassaria 400 dolares por tonelada, o que daria 125 cruzeiros FOB Santos, base tida como inferior à que se alcançava liquidamente no mercado interno.

O SUL DESCOBRE SÃO PAULO

No Rio Grande do Sul, as cotações do boi gordo continuavam oscilando em torno de Cr\$ 1.500,00 a arroba, e isso permitia melhor situação da pecuária sulina nos mercados externos. Muita carne do sul vinha sendo trazida para Curitiba, Rio e São Paulo, destacando-se, nesse mister, o Frigorífico Anglo e o Swift. A BR2, toda asfaltada, estava assim resolvendo um velho problema de comunicação entre a pecuária gaucha e a do Brasil Central que o inviável transporte marítimo isolava como unidades estanques.

MAIS BOI DE LONGE

Muito boi gordo saído de Minas, Goiás e Mato Grosso vinha sendo abatido nos frigoríficos paulistas. A maior facilidade de transporte rodoviário, ajudada pelo alto preço unitário do novilho, vem assim permitindo o alargamento da área de engorda e compra de boi pronto para o talho, o que estimula a interiorização industrial. Formam-se amplas invernadas no Vale do Paranaíba, no "Mato Grosso" de Goiás, no Vale do Paraná, do Ivinhema ao Amambai, fora das fronteiras paulistas, o que está determinando mudanças na geografia da indústria de carnes.

ATIVA A PROCURA DE BOI MAGRO

O preço do boi magro continuava firme, estimulado pelas compras regulares e massivas de boiadas. O alargamento da área de engorda, não só nos Estados vizinhos, como até em São Paulo, com o aproveitamento da "última fronteira" de matas virgens e deslocamento de terras de café que se abandona, estava contribuindo para essa procura vigorosa de boi magro. E, por sua vez, o preço do magro influía na cotação do gordo.

As últimas transações acusavam média de Cr\$ 24.000,00 por cabeça em Goiás e de Cr\$ 21.000,00 em Mato Grosso. Não havia indício algum de tendência de relaxamento do mercado.

PORCO SOBE SEM MILHO

O mercado de suínos, apesar da dificuldade de milho e outras rações, mostrava-se firme, pois terminara a época das liquidações decorrentes daquela falha. Os produtores iam-se aguentando com alimentação cara para o rebanho e, como as

disponibilidades eram baixas, as cotações tiveram de firmar-se e subir. Em São Paulo, porco enxuto variava de Cr\$ 1.700,00 a Cr\$ 1.800,00 por arroba e o gordo beirava Cr\$ 2.000,00. No sul, o mercado se aproximava de Cr\$ 1.500,00, para porcada enxuta.

A entrada do milho da nova safra por certo fortalecerá o mercado, pois que será maior a procura de porco para engorda e volta-se então à normalidade do giro porcino: milho barato, porco caro...

EUFORIA LEITEIRA

Entre os produtores de leite, o ambiente em fevereiro era de euforia embora vincada de certa inquietação. Como a Justiça considerou inconstitucional o tabelamento do leite imposto pela COFAP, as usinas elevaram as cotações do produto no varejo, que chegou, para o leite C, até a Cr\$ 40,00 o litro (acima das previsões) contra Cr\$ 28,00 anteriormente, e envolveu nas áreas de produção uma alta de cerca de 30%. O preço médio de Cr\$ 15,50, que tendia para baixo, subiu rapidamente para Cr\$ 20,00 e até mais, aqui e ali. Entretanto, a COFAP resistia e estava multando os

distribuidores de leite, por desobediência à sua tabela.

Se a COFAP vencesse a batalha ganha no Judiciário pelas usinas, naturalmente as cotações ao produtor iriam deprimir-se, mesmo porque a época, como se sabe, é de oferta abundante. Caso contrário, a cotação média de Cr\$ 20,00 tenderia afirmar-se, o que seria estímulo aos produtores e ofereceria apenas o perigo de uma retração do consumidor, se este não se acomodasse logo ao novo "estado".



NOVA LINHA BRASILEIRA A JATO

DO ATLÂNTICO SUL AO PACÍFICO NOROCCIDENTAL



BOEING 707

Novas perspectivas e novas dimensões abre agora a VARIG às viagens aéreas inter-americanas, colocando seus jatos BOEING 707 na linha RIO - SÃO PAULO - LIMA - BOGOTÁ - MÉXICO - LOS ANGELES. É a costa atlântica da América do Sul ligada à costa do Pacífico da América do Norte num voo inteiramente a jato, com velocidade e conforto dignos do nosso progresso. A aviação brasileira, assim, dá mais um passo de gigante nos céus da América, reduzindo as distâncias e encurtando as horas nesta ampla e maravilhosa rota. São mais largos horizontes abertos às excursões de férias ou negócios: para o Peru, a Colômbia, o México e oeste dos Estados Unidos - a jato. No maior avião do mundo, o Boeing 707, você viaja com a maior comodidade, com a maior rapidez e com a maior facilidade. Pois à sua disposição há tarifas de 1ª classe e econômicas, e você pode pagar em suaves mensaisidades. Nunca foi tão fácil realizar seu sonho de conhecer as Américas.

CONSULTE SEU AGENTE
DE VIAGENS OU

VARIG

O PROGRESSO BRASILEIRO
VOANDO A JATO

A liberação do preço do leite de consumo — uma vitória dos usineiros paulistas

A confusão reinou por uns dias, na praça de S. Paulo, no setor de abastecimento de leite, por efeito de três fatores: 1) aumento do preço do leite tipo C, determinado pelas usinas de beneficiamento, as quais tendo tido ganho de causa no Egrégio Tribunal Federal de Recursos, anularam o tabelamento insustentável que vinha sendo mantido pela Cofap, e assim, liberaram o preço do produto; 2) atitude do presidente da Cofap, mandando divulgar pelos jornais um patético comunicado, que terminava por exortar produtores e distribuidores de leite do Estado de S. Paulo a que meditassem nas razões apresentadas e que retornassem «espontaneamente à prática dos preços tabelados»; 3) a Cofap ou Coap, que, considerando que a anulação se referia à penúltima tabela de preços e não à última (!...), por intermédio dos fiscais do seu Departamento de Policiamento Econômico iniciou a autuação sumária (aplicação de multas) às usinas distribuidoras por venderem leite por preço superior ao tabelado (Cr\$ 35,00 ao varejista e Cr\$ 37,00 ao consumidor) em vez de Cr\$ 25,30 e Cr\$ 26,30 respectivamente.

Como não poderia deixar de ser, a confusão imperou por vários dias, em que os usineiros de S. Paulo, por meios legais, tudo providenciaram para se livrar da atuação da Cofap, que então se revelou como o elemento criador de problema no abastecimento de leite.

Felizmente, predominou o bom senso do Poder Judiciário. Os usineiros de São Paulo, considerando que o mandado de segurança que anulou a portaria da Cofap se refere a qualquer controle de preços de venda do leite «in natura» (ou seja a qualquer portaria) recorreram judicialmente e, diante das razões expostas, o Tribunal Federal de Recursos confirmou a segurança concedida pelo Juízo dos Feitos da Fazenda Nacional. Ficou, assim, liberado o preço do leite em S. Paulo, situação esta que, por certo se estenderá às demais capitais: Rio, Niterói, Belo Horizonte, Vitória. Na bacia leiteira destas cidades, longe de haver a «gravidade sob o ângulo social de tal liberação», citada pela Cofap em seu comunicado, haverá desfôgo, podendo fazendeiros e usineiros trabalhar em regime de maior confiança econômica na situação.

Alega o sr. presidente da Cofap que «não pode assumir a responsabilidade moral por situação de tal ordem em que os preços de um produto essencial como o leite ficarão ao inteiro arbítrio de produtores e distribuidores sem que o Governo Federal esteja apto a, através de medidas

contensoras de ordem econômica, limitar quaisquer excessos porventura praticados». Resposta negativa a esta asserção vamos encontrar nos preços de qualquer utilidade. Por que somente o leite tem de ficar sujeito a um rígido sistema de tabelamento, quando a totalidade dos elementos indispensáveis à sua produção, ao seu transporte, ao seu beneficiamento, à sua embalagem e à sua distribuição têm preço aumentado livremente, com o conhecimento ou não da Cofap? Por que esta não tabela também estes elementos indispensáveis em toda a linha de produção e consumo do leite? É que isso é impossível por não ter sentido. O sistema de tabelamento de preços numa atmosfera de incontrolável inflação galopante como a nossa, é coisa superada, não só no Brasil, mas em qualquer país, mesmo de regime forte. Em Moscou, diz-nos John Gunther em seu interessantíssimo e imparcial livro «A Rússia por dentro», os preços do mercado livre dependem da oferta e da procura, e costumam oscilar largamente; o preço de um litro de leite em Moscou, por exemplo, pode variar de dois ou três rublos no decurso de um só dia. (pag. 387 da edição da Editora Globo).

O que tem ficado até agora ao «inteiro arbítrio» da Cofap, que então se revelou como o elemento criador de conceituação desta entidade, os preços do leite tem variado nas diversas capitais. Em Belém do Pará e Teresina, o leite é vendido a Cr\$ 50,00 o litro, em capitais nordestinas, varia de Cr\$ 35 a Cr\$ 40,00; em Brasília vai de Cr\$ 32 a Cr\$ 40,00 e pode-se garantir que, enquanto se mantiver este baixo preço, baixa também será a produção leiteira da nossa Capital Federal. Por que em S. Paulo, Rio, Belo Horizonte e Vitória, o leite haveria de ser menos caro?

A ATITUDE DOS USINEIROS

«Espero, no entanto, que produtores e distribuidores meditem nas razões que acima apresento e retornem espontaneamente à prática dos preços tabelados» — eis as palavras finais do comunicado da Cofap. Este é um pedido que ninguém, honestamente e em sã consciência atenderá. Só um muito grande desconhecimento da realidade leiteira do País poderá levar alguém à sua formulação. O leite, tanto para o fazendeiro como para o usineiro distribuidor, é exclusivamente uma fonte de renda. Perdida esta característica, coisa que se verifica no tabelamento da Cofap é razão por que o Egrégio Tribunal Federal de Recur-

sos o anulou, o leite deixa de ser negocio interessante e, transformado em fonte de prejuizo, o abandono da sua produção e comércio é a atitude racional e lógica.

Fazendeiro facilmente muda de ramo. Dispondo do gado leiteiro a qualquer preço, passa a aproveitar as pastagens em atividade mais lucrativa, tal como a criação de gado de corte (cujos preços a Cofap revelou sua incapacidade de controlar). Entretanto, a mesma facilidade de abandono ou de mudança de atividade não têm os usineiros. O imenso capital empatado pela empresa em prédios, máquinas, veículos, frascos, etc., etc., material este altamente especializado para leite de consumo, não pode, de uma hora para outra, passar a ser aproveitado em exploração diferente. Daí terem os usineiros que lutar por sua sobrevivência econômica — e é por isso que pleitearam e conseguiram a liberação dos preços do leite, podendo assim aumentar o pagamento aos produtores, estimulando a produção e cobrar mais dos consumidores que, tendo o produto em alta qualidade e em grande quantidade pagam o que realmente valer.

SITUAÇÃO DO LEITE EM SÃO PAULO

O unico problema do abastecimento do leite a S. Paulo era o do preço, enquanto tabelado em baixos níveis pela Cofap. Os problemas de produção, eficientemente equacionados pelo DPA da Secretaria da Agricultura (principalmente na execução do plano «fazendas-piloto» para

produção de leite) estão tendo solução satisfatória, e o aumento é cada vez mais nítido. O Estado está muito bem servido de postos de refrigeração, de estradas asfaltadas, de veículos (caminhões isotérmicos) para transporte do leite a granel, e, finalmente, dispõe do melhor conjunto de usinas de beneficiamento de leite da America Latina. Queremos afirmar com isso que não há em S. Paulo problemas de produção, de transporte, de beneficiamento ou de distribuição. Também não há problemas de venda. O aumento de preço de Cr\$ 26,30 para Cr\$ 37,00 ao consumidor correspondeu a uma ligeira redução (de 10 a 15%) nas vendas, retração esta que desapareceu logo nos primeiros dias após aceitando as donas de casa esta nova situação, com o reconhecerem que isso nada mais é do que um pequeno detalhe a mais no magestoso problema do aumento do custo de vida.

Uma vez liberado o preço, ver-se-á o leite subir nos níveis da inflação que asoberba o País. Logicamente, os preços do leite seguirão as flutuações do mercado dentro dos limites do razoavel, tal como os demais produtos tabelados ou não. Não poderá ser abusiva a liberação dos preços do leite, pois todos sabem que, ultrapassados os limites do razoavel, haverá redução no consumo e os prejudicados serão os próprios produtores e usineiros.

FACA DE DOIS GUMES

No quadro atual da nossa indústria leiteira, o aumento de preço do leite pode-se transformar numa faca de dois gumes. Isso porque:

1.º Em se elevando os preços a níveis compatíveis com a capacidade aquisitiva do povo, poderá haver estímulo à produção, com correspondente aplicação do leite no beneficiamento e na industrialização. Não haverá grande interesse pela importação de países vizinhos, onde os laticínios estão sendo obtidos por preços equiparáveis aos nossos ou ligeiramente inferiores. Mantidos os preços do leite para consumo ou para indústria nos níveis atuais (Cr\$ 20 a Cr\$ 22,00 ao produtor) será diminuta a importação de laticínios argentinos ou uruguaios, além do mais porque o cruzeiro está tão desvalorizado que, com as facilidades oferecidas pelo mercado comum latino-americano, mínimas serão os vantagens da importação.

2.º O quadro, entretanto, será totalmente outro se os preços do leite ultrapassarem os níveis da tolerância econômica. Se os produtores insistirem em preços excessivos (Cr\$ 30 a Cr\$ 31,00 como pleiteiam alguns) não só a capacidade de aquisição do povo não permitirá a compra do produto, reduzindo o consumo, como industriais e comerciais especializados poderão importar laticínios argentinos e uruguaios a preços convidativos dentro das facilidades conferidos às nações da Associação Latino-Americana de Livre Comércio). Estes dois fatores tirarão do nosso leite a possibilidade de compra pelos industriais. E não ter comprador para o leite é muito pior do que vendê-lo a preços razoaveis... — J.A.R.

REVISTA DOS CRIADORES

Danilac Indústria e Comércio Ltda.

Representantes exclusivos do famoso coalho em pó dinamarquês "GLAD" e coalho líquido "GLAD GENUINO", em diversas embalagens, também em garrafas de polietileno.

Para as fazendas, «GLAD GENUINO» pingou, coalhou.



Para as indústrias, «GLAD» em pó dá melhor rendimento.

Rua Barão de Itapetininga, 221 — 10.º andar —
Tel. 32-0692 — Caixa Postal 4514
End. Telegr.: "DANALAC" — São Paulo — Brasil

Carne dos estados sulinos demanda São Paulo e Rio

Dois fenômenos diferentes, embora não estranhos, foram observados neste princípio de safra, emprestando características marcantes ao mercado de carnes.

O primeiro refere-se às cotações observadas durante o mês de fevereiro, quando a maioria das boiadas foram negociadas na base de Cr\$ 1.850,00 como média. Ora, esse preço não se afasta muito de que foi pago durante os três últimos meses. Com isto, pode-se afirmar que a transição da entressafra para a safra não causou, como sóe acontecer, aumentos muito distantes. Calcula-se que a variação apenas atingiu 5%, o que realmente é porcentagem irrisória em face das diferenças de preços notadas em anos anteriores. Além do mais, há opinião bem fundamentada de que essa cotação média não será alterada nos próximos meses, chegando mesmo alguns a prognosticar a estabilização até maio próximo.

O outro fenômeno prende-se à qualidade das boiadas até aqui encaminhadas para o abate. Tivemos boas chuvas, regularmente, distribuídas em todo o território da pecuária de corte. Tanto nos estados criatórios, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, como nas zonas de invernagem, localizadas mais no Estado de São Paulo, as precipitações pluviométricas foram até abundantes a partir de Novembro, chegando no momento azado para manter a vegetação das pastagens. Pois bem, a despeito dessa importante condição ter-se feito presente, as boiadas em sua maioria não apresentam o pêso e acabamento desejáveis e que eram de esperar nesta altura do ano. Tanto isso é certo que os lotes abatidos com melhor pêso, conformação

e era alcançam preço melhor do que a média citada no início destas notas. Diga-se de passagem que lotes de melhor qualidade são escassos e constituem exceção à regra.

A situação do mercado é de franca euforia e o abastecimento processa-se regularmente, com grandes contingentes oferecidos à distribuição diária. Vale citar o fenômeno que se está tornando rotina porque, embora iniciado nos últimos tempos, cada dia mais se acentua. Referimo-nos à carne que dos estados sulinos demanda os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, à procura de colocação a melhores preços. Já se estabeleceram frotas de caminhões e carretas, convenientemente equipados com unidades de refrigeração, destinadas exclusivamente a baldear do sul a carne e produtos derivados lá produzidos. Esse reforço de abastecimento contribui decisivamente para causar o estado de equilíbrio de preços nos tendais, oferecendo aos retalhistas e distribuidores a oportunidade de uma seleção que se alicerça na competição. Dessa forma e a continuar esse estado de cousas, teremos conquistado um tento em materia de abastecimento de carnes com a inauguração de um sistema que seguramente conduzirá ao aperfeiçoamento em direção à qualidade.

O mercado de suínos também se mostra estável e do preço vigente de Cr\$ 1.900,00 a arroba não se afastará nas próximas semanas. Aqui também cabe a observação de que não têm aparecido para negocio lotes de bom pêso. Em geral, a matança de suínos para atender às necessidades da fabricação de embutidos tem absorvido lotes mal preparados, de pouco pêso e conformação apenas satisfatória. — P.M.

CONJUNTO PULVERIZADOR "M O S E"

Mod. "F" com motor de 2 HP

Para pulverização de gado e lavoura em geral

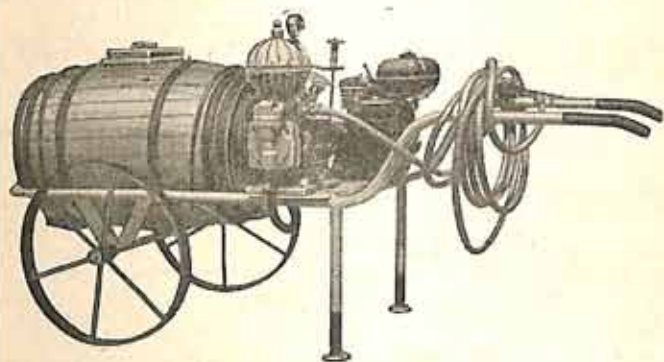
CARACTERÍSTICAS:

Tanque de madeira com capacidade para 100 litros — Corretas em tubo de aço — Mangueiras de pressão — Mangueira de retorno.

Construções Eletromecânicas Brasileiras

São Paulo — Brasil

Rua dr. Augusto de Miranda, 1078 - Fone 62-2931 - C. P. 1112



A carreta pode ser adaptada para tração animal.

O leite paulista em 1961

- A) LIGEIRO AUMENTO DE VOLUME
- B) GRANDE AUMENTO DA RENDA BRUTA
- C) MENOR CONSUMO NA CAPITAL

MARIO MAZZEI GUIMARÃES

A produção de leite em São Paulo, conforme dados preliminares, deve ter superado apenas ligeiramente o volume registrado em 1960. O consumo paulistano declinou, sobretudo em termos "per capita". Entretanto, e apesar de preços ainda julgados insatisfatórios pelos produtores, a renda bruta da produção leiteira no Estado avançou apreciavelmente, em confronto com a de 1960, quando as cotações obtidas pelo produtor eram bem menos vantajosas. O aumento da renda bruta e, pois, do preço médio do leite parece ter superado mesmo a erosão decorrente da depreciação da moeda, medida pelo índice geral dos preços da "Conjuntura Econômica".

Em face da recente majoração dos preços pagos ao produtor, por ter caído o tabelamento da COFAP, é admissível prever maior progressão nas atividades leiteiras do Estado em 1962, salvo ocorrências climáticas desfavoráveis, como a grande seca de 1961, fator principal do desenvolvimento insatisfatório do volume da produção.

DIMINUI O RITMO DE AUMENTO

Em 1961, a produção leiteira nos estabelecimentos sob inspeção estadual acusou cerca de 505 milhões de litros, conforme dados preliminares obtidos no DPA. Em relação à produção de 1960, o aumento teria sido apenas de 3%. Tal ritmo é inferior ao verificado nos anos anteriores, como se vê:

1955 — 1956	6 %
1956 — 1957	9 %
1957 — 1958	15 %
1958 — 1959	5 %
1959 — 1960	5 %
1960 — 1961	3 %

Nos últimos três anos, nota-se tendência para menor aumento da produção leiteira controlada pelo DPA, o que pode decorrer, em linhas gerais, da marcha insatisfatória dos preços. Em 1961, todavia, a seca foi considerada o fator dominante da diminuição do ritmo de subida.

BILHAO E MEIO DE LITROS EM 1961

Como habitualmente a produção leiteira sob fiscalização estadual equivale a cerca da terça parte da produção total do Estado, teríamos obtido em 1961 uma ordenha total de bilhão e meio de litros. Não há dados oficiais (Ministério da Agricultura) quanto a 1960, mas o aumento deve ter sido modesto, acompanhando a curva da produção sob fiscalização do DPA da SA. Em relação aos níveis de há cerca de 5 anos (1956), a produção leiteira paulista deve ter ascendido cerca de 50% em 1961.

Entretanto, o leite que pesa comercialmente nas atividades pecuárias é o fiscalizado pelo governo do Estado. Abrange a totalidade do produto pasteurizado para consumo na Capital e o grosso do produto que se industrializa nas modernas fábricas paulistas. A produção fora de controle ainda se obtém de rebanhos esparsos, não especializados e ligados a explorações mistas, e não está, além disso, tão estreitamente vinculada ao parque industrial-leiteiro de São Paulo. A exploração leiteira do Estado está progredindo e deverá progredir na medida em que se desenvolver a subordinada a sistema sob fiscalização estadual.

CAI O CONSUMO DA CAPITAL

O consumo paulistano de leite, segundo dados preliminares do DPA deve ter atingido cerca de 271 milhões de litros. Trata-se de resultado ligeiramente inferior ao verificado em 1960 e que acusa quase 272 milhões. E o avanço de ambos os anos em relação a 1959, foi modesto, pois nesse ano entraram na Capital cerca de 268 milhões. O desenvolvimento do consumo nos últimos anos pode avaliar-se por estes dados relativos:

1955 — 1956	2 %
1956 — 1957	10 %
1957 — 1958	8 %
1958 — 1959	6 %
1959 — 1960	1 %
1960 — 1961	Nihil

O desenvolvimento do consumo de leite em São Paulo diminuiu de ritmo a partir de 1959, anulando-se em 1961. Traduzida em termos "per capita", a situação se apresenta ainda mais desfavorável, pois é notório o aumento rápido e vigoroso da população paulistana. Hábitos alimentares (população imigrada de regiões de escasso ou nulo consumo de leite de vaca), maior difusão de derivados do leite, concorrência do leite em pó e, sobretudo, óbices econômicos devem estar contribuindo para o progresso pouco satisfatório do consumo de leite pasteurizado na Capital paulista, principal mercado leiteiro da pecuária estadual. O fato iniludível é que, em 1958, o consumo "per capita" de leite "in natura" na cidade de São Paulo foi de 69 litros por ano; em 1961, não deve ter passado de 66 litros.

LEITE B EM ASCENSÃO

A queda do consumo do leite na Capital em 1961 afetou os tipos C (popular) e o A (o mais caro). O tipo B (intermediário) porém, acusa aumento sensível em relação a 1960. Aliás, nos últimos cinco anos, o leite B é o que registra maior progressão. O tipo A está em franco declínio. Eis o que se verifica de 1957 a 1961, segundo dados brutos do D.P.A. e D.E.E.:

REVISTA DOS CRIADORES

Anos	Tipo A		Tipo B		Tipo C		Total	
	Milhão litros	Índice	Milhão litros	Índice	Milhão litros	Índice	Milhão litros	Índice
1957	2,4	100	6,5	100	226,9	100	235,8	100
1958	2,4	96	6,7	103	246,3	109	255,3	108
1959	1,7	71	6,6	102	259,3	114	267,6	113
1960	1,3	54	7,7	118	262,7	116	271,7	115
1961	1,0	42	8,3	128	261,9	115	271,2	115

Como se vê, o leite popular aumentou 15% quanto ao volume distribuído na Capital; o leite mais fino caiu 58%; e o intermediário aumentou 28%.

A queda do tipo A é atribuída ao alto preço que afugenta o consumidor, que já pode obter produto bom a cotação mais módica, seja o B, seja o próprio C. Acontece ainda que o leite A reclama organização pasteurizadora na própria granja, o que onera demasiado o custo de produção e envolve pesados investimentos por unidade produtora. A própria distribuição do A, feita diretamente pelo produtor-pasteurizador, é demasiada cara e exige organização complexa da granja e constante vigilância. Tais circunstâncias têm reduzido o interesse por tais categorias de estabelecimento, com reflexo na produção oferecida ao público, que deve ser sempre de alto poder aquisitivo.

Grande parte do aumento do consumo do leite B decorre do desvio do consumidor do leite A. Este, que acha caro o produto ou que perde o fornecedor, geralmente tende a passar para o leite de tipo imediatamente inferior, e não saltar para o C. Entretanto, pequena parte do aumento do consumo do B também é devido à "promoção" de consumidores, isto é, muitos compradores habituais de leite C, por motivos higiênicos ou de paladar, ou ainda por melhora de poder aquisitivo, dispõem-se a comprar um produto mais caro e tido como de melhor qualidade, ou pelo menos com melhor aparência e cheiro. O que, no fundo, denota: qualificação ascensional do consumidor e melhora do padrão econômico médio.

Finalmente, o aumento do leite C reflete a tendência geral do consumo do leite na Capital, justamente por ser o popular, isto é, o leite de grande consumo. Abrange (1961) cerca de 97% do consumo paulistano. Segue, portanto, a sorte geral do leite pasteurizado, que, como se viu acima, não está se desenvolvendo bem nos últimos anos: de 1957 a 1959 subiu 13% e, de 1959 a 1961, ficou praticamente estacionário, subindo pouco mais de 1%.

PREÇO RECUPERA TERRENO EM 61

De acordo com levantamento efetuado pela Divisão de Economia Rural da SA, o preço médio pago ao produtor, em 1961, no conjunto das várias zonas do Estado, inclusive as que não fornecem ao parque industrial do leite, atingiu Cr\$ 13,60 por litro. Em relação a 1960, quando a mesma fonte localizou Cr\$ 8,40 por litro, houve aumento de 60%.

Esse aumento entre 1961 e 1960 superou o próprio ritmo de inflação, medido este último pelo índice 2 da Conjuntura Econômica (evolução dos preços em geral). Entre dezembro de 1960 e dezembro de 1961, a alta dos preços, conforme aquele índice, teria sido, segundo dados preliminares, de cerca de 45%.

Todavia, é preciso considerar que esse progresso dos preços do leite em 1961, no confronto com 1960, mais indica, no longo curso, uma recuperação de terreno perdido. Em 1948/52, segundo a DER da SA, o preço médio do leite, em cruzeiros da época, foi de Cr\$ 1,50. Entre 1959 e 1960, corrigido o preço nominal pelo citado índice 2 de Conjuntura, o preço real esteve abaixo do velho nível de há 10 anos atrás e só em 1961 passou além:

Anos	Cr\$ corrente	Cr\$ deflacionado	Índice do preço real
1948/52	1,50	1,50	100
1959	5,40	1,17	78
1960	8,40	1,43	95
1961	13,60	1,70	113

O comportamento dos preços do leite em 1961 deve interpretar-se, assim, como reação a um velho processo de depauperação, que se tornou insuportável e exigiu avanço drástico para a melhoria das condições da atividade leiteira, ou para a sua própria sobrevivência em ainda sofríveis padrões técnicos.

RENDA BRUTA: MAIS 65%

Admitindo-se uma produção geral de leite de cerca de bilhão e meio de litros, em 1961, em São Paulo teremos uma renda bruta de cerca de 20 bilhões de cruzeiros. Essa renda superaria nitidamente a de 1960, a qual, segundo a DER da SA, teria sido de cerca de 12 bilhões. Aumento, portanto, de mais de 65%. O ingresso de renda na pecuária leiteira de São Paulo, mesmo corrigido o efeito inflacionário da moeda, deve ter subido em 1961. A atividade leiteira ganhou mais substância financeira. Como não houve senão pequeno progresso quanto ao volume da produção, o aumento teria decorrido principalmente da melhora do preço.

AMPLIA-SE O MERCADO GERAL

Como conciliar a marcha ascensional da renda pecuária em 1961 com o quadro do consumo na capital de São Paulo? Parece que centros consumidores em outras áreas do Estado e o incentivo à industrialização contribuíram para sustentar o mercado de leite "in natura". Sabe-se, por exemplo, que, na fronteira da Baixa Mogiana e zona de Poços de Caldas, é ativa a concorrência dos compradores mineiros aos estabelecimentos paulistas. Esse alargamento do mercado geral, determinando cotações mais elevadas, pode ter contribuído para fazer declinar o consumo do produto pasteurizado no mercado paulistano, a ponto de se ter registrado pequena queda global na entrada em nossa Capital, em cotejo com 1960, como já vimos. Não se deve esquecer ainda que a grande seca no inverno causou rápida e forte alta das cotações e excitou os produtores a fazerem tudo para alimentar o gado, aproveitando a ocasião: assim, lograram reduzir o impacto da estiagem, quase repetindo a safra do ano anterior, a preços estimulados por uma sensação de escassez eminente. Aliás, não fosse a seca excepcional, e teríamos tido em 1961 um ano leiteiro mais volumoso do que 1960, talvez apresentando ritmo mais elevado de aumento que os dois anos anteriores, já que os preços se mostravam mais estimulantes.

1962: PREVISÃO DE MAIS LEITE

Que prever para 1962? Parece provável o aumento das atividades leiteiras. Vários fatores concorrem para isso, como a incorporação comercial de novas áreas pela melhora do transporte e o desvio de capitais que se aplicavam no café em várias zonas velhas e que se desviavam para o leite, levando consigo pastagens novas, formadas onde antes vicejavam cafezais. O principal motivo está, porém, na nova alta dos preços para o produtor, que já orça por Cr\$ 20,00 o litro, em face da revogação judicial da tabela da COFAP. Se não houver nova intervenção tabeladora, em bases artificialmente baixas, esse preço deverá estimular o pecuarista. Há o risco de uma queda do consumo de leite em natureza, mas novos focos inflacionários em formação fazem prever que o consumidor logo se habituará aos novos preços no varejo, mantendo, pelo menos, os níveis "per capita" de 1961. Muita coisa dependerá da capacidade de "pagar" da industrialização, que, nos últimos tempos, por estar-se ampliando, tem oferecido apreciável suporte para a expansão das ordenhas. Se ela continuar no ritmo de desenvolvimento que aparentou em 1960 e 1961, mesmo aos atuais preços elevados da matéria-prima, que parecem cobrir os cálculos de custo leiteiro mais pessimistas, não há dúvida que a capacidade de produção dos rebanhos paulistas em 1962 será plenamente absorvida.

A tecnologia leiteira no Brasil

JOSÉ ASSIS RIBEIRO

Um passeio de Norte a Sul do Brasil, estudando os aspectos tecnológicos da indústria leiteira indígena, revela-nos incontinentemente um fato de observação comum, qual seja a heterogeneidade dessa atividade. Aliás, como tudo em nosso imenso País é heterogêneo, nossa produção de leite e nossa indústria de laticínios não poderiam deixar de apresentar essa característica, além do mais por serem atividades cujo êxito depende diretamente das condições ecológicas da região onde sejam executadas. A produção de leite, inexistente ou diminuta no Oeste e no Norte do País, é medíocre no Nordeste, aceitável no Centro para apresentar-se pequena ou ainda inexplorada no Sul, justamente onde as condições ecológicas são as mais favoráveis à criação de gado leiteiro. O mesmo acontece com

a industrialização, com a tecnologia leiteira, cujos níveis são quase primários no Nordeste para chegar a aceitáveis e, às vezes, muito elevados no Centro (onde há zonas como o Sul de Minas e outras dos Estados de São Paulo e do Rio, que tendem a se aproximar ao que haja de mais evoluído) para novamente diminuir e tender a desaparecer no Sul.

Assim, no Norte e no Nordeste brasileiros se encontra uma produção empírica de laticínios, obtida em regime de inteiro artesanato, genuinamente nacional (por não ter correspondente definido no estrangeiro, tanto em nome como em técnica de fabricação), tais como: o requeijão do sertão (ou queijo manteiga); a manteiga de garrafa (manteiga fundida); a manteiga desdobrada, os queijos de coalho (inclusive o «do

Reg. no S.E.R. n.º 74

Reg. no D.A.C. n.º 65



Filiada à Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo

Rua dr. Almeida Lima, 523 — São Paulo

Avenida dr. Nelson D'Ávila, 1026 — Tel. 161 e 565 — São José dos Campos

REVISTA DOS CRIADORES



LEITE
MANTEIGA
CREME
QUEIJOS
YOGHURT
CASEINA
ETC.

MATRIZ: São Paulo
Largo do Arouche, 400
Telefones: 34-2424 - 34-2434

O aprimoramento do gado leiteiro do Brasil não é mais uma miragem. É, sem contestação, para satisfação nossa, evidente realidade, que muito enaltece aos que se dedicam a tão nobre ramo de atividade.

Aos pecuaristas brasileiros os cumprimentos e as homenagens da Companhia Leco de Produtos Alimentícios

FILIAIS:

Campinas, Mogi Guaçu, S. João da B. Vista, S. José do Rio Parda, Boa Vista, S. José do Rio Paratinga, Ouro Fino, Andradás, Santa Rita de Caldas e Sumaré.

Ceará), etc. Estes produtos, obtidos nos fundos de cozinha de fazendas ou nas chamadas «fábricas de leite» (pequenas fábricas de laticínios, geralmente mal aparelhadas) são encontrados, mais tipicamente, nas feiras nordestinas do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe. Já na Bahia, são menos comuns estes produtos, tanto na fabricação como nas feiras. Em Pernambuco e Alagoas, inicia-se com êxito a fabricação de queijos do Reino, Prato, fundidos e manteiga de primeira qualidade, em estabelecimento devidamente montado, mediante orientação técnica do Ministério da Agricultura.

Na região Central do País, considerando como tal o Sul da Bahia, o Sul do Espírito Santo, o Sul de Goiás e mais os Estados do Rio, de Minas e de São Paulo, é onde se encontra mais desenvolvida a indústria leiteira, nela se identificando não somente os maiores níveis de produção, mas também os mais altos índices tecnológicos de fabricação, de comércio e de consumo de leite e derivados. Os produtos aqui fabricados já não têm as características de genuinamente nacionais. Na maioria, são produtos obtidos em máquinas importadas e mediante técnica estrangeira, adaptada ao nosso meio, razão por que quase sempre segue o padrão dos congêneres alienígenas.

Na região Sul do País, abrangendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as condições ecológicas são ótimas para produção leiteira; entretanto, esta ainda é muito pequena e, assim, a indústria de laticínios está em fase inicial, com boas fábricas no Paraná (Carambei), em Santa Catarina (Vale do Itajaí) e Rio Grande do Sul: zona serrana, onde se fabricam queijos duros tipo Parmesão; zona central, com manteiga colonial; zona sul, com queijo «Gaúcho»; zona sudeste, com uma grande fábrica de leite em pó em início de funcionamento, e finalmente, a Capital, Porto Alegre, com aceitável produção de leite pasteurizado, doce de leite, leites fermentados, manteiga, queijos Prato, Cobocó, etc.

Categorias de produtos de laticínios quanto à origem

Quanto à origem do sistema ou do processo de fabricação dos produtos de laticínios obtidos no País, podem ser consideradas três categorias:

1.a) produtos genuinamente nacionais, aqueles cujos nomes não têm correspondente no estrangeiro e cuja tecnologia de fabricação é nossa ou resulta de adaptação de técnica alienígena, tais como: requeijão do Sertão, comum e de creme; queijos de coalho (inclusive o queijo de coalho do Ceará); manteiga de garrafa; manteiga desdobrada; queijo Minas e suas variedades (frescal ou comum; de leite pasteurizado; padronizado; do Araxá, do Sêro, etc.); queijo Montanhês; queijo do Reino; queijo Prato e variedades Cobocó, Lanche e Bola; queijo Batava (do Paraná) e queijo Gaúcho (do Rio Grande do Sul);

2.a) produtos «tipo» estrangeiros, os que mantêm o nome de origem, obtidos mediante aplicação de técnica estrangeira, cujas normas ligeiramente alteradas se adaptam às nossas condições de clima tropical. Em geral, são queijos dos tipos Parmesão, Roquefort, Tilsit, Mussarela, Itálico (Belpaese), Port-Salut, Estepe, Cheddar, Suíço, Limburgo, Provolone, Ricota e outros;

3.a) produtos fabricados no Brasil mediante técnica e máquinas inteiramente estrangeiras e com as mesmas características organolépticas e de nomenclatura, a saber:

leite de consumo: pasteurizado, esterilizado (simples ou aromatizado com cacau) e estabilizado;

leites fermentados: Yogurt, quefir e coalhadas diversas;

leites desidratados: a) parcialmente: leite evaporado, leite concentrado e leite condensado; b) totalmente: leite em pó simples; leite em pó instantâneo e leites modificados pelo sistema «spray» e leite em pó para fins industriais e para fins culinários, pelo sistema «roler» ou «film-drying»;

creme de leite: creme de mesa pasteurizado (em frascos de vidro) ou esterilizado (em latinhas);

creme-suíço ou «creme-suisse»; queijos pasteurizados e fundidos;



Matriz: USINA DE PASTEURIZAÇÃO DE LEITE

Rua Major J. Borges de Carvalho, 55

Caixa Postal 172 — Telefone 2810

S. JOSÉ DO RIO PRETO

Filial: FÁBRICA DE MANTEIGA

Rua Major J. Borges de Carvalho, 91

Caixa Postal 120 — Telefone 2571

FILIAIS

VOTUPORANGA — JOSÉ BONIFÁCIO — TANA-
BI — PALESTINA — CARDOSO — FERNANDÓ-
LIS — JALES

USINA DE LATICÍNIOS JUSSARA S/A

Inscrição n.º 2715

Matriz: Rua Carlos Vilhena, 44

Caixa Postal 144 — Tel. 3388

Filial: Rua Marechal Deodoro, 196 - Tel. 3480
FRANCA -- Est. de São Paulo

Leite pasteurizado tipo C — Manteiga — Gelo

manteiga: de qualidade extra, de 1.ª, de 2.ª (ou comum), de cozinha e «colonial»;

margarina: de óleos vegetais parcialmente hidrogenados, cuja fabricação é esmerada e cujas características tendem a imitar as da manteiga;

caseína: ácida e de coalho;

lactose: bruta e refinada.

Tecnologia dos produtos indígenas de laticínios

Iremos dar somente as definições tecnológicas dos produtos de laticínios genuinamente nacionais, alguns dos quais ainda pouco divulgados no País. As citações obedecem à ordem de fabricação no País, do Nordeste ao Sul, ou seja, do Ceará ao Rio Grande do Sul.

Os produtos nacionais que se encontram nesta grande região são:

- 1.º — queijo de coalho do Ceará;
- 2.º — queijo de coalho comum: frescal e duro (todo o Nordeste);
- 3.º — requeijão do Sertão ou queijo-manteiga (todo o Nordeste);
- 4.º — manteiga desdobrada. Manteiga de garrafa. Manteiga colonial;
- 5.º — requeijão comum (requeijão mineiro, requeijão de creme). (Brasil Central);
- 6.º — queijo Minas e variedades (Esp. Santo, Minas, Rio e São Paulo);
- 7.º — queijo Prato e variedades (Esp. Santo, Minas, Rio e São Paulo);
- 8.º — queijo Montanhês — (Sul de Minas);
- 9.º — queijo Batava — (Paraná: Carambei e Curitiba);
- 10.º — queijo Gaucho — (Zonas Serrana, Oeste e Sudoeste do Rio Grande do Sul).

1.º — Queijo de coalho do Ceará

É uma variedade típica do Estado do Ceará, obtido em cozinhas de fazendas ou pequenas «fábricas de leite» em Quixeramobim, Crato, Sobral, etc. Tecnicamente, é uma mistura de detalhes de fabricação do Prato, Cheddar e Parmesão. Leite integral, cru, coagulado por coalho (coagulador sêco aplicado diretamente, ou água de macerado de coagulado). Coagulação rápida, por 5 a 10 minutos. Quebra da lada com o sôro quente, até obtenção de massa tendente a fílar. Retirada do sôro. Cortes da massa em pedaços pequenos (chedarização). Picagem da massa em pedaços de madeira com pano. Salga. Enformação em formas de madeira, pequena, de torção. Prensagem intensa (em prensa de madeira, pequena, de torção). Maturação por 12, 15 ou 20 dias. Apesar de todo o trabalho ser inteiramente manual e nas mais empíricas condições, não são raros queijos com bons caracteres organolépticos: formato de queijo Prato (cilíndrico-baixo) ou de queijo cos: formato de queijo Prato (cilíndrico-baixo) ou de queijo Estepe (quadrangular); massa consistente, meio dura, olha dura em «buracos mecânicos»; cheiro e gosto tendentes a picantes. Acreditamos que esta norma de fabricação tenha sido trazida há séculos por colonos europeus da Holanda (por ocasião da invasão holandesa no Nordeste, nos idos de 1630), ou mais recentemente, pelos construtores dos grandes açudes, empreitados, há decênios, por firmas estrangeiras.

2.º — Queijo de coalho

Produto que muito se aproxima do queijo Minas, porém, obtido nas condições especiais do Nordeste. Leite cru, às vezes de cabra; coagulação rápida, mediante aplicação direta de pedaços de coagulador sêco e salgado (coalheira) de bezerro, cabrito, borrego ou mocó (roedor parecido com o preá do Brasil Central) comprados em feiras livres. Quebra da massa com facão ou pedaço de pau. Prensagem manual em formas de madeira ou de lata (de variados formatos). Salga direta, a sêco. É a variedade frescal, dada à venda e ao consumo até com seis dias de fabricação. Deixando o queijo secar em prateleiras ou giraus, por 15 a 20 dias, transforma-se na variedade dura ou curada, o que facilita a conservação, mesmo em ambientes pouco favoráveis, que é a característica do Nordeste, dada a agressividade do meio. O formato preferido é o quadrangular, de 12 a 15 cm de lado por

4 a 5 cm de altura, o que facilita o acondicionamento em caixas de madeira (quase sempre caixas de querosene) para transporte em cargueiro.

3.0 — Requeijão do Sertão

Este é o produto típico nordestino, por não ser citado na literatura como fabricado em nenhuma outra parte do mundo. Sua fabricação se estende pelos sertões de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, mais raramente na Bahia, no Piauí, no Maranhão e no Ceará. Trata-se de produto que define, de um lado, a precariedade das condições ecológicas e técnicas daquela região e, de outro, o espírito empreendedor e a tenacidade da gente nordestina. Onde nenhum outro queijo poderia ser obtido por falta de água, de aparelhagem ou de ambiente próprio, lá se obtém um requeijão que, quando bem feito, constitui bom produto, ótimo alimento, com grande resistência às impropriedades do meio.

O requeijão do Sertão nada mais é do que massa de caseína (de leite desnatado, coagulado e dessorado), filada sob ação de calor e adicionada de gordura láctea (manteiga fundida). Comumente se apresenta semi-duro ou duro, de formato quadrangular, de peso de 2 a 12 kg, sendo encontrado em todos os mercados e feiras nordestinos. Nas fazendas, é feito com gordura integral e, como a produção é pequena, o trabalho é realizado com capricho, resultando quase sempre bom produto, que é o chamado «queijo macururé». Também em pequenas fábricas de leite em Alagoas encontramos bons queijos, adicionados só de manteiga fundida. Entretanto, como o queijo-manteiga feito com adição exclusiva de gordura de manteiga fica muito caro e o consumidor comum tem dificuldade em adquiri-lo, os queijeiros resolveram baratear o produto mediante substituição parcial ou total da manteiga fundida por óleo de algodão, podendo assim vender o queijo por quase 2/3 do preço do produto integrado. E, verificando que, quanto mais barato o queijo, maiores as vendas, resolveram baixar ainda mais a qualidade do artigo para baixar também o preço, o que conseguiram substituindo total ou parcialmente o óleo de algodão (ou a manteiga fundida) por óleo mineral! O mais usado era o óleo mineral Amalie 20 (!) inodoro e insípido, dando um requeijão que podia ser vendido por menos da metade do preço do produto original e, assim, à altura das posses de todos os consumidores nordestinos! E este produto tem larga aceitação no Interior, em Campina Grande, São Bento do Una, Cariris, etc. comercializado que é em todas as faixas das cidades e nos mercados das Capitais.

Este queijo, logicamente, é muito ruim para um consumidor medianamente exigente. Entretanto, o nordestino, tradicionalmente frugal e pouco exigente o suporta, simplesmente por ser barato...

4.0 — Manteiga de garrafa

É uma variedade de manteiga que só se encontra no Nordeste. Manteiga comum é submetida à fusão em tacho de fogo direto, separando-se a matéria gorda do resíduo insolúvel. Há evaporação da água e quase esterilização do produto, razão por que sua conservação aumenta. O produto ainda fluido é despejado em garrafas escuras, tampadas quase sempre com sabugo de milho. Alguns costumam fazer buraco no chão, em lugar fresco (sombrio e úmido) e aí colocar as garrafas cheias, cobrindo-as de terra. A manteiga enterrada, ficando livre dos seus inimigos — ar, luz e calor — tem conservação bastante prolongada. Este produto é facilmente encontrável nos mercados e feiras livres nordestinos. Lembra o «ghee» indiano e o «samneh» norte-africano, produtos que lhe são afins, dada a identidade de condições ecológicas.

Manteiga desdobrada

É uma variedade nordestina de manteiga, obtida sem espírito de fraude, pois, os fabricantes ignoravam este detalhe. Trata-se de manteiga resultante da bateção, em bateadeira metálica ou de madeira, da seguinte mistura: 1/3 de «creme de barrica» ou creme comum; 1/3 de sebo bovino e 1/3 de óleo vegetal, quase sempre de algodão. A bateção é feita dentro dos moldes comuns de fabricação de manteiga. Mais recentemente, no intuito de baratear o produto, alguns fa-



Fones { Escritório -- 2534
Usina -- 2535

COOPERATIVA DE LATICÍNIOS DE SÃO CARLOS

Registrada no S.E.R. e D.A.C. sob
ns. 129 e 39

Rua Nove de Julho, 787 e 828

Caixa Postal 85

SÃO CARLOS — Est. S. Paulo

COOP. AGRO - PECUÁ- RIA DE BAURU LTDA.

Fundada em 20-5-1945

Registros: S.E.R. n.º 2390, 26-9-45 e

D.A.C. n.º 373, 31-10-45

Rua Caiapós, 2-41 — Tel. 2-1-1-4

BAURU — Est. de São Paulo

Diretoria

Eurípedes Siqueira — Presidente

Manoel Fraga Neto — Secretário

Urbano Arantes Figueiredo — Gerente

Antonio Guedes de Azevedo — Conselheiro

Benito Sanchez — Conselheiro

bricantes estavam usando a adição de óleo mineral Amalie 20 e mesmo vaselina. Soubemos de ação repressiva das autoridades sanitárias da região para coibir a prática da fabricação deste produto.

«Creme de barrica»

É o creme obtido nas fazendas, resultante do desnate do leite logo após a ordenha. O mais comum nas fazendas nordestinas é a prática de duas ordenhas por dia. O leite é enviado à «fábrica de leite» mais próxima, ou é desnatado (em desnatadeira manual) na própria cozinha da fazenda, recebendo-se o creme quase sempre, em barrica de madeira, onde é recoberto de sal moído. O desnatado é recebido em outra barrica, para coagular até o dia seguinte, quando é transformado em requeijão. No dia seguinte, a camada de creme recoberta de sal recebe, por cima, o creme recém-desnatado, que forma outra camada; e, assim, sucessivamente, uma camada de creme e outra de sal, até encher a barrica. Como a barrica é grande e pequena a produção, levam-se 20 a 30 dias para o enchimento. Depois de cheia, um caminhão a leva à fábrica de leite mais próxima, onde o creme é lavado duas ou três vezes (em banheira) com água corrente. Todo o sal é expelido e o creme resultante serve para fabricação de manteiga desdobrada, de garrafa, ou comum.

5.0 — Requeijão comum, requeijão mineiro, requeijão de creme

Produto obtido da fusão (pelo calor) da mistura de creme fresco com massa de coalhada dessorada e lavada, de leite desnatado. A consistência do produto depende da quantidade de creme e do teor de água. Requeijão mineiro, em geral, tem menos água e menos gordura, sendo mais consistente. Requeijão de creme tem, em geral, mais gordura e mais água, sendo assim mais pastoso, devendo ser acondicionado em latinhas ou envólucro de papelão parafinado. As marcas «Catupiri», de São Paulo; «Cremelino» e «Creme-

lindo» de Minas, «Creme Vassouras» do Rio e «Pirabelra» de Santa Catarina são muito apreciadas.

6.0 — Queijo Minas e variedades

Podem ser identificados no queijo Minas, que é um dos produtos de laticínios mais caracteristicamente nacionais, seis variedades, classificáveis em dois grupos, conforme a modalidade de fabricação:

1.º grupo — Queijos Minas comuns, fabricação doméstica, em cozinha de fazenda ou em queijarias, onde se consideram quatro variedades:

- 1) queijo Minas frescal ou comum (Sul de Minas, Zona da Mata, etc., o da Serra do Garrafão;
- 2) queijo Minas semi-curado (Nordeste de Minas — São Paulo, Diamantina, etc.);
- 3) queijo Minas duro (ou do Araxá — Triângulo Mineiro, Oeste de Minas);
- 4) queijo de coalho (Nordeste Brasileiro).

2.º grupo — queijo Minas de fabricação industrial, em fábricas tecnicamente instaladas, onde há duas variedades:

- 5) queijo Minas de leite pasteurizado (Sul de Minas, Sul de Espírito Santo e Estado de São Paulo);
- 6) queijo Minas padronizado, variedade adotada e ensinada pelo Instituto de Laticínios Cândido Tostes (Juiz de Fora — Minas).

Este é o queijo mais fabricado no País. Como é grande a porcentagem fabricada com leite cru, acaba de ser aceita a proposta de pasteurização obrigatória do leite destinado às variedades frescas. Somente poderão ser fabricados com leite cru os queijos que venham a ser submetidos à maturação mínima de 20 dias. Assim se afasta a possibilidade de transmissão de doenças (brucelose e tuberculose) por estes produtos.

7.0 — Queijo Prato e variedades

O queijo Prato é um dos mais fabricados no País e um dos mais apreciados no mercado, podendo ser considerado o

LATICÍNIO INDUSTRIAL ALIMENTAR

Lombardi & Cattaneo Ltda.

Inscrição n.º 1292

leite pasteurizado
Queijo Minas, Mussarela, Parmesão

Rua Cap. José Paes de Almeida, 58 — Tel 5-6-8

B O T U C A T U — Est. de São Paulo

REVISTA DOS CRIADORES

LACTICÍNIOS CAMPESTRE S/A.

Avenida 15 de Novembro, 725

Linha Noroeste — LINS — Est. de São Paulo



MANTEIGA

(SEM SAL)

CAMPELINS

Queijos de várias qualidades

melhor produto genuinamente nacional. É obtido de leite pasteurizado, de massa semi-cozida, prensado. Maturado por 20 a 30 dias. As variedades «Lanche» (em formato de tijolo), «Cobocó» (cilindrico-baixo, pesando perto de 1 quilo) e a «Bola» (esférica, como o nome diz) são fabricadas com a mesma massa do tipo clássico.

8.o — Queijo Montanhês

Este tipo de queijo foi criado no Sul de Minas (Itanhândú) por sugestão de industriais, para legalizar a existência do produto largamente fabricado e dado ao consumo como Parmesão frescal, isto é, com dois a três meses de maturação. E, assim, um Parmesão sem cura. Tem aceitação nos centros de consumo e, portanto, está sendo fabricado. E Montanhês enquanto não tiver seis meses de cura. Quando o tiver, pode ser chamado de «tipo Parmesão»...

9.o — Queijo Batavo

É o queijo fabricado pelos holandeses do Paraná (Cooperativa de Carambei). Preparado com leite integral, pasteurizado, prensado (em formas paralelepípedas ou cilíndrico-baixas), com peso de 1 a 5 kg, massa colorida de amarelo, sabor picante suave, com textura em olhos mecânicos, pouco numerosos. Maturação mínima de 12 dias. Muito se aproxima do Prato e variedades, mas não tem a textura deste e tem sabor mais pronunciado.

10.o — Queijo Gaucho

Chama-se «Gaucho» uma variedade de queijo por nós encontrada no Sul do Rio Grande do Sul e que, por certo, é fabricada em outras zonas gaúchas. Trata-se de queijo de leite cru, sem fermento, coalhado com coalho líquido ou em pó, obtendo-se massa crua. Quebra da massa, dessoro. Ligação compressão da massa, que é deixada a fermentar até o dia seguinte (igual à massa para Mussarella). A seguir é cortada em pedaços e filada em água quente, sendo então

colocada em fôrmas de madeira, cilíndrico-baixas, iguais às do Prato e variedade Cobocó. A fôrma é tampada, fazendo-se algumas viradas. Al fica por horas. Uma vez tomado o formato, o queijo é retirado e submetido à salga, em salmoura ou a seco, tal como no queijo Prato. Maturação por 10 a 20 dias. O queijo apresenta massa macia, cremosa, compacta, quase sempre sem olhadura. Paladar suave.

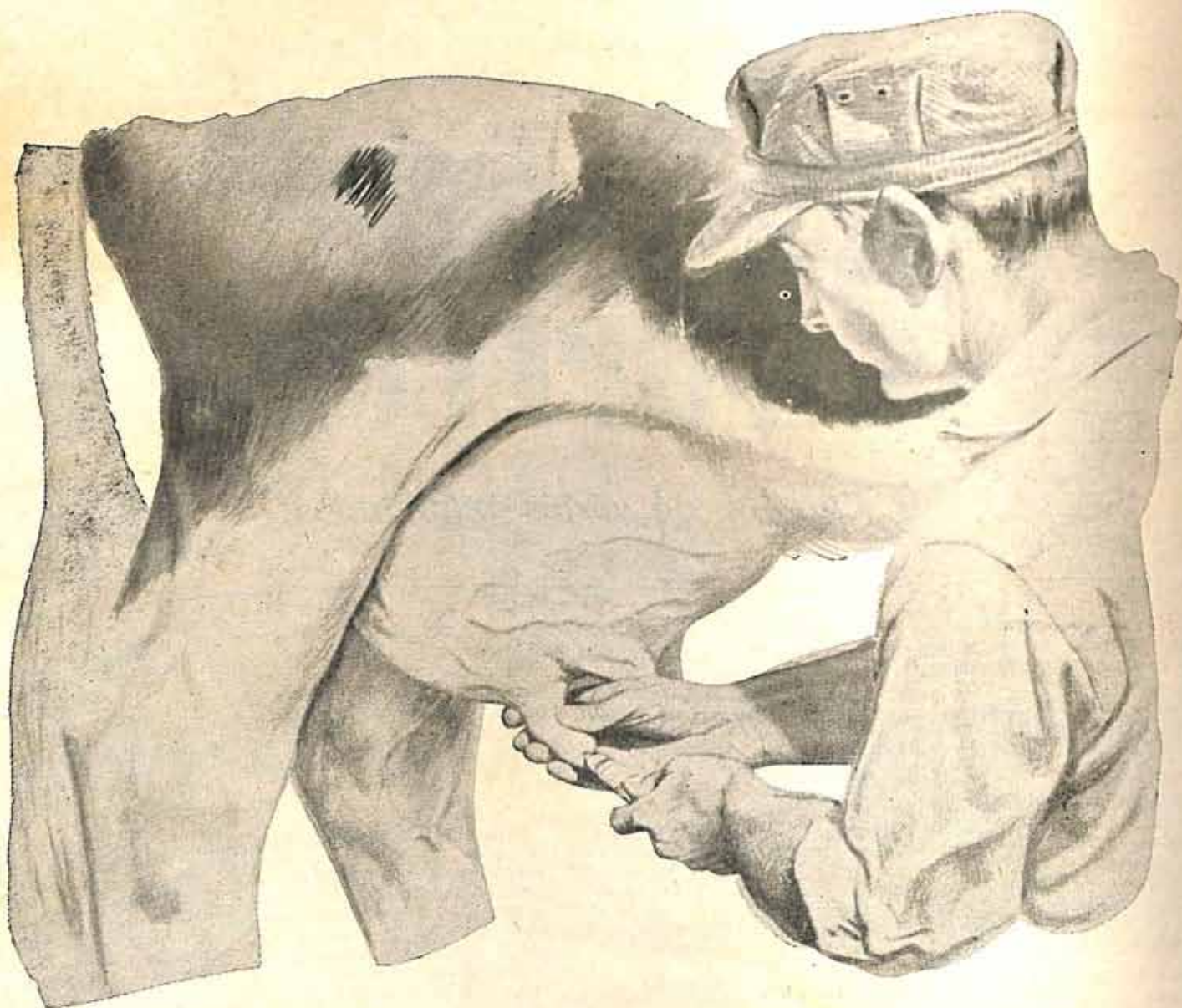
Manteiga colonial

Do Paraná para o Sul, é muito comum fabricar-se em fazendas (na cozinha) a chamada «manteiga colonial». É a manteiga do ambiente doméstico de sítio, granja ou fazenda, com aproveitamento do creme em desnatado natural ou centrifugo. O excedente do consumo doméstico é vendido em mercearia, ou diretamente a consumidor, nas pequenas cidades. É mais comum no Paraná e em Santa Catarina, nas zonas de colonização estrangeira (daí o nome de manteiga colonial). Entretanto, esta prática é encontrável pelo Brasil todo. No Sul é chamada «manteiga doce» quando sem sal e de creme fresco (não fermentado).

É interessante o nítido contraste entre o Nordeste, o Centro e o Sul do País, quanto a seus aspectos leiteiros. O Nordeste não tem as condições tradicionalmente exigidas pela zootecnia clássica para grande produção de leite, e, no entanto, por lá há regiões admiráveis pelo alto nível desta atividade: rebanho de Holandês, dando a média de 10 a 15 litros por dia e por cabeça, alimentado de palma (Opuntia), em regime de duas ordenhas, em estábulos muito bem construídos. Nas zonas de alta produção (Jacaré dos Homens, Major Isidoro, Batalhas, São Bento do Una, etc.) desde há muito os produtores de leite clamam por uma bem organizada indústria de laticínios, principalmente fábrica de leite em pó. Infelizmente, até hoje nada conseguiram. A produção leiteira apresenta os mais altos níveis técnicos do País, mas a industrialização se mantém em seus primeiros estágios.

(Conclui na pág. 28)

ACABE COM A MASTITE!



AUREOMICINA

UNGÜENTO INTRAMAMÁRIO



22-22
BLEMCO

A PRODUÇÃO LEITEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO

PEDRO TREU
Med. Vet.

Nosso País, segundo o «Anuário Estatístico do Brasil», se coloca entre os primeiros dez maiores produtores de leite do Mundo. No ano de 1958, apresenta-se como tendo produzido 4.464.325.000 litros de leite. Os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e o Sul do Espírito Santo concorreram com mais de dois terços dessa produção, incluindo derivados em geral; a diferença pertence à produção dos demais Estados da Federação.

Para estudar a produção leiteira paulista dispomos de elementos comparativos, referentes a 1939, 1949, 1958 e 1959, o que é abranger 21 anos.

Todavia, antes de entrar na consideração desses dados, é oportuno registrar que todos os anos, principalmente na época da estiagem, é comum ouvir de elementos ligados ao comércio de leite que o volume deste produto diminui de ano para ano. Entre os mais diferentes motivos aventados como justificativa dessa verificação, incluem, em primeiro plano, a paulatina substituição do rebanho leiteiro pelo de corte, pois se alega que produzir carne é muito mais lucrativo e menos trabalhoso do que produzir leite.

Se tal vem ocorrendo quanto ao número de cabeças destinadas à produção de leite, já o mesmo não se verifica em relação ao volume de leite; o que ocorre, aliás, é o inverso, isto é, de ano para ano a produção leiteira paulista cresce. Os números falam mais alto do que as palavras:

Ano	Litros	Municípios
1939	237.979.530	270
1949	562.455.252	343
1958	1.147.194.910	417
1959	1.213.966.100	417

Os dados dizem respeito ao leite controlado pelo Serviço Federal, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e mesmo a localidades onde não há serviço organizado, quer federal, quer estadual.

Recente levantamento publicado no «Boletim da Reforma Agrária» diz que existem no Estado de São Paulo 321.666 propriedades agrícolas, das quais se calcula que 50.000 se dedicam à produção de leite, embora a maioria mantenha o

processo de exploração mista, isto é, agricultura ao lado da produção leiteira.

Na expressiva evolução que de tempos a esta parte se processa na produção leiteira, a iniciativa particular se manifesta ainda pelos estabelecimentos manipuladores de leite, postos de refrigeração, usinas de pasteurização e fábricas de laticínios, quer nas zonas chamadas antigas, quer nas novas, onde a produção se esboçou de forma promissora.

Excetuada a faixa considerada litorânea paulista, a produção leiteira se expandiu de tal forma que, nos dias de hoje, a totalidade da área restante se acha pontilhada de estabelecimentos de laticínios. Para que se tenha uma idéia de tal ocorrência, apresentamos na página seguinte um mapa do Estado de São Paulo, com legendas, referentes a cada gênero dos estabelecimentos que presentemente se acham funcionando no interior de São Paulo.

Conquanto a produção leiteira tenha atingido a quase totalidade da área do Estado, é oportuno mencionar que a zona considerada mais importante, como produtora de leite, é a zona do Vale do Paraíba, que, desde os primórdios até hoje é considerada a principal zona abastecedora de leite da Capital.

A instalação de postos de refrigeração mais ou menos sistematicamente, além de representar uma garantia de aproveitamento da matéria prima dos cen-

tros de produção, reflete a progressiva ascensão que, de ano para ano, se verifica na produção leiteira paulista. Entretanto, tal progresso atinge também os processos de transporte de leite no interior, principalmente dos postos de refrigeração para as usinas de pasteurização. Do produtor aos postos ou usinas o leite é transportado em veículos motorizados dotados de toldos protetores, abrigando o leite contra os raios solares. Dos postos de refrigeração às usinas da Capital e a algumas do interior (Léco) o transporte é feito em caminhões isotérmicos, existindo presentemente insignificante parcela de transporte em latões de 50 litros por ferrovias ou rodovias.

No Estado de São Paulo, atualmente existem à venda três tipos de leite pasteurizado: os tipos A, B e C. O tipo A e B são leites integrais e o C é padronizado, ou melhor, sua gordura é ajustada a 3%. Entretanto, o abastecimento dos 505 municípios paulistas não se faz somente de leite pasteurizado: Com exceção de alguns, que não contam com usinas de pasteurização, como Santos, Santo André, São Caetano, etc., recebem leite pasteurizado e os demais se abastecem de leite cru. É certo que o consumo de leite cru paulatinamente cede lugar ao produto pasteurizado e o comércio de leite cru, onde não exista usina de pasteurização, obedece também às condições da produção, envasamento e distribuição prevista no diploma federal que regula a matéria.

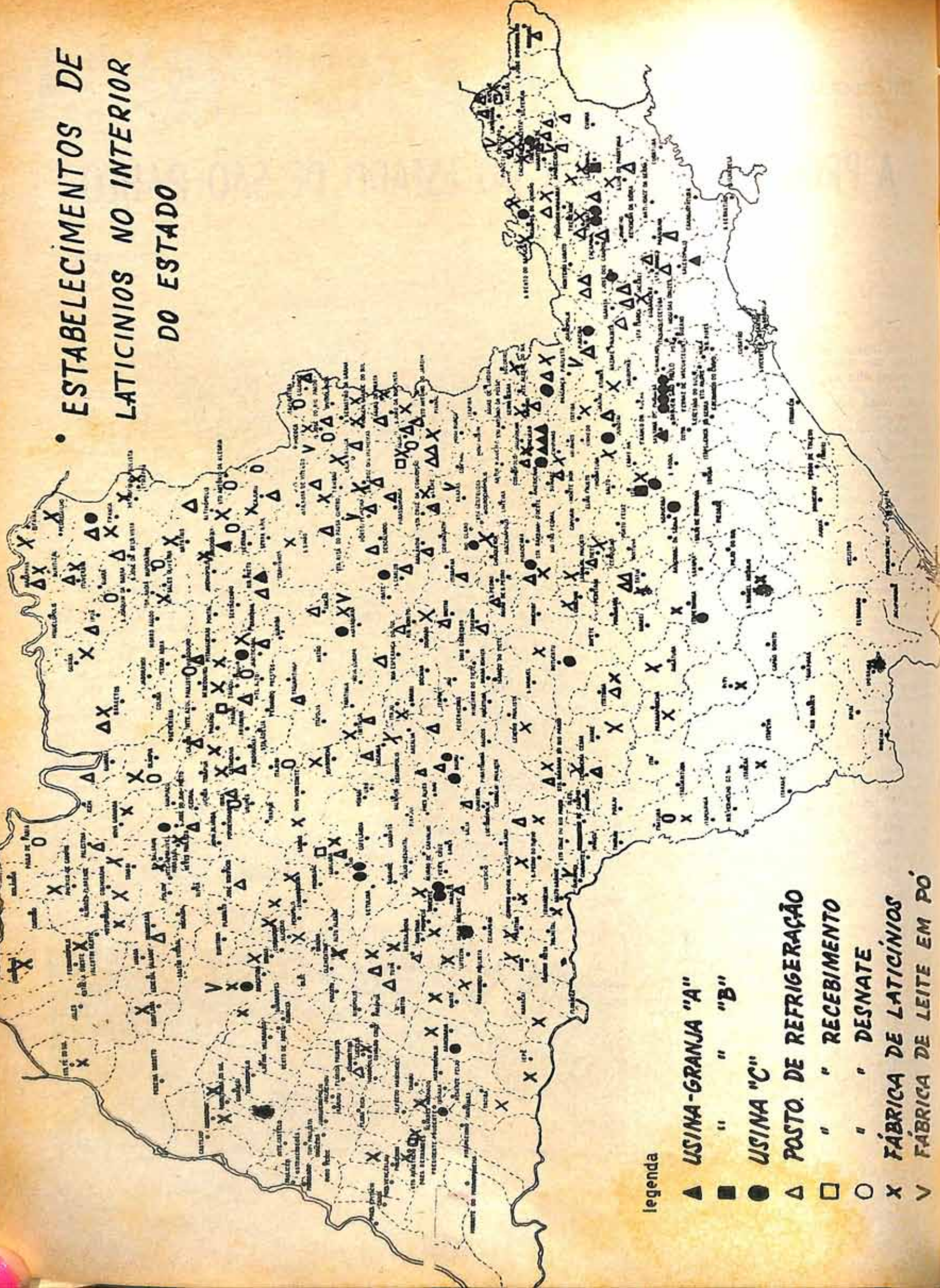


HEINE e DIAMANT (Importados da Frísia)
SOVEREIGN MYSTERY e SPRING
FARM (Importados do Canadá) são os pais
dos tourinhos vermelho e branco da

FAZENDA
MARAMBAIA

KM 77 - VIA ANHANGUERA VINHEDO - SP

ESTABELECIMENTOS DE
LATICINIOS NO INTERIOR
DO ESTADO



legenda

- ▲ USINA-GRANJA "A"
■ " " "B"
● USINA "C"
△ POSTO DE REFRIGERAÇÃO
□ " " RECEBIMENTO
○ " " DESNATE
X FÁBRICA DE LATICÍNIOS
V FÁBRICA DE LEITE EM PÓ

BENEFICIAMENTO DO LEITE

ASPECTO SANITARIO, SOCIAL E ECONOMICO

ALBERTO SAMPAIO DIAS
Med. Vet.

O leite é o primeiro alimento que recebem os animais mamíferos ao chegarem a este mundo e constitui, pela sua composição magnificamente equilibrada, uma verdadeira dádiva milagrosa da natureza. Vem sendo utilizado pelo homem, há muitos milhares de anos quando este descobriu na riqueza de composição do leite a solução de grande parte de seus problemas de alimentação. Isto se deu presumivelmente, quando ele começou a conseguir a domesticação das espécies selvagens que vagavam pelos campos e pelas florestas, que ele tinha necessidade de caçar para poder se alimentar.

Pela sua riqueza de proteínas, gorduras, hidratos de carbono, sais minerais e vitaminas, o leite chega praticamente a atender todas as necessidades plásticas e energéticas do

organismo que o consuma em quantidades adequadas. Nestas condições, deve fazer parte integrante de toda dieta bem equilibrada, quer "in natura", quer na forma de qualquer dos seus derivados — e isso tanto para organismos jovens e em desenvolvimento quanto para os mais idosos ou em convalescença. É o alimento tido como o mais completo, o alimento ideal.

De acordo com cálculos e estimativas oficiais (baseados em dados referentes ao rebanho existente no país, em sua produtividade média e etc.) a produção de leite do Brasil, abrangendo as regiões Norte, Centro e Sul, deve ter andado pela ordem dos 5 bilhões de litros no ano de 1960, dando lugar, sobretudo nas regiões mais populosas e progressistas, à existência não só de um já ra-

zoavelmente bem organizado sistema de distribuição e consumo do produto em natureza, bem como a uma indústria de laticínios em franco desenvolvimento.

O Brasil já é tido internacionalmente como país laticinista, tendo montado uma indústria de leite em pó, situada atualmente entre as primeiras do mundo. O Estado de São Paulo tem organizado e em pleno funcionamento um sistema de produção, beneficiamento e distribuição de leite para consumo, sobretudo para a sua Capital, que o coloca em situação ímpar em toda a América Latina.

Todo este magnífico e grandioso edifício já existente entre nós, constituído pelo leite e seus produtos derivados, tem, como principais pontos de apoio, quatro colunas



(DÉTERGENTES) **PE** (DESINFETANTES)

Fecham os elos da corrente
entre produtores e usinas de leite nos seus esforços de apresentar ao consumidor leite e seus derivados absolutamente higiênicos.

HENKEL DO BRASIL S.A. INDÚSTRIAS QUÍMICAS
Rua Conselheiro Crispiniano, 58 - 13.º andar - Caixa Postal, 7267 - Fones: 36-4011 e 37-6721 - SÃO PAULO



Cooperativa de Laticínios de Bragança Paulista

Inscrição n.º 1582

Rua José Guilherme, 265 — Caixa Postal 23 — Tel 140

Bragança Paulista

de sustentação, que compreendem a produção, o transporte, o beneficiamento e a distribuição para o consumidor, cada uma delas encerrando as suas dificuldades e problemas próprios, a sua importância mais ou menos equivalente, mas conservando ou devendo sempre conservar a mesma linha de interdependência.

A COLUNA MESTRA

Sabemos que, num edifício desta natureza, não é fácil apontar qual a coluna mestra, aquela que arca com as maiores responsabilidades; porém acreditamos que não seria errar muito se considerássemos como tal, pelo menos entre nós, o beneficiamento. Não nos referimos somente ao beneficiamento, pelo estabelecimento especializado, como os estabelecimentos especializados, como as usinas de pasteurização e postos de recepção, mas, sim, ao que já vem desde o estabelecimento produtor, ao que já se inicia com a ordenha e termina na casa do consumidor. Olhando a questão deste modo, vemos que o beneficiamento é, das quatro colunas, a mais robusta, a de ação mais ampla e como que um resumo ou condensação das outras.

Quando o produtor, dotado de espírito prático, mais evoluído, ou mais consciente, constrói local apropriado para a ordenha de seus animais, evitando a lama ou a poeira do curral, e recomenda a empregados de condições de maior limpeza possível, quer dos animais quer do produto; quando, após a ordenha, ele mantém os seus latões com água de leite, dentro de reservatórios com água corrente e bem fria, enquanto aguarda o transporte para a usina ou posto beneficiador, também já está fazendo o beneficiamento; o mesmo quando ergue abrigos rústicos à beira da estrada, evitando que os latões fiquem expostos ao calor do sol enquanto o caminhão da usina não chega. Quando a dona de casa, que não usina, coa o leite nem leite pasteurizado de usina, coa o leite em pano bem limpo e o submete à fervura, deixando-o esfriar em lugar bem fresco, também está beneficiando o leite.

Não vamos, evidentemente, ao absurdo de dizer que o beneficiamento, sozinho, possa fazer o milagre de transformar um leite de péssimas qualidades desde a origem, em produto de alta classe e grande conservabilidade, mas, ao lembrar que não existe leite sem carga microbiana inicial, por perfeita e rigorosa que tenham sido as condições de limpeza e de higiene da ordenha e que esta carga, no melhor meio de cultura que existe, que é o leite, tende fatalmente a aumentar de maneira fantástica, sendo as condições favoráveis, isto é, sendo o produto abandonado à sua própria sorte, sem receber qualquer beneficiamento, afirmamos que os processos de beneficiamento do leite são absolutamente indispensáveis à sua existência, seja qual for o fim a que se destine: consumo ou industrialização.

O beneficiamento, em alguns casos, mantém as qualidades do produto, mas evita sempre que elas se agravem, aumentando assim a sua conservabilidade e, até certo ponto, o melhora sensivelmente, suprimindo, muitas vezes, as falhas da produção ou do transporte.

Em recente inquérito levado a efeito entre os produtores de leite do Estado de São Paulo, chegou-se à conclusão, (triste conclusão, por certo!) de que nestes últimos vinte anos o setor da produção não apresentou melhora ou evolução alguma, no que se refere aos métodos de trabalho ou de higiene, não obstante todos os esforços dispendidos pelas autoridades encarregadas da educação do produtor, alicerce de todo o edifício.

Outro inquérito, levado a efeito pelos órgãos oficiais e dado à publicidade recentemente, conclui que, em suas qualidades físico-químicas, assim como higiénico-sanitário, o leite tipo C dado ao consumo da população do Estado de São Paulo, e sobretudo da Capital, nada fica a dever aos das maiores e mais adiantadas cidades do mundo.

Como, então, explicar tal situação e conciliar tais resultados, quando sabemos que a produção da quase totalidade deste leite muito deixa a desejar e que, não obstante toda a luta travada, o leite que chega à

porta das nossas usinas de pasteurização, traz uma carga microbiana cujo valor médio oscila em torno dos 25.000.000 de colônias de germes por ml? Só existe uma explicação aceitável e é que, nestes últimos tempos, houve grande avanço nos métodos de beneficiamento do leite, em todos os grandes centros do mundo e nós conseguimos acompanhar esse progresso e nos manter em dia com o que de melhor se faz em matéria de beneficiamento. Atualmente o grau de eficiência de pasteurização dos nossos estabelecimentos de beneficiamento do leite é, em média, superior a 99%, que já é tido como excelente resultado!

Isto é um fato e pensamos que só ele bastaria para colocar o beneficiamento do leite entre as medidas que são e sempre serão indispensáveis, mesmo no dia em que as condições de produção, em qualquer parte, forem as ideais. Estaríamos sendo incompletos, e sobretudo injustos, se, ao desenrolar destas idéias, não levássemos na devida conta o grande progresso também havido no setor dos transportes, com a crescente melhoria das estradas de rodagem e com a quase total substituição do transporte do leite em latões e por estradas de ferro mal aparelhadas, pelos carros-tanques, em que o produto viaja bem mais rapidamente e em baixas temperaturas.

BENEFICIAMENTO DO LEITE

A Lei Federal em vigor em todo o território da Nação, em seu art. n.º 514, diz claramente: "Entende-se por beneficiamento do leite, seu tratamento desde a seleção, por ocasião da entrada em qualquer estabelecimento, até o acondicionamento final, compreendendo uma ou mais das seguintes operações: filtração, pré-aquecimento, pasteurização, refrigeração, congelamento, acondicionamento e outras práticas tecnicamente aceitáveis".

O abastecimento diário de leite fresco, destinado ao consumo dos grandes centros urbanos, não é fácil tarefa. A Capital de São Paulo aproxima-se cada vez mais do consumo diário de um milhão de litros de leite. De onde há de vir este produto, senão do seu vasto interior e de lugares que muitas

REVISTA DOS CRIADORES



USINA DE LATICÍNIOS

RUA GENERAL CARNIÊRO, 1443
FONE 3430 - CA. POSTAL N.º 72
SÃO PAULO - ESTADO DE SÃO PAULO

Abbud LTDA.

QUEIJOS IMPERADOR — os reis do paladar —

Depósito da fábrica

Rua João Theodoro, 1443 -- S. Paulo

vezes distam muitas e muitas horas de viagem, mesmo pelas modernas rodovias asfaltadas? Por este motivo, os grandes estabelecimentos que se responsabilizam por essa tarefa viram-se obrigados a montar uma rede de postos de coleta, abrangendo todo o Estado, incumbidos de recolher o leite nas fazendas, beneficiá-lo ao mais possível e remetê-lo em boas condições e de maneira rápida às usinas de pasteurização da Capital. Deste modo, o beneficiamento do leite propriamente dito se realiza nos postos de refrigeração ou coleta e nas usinas de pasteurização.

POSTOS DE REFRIGERAÇÃO

São duas as principais tarefas destes estabelecimentos: filtração e resfriamento do leite. A filtração limpa o produto, livra-o das impurezas que traz dos lugares de ordenha, as grandes fontes de micróbios; é feita mecanicamente, por pressão, em filtros especiais de algodão, só usados uma única vez, ou por centrifugação. A refrigeração, feita imediatamente depois, tem por fim esfriar o leite (abaixo de 10°C) e mantê-lo assim até que chegue à usina de pasteurização.

A imensa maioria dos micróbios presentes no leite não se multiplica, não se desenvolve, ou o faz muito lentamente, enquanto ele estiver bem frio. Os técnicos dão o nome de ação bacteriostática a esta ação do frio e é graças a ela que o leite não se estraga, não azeda e se conserva durante bastante tempo e é por isto que é necessário esfriar o leite logo depois de ordenhado, sobretudo no tempo do calor. A lei não permite que se conserve o leite por nenhum outro processo, a não ser pelo frio. A filtração e refrigeração são obrigatórias nestes postos de coleta.

Quando o leite procede de lugares muito distantes da usina, é permitido ainda beneficiá-lo pelo pré-aquecimento, após a filtração, seguido de imediato resfriamento. Esta manobra tem por fim diminuir a carga microbiana do produto, para que ele possa chegar em boas condições ao estabelecimento de pasteurização e consiste em submeter o leite a uma temperatura de 70°C durante o espaço de tempo inferior a um segundo (a

rigor 0,9 de segundo) seguido de imediato resfriamento.

Com o mesmo fim e em condições idênticas, também é permitida a congelação do leite em latões, mergulhando-os em tanques de salmoura a fim de que o resfriamento ultrapasse 0°C. Este processo está praticamente fora de uso, em vista de certas transformações de ordem física que se podem dar, quando não bem efetuado e por causa da melhora acentuada dos meios de transporte. Os postos de recepção devolvem a cada produtor os latões, já devidamente lavados e higienizados.

USINAS DE PASTEURIZAÇÃO

A pasteurização representa o benefício máximo que o leite fresco e destinado ao consumo pode receber e consiste apenas no aquecimento a uma determinada temperatura, suficiente para exterminar todos os micróbios perigosos e a maior parte daqueles que, embora não sejam capazes de produzir moléstias, se multiplicam rapidamente, fermentando o leite de diversas maneiras, estragando-o ou diminuindo grandemente seu tempo de conservação. Este aquecimento é seguido de rápido resfriamento e é feito de tal modo que o leite conserva praticamente todas as qualidades normais e próprias do produto cru. São dois os processos usados pelas usinas de pasteurização: o lento e o rápido.

Processo lento é o que aquece o leite, previamente filtrado, a temperatura de 62-64°C em tanques especiais e o mantém assim durante 30 minutos seguindo-se rápido resfriamento. Este método é mais usado pelos estabelecimentos que trabalham com pequenas quantidades de leite, nos pequenos centros.

Processo rápido é o processo mais usado em toda a parte e consiste no aquecimento do leite após filtração, a temperatura de 72-75°C durante 15 segundos apenas, seguido de rápido resfriamento à temperatura de 5°C.

Neste método, o leite é aquecido e resfriado em camadas muito finas, dentro de placas coladas umas às outras: umas contêm o leite e outras o líquido destinado a aque-

cê-lo ou resfriá-lo, formando este conjunto o aparelho pasteurizador. O controle da temperatura é feito automaticamente, de modo que as grandes variações de temperatura são sempre evitadas. Após este tratamento, o leite é enviado às máquinas engarrafadoras automáticas, que o colocam em frascos devidamente higienizados, que vão imediatamente para as câmaras frigoríficas enquanto aguardam a distribuição.

Outro processo de beneficiamento do leite é levado a efeito em aparelhos especiais, em uso em alguns países da Europa e em pequena escala em alguns da América; é o processo da esterilização do leite, o qual destrói a totalidade da flora microbiana, aquecendo-o a temperaturas muito altas e em condições especiais de ausência de oxigênio, de modo a alterar o mínimo possível as qualidades do leite. Este processo permite conservar o produto durante um espaço de tempo praticamente indefinido, não exigindo refrigeração. É aconselhado para os países ou regiões onde seja muito difícil a obtenção de leite fresco ou beneficiado de outro modo; é processo que altera o gosto do leite e duvidamos que chegue a ter aceitação entre nós.

Quando sabemos que o leite constitui um excelente meio de cultura que pode conter a quase totalidade dos micróbios conhecidos, grande parte deles capazes de provocar perigosas moléstias, oriundas do próprio animal que o produz (brucelose, tuberculose, febre aftosa, stafiló e streptococcos, etc.) ou oriundas do próprio homem (escarlatina, difteria, infecções tíficas e paratíficas, etc.) lembramo-nos de que, antes das descobertas dos vários processos de beneficiamento, mais da metade das epidemias eram transmitidas pelo leite. Assim podemos fazer uma idéia do que eles representam para a segurança sanitária da coletividade.

O Estado de São Paulo produziu em 1960 aproximadamente 1 bilhão e meio de litros de leite destinados ao consumo direto ou à industrialização; atualmente dos 500 municípios do Estado, apenas cerca de 30 gozam dos benefícios do leite controlado e beneficiado pelos estabelecimentos de pasteurização, mas a tendência é para a extensão dessas vantagens a todos eles, mediante a criação de cooperativas regionais dotadas de usinas próprias de tratamento do produto. Isto significa que iremos ter, praticamente, a totalidade do leite produzido no Estado, sob controle, não só físico-químico, que garante pureza e integridade, mas também microbiológico, que trará segurança do ponto de vista sanitário, tanto para o consumidor como para o industrial, porque, sem matéria prima boa, não pode haver tecnologia ou industrialização de boa qualidade.

O povo precisa consumir bastante leite, mas este também precisa ser de qualidade satisfatória, o que só um beneficiamento bem executado poderá proporcionar. Este é o aspecto sanitário e social da questão.

O aspecto econômico nos é dado pelo que representam em cruzeros o leite e toda a indústria que ele movimenta, representando um capital de várias dezenas de bilhões de cruzeros, toda ela na estrita dependência dos bons processos de manutenção das boas qualidades da matéria prima.

DISTRIBUIÇÃO DAS DESPESAS EM GRANJA LEITEIRA

O prof. C. S. Barnard, da "Cambridge University School of Agriculture", analisando uma fazenda leiteira típica de Cambridge, com 80 Ha, chegou à conclusão que a renda bruta por vaca, obtida da venda de uma produção média de 3.141 litros, assim se distribuía:

- 32,20% Para concentrados (sendo 50% adquiridos)
- 19,49% para pastos, feno e tubérculos produzidos em 0,8 Ha.
- 4,24% para depreciações, deduzindo a venda de bezerros
- 8,74% de lucro líquido por vaca
- 14,41% para eventuais
- 21,19% de mão de obra, na base de 130 horas/vaca



Se quer um **GARROTE HOLANDÊS VERMELHO E BRANCO** para aumentar o leite do seu rebanho

visite a

fazenda MARAMBAIA

KM 77 - VIA ANHANGUERA - VINHEDO - SP

O gado leiteiro nas regiões tropicais

FUAD NAUFEL
Med. Vet.

Ao considerar a produção de leite, de imediato verificamos que todas as raças especializadas atualmente conhecidas resultam de processos de seleção e aperfeiçoamento, realizados em regiões temperadas, onde, em vista do ambiente favorável, métodos de criação e alimentação adequados evoluem sem maiores problemas.

Em contraposição, nas regiões tropicais, a despeito do enorme número de raças e da imensa população bovina existente, não conseguimos encontrar uma só raça realmente especializada para a produção de leite.

Ocorre que, na quase totalidade, as regiões tropicais são subdesenvolvidas, com baixo padrão de vida da população, dependendo quase que exclusivamente da agricultura. O desenvolvimento industrial, na maioria dos países tropicais, tem sido muito lento e dessa forma, não constitui surpresa que o gado se destina principalmente ao trabalho e à produção de estérco, sendo a produção de carne e leite relegada a plano secundário. Isso porque, nas regiões tropicais, as necessidades nutritivas da população humana têm sido medidas mais em termos de energia do que de proteína, o que se reflete no desproporcional consumo de cereais, en-

quanto a carne e o leite constituem somente pequena fração da dieta individual.

Por outro lado, a ausência de facilidades de mercado, com as dificuldades de transporte e a remuneração relativamente baixa para esses produtos de origem animal, não constitui incentivo para a especialização de raças, ou para a melhora das condições ambientais, a fim de possibilitar a adaptação de raças especializadas.

Nos últimos anos, porém, tem-se verificado acentuado crescimento das populações urbanas e decréscimo das populações rurais, fruto do surto de industrialização que se observa imperiosamente nas regiões subdesenvolvidas, como caminho seguro para a elevação do padrão de vida. A melhora das estradas e dos meios de transporte e a procura crescente dos produtos alimentares tem possibilitado a expansão da indústria leiteira, com uma rapidez verdadeiramente impressionante. Essa expansão tem ocorrido da maneira mais simples e imediata, qual seja a de aumento das unidades produtoras e não propriamente da melhora da produção. Paralelamente, está ocorrendo acentuada valorização das terras e da mão de obra, pondo em relevo o alto custo de pro-

dução, quando a base é constituída por animais de escassas aptidões leiteiras. A substituição desses animais por outros de alta produção é que constitui o problema, dado que há probabilidades de que alta produção e boa adaptação às condições tropicais sejam incompatíveis.

Essa crença é baseada não só na produção geralmente baixa das raças tropicais, ou adaptadas aos trópicos, mas também em relações fisiológicas parcialmente compreendidas, segundo as quais alta produção envolve grande trabalho metabólico e consequentemente produz muito calor a ser eliminado. A maioria dos animais bem adaptados aos trópicos tem um aparelho de termoregulação destinado a manter a temperatura corporal abaixo dos níveis considerados necessários para alta produção, não sendo capazes de eliminar excessos de calor. De outro lado, as forragens naturalmente disponíveis em regiões tropicais são ricas de fibras e pobres de proteínas. Sabe-se que as fibras, além de pouco nutritivas, exigem intenso trabalho metabólico para serem digeridas, havendo consequentemente grande produção de calor. Por essas razões, admite-se que, com as forragens nativas nas regiões tropicais, é difícil, sinão impossível, a obtenção de alta produção.

Sabemos que as regiões tropicais abrangem diversos meios ambientes, geralmente diferindo amplamente entre si, devido a inúmeras causas, entre as quais altitude, irradiação solar, umidade, ventos predominantes e composição física e química do solo. Essas variações condicionam a existência de climas e micro-climas diferentes, agravando ou atenuando as condições tropicais.

Em vista dos inúmeros fatores adversos, a produção de leite nos trópicos continua sendo problema primordial da Zootecnia, constituindo campo fértil para toda a sorte de investigações, pesquisas e experimentações.

Com os conhecimentos até o momento adquiridos e dependendo do clima, da tendência econômica da região e do estágio evolutivo dos criadores, podem ser apontados três caminhos diferentes pa-



HEINE e DIAMANT (Importados da Frísia)
SOVEREIGN MYSTERY e SPRING
FARM (Importados do Canadá) são os pais
 dos tourinhos vermelho e branco da

FAZENDA
MARAMBAIA
 KM 77 - VIA ANHANGUERA VINHEDO - SP

ra o melhoramento da produção leiteira nas zonas tropicais:

- 1) a aclimação das raças leiteiras especializadas;
- 2) o aperfeiçoamento de raças tropicais para a produção de leite mediante a seleção contínua;
- 3) o cruzamento de animais de raças leiteiras européias com ecótipos tropicais.

ACLIMAÇÃO DE RAÇAS EUROPEIAS

Desde há muito têm sido introduzidos animais de diversas raças européias especializadas na produção de leite, nas regiões tropicais e intensos foram e continuam sendo os esforços visando conseguir sua aclimação. Entretanto, a adaptação das raças européias, quando transferidas de meios em que foram selecionadas para outros meios inteiramente diferentes e submetidas a práticas de criação completamente diferentes, se processa com reconhecida dificuldade.

A situação geralmente é a seguinte: a vaca que se adapta ao clima tropical não produz o suficiente e a que apresenta boa produção não se adapta. A depauperação de suas qualidades econômicas vai-se manifestando por menor produção de leite, diminuição de fertilidade, susceptibilidade a doenças, elevada mortalidade e descendência com produção cada vez menor.

Há, no entanto, determinadas zonas em que encontramos criadores evoluídos, os quais, com cuidados especiais e métodos de criação bem superiores aos comuns, têm sido bem sucedidos e a adaptação de seus animais de raças especializadas vem-se processando com inconfundível êxito. Para esses poucos mas valiosos plantéis adaptados, a principal preocupação é a pequena disponibilidade de bons reprodutores, também adaptados, cujos índices de produção assegurem a evolução desejada.

Em nosso meio, encontramos núcleos de animais de diferentes raças européias, em fase de franca adaptação, comprovada pela produção satisfatória de leite, transmissibilidade dessa aptidão aos descendentes e sem maiores problemas na reprodução. Com a reconhecida evolução de nosso meio criatório, são amplas as possibilidades de que esses núcleos prosperem e se difundam em nossas zonas de condições climáticas mais favoráveis.

Sem otimismo, ou pessimismo, devemos ter sempre presente que a adaptação de uma raça a determinado meio deve ser medida pela sua capacidade de autosuficiência, como uma unidade, capaz de existir e multiplicar-se sem o recurso de repetidas importações de novo sangue.

MELHORAMENTO DAS RAÇAS TROPICAIS

O aperfeiçoamento leiteiro das raças tropicais, reconhecido como outra possi-



imunize
seu
algodoeiro
contra as
PRAGAS

MANATOX

Manatox, inseticida especial para algodão, contém BHC, DDT, Aldrin e Tiofosfato em proporções diferentes, apropriadas para os vários graus de infestação das pragas. Manatox produz uma extensa nuvem de pó que cobre todo o algodoeiro, liquidando por completo as pragas.



MANATOX

segurança de
melhores safras



MANAH S.A. - COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ADUBOS E RAÇÕES

Rua Sen. Queirós, 498 - 3.º - C. P. 6348 - Fone: 37-0591
End. Telegr. "MANAH" - São Paulo

Rua Coronel Vicente, 224 - C. P. 1181 - Fone: 6490
End. Telegr. "HANAM" - Porto Alegre

bilidade para o melhoramento da produção leiteira nas regiões quentes, constitui um recurso genético dos mais seguros para o fim almejado.

Um dos pontos básicos, que deve ser meteticulosamente observado é a escolha cuidadosa dos animais destinados a constituir o núcleo fundador de seleção. Dentre crioulos ou zebuínos devem ser escolhidos animais que manifestem aptidões leiteiras e submetidos a um programa de melhoramento genético baseado no rendimento de leite.

A escrituração zootécnica deve ser a mais adequada, possibilitando, em cada geração, avaliar a evolução obtida, até o estabelecimento definitivo de um rebanho leiteiro.

Esse caminho tem sido adotado em inúmeros países tropicais, com resultados realmente promissores. Na Índia, estão sendo selecionados animais das raças Sahival, Sindi, Gir, Tharparkar, Kankrej e Hariana. No Cailão, estão em seleção animais das raças Sinhala e Sindi. Na África, são selecionados animais das raças Fulani (Nigéria), Nganma e Nandi (Uganda), Nandi (Kenia), Kenana (Sudão) e Crioulo Egípcio (Egipto). Na América Latina está sendo selecionado o gado crioulo em Turrialba, Costa Rica e Maracay, Venezuela. No Brasil trabalha-se com o gado crioulo Caracu, em estabelecimentos oficiais e particulares. No que diz respeito a raças zebuínas, devemos ressaltar os trabalhos de seleção que se efetuam em estabelecimentos governamentais em Umazeiro (Paraíba), Uberaba (Minas Gerais) e mais recentemente em Ribeirão Preto (São Paulo) e por diversos criadores particulares, com a raça Gir. Com a raça Guzerá, há trabalhos seletivos em rebanhos particulares nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e S. Paulo, além de rebanhos particulares, também pelo governo estadual. A raça Sin-

dí, de recente introdução, está sendo estudada no Pará e em São Paulo.

É de justiça assinalar os resultados promissores que estão sendo obtidos nesses diversos núcleos, devendo seus responsáveis ser estimulados de todas as formas possíveis, para que venhamos a possuir, num futuro não remoto, linhagens reconhecidamente leiteiras, nas diversas raças em seleção.

CRUZAMENTO DE RAÇAS EUROPEIAS E TROPICAIS

O cruzamento de animais de raças européias com ecótipos tropicais, combinando gens leiteiros da raça especializada com os gens de constituição adaptados ao meio tropical, constitui o caminho mais rápido para o melhoramento da produção de leite em regiões adversas. Os produtos resultantes do primeiro cruzamento apresentam uma produção de leite relativamente alta. Admite-se que o "meio-sangue" seja o mestiço ideal, já que é tão resistente quanto o zebu ou crioulo e apresenta produção de leite consideravelmente superior à das mães. Entretanto, prosseguindo o cruzamento, os animais das gerações seguintes demonstram menor adaptação ao meio, à medida que aumenta o grau de sangue europeu, diminuindo a produção e apresentando as inconveniências das raças especializadas em face das condições tropicais.

As condições do meio, os sistemas de criação e as possibilidades de alimentação é que condicionarão o grau de sangue ideal. Nas condições mais favoráveis, pode-se aumentar a fração de sangue melhorante, chegando até o puro por cruz, de comportamento semelhante às das raças especializadas puras de origem. Por outro lado, nas condições de criação inferiores, deve-se manter menor fração de sangue especializado. No

grau de sangue considerado ideal, deve ser empregada a mestiçagem, isto é, o cruzamento de mestiços entre si.

Contudo, na mestiçagem deve-se estar atento à dissociação dos caracteres, a qual parece ser mais intensa nos animais mais próximos do primeiro cruzamento. A mestiçagem deve presidir rigoroso critério de seleção, descartados os produtos que apresentem características indesejáveis e aproveitados habilitamente os que apresentem os requisitos econômicos procurados e que devem ser fixados. Esse foi o caminho seguido para a formação de diversas raças, entre as quais a Santa Gertrudes e a Brangus para a produção de carne e a Jamaica Hope para a produção de leite. No Brasil, o método é adotado igualmente pelo Ministério da Agricultura, nos trabalhos para a produção de animais de corte em São Carlos, com as raças Charoleta e Zebu e em Bagé, com a Polled Angus e Zebu. No Estado de São Paulo, visando a produção de leite, um programa de cruzamentos dirigidos, foi adotado pelo Departamento da Produção Animal, envolvendo rebanhos governamentais e particulares, programa esse em franco desenvolvimento. Programas semelhantes estão em andamento nas cadeiras de Zootecnia da Faculdade de Medicina Veterinária e da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós. Nestes cruzamentos as raças melhorantes são a Holandesa preta e branca, a Holandesa vermelha e branca, Jersey, Guernsey, Flamengo, Dinamarca, Schwyz e Red Polled e as raças tropicais são a Gir, Guzerá e Caracu.

Os resultados até agora obtidos nas criações governamentais e particulares são auspiciosos e há grandes esperanças de que, num futuro próximo, venhamos a possuir tipos de animais que apresentem produção abundante e econômica, perfeitamente adaptados ao nosso meio

ainda está atrasadíssima: o grosso dos fazendeiros tem diminuído a média de rendimento, no máximo três litros por vaca e por dia. Uma só ordenha diária, em curral enlameado nas chuvas e poeirento na seca.

No Sul, há condições ecológicas ótimas para gado Holandês. Entretanto, uma grande fábrica de leite em pó em Pelotas está tendo grande dificuldade para se movimentar, por falta de leite. Estes detalhes revelam que, no Brasil, as coisas não são só heterogêneas, mas também contraditórias.

A tecnologia...

(Conclusão de pág. 19)

No Centro, a coisa difere: a industrialização apresenta os mais altos níveis, dada a perfeição de usinas de beneficiamento; fábricas de leite em pó; fábricas de queijos, de manteiga, de lactose, etc., etc. Entretanto, a produção de leite

FERNANDO VON GAL & CIA. LTDA.



SELAS — ARREIOS E ARTIGOS PARA MONTARIA
ARREIOS PARA CARROÇAS
CAPAS - PONCHES - PALAS — BOTAS - MALAS - PELEGOS
FABRICAÇÃO PRÓPRIA

MATRIZ: RUA DO GASÓMETRO, 197 — TELS. 32-6883 - 34-8432 — SÃO PAULO
FILIAL: AVENIDA CONCEIÇÃO N.º 272 — CAIXA POSTAL N.º 2049

REVISTA DOS CRIADORES

Ensilagem



Transformando milho, sorgo, sobras
de pastos, capins Guatemala, Napier etc.,
em silagem, o gado leiteiro terá
alimentação garantida para atravessar
o período da seca.

UMA COLABORAÇÃO DE PRODUTOS **NESTLÉ**

SETOR AGROPECUÁRIO

APROVEITAMENTO RURAL DAS SOBRAS DE LEITE

MANOEL L. ARRUDA BEHMER
Biólogo

Todo produtor de leite deve saber e deve elaborar produtos derivados de leite para consumo de sua família.

Em geral, somente em consequência de aproveitamento das sobras eventuais de leite em seus estábulos, é que o produtor se anima a tentar a transformação de leite em produtos concentrados de grande valor nutritivo, de maior conservação e de consumo mais acessível e substancial ao homem do campo: o queijo Minas, o requeijão, o "quark".

Pela falta de conhecimentos necessários a essa elaboração e pelas dificuldades de adquiri-los nos centros comer-

ciais por preços valorizados, como é natural, o produtor é quem menos consome produtos derivados de leite.

Por isso, apresento algumas receitas ou fórmulas simples, adaptadas a um meio mais rústico, exigindo aparelhamento e técnica também rudimentares. Entretanto, saliento que nessas fabricações não se chegará a obter produtos apresentáveis sem um máximo de higiene, asseio e cuidados com todo o material improvisado que se vá utilizar. Em laticínios, a higiene, o asseio e os cuidados de limpeza são tão necessários como a técnica de fabricação.

1. QUEIJO MINAS

Coagulação — Logo após a ordenha, o leite, devidamente filtrado em pano fino e mantido à temperatura de 31 a 33° C, é posto em uma cuba ou lata, juntando-se o coalho necessário para que a coagulação se efetue em uma hora. Para isso, juntar 5 gotas (0,15 cm³) de coalho líquido comum para cada litro de leite; assim uma lata de querosene (18 litros) precisará de meia colher de café, ou seja 2,7 cm³. Um excesso de coalho apressa o tempo de coagulação. Assim, se a coagulação

— para seu rádio transistor só pilhas



RAY-O-VAC

para seu rádio
na fazenda

**SÓ
BATERIAS MICROLITE**



MICROLITE S.A.

CAIXA POSTAL 8680 — SÃO PAULO

COOPERATIVA DE LATICÍNIOS DE SOROCABA

Inscrição 4565

Reg. sob n. 436 no S.E.R. — Carta de reg. n. 2 no Departamento de
Assistência ao Cooperativismo

Rua Pandiá Calógeras, 229 — Tel 326 — Caixa Postal 426

S O R O C A B A — Est. de São Paulo

Leite "MANÁ" e queijo "MANÁ" produtos desta Cooperativa

FABRICANTE DE QUEIJOS PRATO, MINEIRO, PARMESÃO, MUSSARELA

BEBA LEITE PASTEURIZADO NA CERTEZA DE ESTAR BEBENDO LEITE PURO E LIMPO

retardar, é sinal de que foi adicionado pouco coalho; e, se foi demasiado rápida, houve excesso.

Corte da coalhada — A coalhada precisa ser cortada no "ponto" certo. Reconhece-se esse "ponto" introduzindo-se uma faca ou vara de bambu no meio da massa: se se observar um corte limpo, sem aderências na vara, formando-se ilhas de soro esverdeado claro, é porque está no "ponto"; se, entretanto, a massa se desfizer ou se desagregar, apresentando o soro um tom leitoso, é porque ainda não é tempo de se fazer o corte; espera-se mais alguns minutos e repete-se novamente a prova.

O corte da coalhada é feito no mesmo recipiente onde se coagulou o leite. Com o auxílio de uma faca flexível, retalha-se a massa, cortando-a também horizontalmente, vergando-se a faca em forma de arco. O corte é feito lentamente para não esfacelar a massa.

Dessoragem — Após ter-se mexido lentamente a massa por meia hora, deixa-se que se assente. Proceda-se então à dessoragem, retirando o soro pouco a pouco com leve pressão sobre a massa.

Salga — Nessa ocasião, juntam-se 5% de sal fino (2 colheres de café por litro de leite usado) e mistura-se bem com a massa.

Enfermagem — Tira-se a massa da lata, com o auxílio de um escorredor, colocando-a nas fôrmas, em camadas, sem fazer muita pressão, utilizando a espumadeira; dê-se modo, evita-se todo o contacto da mão com a massa. As fôrmas devem estar forradas interiormente com um pano, preferivelmente algodãozinho ralo, fervido em salmoura. Depois de cheias as fôrmas, dobram-se cuidadosamente as pontas do pano e coloca-se um disco de madeira com um peso de dois kg por cima, durante meia hora. Passado esse tempo, os queijos são virados de lado, acertando-se o pano e recolocando-se o peso. A massa é virada mais uma vez, após algumas horas, torcendo-se o pano, nessa ocasião, para retirar o soro aí acumulado; a operação é ainda repetida, depois de algum tempo, retirando-se por fim o peso. No dia imediato, pela manhã, o pano é retirado e os queijos virados nas fôrmas, onde permanecem por uma hora.

Cura — Os queijos são colocados em lugar arejado e iluminado, protegidos contra moscas. De dois em dois dias, serão lavados com soro ou salmoura. Do oitavo dia em diante, estarão em condições de ser consumidos; entretanto, para atingir a qualidade "curado" dever-se-ão esperar 16 a 18 dias.

2. REQUEIJÃO CREME

Produto de sabor agradável, nutritivo, pode ser considerado como uma indus-

trialização do leite desnatado, pois que, na sua fabricação, se o leite fôr integral, há sempre sobra de cerca de 60% de creme.

Coagulação — Deixa-se o leite, desnatado ou não, para coagular de um dia para outro em vasilha de boca larga (lata, caldeirão, balde, etc.). No dia imediato, retira-se da superfície da coalhada o creme formado, caso se tenha usado leite integral.

Aquecimento da coalhada — Aquece-se um pouco a coalhada (máximo 50°C) agitando brandamente, após o aquecimento. Este aquecimento tem por fim favorecer a saída do soro. Deve ser feito colocando a vasilha de coalhada em banho-maria (dentro de um tacho com água quente). Um aquecimento em temperatura elevada, isto é mais de 50°C, em qualquer das operações preliminares (lavagem, etc.) torna a massa rija e dela se obterá um produto granuloso.

Dessoragem — Retira-se o soro, com auxílio de uma peneira de taquara ou tabuleiro de tela fina. Passa-se a massa escorrida para nova vasilha.

Eliminação da acidez — Junta-se uma quantidade de leite desnatado, aquecido a 50°C, igual ao dobro da quantidade da massa obtida, aquece-se e agita-se em seguida, até a precipitação do leite juntado em consequência da acidez da

massa. Aumenta-se, assim, um pouco, o volume, com a precipitação do leite acrescentado. Escorre-se novamente o soro formado e vão-se juntando pequenas quantidades de leite a 50°C (igual à metade do peso da massa, cada vez), até que o leite acrescentado não mais se coagule (precipite), o que indica não mais haver acidez excessiva na massa. Por último, junta-se uma quantidade de leite desnatado a 50°C, mais ou menos igual ao dobro da massa obtida, agita-se tudo muito bem a frio, e escorre-se também esse leite. Este último serve para fabricar novo produto no dia seguinte. Na primeira lavagem da massa poderá ser empregada água a 50°C, em substituição ao leite.

Prensagem da massa — Põe-se toda a massa em um saco de algodãozinho

e submete-se à pressão por alguns minutos, para escorrer todo excesso de leite.

Preparação da massa — Em uma vasilha põe-se toda a massa com o acréscimo de uma quantidade de creme (no mínimo a quarta parte de creme obtido na desnatação de leite deixado a coagular) e sal à vontade. A massa é levada ao fogo direto com agitação constante, até ficar bem dissolvida e uniforme.

Cozimento da massa — Continua-se a submeter ao fogo direto, e agita-se continuamente, com auxílio de uma pá de madeira, até que fique completamente cozida e apresente aspecto meio consistente. O produto está pronto.

Embalagem — Em seguida, envasa-se a massa em um saco de algodãozinho apropriadas, deixando esfriar muito bem, para que se condense e engrosse.

Deverá ser observado rigorosamente o seguinte:

a) Não aquecer a coalhada e a massa além de 50°C, nas várias operações consequentes, senão na ocasião do cozimento final.

b) A lavagem da massa com leite, para retirar a acidez, deve ser feita até a completa eliminação dessa acidez.

c) A imprensa da massa, depois de lavada, deve ser feita com todo o rigor.

3. QUEIJO MOLE "QUARK"

Este é um produto de fácil fabricação, que substitui perfeitamente a manteiga e pode, como ela, ser consumida com pão, bolos ou doces. Não é um produto gorduroso e é de fácil digestão. Pode ser fabricado com leite desnatado, podendo assim ser o aproveitamento adequado desse produto.

Material — Uma vasilha (caldeirão, balde, lata).

Um saco de algodãozinho ralo e coelho líquido.

Coagulação — Junta-se a cada litro de leite fresco, desnatado ou não, 1/4 gôta de coelho líquido (0,015 cm³), deixando-se em temperatura ambiente de um dia para outro (10 a 12 horas), para que se coagule.

Dessoragem — No dia imediato põe-se a coalhada formada em um saco de algodãozinho bem ralo, o qual ficará suspenso para escorrer o soro, no ambiente mais fresco possível. Quando preparada com leite integral, após a coagulação, tira-se o creme que se forma na superfície da coalhada para juntá-lo novamente à massa escorrida. Tendo cessado de gotejar soro, está pronta a massa. Esta operação dura algumas horas.

Preparação da massa — A massa escorrida pode-se juntar um pouco de creme, manteiga e sal ou açúcar. Há os que o apreciam com cominho (Kummel) ou erva-doce.

Embalagem — Tudo muito bem amassado, procede-se à embalagem, em pacotes de papel impermeável ou em caixas ou formas apropriadas.

4. MUSSARELLA

É queijo de coalhada fermentada, para consumo imediato, muito apreciado como complemento culinário.

Coagulação — Aquecer o leite (poderá ser parcialmente desnatado), que deve ser bom, fresco e limpo, a 32-35°C, e adicionar o coelho para coagulação em uma hora (5 gôtas de coelho líquido por litro de leite).

ZOODRAZID

PARA ELIMINAR A TUBERCULOSE BOVINA



Produto à base da isoniazida — específico para a cura e profilaxia da tuberculose — contendo também protetores contra efeitos secundários desfavoráveis da droga quando empregada pura. Graças, à sua composição, o Zoodrazid é lentamente absorvido, proporcionando níveis terapêuticos durante vários dias, que permitem resultados excelentes em curto tempo.

ZOODRAZID, preparação oleosa contendo:

- Isoniazida — o agente específico para o tratamento e profilaxia da tuberculose.
- Piridoxina — evita os fenômenos secundários da isoniazida sobre o metabolismo e sobre a produção de anticorpos.
- Vitamina D2 — garante uma calcificação rápida das lesões tuberculosas.
- Agentes repelentes à água — tornam a absorção do Zoodrazid suficientemente lenta para permitir o tratamento com número pequeno de injeções.

ESQUEMA DE TRATAMENTO ACONSELHADO

CURATIVO

5 cc de Zoodrazid por 100 kg de peso vivo, por via subcutânea, com a seguinte frequência: 1 mês - diariamente — 2.º e 3.º mês - dias alternados.

PROFILÁTICO

50 cc de Zoodrazid por 100 kg de peso vivo, por via subcutânea, uma vez por semana, durante oito semanas.

APRESENTAÇÃO:

Vidros com 200 ml e 900 ml. — Também, tubos com 100 comprimidos de 1 g.

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PRODUTOS QUÍMICOS S.A.

Praça Cornélio, 96 — Fone: 62-4178 — Caixa Postal, 1.767 — SÃO PAULO

DEPARTAMENTO AGROPECUÁRIO

Revendedor: ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo

COMPANHIA PAULISTA DE LATICÍNIOS

Fabricante da manteiga "SÃO BENTO"

Usina de pasteurização de leite

Fabrica de Manteiga

Av. Brasil, 104 -- Tel. 2769 -- **ARARAQUARA** -- Estado de São Paulo

Corte — Estando o coágulo no ponto de corte, rompe-se a coalhada com lixas até conseguir coágulos de 2 cm³, agita-se a massa lentamente por uns minutos e deixa-se depositar no fundo da vasilha. Retira-se todo o soro, põe-se a massa sobre uma mesa, cobre-se com um pano, e aí fica a fermentar até o dia seguinte.

Ponto exato de fermentação — Quando estiver próximo de se completar nove horas de fermentação, toma-se um pedaço da massa e se mergulha em água quase fervendo; se, ao puxar a massa, formar fios, está ela no ponto exato para as operações seguintes; de outro modo, deverá prolongar-se a fermentação pelo tempo que fôr necessário.

Escaldamento da massa — Em uma cuba contendo água quase fervendo (80°-85°C), juntam-se algumas talhadas de massa, cortadas em tiras longas e delgadas. Em seguida é ela levemente agitada com auxílio de um bastão de madeira, para formar fios que se cortam em pequenas porções e se amoldam com as mãos, formando pequenos pães de 80 a 120 gramas, operação cujo êxito depende da prática do operador. Não se deve espremer muito a massa, como no caso do provolone, pois que se ressecará, resultando produto de massa dura. Deve-se levar talhada por talhada de massa ao escaldamento, afim de que esta não fique longo tempo sob a ação da água quente.

Resfriamento — Vão-se modelando os queijinhos que, em seguida, se colocam numa vasilha com água fria por poucos minutos, para fixar a forma.

Banho de salmoura — Após o resfriamento, são levados à salmoura com 15%, onde permanecem por 10 a 12 minutos. Segundo o gosto ou peso do produto, esse tempo varia.

Conservação e consumo — Do salgamento, são levados ao consumo, depois de embalados.

5. QUEIJO DE PESCOÇO OU PROVOLONE

Procede-se do mesmo modo que na fabricação de mussarela, até ao ponto de levar à água quente. Nessa ocasião, deve-se dividir a massa, levar à água quente, e formar longos fios, que serão enrolados de modo a formar um novêlo que, amassado, recebe a forma desejada: cabaça, melão, pescoço, etc.

Depois de obtida a forma pretendida, os queijos são deixados em água fria durante duas a quatro horas.

Salga — Passado esse tempo, são levados a uma vasilha de água salgada, onde ficam 24 horas. Concluída a salga, são postos a enxugar, amarrados dois a dois com um barbante, e colocados em um varal em sala de temperatura fresca. Algum tempo depois, re-

ceberão uma pincelada de azeite doce e, passados dez a quinze dias, podem ser defumados para que a casca adquira agradável cor amarela.

Os queijos estarão maduros e prontos para o consumo dentro de 45 a 60 dias, podendo-se guardá-los durante meses.

PALETÓS ESPORTIVOS

Paletós esportivos esplêndidos para usar na fazenda, no campo e mesmo na cidade, durante férias, passeios ou excursões. Cômodos, modernos, muito duráveis e vistosos. Prêços baratíssimos e facilidade de pagamento. Vá vê-los na Casa José Silva Rua São Bento, 51 e filiais - São Paulo.

COOPERATIVA DE LATICÍNIOS DE BRODOSQUI LTDA.

Registrada no S.E.R. e D.A.C. sob n.ºs 2020 e 315

M A T R I Z :

Avenida dr. Rebouças, 159 — Tel 24 — Caixa Postal 29

BRODOSQUI — Est. de São Paulo — Linha Mogiana

Filiais em Ribeirão Preto e São José da Bela Vista

Fabricante dos produtos de laticínios das marcas
"NILZA" E "RIO PARDO"

Leite pasteurizado; leite resfriado para exportação

Filiada à Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo

O consumo de leite em espécie no Brasil

MAX LUIZ RODRIGUES REZENDE
Med. Vet.

Citado como um dos dez maiores produtores mundiais de leite, o Brasil apresenta-se como um dos países de menor consumo, ou mesmo de sub-consumo de leite em espécie.

O consumo diário de leite "per capita" nas principais cidades do País, em 1959 era o seguinte:

Cidades	Gramas "per capita"
Porto Alegre	264
Goiânia	254
São Paulo	210
Niterói	192
Belo Horizonte	191
Rio de Janeiro	168
Vitória	168
Curitiba	125
Florianópolis	92
Teresina	53
Maceió	47
Aracaju	41
Salvador	32
Belém	16

(Boletim do leite, n.º 162, pág. 17, ano 1960).

Quão irrisório, quão insignificante é este consumo em face do recomendado pelos nutrólogos como normal: um litro

diário às crianças e cerca de 500 gramas aos adultos! Em se tratando de derivados do leite, o quadro assume proporções mais desalentadoras: em 1959, o consumo de queijo, "per capita", no Estado de São Paulo, foi inferior a duas gramas diárias!

O recente e moderado progresso, verificado entre nós, quanto à obtenção de dados estatísticos de consumo, não nos permite, todavia, apreciações analíticas e deduções mais seguras, como se faz em outros países.

Julgamos útil e oportuno tentar evidenciar aqui, segundo opinião pessoal as prováveis causas, os possíveis efeitos e as medidas sugeridas, atinentes ao sub-consumo lácteo reinante em nosso meio. Nesta tentativa, resumida, é óbvio, cumpre ressaltar que o problema é complexo, tendo aspectos regionais, cuja solução deve ser peculiar a cada caso. Em assunto tão pouco conhecido, tão intrincado, quaisquer medidas generalizadas tendem forçosamente a surtir menos efeito.

CAUSAS DO BAIXO CONSUMO

I — Falta do hábito

Não existe entre nós o hábito de beber leite. Além de não saber fazê-lo, o

brasileiro, em sua inata ironia, critica acerbamente quem o faz. Para a maioria dos brasileiros, o leite é bebida destinada a crianças e velhos: o homem, em sua plenitude, quando toma leite, o faz geralmente no inveterado café com leite matinal, muitas vezes "bem escuro". Se virmos um brasileiro tomando leite à refeição, de duas hipóteses uma se confirmará: ou cumpre determinação médica, ou o faz por influência de educação estrangeira. Esta última, em regra, induz ao maior consumo de leite e derivados em regiões brasileiras, cuja população é notoriamente rica de sangue estrangeiro.

II — Falta de propaganda

Um fator por nós entrevisto como ponderável no sub-consumo é a patente falta de publicidade no ramo de laticínios; excetuado o leite em pó, praticamente não se observa propaganda de produto algum. Em face da propaganda desenvolvida por fábricas de outros produtos alimentícios, causa espécie a ausência de propaganda de leite e derivados. Dizem alguns laticinistas que seria inoportuno procurar aumentar o consumo de um produto que, sofrendo desníveis acentuados de produção, chega a faltar na época da seca; segundo estes,

BOLSA DE ANIMAIS DA A.P.C.B.

compra e venda para
qualquer parte do País

SERIEDADE — QUALIDADE — SANIDADE

Rua Jaguaribe, 634 — Telefone: 52-4388 — São Paulo



. Sal "LUZENTE"
. Sal "BRILHANTE"
. Sal "BOIADEIRO"

PRODUTORES

CIA. COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO

Mossoró - Areia Branca - Macau - Rio Grande do Norte

VENDAS

Cia. Comércio e Navegação

RUA DR. ALMEIDA LIMA, 1290 - SÃO PAULO - Telefone 9-2896

Caixa Postal, 15.188 — End. Teleg.: NAVISAL

seria necessário estabilizar a produção para posteriormente, fomentar o consumo. Entretanto, existe a possibilidade de que o problema esteja fortemente vinculado a questões econômicas, como a industrialização e consequente armazenagem, permitindo maiores lucros. O mercado potencial — diferença entre o consumo verificado, "per capita", e o recomendado pelos nutrólogos — é enorme, com imprevisível expansão. Povo relativamente sugestível, o brasileiro seria facilmente conduzido a maior consumo lácteo, possivelmente com mínima publicidade. O aumento da produção leiteira vem sendo acompanhado por menores significativo crescimento de consumo, que tem sido mais verificado pelo aumento da população do que pelo desenvolvimento do consumo "per capita".

III — Baixo poder aquisitivo e elevado preço dos produtos

O decantado baixo poder aquisitivo do brasileiro e o preço dos produtos lácteos têm sido acusados como maiores responsáveis pelo sub-consumo; contudo, observação e análise mais acuradas das condições de vida e costumes de nosso povo permitem-nos atenuar relativamente o alcance destes fatores.

IV — Má qualidade do produto

A má qualidade de certos produtos poderia merecer citação como contribuinte do sub-consumo; entretanto, é fator que merece reparo em regiões isoladas e de pequena densidade demográfica.

V — Falta do produto

A falta do produto em certas regiões brasileiras, conquanto reconhecida, é fator cuja repercussão não pode ser veri-

ficada sinão após aprofundados estudos, e parece-nos, dentre as causas apresentadas, uma das de menor importância.

MEIOS RECOMENDADOS PARA COMBATER O BAIXO CONSUMO

1) Campanha publicitária

O desenvolvimento do hábito de tomar leite, entre nós, poderia ser efetivado por programas publicitários, em que os órgãos oficiais e as indústrias do ramo, agindo em conjunto, estabelecessem concursos e prêmios, como se vê comumente: concurso do maior bebedor de cerveja, concurso do maior gastrônomo, etc. O governo, desviando parte do numerário recebido com os impostos, poderia agir decisivamente no fomento do consumo de leite e derivados.

2) Campanha educativa

Campanha esclarecedora mais positiva, melhor assessorada e conduzida na conformidade dos problemas locais, ensinando a beber leite, provando os benefícios deste uso, contribuiria para a educação do paladar.

3) Melhora da qualidade dos produtos

Em que pese o notável progresso verificado na qualidade dos produtos lácteos, merece constante e crescente atenção a melhora da qualidade dos produtos.

Controvérsias podem surgir sobre os conceitos aqui apresentados. Entretanto,

quer-nos parecer que, sobre as deduções abaixo, há unidade de pontos de vista:

- a) é mínimo no Brasil o consumo diário de leite em espécie "per capita";
- b) as autoridades estatais e as firmas laticinistas precisam atentar para o problema;
- c) urge ensinar imediatamente o brasileiro a beber leite.

CAMISAS ESPORTIVAS

Magníficas e muito agradáveis de usar as camisas esportivas da Casa José Silva. Modernas, de mangas curtas e longas, desenhos e padrões muito bonitos, são fabricadas por Epsom em fazendas de primeira qualidade. Preços vantajosos e facilidade de pagamento. Rua São Bento, 51 e filiais São Paulo.

REVISTA DOS CRIADORES

DANILAC INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Tudo para a indústria de leite

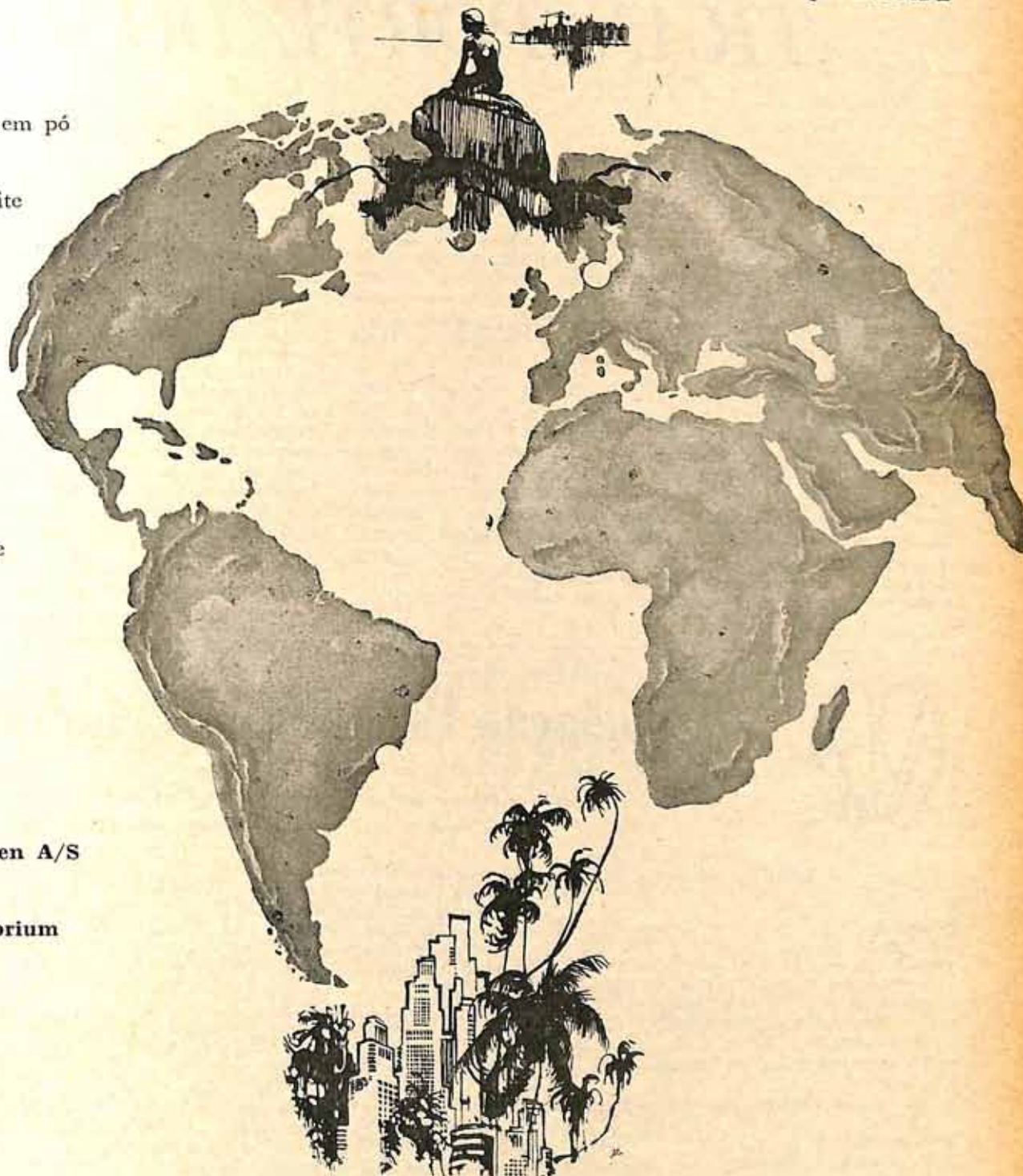
AS MÁQUINAS MAIS MODERNAS

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Coalho «GLAD» líquido e em pó
Parafina para queijo
Produtos para análise de leite
Fermento Láctico
Pasteurizadores
Resfriadores
Homogenizadores
Compressores «GRAM»
Engarrafamento
Batedeiras
Fôrmas para queijo
Máquina para fazer sorvete

DOS FABRICANTES MUNDIALMENTE CONHECIDOS

L. C. Glad & Co. A/S
Dansk Voksfabrik A/S
Paasch & Larsen, Petersen A/S
Broedrene Gram A/S
Robert Hansens Laboratorium
Perfora A/S
Rannie Machine Works
Novo Industri A/S
Dinamarca



Rua Barão de Itapetininga, 221 - 10.º andar — Tel.: 32-0692

Caixa Postal 4514 — End. Telegr.: "DANALAC"

São Paulo — Brasil

O CARRO — TANQUE NO TRANSPORTE DO LEITE

CICERO FERRAZ LOPES
Med. Vet.

A qualidade do leite de consumo é grandemente influenciada por inúmeros fatores, os mais ponderáveis, dos quais, de um modo geral, são os que formam o trinômio: higiene, tempo e temperatura. Cada um de per si, aplicado de modo adequado isoladamente, já exerce ação benéfica sobre o leite; porém, o ideal é a ação simultânea e conjugada de todos esses fatores.

Evidentemente, tanto a higiene, como o tempo e a temperatura, devem fazer-se sentir em todas as fases de manipulação e transporte do leite: desde a ordenha até o momento do consumo. Maiores cuidados higiênicos evitam a contaminação por germes que vão contribuir para maior ou menor capacidade de conservação do produto, dependendo esta da intensidade da poluição. Entretanto, se a poluição do leite for pequena e a manipulação rápida, isto é, no menor tempo possível, e em baixa temperatura, então ele apresentará condições satisfatórias e desejáveis para ser consumido em espécie ou transformado em produtos derivados.

Dentre todas as fases de manipulação ou operações a que o leite é forçosamente submetido, destaca-se o transporte.

No abastecimento do leite à população de São Paulo, o tipo C contribui com maior volume dentre os três tipos existentes, isto é, com mais de 700.000 litros diários. Dada a necessidade de tão grande volume, não é possível seja o leite produzido somente nos arredores da cidade, o que implica na obrigatoriedade do transporte da produção de lugares mais ou menos distantes. Assim, o transporte do leite das fontes de produção para o centro de consumo deve ser realizado no mais curto prazo possível, asseguradas as boas condições higiênicas dos continentes e veículos e a baixa temperatura recomendada para o produto.

No transporte, o meio mais adequado, senão o ideal, é constituído pelo carro-tanque rodoviário, que assegura todas as condições favoráveis à boa conservação do produto.

Atualmente, além dos carros-tanques, o transporte ainda é realizado por meio de latões de 50 litros de capacidade.



Associação Paulista de Criadores Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958.
33 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente:

Dr. João Laraya

Vice-Presidente:

Dr. Marcus Raphael Alves de Lima

1.º Secretário:

Dr. Severo Fagundes Gomes

2.º Secretário:

Dr. Gilberto Pires de Oliveira Dias

1.º Tesoureiro:

Dr. Carlos Amadeu de Arruda Botelho Filho

2.º Tesoureiro:

Dr. Paulo D. Murgel

CONSELHO CONSULTIVO

Elizeu Teixeira de Camargo

Dr. Lafayette Alvaro de S. Camargo

Dr. João de Moraes Barros

Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira

Dário Freire Meirelles

Dr. Luiz Glycerio de Freitas

Dr. Bernardo Gavião Monteiro

Dr. Geraldo Diniz Junqueira

Dr. Francisco Lourenço Cintra

Urbano Junqueira

SUPLENTE

Antonio Coelho Guimarães

Dr. Santo Lunardelli

Dr. José Luiz Leme Maciel Filho

Dr. Guido Malzoni

Hélio Moreira Salles

José Procópio Meirelles

Dr. Aloysio Ramalho Fóz

CONSELHO FISCAL

Dr. José Procópio do Amaral

Dr. Arthur Monteiro Neves

Dr. Rocio de Castro Prado

SUPLENTE

Dr. Antonio Caio da Silva Ramos

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho

Dr. Cândido Monteiro Diniz Junqueira

GERÊNCIA

Gerente Técnico:

Dr. Otto de Mello

Gerente Administrativo:

Luiz Lewi

Gerente Comercial:

Virgílio de Almeida Penna

TÉCNICOS

Serviço de Controle Leiteiro:

Dr. Fuad Naufel

Registro Genealógico:

Dr. Celso de Souza Meirelles

Avicultura:

Dr. Henrique F. Raimo

Assistência Veterinária:

Dr. Walter C. Battiston

REVISTA DOS CRIADORES

embora em pequena escala. Isso acontece atualmente, porém, antes deste estágio do desenvolvimento do transporte do leite, além do uso total de latões, estes eram transportados quase que inteiramente por estrada de ferro. Nestas condições, o produto estava à mercê de horários das companhias e, o que é pior, aos eventuais atrasos, que eram muito comuns. O progresso no sentido de ser o transporte realizado por estrada de rodagem, que é muito mais rápido, seja o produto acondicionado em latões ou carro-tanque, é absoluto. Verificamos isso, no quadro I.

I — DESENVOLVIMENTO DO TRANSPORTE DO LEITE CRU, REFRIGERADO, DOS CENTROS DE PRODUÇÃO PARA A CAPITAL, NO PERÍODO DE 1950 A 1961 (1.º SEMESTRE)

Ano	Transporte	
	Estrada de ferro %	Estrada de rodagem %
1950	97,02	2,98
1951	91,61	9,39
1952	89,02	10,96
1953	75,54	24,46
1954	52,35	47,65
1955	33,71	66,29
1956	17,70	82,30
1957	12,62	87,38
1958	7,97	92,03
1959	5,10	94,90
1960	1,11	98,89
1961 (1.º Sem.)	0,00	100,00

Fonte: DPA, D-4, S.42.

Revelam os dados acima que, até 1950, praticamente quase todo o leite, ou 97,02%, eram transportados por ferrovia, em vagões comuns, de modo precário quanto às condições higiênicas e à rapidez, enquanto apenas 2,98% pelas rodovias. Uma completa inversão nas vias de transporte já se verifica em 1959, quando apenas 5,10% utilizavam a ferrovia; em 1960, observa-se que tão somente 1,11% eram transportados por ferrovia, devendo-se ressaltar, no entanto, que já no primeiro semestre deste ano, 100% o eram por rodovia. Desde então, o transporte por ferrovia tem sido abolido totalmente, mantendo-se essa situação até a presente data.

É inegável que muito contribuiu para isso o desenvolvimento da rede rodoviária do Estado, depois que modernas estradas foram abertas, pavimentadas e conservadas, possibilitando o transporte durante as 24 horas de todos os dias, durante o ano todo, sob quaisquer condições atmosféricas. Todavia, o maior benefício que ao transporte do leite proporcionaram as estradas pavimentadas foi o terem ensejado o emprêgo de carros-tanques rodoviários. Constituem estes a mais indicada e a melhor maneira de transportar um produto de composição tão delicada e tão sujeito a alterações como é o leite, se não houver rapidez e condições adequadas. Nesse sentido os carros-tanque são o máximo que se pode empregar, nas condições do nosso meio.

O emprêgo do carro-tanque no transporte do leite cru destinado à pasteurização na Capital teve início há cerca de seis anos pelas usinas interessadas. Com o incentivo e o apoio do D.P.A., esse processo vêm-se desenvolvendo cada vez mais, com a aquisição e colocação em uso de novos veículos desse tipo. Até fins do ano de 1955, todo o leite era acondicionado em latões de 50 litros e assim transportado a despeito de grande parte já vir por estrada de rodagem (66,29%). No ano de 1958, cerca de 54% do leite vindo do Interior já era transportado por carros-tanque. O progresso nesse sentido foi paulatino, porém, certo, como podemos observar no quadro II. Esses dados ressaltam o efetivo progresso no desenvolvimento do emprêgo do carro-tanque no transporte do leite. Assim, como foi revelado anteriormente, se no ano de 1958 cerca de 54% do leite já eram transportados para a Capital em carro-tanque, em 1959, o transporte atingia a 76,6%, em 1960, já 80,97% e, no corrente ano, no 1.º semestre, 81,70%. Entretanto, verifica-se que essa média do 1.º semestre foi de muito ultrapassada ainda no último mês, o de Junho, que mostrou 87,62% de leite transportados em carro-tanque.

MARÇO DE 1962



A. P. V. do Brasil S/A

Indústria e Comércio
C.R.E.A. 2392

Tudo para Laticínios

São Paulo (zona 3)

Rua da Consolação, 65 - 9.º andar - conj. 93/94

- Tel. 35-9107

Telegramas: BRANACLASTIC - São Paulo

Caixa Postal 7269

SÃO PAULO - BRASIL

**Cooperativa de Laticínios
de Rio Claro Ltda.**

Fundada em 28-10-39

REGISTRADA NO S.E.R. E D.A.C. SOB

NS. 817 E 124

AVENIDA 5 N.º 567 — TEL 1-0-7

Rio Claro — Est. de São Paulo

II — PORCENTAGENS MÉDIAS DO VOLUME DO LEITE CRU E REFRIGERADO, TRANSPORTADO PARA A CAPITAL POR DIVERSOS MEIOS EM 1959, 1960 E 1961 (1.º SEMESTRE)

A n o s	R o d o v i a			Ferrovia		Total em latões
	Carro-tanque	Latões	Total	Latões	%	
1959	%	%	%	%	%	
1.º semestre	74,75	20,15	94,90	5,10		25,25
2.º semestre	78,59	16,31	94,90	5,10		21,41
Total de 1959	76,67	18,23	94,90	5,10		23,33
1960						
1.º semestre	82,22	15,55	97,77	2,23		17,78
2.º semestre	79,71	20,29	100,00	0,00		20,29
Total de 1960	80,97	17,92	98,89	1,11		19,02
1961						
1.º semestre (junho)	81,70	18,30	100,00	0,00		18,30
	87,62	12,38	100,00	0,00		12,38

Fonte: D.P.A. — S.42.

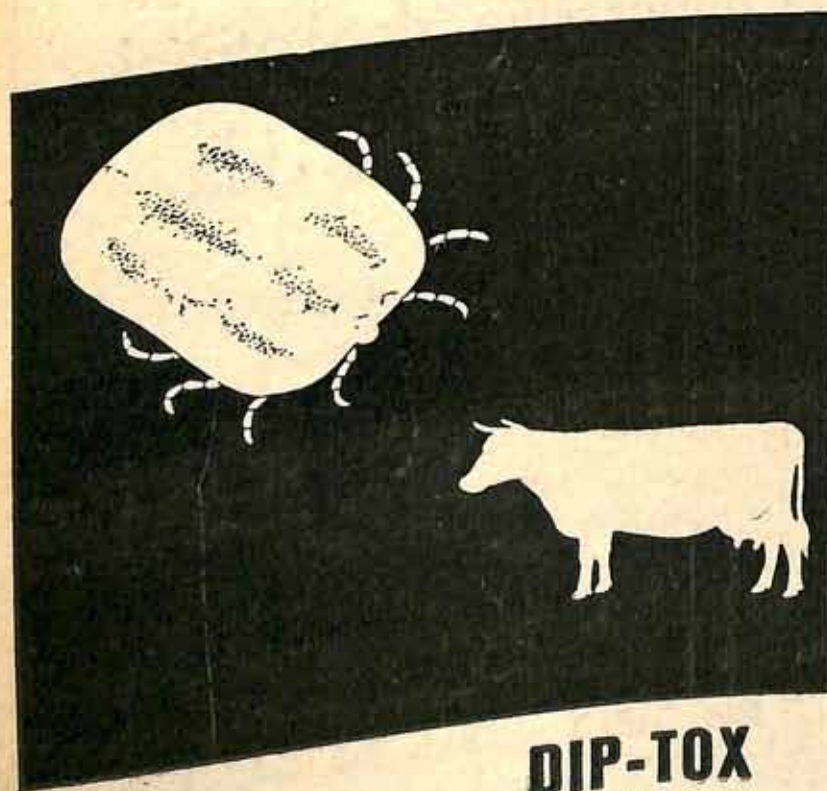
III — NÚMERO E CAPACIDADE DOS CARROS-TANQUE EM USO PELAS USINAS DA CAPITAL PARA O TRANSPORTE DE LEITE CRU E REFRIGERADO, DE 1957 A 1961 (1.º SEMESTRE)

ANOS	ESTABELECIMENTOS								Totais gerais	
	A		B		C		D		N.º de carros	Capacidade
	N.º de carros	Capacidade	N.º de carros	Capacidade	N.º de carros	Capacidade	N.º de carros	Capacidade		
1957	7	112.000	—	—	10	156.285	—	—	17	268.285
1958	12	180.000	—	—	10	156.285	—	—	22	336.285
1959	27	361.500	5	81.828	16	240.037	—	—	48	683.365
1960	27	361.500	7	102.528	22	294.872	—	—	56	758.900
1961	29	393.500	7	102.528	24	315.587	7	70.600	67	882.215

Fonte: D.P.A. — S.42.

BANHE O GADO

MENOS VÊZES



DIP-TOX

24-72
ELENCO

Tudo indica que a tendência é atingirmos cerca de 100% do emprego de carros-tanque, dispensando quase inteiramente o emprego de latões, o que talvez se verifique em futuro não remoto.

O desenvolvimento do emprego do carro-tanque, evidentemente, só foi possível pela aquisição progressiva de mais unidades, o que se intensificou a partir de 1959, a despeito de se ter iniciado em 1955. O quadro III revela o número de carros-tanque em uso pelos estabelecimentos interessados, bem como a respectiva capacidade desde 1957 até a presente data.

Verdadeiramente, houve intensificação do emprego de carros-tanque a partir de 1959, quando já existiam 48 unidades, com uma capacidade total de 683.365 litros. Em 1960, verifica-se a existência de 56 carros-tanque, com a capacidade de 758.900 litros e, no primeiro semestre de 1961 passou para 67 unidades, com a capacidade total de 882.215 litros.

Apesar de ultrapassar esta capacidade o volume total de leite recebido cru e refrigerado, diariamente na Capital, ainda não é suficiente para transportá-lo inteiramente por esse meio, porque algumas fontes necessitam dois carros-tanque, para dias alternados. É que não há tempo de voltar o mesmo veículo todos os dias. Mesmo assim, em Junho de 1961, tanto quanto 87,62% do transporte de leite cru e refrigerado para a Capital foram realizados por carros-tanque (Quadro II). A capacidade unitária dos veículos-tanque é variável: os menores são de 5.500 litros e os maiores de 20.000. Os mais comuns os de 18.000 litros. Em geral, estes maiores são divididos em duas ou três seções estanques, com entrada e saída próprias.

Vantagens do carro-tanque

No problema do transporte do leite devem-se considerar três aspectos fundamentais:

- 1.º) menor duração do transporte e das manipulações;
- 2.º) conservação da baixa temperatura inicial de refrigeração;
- 3.º) ausência de contaminações.

Esses três aspectos são não somente de ordem higiênico-sanitária do produto, mas também de ordem econômica. E, no transporte do leite dos centros de produção para os centros de consumo, como a Capital, os carros-tanque são os mais indicados e preenchem favoravelmente todas aquelas condições.

Tratando-se de um produto básico da alimentação humana e, ainda mais, de fácil alteração, não se pode descuidar de preservá-lo em qualquer tempo ou fase de manipulação, devendo os aspectos higiênico-sanitários sobrepor-se aos econômicos. Contudo, quando se considera o transporte, ambos os aspectos são vantajosamente atendidos pelo carro-tanque.

a) Aspectos higiênico-sanitários

Os aspectos higiênicos dizem respeito, fundamentalmente, à conservação e preservação do produto. Para isso, concorrem

REVISTA DOS CRIADORES

os carros-tanque com as seguintes vantagens, comparativamente aos antigos latões de 50 litros de capacidade, sempre levando em conta os fatores decisivos e essenciais: higiene, tempo e temperatura.

1) Os carros-tanques são de mais fácil limpeza, cuja eficiência é favorecida pela sua superfície, muito menor que a oferecida pelos numerosos latões que seriam necessários para igual volume. Construídos de aço inoxidável, este material oferece melhores condições de rigorosa limpeza do que os latões comuns de ferro estanhado.

2) Evitam o inconveniente verificado nos latões, nos quais, às vezes, as tampas não são bem ajustadas, acarretando o extravasamento do produto, com prejuízo da higiene.

3) Pelo mesmo motivo, com a trepidação do transporte e consequente sacolejamento do leite, há formação de pequenos grumos de gordura, que podem infiltrar-se entre as paredes da tampa e do gargalo do latão, o que é evitado nos carros-tanque.

4) Os carros-tanque reduzem as possibilidades de contaminação pela diminuição das múltiplas operações manuais de carga e descarga do produto.

5) Uma das mais significativas vantagens do carro-tanque é a melhor conservação do produto pela melhor manutenção da temperatura a que foi refrigerado (5°C) nos postos do Interior. Além de serem fabricados de aço inoxidável internamente, os carros-tanque são isotérmicos, o que é um fator importante para a manutenção do frio. Ademais, há outro fator ponderável, que é o grande volume em um continente de relativa superfície de irradiação térmica, o que não acontece quando o leite é contido em latões de 50 litros. Significativos são os dados da temperatura média do leite cru ao chegar à cidade de São Paulo, segundo o tipo do vaso-lhame:

Latões comuns	14° C.
Carros-tanque	7° C.

Evidentemente, a menor perda do frio inicial, quando do transporte em carros-tanque, terá a mais decidida influência na conservação do leite, evitando fermentações e, em consequência, maior teor de acidez, de funestos resultados.

b) Aspectos econômicos

Além das vantagens de ordem higiênico-sanitária, há a considerar ainda, as econômicas, que são igualmente importantes quando conjugadas com aquelas.

1) O custo da operação com os carros-tanques é menor, pois demanda menos mão de obra, isto é, menos homens para realizá-la. Isto é mais flagrante nas operações de carga e descarga, nas quais não é necessário mais que um homem, ao passo que nas operações com latões devem ser empregados vários homens.

2) O mesmo se observa na operação de limpeza que igualmente requer apenas um trabalhador, ao passo que, para a higienização de latões, há necessidade de diversos. Ademais, para os latões, deve ser utilizada uma máquina especialmente destinada à sua higienização, o que requer maiores gastos, com suprimento abundante de água fria, água quente e vapor. O tempo consumido na higienização de um carro-tanque é muito menor do que o dispensado a um número de latões correspondente ao volume de um carro-tanque. Basta lembrar que há necessidade de 360 latões para o transporte de um volume de leite contido em um carro-tanque de 18.000 litros de capacidade.

3) O transporte do leite, em carro-tanque ou em latão, exige refrigeração, como já foi observado. Entretanto, quando do emprego de latões, ainda há a necessidade de abastecimento de pedras de gelo no veículo, para prevenir perda do frio, constituindo isto mais uma fonte de despesas.

4) Ainda, um fator importante, favorável ao emprego do carro-tanque é a «quebra» do leite. No transporte e nas

LABORATÓRIO PAULISTA DE BIOLOGIA S. A.



Rua Maria Cândida, 1549 - Cx. Postal, 8086 - Telefone 3-8557

S. PAULO — BRASIL

"A MARCA DE TRADIÇÃO"

PRODUTOS PARA USO VETERINÁRIO CYTOSAN VETERINÁRIO

Anti-Anêmico estimulante Cx. com 6 amps. 10 cm3

Cx. com 50 amps. 10 cm3

FERROHEPATINA VETERINÁRIA

Tônico Hepático Cx. com 6 amps. 10 cm3

Cx. com 50 amps. 10 cm3

LENISARN

Elimina com rara eficácia sarnas em pequenos e grandes animais Vidro de 60 cm3

VITAMINA B1 (1 g)

Cx. com 6 amps. 10 cm3

Cx. com 50 amps. 10 cm3

VITAMINA C (4 g)

Cx. com 1 amp. 20 cm3

Cx. com 25 amps. 20 cm3

Cx. com 50 amps. 20 cm3

TURFITONE

Tônico estimulante Cx. com 5 amps. 20 cm3

Cx. com 25 amps. 20 cm3

E mais uma especializada linha de produtos diversos e oficinais.

operações de carga e descarga dos latões, em geral, há uma perda do produto por extravasamento, que pode atingir a mais de 1% do volume. Contudo, com os carros-tanque essa «quebra», embora não inteiramente evitada, não vai além de 0,1%.

Pelo exposto, verificamos as conveniências do emprego do carro-tanque no transporte do leite cru e refrigeração dos postos do Interior para o centro de consumo. Crêmos que não menor conveniência haveria, se semelhante sistema fosse empregado na coleta do leite nas fontes de produção para o seu transporte para aos postos, ressalvadas as características e condições peculiares. É um assunto aberto e que merece consideração e estudos.

CALÇAS ESPORTIVAS

Para passear no campo, pescar, cavalgar, escolha sua calça no imenso sortimento de calças da Casa José Silva. Todos os tipos, desde ranchieiras até confecções de luxo. Tudo moderno, funcional em tecidos de boa qualidade. Os preços são ótimos e o pagamento facilitado. Rua São Bento, 51 e filiais — São Paulo.

SOCIEDADE DE LATICÍNIOS DOMÍNIO LTDA.

Rua dr. Almeida Lima, 239 - Fones: 93-2936 e 93-2730

Caixa Postal 4958

Endereço Telegráfico "DOMÍNIO" - SÃO PAULO

lugar

Manteiga

**LATICÍNIOS
PIRACICABA LTDA.**

Rua 15 de Novembro, 1316
Fone 4095 — Inscrição 544

MATRIZ

PIRACICABA - Estado de
São Paulo

FILIAL

CONCHAS - Inscrição 553

**SOCIEDADE
BAURUENSE DE
LATICÍNIOS LTDA.**

Sob inspeção e assistência técnica
permanente

Rua Araujo Leite, 7-31

Caixa Postal 179 - Telefone 1-5-4

BAURÚ — Est. São Paulo

Produtos: Leite pasteurizado
Manteiga "Nivea"
Crema de leite "Primor"
Indústria de Caseína

**LATICÍNIOS VALE DO
PARANAPANEMA LTDA.**

Posto de refrigeração de leite

Rua Quintino Bocaiuva, s/n.º
OSCAR BRESSANE — Estado
de São Paulo

**LATICÍNIOS
ITATINGA LTDA.**

Posto de refrigeração de leite

Rua São Pedro, 695
Fone 103 — ITATINGA
Estado de São Paulo

**PASTEURIZAÇÃO
MARILIENSE LTDA.**

PRODUTOS IPORAN

Queijos — Leite — Manteiga — Gêlo
— Caseína

Usina de beneficiamento de leite

Rua José Anchieta, 333 — Caixa
Postal 333 — Fone 3138 —
MARILIA — Inscrição 935

Fábrica de Laticínios

Rua Sarg.º Ananias de Oliveira,
792 — Fone 7157 — MARILIA

**SOCIEDADE
BROTENSE DE
LATICÍNIOS LTDA.**

Av. Mario Pinotti, 680
Fone 64
BROTAS

**LATICÍNIOS
IACANGA LTDA.**

Posto de refrigeração de leite

Rua 21 de Abril
IACANGA

**LATICÍNIOS ALTA
PAULISTA LTDA.**

Posto de refrigeração de leite

Avenida Tamandaré, 809 —
Caixa Postal 99
HERCULÂNDIA — C.P.

**LATICÍNIOS
ADAMANTINA LTDA.**

Posto de refrigeração de leite

Rua Oswaldo Cruz, 394
ADAMANTINA — Estado de
São Paulo

Qualidade das manteigas fabricadas e consumidas no Estado de São Paulo

F. A. ROGICK
D.P.A. São Paulo

As manteigas fabricadas em São Paulo já superaram os "Padrões Microbiológicos Provisórios", no que diz respeito às leveduras e aos bolores. A situação dos coliformes praticamente não mudou. No entanto, muito ainda se tem que fazer. De maneira geral, é preciso que a tecnologia, a inspeção, o controle sanitário e os fabricantes trabalhem em mais estreita colaboração, a fim de que unidos concorram, para o melhoramento das manteigas paulistas.

Existem no comércio do Estado de São Paulo três qualidades de manteigas de mesa: a extra, a de primeira qualidade e a comum. De acordo com o Art. 559 do Regulamento em vigor, as manteigas extra e de primeira qualidade devem ser obrigatoriamente elaboradas de cremes pasteurizados ao passo que, para a manteiga comum, não se exige pasteurização.

Em trabalho recente, Rogick e Dias (*), funcionários do Controle Sanitário do Departamento da Produção Animal, procuraram conhecer quais as condições tecnológicas e sanitárias das manteigas sem sal consumidas em São Paulo. A classificação desse derivado do leite foi feita exclusivamente de acordo com o rótulo da embalagem, sem se ter procurado saber se realmente as manteigas preenchiam as exigências regulamentares quanto a tecnologia.

A pesquisa dá uma visão geral do estado higienico-sanitário do produto comercializado, mostrando exames-colimetria, conta-

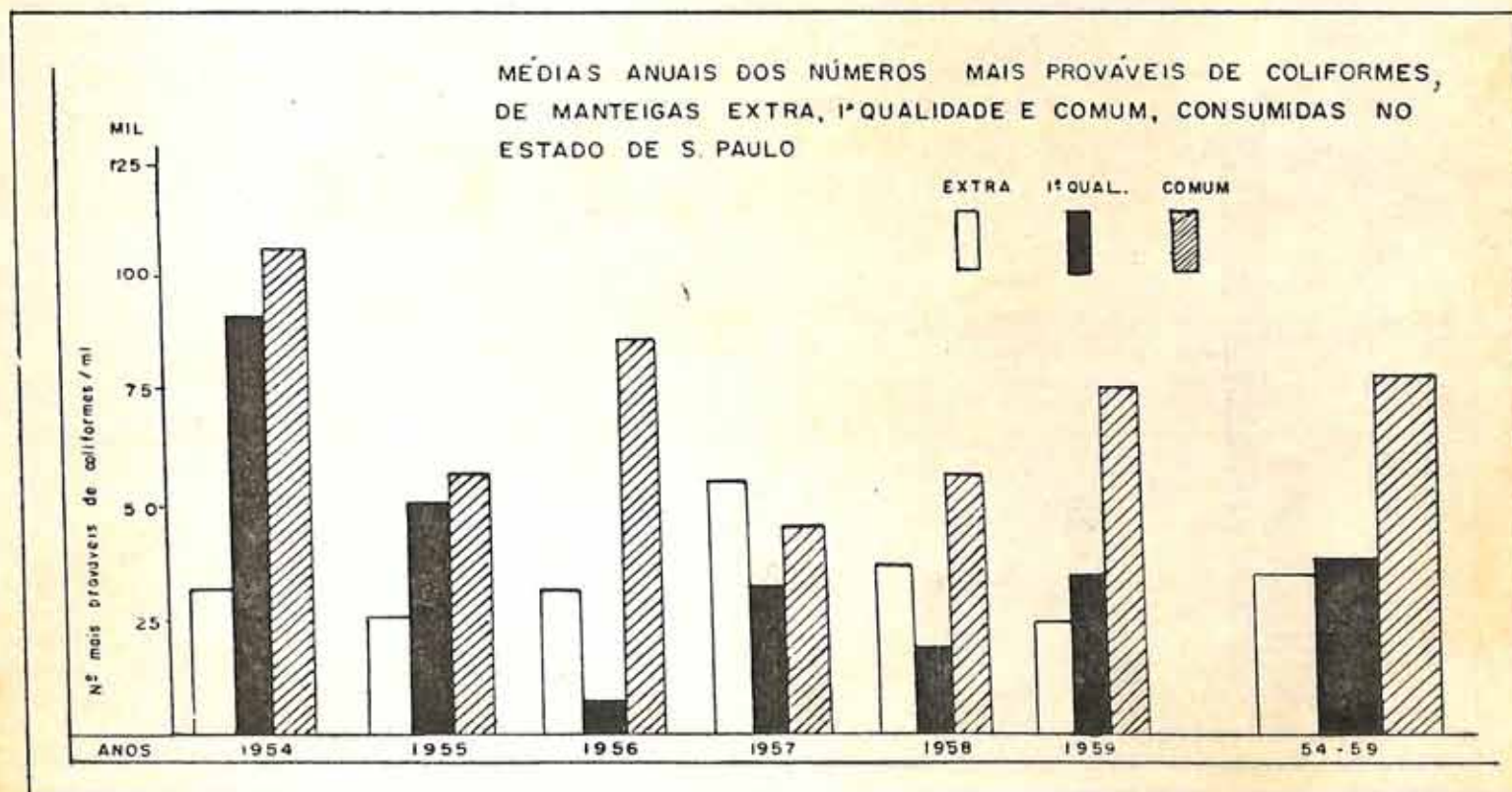
gens de bolores e leveduras, assim como a situação da microbiologia das manteigas desde 1954.

As amostras de manteigas (um quarto de quilo) foram apanhadas nos frigoríficos dos estabelecimentos, no momento em que o produto ia ser distribuído para o consumo. Devidamente empacotada e rotulada, era a manteiga imediatamente levada ao laboratório e, até o início dos exames, permanecia à temperatura de menos 5°C. De 1954 a 1959, foram examinadas 1196 amostras de manteigas: 360 «extras», 366 de «1.ª qualidade» e 470 «comum».

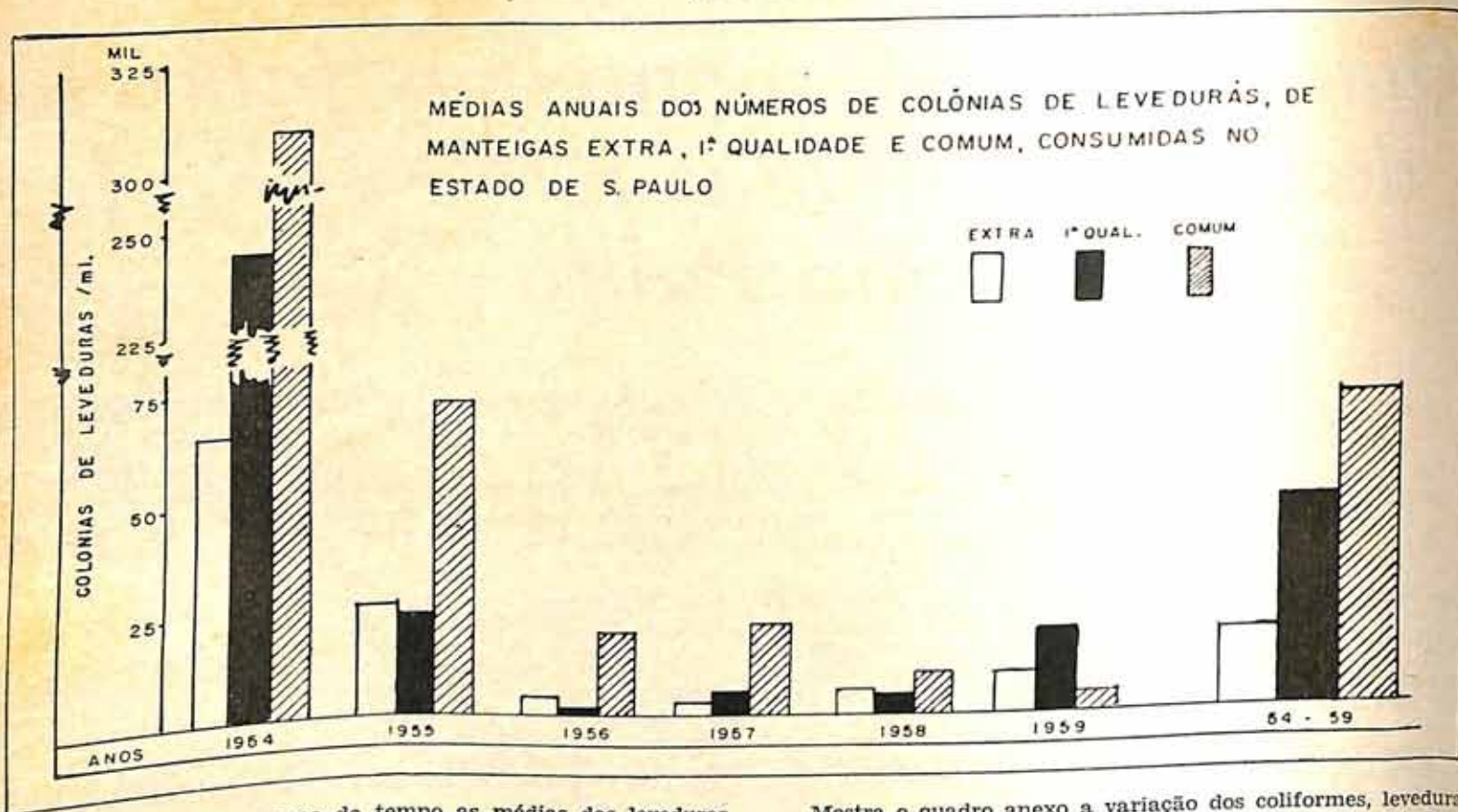
ESTADO MICROBIOLÓGICO DAS MANTEIGAS

Os mais prováveis números de coliformes por ml de manteiga, durante os anos de 1954 a 1959, foram em média 34.041 coliformes por ml de manteiga extra; 37.594 para a de 1.ª qualidade e 72.000 para a comum.

QUADRO I



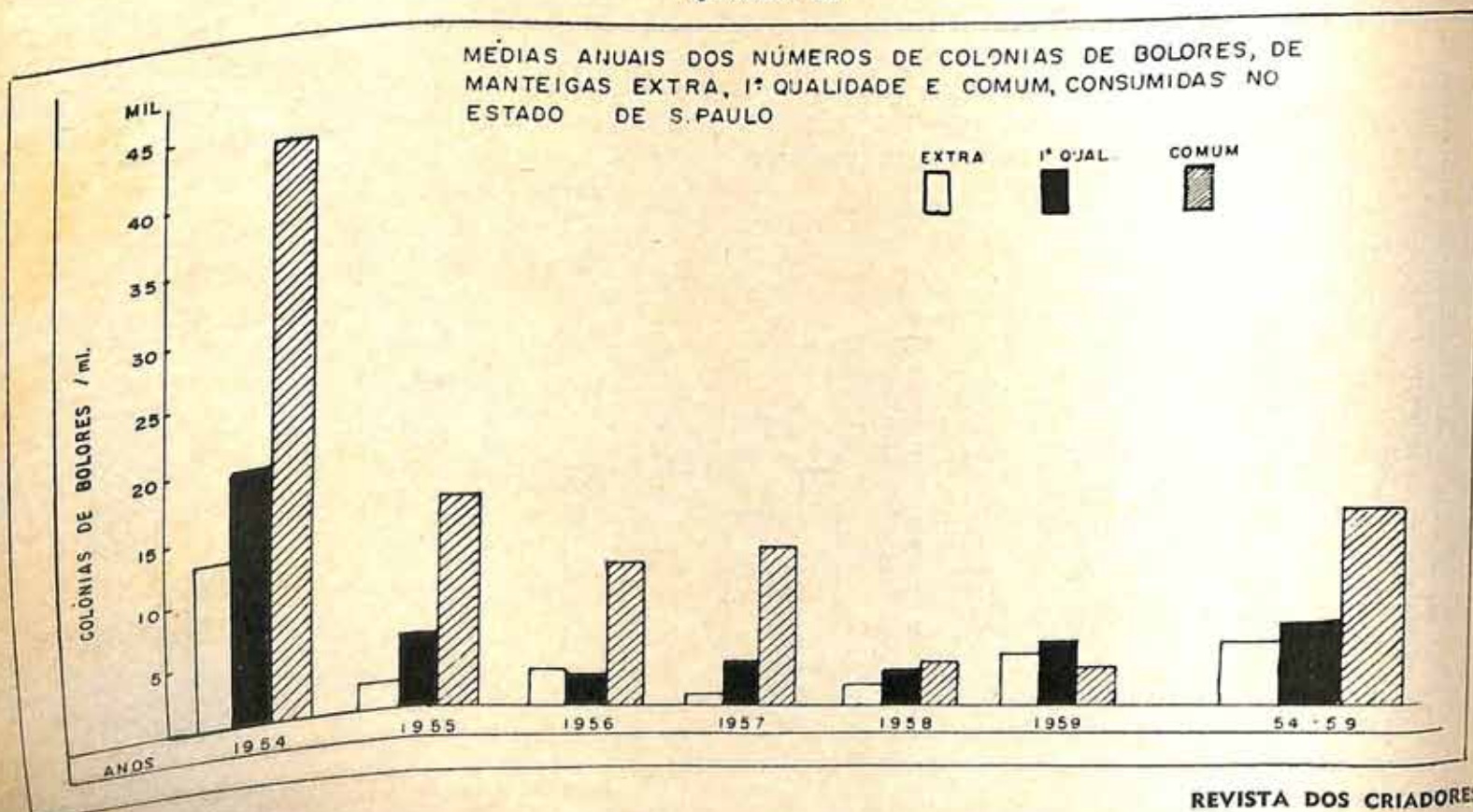
QUADRO II



Durante o mesmo espaço de tempo as médias das leveduras foram respectivamente de 18.315, 49.636 e 72.642 colônias por ml. Quanto a bolores, o número de colônias por ml de manteiga foi em média 3.930 para a extra, 6.226 para a de 1ª qualidade e 14.986 para a comum

Mostra o quadro anexo a variação dos coliformes, leveduras e bolores das três qualidades de manteiga. Os gráficos 1, 2 e 3 representam as médias dos resultados de cada ano e as médias gerais dos exames de 1954 a 1959, dando uma visão de conjunto do assunto.

QUADRO III



MICROORGANISMOS E QUALIDADE DE MANTEIGA

A manteiga de boa qualidade contém normalmente microorganismos que lhe dão sabor e odor agradáveis. São as bactérias que constituem a «cultura lática» ou «fermento». O fermento («starter» dos povos de língua inglesa) é preparado adicionando-se estreptococos lácticos selecionados ao leite. Este depois de certo tempo se coagula. Essa «coalhada» ou «fermento» é adicionada ao creme para que se inicie a acidificação. O fenômeno comumente chamado de «maturação do creme». O creme maturado, adquirindo consistência, sabor e odor próprios, é resfriado e levado para a batadeira, para ser transformado em manteiga.

As bactérias do gênero «Streptococcus» e «Leuconostoc», geralmente chamadas estreptococos lácticos, são microorganismos úteis à tecnologia das manteigas. Existem, no entanto, microorganismos prejudiciais à fabricação e conservação das manteigas. Entre eles, citam-se os coliformes, as leveduras e os bolores.

Esses micróbios refletem o grau de cuidado da tecnologia da manteiga: desnatado do leite, pasteurização do creme, batida, lavagem, espremedura e acondicionamento do produto. Qualquer descuido em uma dessas fases aumenta o número dos coliformes, das leveduras e dos bolores. Estes são, pois, microorganismos nocivos à tecnologia do derivado do leite e influem desfavoravelmente na conservação e qualidade do produto. Sua verificação na rotina dos laboratórios dá uma idéia segura da fabricação, qualidade e possibilidades de conservação da manteiga. Quanto maior o número desses organismos, pior a qualidade da manteiga, considerada especialmente do ponto de vista higiênico-sanitário.

COLIFORMES, LEVEDURAS E BOLORES: MICROORGANISMOS NOCIVOS. ÍNDICE DE CONTRÔLE SANITÁRIO DA MANTEIGA

A presença e o desenvolvimento dos coliformes, das leveduras e bolores na manteiga são geralmente influenciados pela acidez, pelo sal, pela temperatura, pelo tempo e pela pasteurização do creme. Além desses cinco importantes fatores, outros também influem bastante na microbiologia das manteigas, especialmente os relacionados com a tecnologia do produto: batida do creme, qualidade da água, lavagem da manteiga, etc.

Desde que a pasteurização adequada do creme destrói os coliformes, leveduras e bolores, a presença desses microorganismos na manteiga indica falha no aquecimento ou contaminação posterior.

Muito embora o RIISPOA, o regulamento brasileiro, não fixe o número de microorganismos por ml, o Departamento da Produção Animal vem, desde há anos, adotando como padrão para as manteigas extra e de 1.ª qualidade o seguinte critério:

Leveduras: até 100.000 colônias/ml

Bolores: até 30.000 colônias/ml

Coliformes: presença em diluição até 1/10.000

Mostram os resultados das pesquisas de Rogick e Dias que as manteigas fabricadas no Estado de São Paulo, embora dentro de uma tecnologia mais ou menos aceitável e de uma inspeção mais ou menos recomendável, muito ainda têm que melhorar. Os fabricantes deveriam dar maior colaboração aos poderes governamentais, seguindo com mais atenção as recomendações feitas pelos técnicos do DPA.

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MICROORGANISMOS DO LEITE DE 1954 A 1960

Manteigas	Contagens de			
	Anos	Coliformes	Leveduras	Bolores
Extra	1954	31.859	65.759	13.051
	1955	23.824	25.414	1.891
	1956	31.734	4.487	2.556
	1957	55.003	3.058	743
	1958	36.833	5.077	1.577
	1959	26.993	6.085	3.767
1.ª qualidade	1954	81.008	243.069	19.434
	1955	50.292	23.029	5.257
	1956	7.777	2.592	2.315
	1957	32.979	5.059	3.531
	1958	18.644	4.308	2.440
	1959	34.869	19.760	4.380
Comum	1954	111.435	308.864	44.562
	1955	57.764	73.997	16.197
	1956	86.662	19.801	11.417
	1957	44.920	21.584	12.503
	1958	56.195	7.393	2.806
	1959	75.025	4.260	2.431

Água em abundância...

com o

Carneiro hidráulico

“MARUMBY”

Talisman S.A.
COMERCIAL E IMPORTADORA



**FERRO - CIMENTO - CAL - CERÂMICA
TUBOS - CONEXÕES - AZULEJOS**

TORNEIRAS - REGISTROS - VÁLVULAS - MATERIAIS DE FERRO
FUNDIDO, DE CHUMBO E BRASILET - ARTIGOS SANITÁRIOS EM GERAL
CONJUNTOS PARA QUARTOS DE BANHO BRANCOS E DE CORES

RUA BARÃO DE DUPRAT, 574-584
TELEFONE: 34-5134

Telegramas: “TALISMAN”
CAIXA POSTAL 3894 - S. PAULO

O carneiro hidráulico funciona com a força da própria água que corre pelo cano. Esquema de instalação correta de um carneiro hidráulico. A pedido, fornecemos prospectos com todos os dados de instalação e tipo de carneiro, adequado para cada caso.



* Tecnologia e Contrôlo Sanitário das Manteigas. Trabalho apresentado à XV Conferência Anual de Medicina Veterinária, em setembro de 1960.

A "fome que não se vê" tem origem nas carências alimentares dos animais, em geral criados com pastagens e rações insuficientes e desequilibradas em minerais e vitaminas que os condenam à sub-produção e a perigosas moléstias. SIVAM, com uma tradição internacional em quatro países - Brasil, Itália, Bélgica e Espanha - há mais de 10 anos no Brasil e 32 anos na Europa, põe à sua disposição os melhores suplementos minerais e vitamínicos ora existentes, cientificamente elaborados e utilizando componentes rigorosamente de primeira. Decida entre uma criação antiquada, onerosa, e um rebanho sadio e altamente produtivo. - Vamos matar a "fome que não se vê"? - Vamos aumentar a produção, alimentando de verdade os animais? - E, mais do que tudo, **VAMOS GANHAR MAIS DINHEIRO?**

USE SAIS MINERAIS E VITAMINAS SIVAM

**PARA A
"FOME
QUE
NÃO
SE
VÊ"...**



RENDIMENTO NA CRIAÇÃO
SIVAM NA ALIMENTAÇÃO



SIVAM

COMPANHIA DE PRODUTOS PARA FOMENTO AGRO-PECUÁRIO
R. 7 de Abril, 105 - Tel. 35-7237 - Caixa Postal 9054 - End. Telegr. ZOOPRODUTOS - São Paulo

**SIVAM
FABRICA**

PARA TODOS OS ANIMAIS: ① OLEOSTAR SIVAM • **PARA BOVINOS E OVINOS:** ② SAIS MINERAIS IODADOS, tipo Extra B SIVAM. ③ OLIGOSIVAM. ④ RÔLO STAR SIVAM. ⑤ RÔLO FOSFO-CÁLCIO-FERRO-IODADO SIVAM. ⑥ BOVISTAR SIVAM • **PARA SUÍNOS:** ⑦ SAIS MINERAIS IODADOS SIVAM, tipo Extra M. ⑧ SAIS MINERAIS VITAMINIZADOS, tipo M Star SIVAM. ⑨ SUISTAR SIVAM • **PARA AVES:** ⑩ SAIS MINERAIS IODADOS, tipo Extra G SIVAM. ⑪ SAIS MINERAIS VITAMINIZADOS SIVAM G STAR. ⑫ AVISTAR SIVAM • **PARA EQUINOS:** ⑬ SAIS MINERAIS IODADOS SIVAM, tipo Extra B ⑭ EQUISTAR SIVAM.

O QUEIJO COMO FONTE DE PROTEÍNA

OSVALDO D. SOLDADO
Med. Vet.

As maiores autoridades são concordes no atribuir aos produtos de origem animal qualidades alimentícias básicas necessárias ao perfeito equilíbrio biológico e orgânico do ser humano. Unanimemente prescrevem, como alimento ideal dentre esses produtos, o leite e seus derivados, por conterem gorduras, proteínas, hidratos de carbono, sais minerais, vitaminas e outros elementos de real valor na dieta humana.

As proteínas lácteas contêm todos os amino-ácidos imprescindíveis a uma completa ração alimentar, razão pela qual podem ser colocadas comparativamente em primeiro plano com os demais alimentos de origem animal ou vegetal. Neste particular, segundo Heupke, em «Métodos Analíticos de Laboratório Lactológico y Microbiológico de las Industrias Lácteas», podem-se admitir para as diversas proteínas animais e vegetais os seguintes valores biológicos:

leite	100
carne	90
batata	80
trigo	50
feijão e ervilha	25

Lógicamente, os derivados do leite, que possuem maiores concentrações protéicas, corrigem com vantagem as deficiências de proteína do regime alimentar.

Contendo o leite fluido, 3,3 por cento de proteína, 3,5 a 4 por cento de gordura, 4,7 a 5 por cento de lactose, 0,12 por cento de cálcio, 0,10 por cento de fósforo e outros componentes minerais, esses elementos estão presentes dez vezes mais nos seus derivados, principalmente nos queijos.

QUE É QUEIJO?

Para melhor elucidação do tema deste trabalho, qual seja o «queijo como fonte de proteína», mistér se torna defini-lo. Segundo o Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos Alimentícios de Origem Animal, entende-se por

«queijo», o produto obtido do leite integral, padronizado ou desnatado, coagulado natural ou artificialmente, adicionado ou não de substâncias permitidas e submetido às manipulações necessárias para formação de características próprias.

São fabricados no Estado de São Paulo, de acordo com a moderna tecnologia caseária, cerca de vinte variedades de queijos. A elaboração destas variedades consiste na clássica coagulação do leite pela ação do coalho e do calor, dando em consequência uma precipitação caseínica de alta qualidade. A porção líquida eliminada após a coagulação é conhecida entre nós com a denominação de «soro verde de queijo».

A composição do queijo e seu valor nutritivo dependem exclusivamente da espécie e qualidade do leite utilizado e das condições em que a coalhada é precipitada e separada.

Nesta primeira fase tecnológica e nas demais manipulações, do ponto de vista biológico, perde-se, através do «soro verde», pequena fração de substâncias fundamentais, como a lactose (único glucídio lipotrópico do leite), a proteína solúvel do leite, (a lactalbumina e lactoglobulina) particularmente rica de lisina e de triptofano. Estes elementos, segundo Paci em «Il Mondo del Latte», são encontrados nos queijos na porcentagem de 0,02 por cento, em confronto com o existente no leite que é de 0,50 por cento. No entanto, essa ínfima perda é fartamente compensada pela proteína do queijo, representada nesse produto, em seu mais alto grau de pureza pela caseína, pois esta possui todos os amino-ácidos essenciais e indispensáveis à dieta humana.

Tomando como base a proteína total do ovo, observa-se, no nosso quadro, haver uma proporção equilibrada de caseína e lactalbumina, representada por uma perfeita integração de amino-ácidos essenciais, superiores aos da carne bovina. A lactalbumina pela sua maior riqueza de lisina, triptofano e treonina, compensa a relativa escassez destes três amino-ácidos na caseína. E estes elementos são encontrados no leite «in natura» e em nossa popular e substanciosa «ricota-fresca».

POLENGHI

O MÁXIMO EM QUEIJOS!

DESVIO PORCENTUAL DOS OITO AMINO-ÁCIDOS ESSENCIAIS DA CASEÍNA, DA LACTOALBUMINA E DA CARNE, EM CONFRONTO COM A PROTEÍNA TOTAL DO OVO. (Base). Segundo Mitchell, A. H. e Block, R. J.

Aminoácido indispensável	Caseína	Lactoalbumina	Carne bovina
Lisina	+ 10	+ 33	+ 12
Fenilamina	- 11	- 14	- 22
Triptofano	- 20	+ 67	- 13
Metionina	- 15	- 34	- 20
Treonina	= 16	+ 10	- 6
Leucina	+ 8	+ 13	= 16
Isoleucina	- 19	- 20	- 21
Valina	- 8	- 12	- 21

Além dos oito aminoácidos constantes da tabela de Mitchell e Block, são encontrados ainda na proteína do queijo, a cistina e tirozina.

VARIEDADES DE QUEIJOS E SEU VALOR PROTEICO

O consumidor do Estado de São Paulo conta com uma enorme variedade de queijos moles, semiduros e duros. Os mais preferidos são os seguintes:

a) Queijo «Minas»

O queijo «Minas» é uma variedade estritamente nacional, obtido de leite integral ou padronizado, pasteurizado, de massa crua, prensado ou não, suficientemente dessorado. Apresenta pasta macia amanteigada, textura homogênea e sabor levemente ácido, porém agradável ao paladar.

Análises de Rogick (Bol. Ind. Animal, 1945) no Departamento da Produção Animal, em cerca de mil amostras deste produto curado, consagraram-no como ótima fonte de proteína: 24,4 por cento. Recomenda-se, portanto, seu uso obrigatório na alimentação diária de nosso povo.

b) Queijo «Prato»

O queijo «Prato», semelhante ao Gouda holandês, é obtido de leite pasteurizado, de massa semi-cosida, prensada e maturado por vinte dias no mínimo. Tem grande aceitação por apresentar caracteres organolépticos, como suavidade e tendência ao adocicado e macio.

Segundo Rogick, em trabalho realizado em 1951, (Bol. Ind. Animal — 1951), foi esta variedade post-maturação considerada de grande valor alimentício proteico, por ter nela encontrado o autor 25 por cento desse precioso elemento.

c) Queijo tipo «Mussarella»

O queijo tipo «Mussarella» é obtido de leite cru ou pasteurizado, não prensado, entregue ao consumo até cinco dias após a fabricação. É grandemente utilizado pela população sob as mais variadas formas, atingindo seu consumo a cerca de 150 toneladas mensais. Isto se deve ao odor suave e o sabor salgado. Seu teor de proteína varia de 22 a 25 por cento.

d) Queijo tipo «Parmesão»

Obtido de leite cru ou pasteurizado de massa cosida, prensada, maturada no mínimo durante seis meses, este tipo de queijo, por suas características próprias, picantes e fortes, é muito apreciado, constituindo condimento imprescindível nos mais variados pratos da população do Estado de São Paulo. Sua adição ao macarrão é uma deliciosa e popular modalidade da culinária italiana, que encontra perfeita justificativa fisiológica, porque sua proteína, (cerca de 33 por cento) supre as deficiências biológicas daquele alimento.

e) Requeijão

Produto da fusão de creme de leite com massa de coalhada dessorada e lavada, apesar de não ser classificado como queijo pelo Regulamento vigente, na tecnologia de fabricação, quase nada difere dos de massa mole. Segundo Rogick (Bol. Ind. Animal) é constituído de apreciável quantidade de proteína, cerca de 20,5 por cento, sendo, portanto, necessário a uma perfeita e equilibrada dieta alimentar de doentes e convalescentes.

Variedades ricas de proteína que, como as demais, ocupam lugar de destaque no consumo, são: Provolone, Cácio-Cavalo, Bel Paeze, Ricota, Duplo-Creme, Quark, Pasteurizado fundido e etc.

Segundo Paci, a Escola Salernitana, há dez séculos, no «Regimen Sanitatis», considerado por Giovanni de Milão como a Bíblia da Saúde, refere o seguinte provérbio latino: «Aeternum vivet nostris qui vescitur caseis», isto é, «viverá eternamente aquele que come os nossos queijos». Se o queijo não faz viver eternamente, é na realidade um dos alimentos mais completos e substanciais de que dispõe o homem.

Não padece também qualquer dúvida que, além de ser considerado como altamente nutritivo, é muito mais facilmente digerível do que o leite donde provém. Esta digestibilidade é sensivelmente facilitada em alguns tipos, processando-se mais rapidamente nos de longa maturação proteolítica — Parmesão, Provolone, Ementhal, etc. — devido em grande parte à degradação da caseína e parcial saponificação da gordura.

Tratando-se de alimento altamente concentrado de proteínas, lipídeos e minerais, evidentemente, sua digestibilidade se processará mais facilmente em pessoas em bom estado de saúde.

Em nosso clima sub-tropical, considerada a alimentação normal do nosso povo, necessária se torna uma suplementação diária mínima de 180 gramas de queijo, sob qualquer das suas variadas formas, por possuírem valores energéticos e protetores de grande valia para o perfeito equilíbrio biológico e orgânico.

Magnífica fonte de proteína de alta qualidade, e contendo ainda outros elementos essenciais — cálcio, fósforo, matéria gorda e vitaminas — o queijo é efetivamente, do ponto de vista nutricional, o alimento ideal e salutar para a criança em idade escolar, para os adultos e para os velhos.

REVISTA DOS CRIADORES

ESTANCASANGUE

MIOZOL



EXCELENTE AUXILIAR NA PREVENÇÃO DO TETANO

- Faz parar a hemorragia desinfetando e evitando as bicheiras.
- Desinfeta o umbigo dos recém-nascidos, os cortes de castração, ou outras lesões de maneira técnica e prática.
- Combate as micoses, os eczemas e pruridos.

Indústrias Bio-Químicas MIOZOL Ltda.
 Fábrica: R. Aquidaban, 264 - ARAÇATUBA - N.O.B.
 Depósito: Rua Turiaçu, 1277 - SÃO PAULO

SEU PATRIMÔNIO
LHE CUSTOU
ESFÔRÇO E
TRABALHO

PROTEJA-O!



Aquilo que o Sr. levou anos e anos para construir com seu trabalho, **não está isento dos mais sérios imprevistos.**

A COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA — uma das mais sólidas organizações do gênero, está pronta para oferecer uma verdadeira proteção do seguro para o seu patrimônio.

CONHEÇA NOSSOS PLANOS DE SEGURO CONTRA INCÊNDIO DE:

- Máquinas de beneficiar café, arroz, amendoim, milho e outros cereais.
- Moinhos em geral.
- Usinas de algodão e açúcar.
- Armazens, tulhas e depósitos diversos.

PREVINA-SE HOJE CONTRA A INCERTEZA DO AMANHÃ! ESCRITÓRIOS À SUA DISPOSIÇÃO NO INTERIOR DO ESTADO DE S. PAULO:

SANTOS

Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar
s/s. 410/11/12 - Caixa Postal, 167

CAMPINAS

Rua Francisco Glicério, 957
6.º and. - Conj. 61 - C. Postal 831

MARÍLIA

Avenida Sampaio Vidal, 457 -
2.º andar - Caixa Postal, 373

RIBEIRÃO PRETO

Rua Américo Brasiliense, 395 - 2.º
andar s/s. 23/24 - Cx. Postal, 665

ARAÇATUBA

Rua Prudente de Moraes, 8 - 4.º
and. s/s. 407/08/09 - Cx. Post., 298

BAURU

Rua Batista de Carvalho, 3-27 -
4.º andar s/s. 6/8 - Cx. Postal, 114

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Rua Jorge Tibiriçá, 2967 - 3.º an-
dar s/s. 37/38 - Caixa Postal, 545

PRESIDENTE PRUDENTE

Rua Dr. José Foz, 523 - 2.º andar
s/s. 21/22 - Caixa Postal, 819

ARARAQUARA

Rua 9 de Julho, 598 - 1.º andar
s/ 22 - Caixa Postal, 364

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Praça Presidente Vargas, 198 -
Caixa Postal, 364

TAUBATÉ

Rua Bispo Rodovalho, 36 - 2.º an-
dar s/ 6 - Caixa Postal, 106



DIRETORIA:

José Ermirio de Moraes
Eudoro Libanio Villela
Antonio de Almeida Prado
Edgardo de Azevedo Soares JR.
Olavo Egydio Setuval

Antonio Ermirio de Moraes
José Adolpho da Silva Gordo
José Carlos de Moraes Abreu
Oswaldo Castro Santos

CIA. SEGURADORA BRASILEIRA

SÉDE: S. PAULO - R. Direita, 49 - C. Postal, 1.728 - End. Telegr.: "COSEBRÁS" - Tel.: 35-1121

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Inaugurada a fábrica de tratores da Massey-Ferguson do Brasil

A capacidade de produção da fábrica é de 400 tratores mensais — O índice de nacionalização já é de 70% — Palavras do secretário da Agricultura de São Paulo — Em Brasília, entregue à SUDENE o primeiro trator Massey-Ferguson brasileiro

A fábrica de tratores da Massey-Ferguson do Brasil S.A., instalada no Centro Industrial do Jaguaré (av. Engenheiro Billings, 2.299) iniciou a produção do trator Massey-Ferguson, brasileiro, modelo MF-50, equipado com motor Diesel-Perkins, também produzido no País. Trata-se de um empreendimento que conta com o concurso da Massey-Ferguson Ltd., de Toronto, Ca-

nadá, que congrega os grupos Massey-Ferguson e Perkins, e de várias organizações brasileiras, como a Vemag S.A., que contribui com o fornecimento de peças do trator e a ferramentaria especializada. A capacidade de produção da fábrica é de 400 tratores mensais, já com o índice de 70% de nacionalização, estando prevista a próxima ampliação das instalações industriais.

Ao ato de inauguração estiveram presentes os srs. José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura e representante do governador Carvalho Pinto; almirante Lúcio Meira, presidente do GEIA e do GEIMAR; Celso Furtado, superintendente da SUDENE, Caminha Filho, representante



Aspecto da inauguração da fábrica de tratores da Massey-Ferguson do Brasil, vendo-se, da direita para a esquerda, os srs. José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura; almirante Lúcio Meira, presidente do GEIMAR; deputado Cunha Bueno e Albert A. Thornbrough, presidente da Massey-Ferguson Ltd.

do ministro da Agricultura; cel. Alves Martins, representante do ministro da Guerra; José Edgard Pereira Barreto, vice-presidente da Cia. Paulista de Estradas de Ferro; Albert A. Thornbrough, presidente da Massey-Ferguson Ltd., e John Belth, H. Kettle, J. H. Shiner, K. C. Tiffany e H. A. Wallace, diretores dessa organização; M. I. Prichard, diretor-superintendente, e K. Woolf, diretor da F. Perkins Ltd., da Inglaterra; Léllo de Toledo Piza, José Pereira Fernandes e Mancel Garcia Filho, diretores da Vemag S.A. e outros.

Discursando na ocasião, o sr. John E. Williams, diretor-geral da Massey-Ferguson do Brasil, salientou que a motomecanização das operações da lavoura, desde o preparo do solo até a colheita, é indispensável para o maior progresso da agricultura, e encareceu a importância das providências adotadas pelo governo brasileiro para incentivar a implantação da indústria nacional de tratores, que hoje é uma auspiciosa realidade.

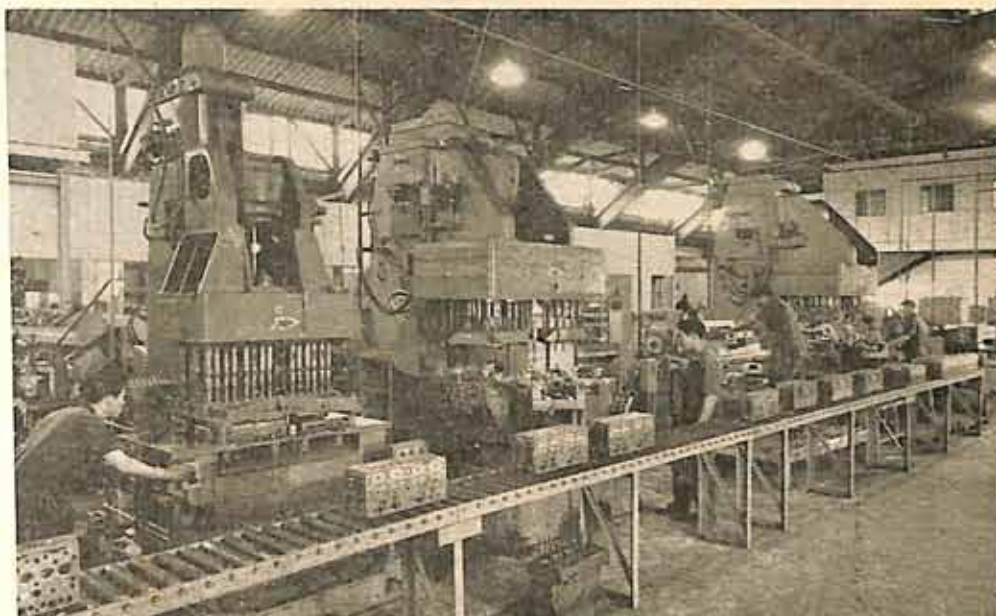
O almirante Lúcio Meira, presidente do GEIA e do GEIMAR, manifestando sua satisfação pela inauguração da fábrica da Massey-Ferguson do Brasil, acentuou que "este trator por nós fabricado no Brasil, não é apenas mais uma máquina a sair do nosso parque industrial; é mais do que isso: é um novo símbolo do nosso progresso tecnológico, de nossa capacidade empresarial na indústria, do próximo e insopitável renascimento, da iminente e fatal modernização da agricultura brasileira". O movimento de modernização da agricultura brasileira deve ter, obrigatoriamente, como contrapartida, a criação de indústrias produtoras de equipamentos, fertilizantes e meios de transporte. Não se pode tomar a modernização da agricultura brasileira baseada na importação de equipamentos, fertilizantes e meios de transporte. As divisas conseguidas pelos produtos agrícolas de nossa economia tradicional não seriam suficientes para permitir o luxo de uma importação maciça dos instrumentos de trabalho de que a nossa agricultura sempre careceu — tratores, implementos, inseticidas, fertilizantes".

DISCURSO DO SECRETARIO DA AGRICULTURA

O sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura, congratulando-se com a Massey-Ferguson pela inauguração de sua fábrica de tratores, acentuou que a motomecanização da lavoura tem sido uma das constantes preocupações do governo paulista. E enumerou algumas de suas realizações nesse setor: ampliação da rede de postos de mecanização agrícola, com a instalação de 25 unidades, 16 das quais concluídas e 9 em construção; compra de 2.500 tratores, para distribuição a lavradores, mediante financiamento; instalação do Centro de Mecânica Agrícola, em Jundiaí, destinado à formação e adestramento de técnicos, no qual a administração empregará 250 milhões de cruzeiros. Referiu-se também à criação do Fundo de Expansão Agropecuária, no montante de 7 bilhões de cruzeiros, destinada a incentivar iniciativas de interesse da agricultura, inclusive na parte de mecanização. Concluindo, frisou a necessidade de integração da agricultura no processo de desenvolvimento econômico do Brasil, duas atividades que, dada a sua estreita interdependência, devem trabalhar em regime de harmonia e equilíbrio.

Comemorando a inauguração da fábrica Massey-Ferguson, um cocktail foi levado a efeito no Club Nacional na noite de quarta-feira. Estiveram presentes destacadas personalidades dos nossos círculos econômicos e financeiros, representantes consulares e membros das classes produtoras.

Como convidado de honra compareceu o sr. Albert A. Thornbrough, presidente da Massey-Ferguson Ltd., de Toronto, Canadá. Em torno do homenageado, entre outras pessoas, os srs. James Currie, consul geral da Inglaterra, M. I. Prichard, Manoel Garcia Filho, presidente da Perkins do Brasil, Francisco de Paula Vicente de Azevedo, presidente da COSIPA, Gilberto Leite de Barros, Alberto Moraes Barros, W. A. Prendergast, I. A. Huntington, John Shiner e Antonio Augusto Monteiro de Barros.



Vista parcial da linha de usinagem dos cabeçotes dos motores de 3 a 4 cilindros, aparecendo algumas das furadeiras múltiplas Natco de vários estágios.

Ao ensejo do cocktail a Editora dos Criadores se fez presente pelos seus diretores Luiz A. Penra e José Maria Bramley Barker, que se congratularam com os dirigentes da Massey-Ferguson pelo importante empreendimento que tanto e tão efetivamente irá incrementar os planos de modernização da agricultura brasileira.

EM BRASÍLIA

Com a presença do presidente João Goulart e de altas autoridades, realizou-se dias depois, em Brasília, defronte ao Palácio do Planalto, a cerimônia de entrega do primeiro trator Massey-Ferguson brasileiro à SUDENE.

Nessa oportunidade, o sr. Alberto A. Thornbrough, presidente da Massey-Ferguson Ltd., saudando o presidente da República, agradeceu o apoio dispensado pelo governo à implantação da indústria nacional de tratores e manifestou a satisfação de sua empresa ao participar desse empreendimento. No mesmo sentido se pronunciou o sr. Léllo de Toledo Piza, em nome da VEMAG, organização que coopera com a Massey-Ferguson do Brasil.

O almirante Lúcio Meira, presidente do GEIA e do GEIMAR, realçou a importância de que se reveste a fabricação de tratores nacionais para o progresso da agricultura. Assinalou que "a indústria de tratores já nos permite eliminar a importação dessas máquinas, para alcançarmos as reais vantagens da desejada e ambicionada diminuição de nossos dispêndios cambiais, com vistas ao equilíbrio de nossa balança de pagamento. Reconheço que velhos hábitos nos induzem a importá-las, não só pela lei do menor esforço mas também devido ao privilégio de isenções tributárias de que gozam os tratores alienígenas. Mas não é este, atualmente, nem de leve, o interesse nacional, e estou seguro de que para ele estão atentas as autoridades governamentais. O certo, agora, é assegurar a total colocação dos tratores de fabricação nacional. Garantiremos, assim, o progresso da nova indústria que soubemos criar, indústria que dá emprego à mão de obra nacional, que utiliza nossas próprias matérias-primas e equipamentos produzidos no País, que nos enriquece tecnologicamente e favorece, afinal, o desenvolvimento econômico da Nação. Não precisamos mais importar tratores, repito-o. Temos nossa própria produção".



Se quer um **GARROTE HOLANDÊS**
VERMELHO E BRANCO
para aumentar o leite do seu rebanho

visite a

fazenda

MARAMBAIA

KM 77 - VIA ANHANGUERA — VINHEDO - SP



Porco é dinheiro!
...mas com

NFZ-MIX*

rende muito mais!



marca registrada

Vidros com 175 gramas
Latas de 500 gramas
Barricas de 10 quilos

Em suinocultura cada cabeça significa muito dinheiro! Na prevenção e no tratamento do paratifo e da diarreia infecciosa, exija sempre NFZ-MIX* — um dos maravilhosos nitrofuranos criados pelos Laboratórios Eaton — última descoberta científica, que substitui com vantagem, os antibióticos e as sulfas. Não é tóxico! Comece, hoje mesmo, a usar NFZ-MIX*. Você ganhará muito mais!

Fabricado pelos

LABORATÓRIOS
Rua Figueira de Melo, 406



DO BRASIL LTDA.
Rio de Janeiro — GB.

GRÁTIS — Solicite folheto técnico

nome
endereço
cidade
estado

Distribuidores exclusivos
COMPANHIA INDUSTRIAL FARMACÊUTICA
São Paulo — Rua General Carmona, 102

MIX - 2101 - 000 - W/V

Rio de Janeiro e Guanabara

Publicidade, Assinaturas e Venda Avulsa

"REVISTA DOS CRIADORES"

SOGECO - Soc. Geral de Com. de Livros e Revistas Ltda.

Avenida Rio Branco, 9 s/218 — Telefone 43-6099



suplemento feminino d REVISTA DOS CRIADORES

ANO I

MARÇO — 1962

N.º 4

Sob a direção da Professora de Economia Doméstica e Nutricionista
D. LINA PEDUTI CUNHA

HABI- TAÇÃO

ARRANJO DA CASA, POR DEPENDENCIAS

Sendo as dependências duma casa igualmente importantes para nós, nada impede que comecemos pela

COZINHA

Móveis de aço ou de madeira laqueada, próprios para essa dependência tão importante da habitação, pintados em cores modernas e bem combinadas, oferecerão um conjunto alegre e harmonioso.



Os móveis laqueados apresentam, entre outras vantagens, a de podermos modificar a sua cor, quando eles necessitam ser pintados novamente. Com isso, a cozinha tomará novo aspecto, conservando-se sempre bonita e moderna.

A mesa de trabalho, assim como os armários, nas paredes, devem estar a uma altura tal, que não canse a dona-de-casa, dificultando seu serviço.

Cortinas de matéria plástica, dessas de correr, para permitir a entrada do ar e da claridade, dão à cozinha uma graça toda particular. De preferência, escolheremos um estampado alegre e vivo, cujas cores formem um conjunto agradável com o colorido restante do ambiente.

Quadrinhos nas paredes, com motivos alusivos à alimentação ou à gastronomia, vasilhinhos às janelas ou nas cantoneiras dos móveis, com plantas de pequeno porte, uma toalha bordada sobre o fogão a gás ou o elétrico, principalmente se eles não tiverem tampa, tudo isso são detalhes mas que enfeitam sobremaneira a cozinha.

A cozinha deve estar sempre rigorosamente limpa, ainda que composta de peças de baixo custo. Seu aspecto é muito importante e reflete não só o espírito de ordem e o capricho da dona-de-casa, como os seus hábitos de higiene.

Parte da água que foi aquecida para lavar a louça pode ser aproveitada na lavagem dos panos de enxugar a louça e os de esfregar o chão (esfregão), acrescentando-se à mesma um pouco de detergente.

As esponjas de espuma de nylon dessas coloridas, em formato quadrado, existentes à venda, são muito práticas, para lavar a louça.

As toalhas de mão devem estar sempre rigorosamente limpas e não podem ser misturadas com as da cozinha; nem tampouco, convém enxugar as mãos nos panos de enxugar a louça.

Para que o lar esteja em ordem, a começar da cozinha, não se esqueça, minha amiga, de que, por mais eficientes que sejam as auxiliares domésticas, devemos nós, as donas-de-casa, estar atentas e dar os retoques finais aos serviços de arranjo e ornamentação da casa. Neste papel somos insubstituíveis.



Na cozinha, como em outras dependências da casa, não podemos manter objetos estragados ou fora de uso entre os objetos úteis; aqueles constituem um empecilho constante ao bom andamento dos serviços, sem contar o inconveniente da poeira que se acumula à sua superfície.

Mesmo na cozinha, a arrumação deve ser feita por espécie de objetos; não podemos guardar panos de prato com copos; panelas com louças; talheres com mantimentos e assim por diante. As espécies deverão ficar agrupadas e, por sua vez, separadas umas das outras. Assim, a busca se torna muito fácil e quase automática.

(Conclui na página 56-D)

LEIA

e
GUARDE

Sugestões e lembretes para pratos da Páscoa

PATO RECHEADO

Ingredientes: Um limão, uma colher de fubá, dois dentes de alho, sal, meia xícara de vinho branco, 6 (ou menos, dependendo do tamanho da ave) maçãs, 1 xícara de passas sem sementes, 2 colheres de manteiga, duas folhas de papel impermeável.

Maneira de fazer: Depois de bem depenado e lavado em água pura, abra o pato por baixo, retire as vísceras, torne a lavar e, para que fique perfeitamente limpo, esfregue-o por dentro e por fora, com o suco de limão, ao qual se adicionou o fubá; torne a lavá-lo com água pura. Escorra bem a água e passe sal por socado com alho em todo o pato, por dentro também. Deixe ficar assim umas duas horas; à parte, descasque as maçãs e corte em quatro; leve a cozinhar numa panela, com as passas, numa quantidade mínima de água e fogo baixo, só para amolecer um pouquinho, pois elas acabam de cozinhar, no forno. Coloque esse recheio (sem a água), dentro do pato, costure-o e leve ao forno, para cozinhar, com fogo regular, depois de envolver em papel impermeável, untado com a manteiga. Quando estiver cozido e bem macio, suspenda o fogo, para tostar e sirva com

PUDIM DE PÃO (salgado)

Ingredientes: Miúdos do próprio pato e mais alguns de outras aves, se houver; cebola, alho, cheiro verde, uns 2 toma-

tes, sal, azeite, 2 xícaras de miolo de pão, bem cheias, 1 xícara de leite, 3 ovos 3 colheres de queijo ralado, sal, azeitonas descaroçadas.

Maneira de fazer: Pique os miúdos, refogue-os nos temperos, até tomarem bem o gosto e fiquem bem cozidos. Adicione as azeitonas, o miolo de pão desmanchado no leite quente. Depois de frio, junte as gemas, o queijo ralado e leve ao fogo, mexendo tudo, para misturar bem. Feito isso, tire do fogo, deixe esfriar novamente e acrescente as claras em neve, misturando suavemente tudo, até que elas tenham se misturado por completo à massa. Leve essa mistura ao forno, para assar, em tabuleiro ou assadeira retangular, previamente untada e polvilhada com farinha de trigo. Depois de pronto o pudim, corte-o em pedaços retangulares pequenos e sirva com o pato. Se preferir, acompanhe o pato com uma

SALADA DE BATATAS

Cozidas as batatas, em muito pouca água e com a casca, descasque-as e corte em fatias. À parte, misture todos os temperos (sal, vinagre, azeite, cebola cortada em rodelas muito finas). Vá cobrindo as batatas com eles. Misture bem. Para que ela tome bem o gosto, deve ser preparada umas 3 ou 4 horas antes de ser servida e de vez em quando ir adicionando mais tempero, se necessário. As batatas absorvem muito o azeite, motivo pelo qual pode-se despejar sobre as mesmas, logo após cortadas, uma colher de água quente. Na hora de servir ponha sobre ela salsa picadinha bem fina.

BOLO TENTACÃO

Ingredientes da massa: Uma xícara de manteiga; 4 ovos; 2 xícaras de açúcar; 1 colher rasa, de fermento em pó, tipo Royal; 1 colher (das de chá) bem cheia, de raspas de limão.

Recheio preferido. Cão ralado, 3 claras, 6 colheres de açúcar, o suco de 1 limão, 1 colher (das de chá) de essência de baunilha.

Maneira de fazer: Bata muito bem a manteiga. Junte as gemas e continue a bater. Adicione o açúcar, sempre batendo. Feito isso, adicione os demais ingredientes e misture muito bem. Por fim, adicione as claras em neve, misturando suavemente. Leve ao forno em assadeira retangular, untada e polvilhada com farinha de trigo. Forno regular. Depois de assado e frio, coloque num prato de servir (ou bandeja) forrado com papel prateado picotado; corte em camadas e recheie. À parte, desenhe numa cartolina um coelho, deitado, de perfil. Recorte, acompanhando o desenho. Coloque a cartolina sobre o bolo já recheado e, com uma faca bem afiada, que de vez em quando se passa em água quente, vá cortando o bolo, seguindo muito bem o contorno do coelho recortado. Depois de recortado, cubra o coelho com um reboque feito com 1 clara de ovo sem bater, à qual se adicionaram 2 colheres cheias de açúcar e o suco de meio limão. Deixe secar e cubra

com suspiro, preparado com duas colheres bem cheias de açúcar, para cada uma das duas claras, já batidas em neve e o suco da outra metade do limão e a essência de baunilha. Estando já bem coberto o coelhinho todo, sobre o suspiro, ainda úmido, vá polvilhando o coco ralado, até que ele fique bem coberto. No pescoço, coloque um laço de fita vermelha, feito à parte. Um pedaço de ameixa preta, ou uma passa, formará o olho, no lugar exato, conforme indicado na cartolina. Uns fios de linha de carretel, da grossa, cortados, em tamanho igual e amarrados ao rabo, formarão o bigode, preso com um palito. Com uma faca, faça o coco aderir bem ao contorno do bolo, limpe bem o papel prateado, retirando o coco excedente, coloque confeitos ou ovinhos de Páscoa colorido. O bolo é simples, porém muito fácil de ser executado e apetitoso!

Daqui por diante, usaremos a palavra xícara para designar xícara de chá e a palavra colher para designar colher de sopa; quando se tratar de outro tipo de xícara ou de colher, especificaremos qual.

O ÔVO

As donas-de-casa que trabalham fora do lar, quando não dispõem de empregada, encontram no ovo auxiliar precioso no preparo das refeições.

A primeira vantagem oferecida pelo ovo é a fácil conservação, por períodos relativamente longos. Em um refrigerador comum, conserva-se adequadamente vinte a trinta dias sem perder nenhuma das qualidades nutritivas. Em seguida, deve-se considerar a facilidade com que se encontram ovos em qualquer empório no ano todo.

O preço dos ovos, se considerarmos-lhe o valor nutritivo, é dos mais baixos em relação ao de outros alimentos equivalentes. Este fator é importante para a dona-de-casa, que procura suprir sua mesa com alimentação balanceada e econômica. Além disto, ela pode empregar o ovo sob as mais variadas formas, evitando assim a repetição das receitas utilizadas e a monotonia de sua utilização frequente.

Finalmente — o que é muito importante para a dona-de-casa que trabalha fora — cumpre ressaltar a facilidade e a rapidez com que se pode preparar vários pratos com ovos o que permite maior disponibilidade de tempo para descanso ou outros afazeres.

...agora no Brasil...

BEBÊ-CONFORT



ÚNICA CADEIRINHA INDICADA
PARA
BEBÊS DESDE O NASCIMENTO

- O bebê não chora nem pede colo.
- O bebê olha e se distrai, e a mãe pode trabalhar.
- Útil no lar, visitas e automóvel.

Nas boas lojas do ramo, ou
Soc. Alfa Ltda. - Tel.: 80-6766
Rua Bélgica, 152 - São Paulo



Noticiário

Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

SUINOCULTURA

ramo de atividade altamente progressista

De todas as atividades agropecuárias a que maiores possibilidades de lucro pode oferecer é sem dúvida a criação de suínos.

Enjeitada, permanentemente relagada a plano inferior na escala de importância nos vários setores de nossa produção animal a suinocultura se tornou nos últimos anos uma das mais progressistas atividades.

Se antes a finalidade dessa criação era a valorização do milho pela transformação em banha, hoje a finalidade principal é a produção de carne; isso porque, com o encarecimento da carne bovina, a humanidade se volta para as carnes mais baratas na ânsia de satisfazer suas necessidades protéicas. Atualmente, os grandes frigoríficos têm acentuado interesse por essa carne, pagando-a no entanto ainda a preço não compensador. Por outro lado, a melhora do poder aquisitivo do povo, se reflete sempre na maior procura de carne, o que faz prever para próximos anos período áureo para os produtores de carne em geral e para os suinocultores em particular.

No estágio em que se encontra a nossa suinocultura, dificilmente poderão os criadores aproveitar a oportunidade que se lhes oferece, pois com raras exceções, não estão preparados para produzir a carne a preço compensador, e em quantidade e qualidade necessária. Assim afirmamos por sabermos que os porcos atualmente dominantes nas fazendas dedicadas à suinocultura, especialmente no Estado de São Paulo, são do tipo banha, atingindo 95% do total. A maioria desses animais é resultante de

cruzamentos consanguíneos de pouca prolificidade, não precoces e portanto, antieconômicos. A única vantagem que apresentam é a rusticidade.

Tendo como alimentação o milho e a mandioca, se apresentam como péssimos conversores de alimento em carne, pois comem na ceva oito kg de milho para aumentar 1 kg de peso em três dias só sendo encaminhados ao matadouro com 12 a 16 meses e com o peso de 100 kg ou pouco mais.

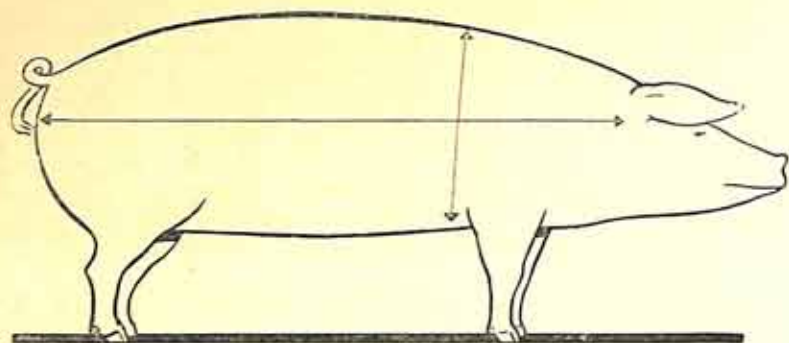
Comparando-se com porcos de raças especializadas, verifica-se que enormes são os prejuízos resultantes de tal tipo de criação, pois estes com apenas 3,500 kg de ração, produzem 1 kg de peso e são encaminhados ao matadouro com no máximo oito meses de idade.

Urge, pois, que os que se dedicam à criação de suínos, se preparem para o período favorável que o mercado de carnes se lhes oferecerá, organizando os criações nas normas modernas da zootécnica.

PROVIDÊNCIA INICIAL PARA A MELHORA DOS REBANHOS

O primeiro passo para o progresso é o cruzamento das porcas das raças nacionais com cachos de raças de carne ou mistas.

Essa prática, oferece ao criador, de um lado, maior oportunidade de lucro e de outro o incentivo ao aperfei-



Silhueta de porco tipo carne

coamento técnico, pois quem adquire o cachaço é forçado a procurar instruções sobre a sua alimentação e manejo; é levado a observar o ganho diário de peso o qual atinge um quilo em animais novos. Assim, interessa-se pelo estudo do problema, entusiasma-se, apaixonar-se, e com isso, trilha a estrada do sucesso.

Os resultados do cruzamento de cachaços Duroc e Hampshire com porcos de raças nacionais, demonstraram rapidamente o acerto de tal medida. De início, as porcas passam a dar 10 a 12 leitões por ano, ao invés de 5 ou 8. Os animais daí resultantes, apresentam-se mais precoces, maiores produtores de carne e capazes portanto de proporcionar maiores lucros aos criadores.

Adaptando a norma acima, várias criadores que cruzaram machos de raças mais precoces e mais prolíficas, com porcas de raças nacionais, já de há muito vêm entregando aos matadouros, porcos do chamado tipo frigorífico, misto de carne e banha que atingem 110 kg com 10 meses. Com a mesma idade que os porcos comuns apresentam a dobro do peso, com ótimos presuntos, bom lomo

bo e bastante toucinho. Sem serem do tipo «banha», produzem no entanto gordura quanto a este tipo e mais o dôbro de carne, a qual sai praticamente de graça. Isso porque embora o tipo «banha» tenha 50% de gordura e o «frigorífico» 25%, o seu peso é com a mesma idade, o dôbro.

ESCOLHA DOS REPRODUTORES

A escolha dos reprodutores deve ser feita principalmente considerando-se o genótipo e não o fenótipo. Em outras palavras, não se deve dar importância à beleza externa, mas sim à prolificidade e à produtividade dos ascendentes.

A escolha dos reprodutores unicamente pelo aspecto externo, pode conduzir o rebanho a consequências desastrosas, principalmente no caso de reprodutores machos dos quais depende o futuro dos plantéis. Assim como o bom macho tem possibilidade de proporcionar progresso rápido e substancial o péssimo fará em pouco tempo o rebanho e regressar de maneira irremediável. Somente reprodutores que procedam de animais produtores de leitoadas numerosas e de elevado peso ao desmame, podem proporcionar aos criadores, resultados econômicos compensadores.

O cruzamento de cachaços de ótimo genótipo, dá ótimo resultados quando é efetuado com porcas que além de produzir leitoadas numerosas (10 a 14) leitões, dêem de leite suficiente para o crescimento rápido e uniforme da ninhada. As porcas que derem leitoadas não uniformes, ou seja, em 8 leitões 3 a 4 bem desenvolvidos, 2 médios e 2 refugos, não devem ser aproveitadas, pois essa diferença de crescimento indica baixa produtividade leiteira. Por esse motivo, o exame do número de tetas deve ser sempre efetuado. Todas essas observações, porém, só serão valiosas quando o rebanho receber alimentação equilibrada e das quando o rebanho receber evidenciar-se as verdadeiras qualidades dos animais bem como seus defeitos. O cruzamento entre porcos de uma mesma cria também deve ser evitado, pois os resultados provenientes daí são prejudiciais por evidenciarem as caracteres recessivos existentes nos mesmos.

RAÇA A SE CRIAR

A raça a se criar deve ser aquela cujos integrantes, quando bem selecionados e alimentados, produzem o quilo de carne a um custo mínimo no menor tempo possível. São capazes de preencher esta condição fundamental os animais originários de raças grandes, puros ou mestiços, com acentuada aptidão para produzir carne precocemente.

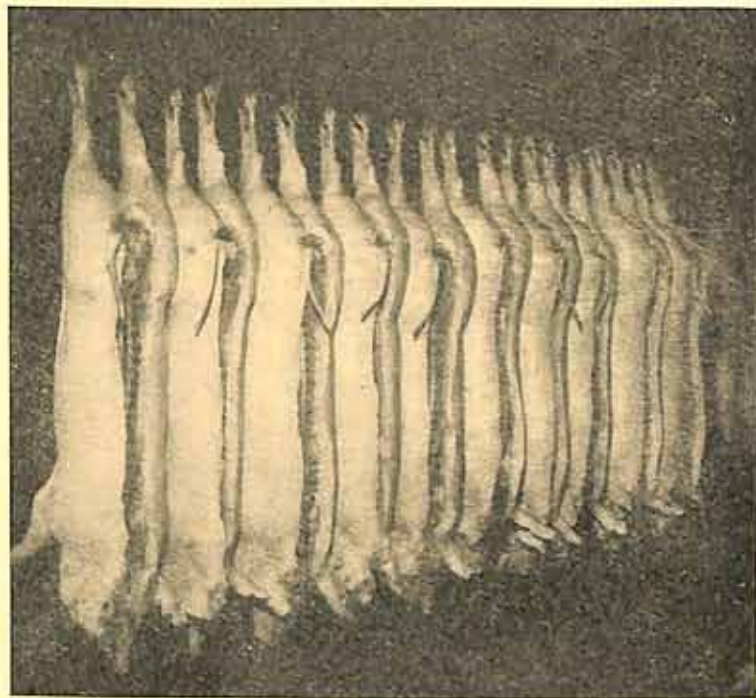
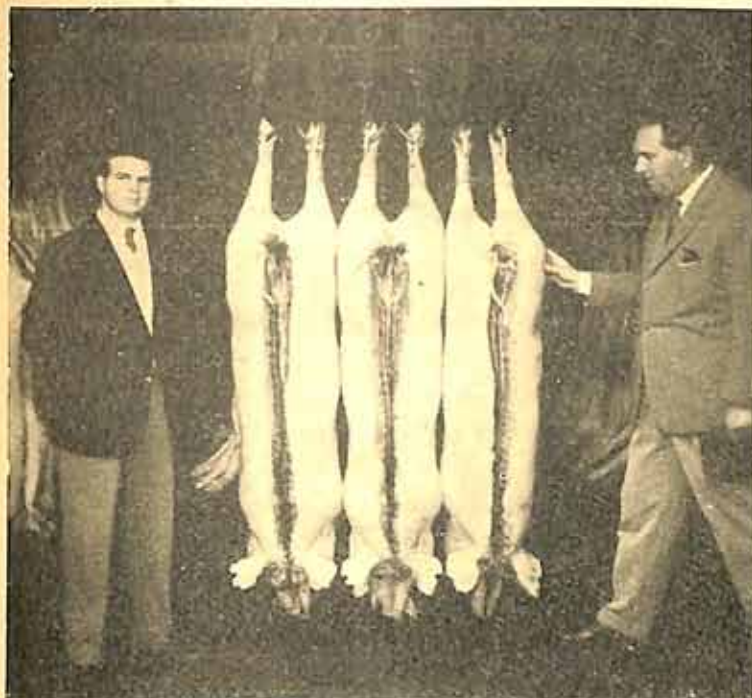
A prática nos tem demonstrado que tanto um bom Duroc, como um bom mestiço Hampshire x Duroc atingem 100 quilos de peso vivo aos sete meses, enquanto o porco nacional tipo banha, gasta quatorze meses para atingir tal peso. Há, portanto, vantagem em escolher animais dessas raças especializadas, pois elevam o rendimento da porcada a ponto de produzir duas vezes mais carne, na metade do tempo e com um consumo de ração equivalente à metade da normalmente consumida pelos porcos comuns. Embora o ideal seja cruzar porcas e cachaços de raças especializadas, isso só se justifica se o criador for iniciar a



Excelente reprodutora Duroc tipo banha. Sua ótima ascendência garantiu-lhe prolificidade e produtividade invulgares. Sempre produziu e criou ninhadas numerosas, cujos leitões, ao desmamar, se caracterizaram pela uniformidade, vigor e bom desenvolvimento. (Criação Experimental "Tortuga").



TORTUGA — Companhia Zoot



Porcos de oito meses, abatidos no matadouro de Santo Amaro. — Pêso médio de 112 quilos por cabeça.

criação. Desde que já possua um rebanho comum de raça nacional, será suficiente selecionar pela prolificidade e aptidão leiteira as porcas e cruzá-las com machos precoces Duroc ou Hampshire. É importante só utilizar porcas prolíficas e boas leiteiras para garantir prole numerosa por parição e por capacidade de bem alimentar e desmamar leitoadas fortes e numerosas. Essa medida é econômica, pois evita a compra de número grande de reprodutores, além de proporcionar as seguintes vantagens:

a) possibilita ao pessoal aprender o manêjo de animais bem mais precoces que os nacionais;

b) força o aperfeiçoamento na produção de alimentos adequados a essas raças; e

c) representa passo acertado para a produção de porcos tipo carne.

Ainda com respeito a cruz de animais de raças européias portanto de grande porte, com outros de raças pequenas (Caruncho, Nilo, Piauí, etc), esclarecemos que ao contrário do que têm alguns criadores, nenhum acidente ocorre nos partos, pois a natureza se encarrega de prevenir os referidos partos, adaptando o feto às condições morfo-fisiológicas da fêmea.

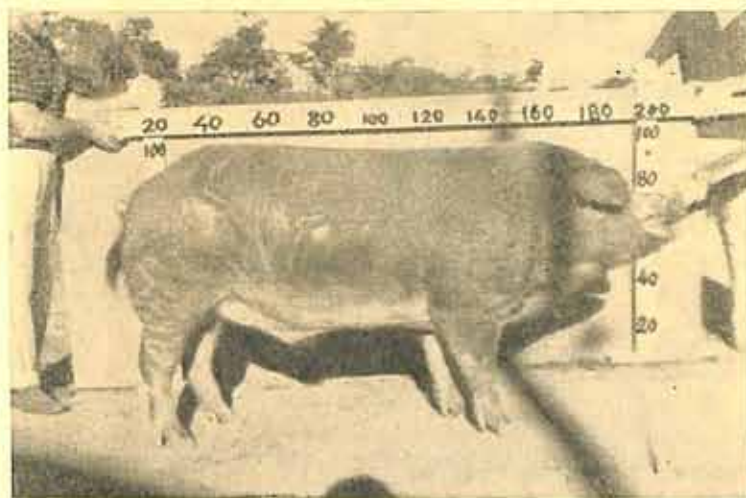
ALIMENTAÇÃO

A alimentação é o capítulo mais importante. De nada adianta introduzir sangue de raças especializadas, altamente precoces, se não proporcionarmos aos animais resultantes alimentação equilibrada e suficiente para supri-lhes todas as necessidades a fim de que possam render o que são capazes. A prática adotada por grande número de criadores alimentando os porcos exclusivamente de

milho e mandioca, é completamente contra-indicada. Isso porque, embora sejam alimentos de grande poder energético e ótimos para a engorda, apresentam o inconveniente de ser carentes de vitaminas, proteínas e minerais.

Os principais inconvenientes de um regime assim restrito são:

- Não permite criar número elevado de leitões;
- Acarreta crescimento lento e caro;
- Não dá aos animais resistências às doenças;
- Engorda tardia e portanto caríssima, devido à grande quantidade de matéria-prima consumida por quilo de peso ganho.



Cachaço Duroc Argentino. É de salientar o bom comprimento do corpo, próprio dos indivíduos bons produtores de carne. (Criação Experimental "Tortuga").

nômica a alimentação somente com milho (Tabela de Fevrier e Smith)

Tipo de alimentação	Aumento médio Diário	Consumo de alimento p/kg. de peso ganho
Lote 1 só milho	479 g	6,92 kg
Lote 2 Milho, mais concentrado protéico e mais vitaminas e minerais.	800 g	4,68 kg

Analisando os resultados constantes dessa tabela, ordenamos:

- O lote 1, alimentado só com milho, produziu 1 kg de peso, ganhando por cabeça e por mês 14,37 kg.
- O lote 2 que recebeu além do milho na proporção de 20 a 25% o concentrado (protéico-mineral-vitaminico) gastou apenas 4,68 kg de ração por quilo de peso ganho, e em um mês, atingiu por cabeça 24 kg, ou seja 10 kg a mais que as do lote 1.

Esses dados evidenciam que os animais alimentados só com milho, necessitariam de seis meses para atingir o ganho de peso que os do lote 2 atingiriam com apenas três meses. Consumiria 600 kg de alimento por cabeça contra apenas 336,96 dos componentes do lote 2. Fácil é de avaliar os prejuízos causados por essa alimentação errada, pois além do gasto maior de alimento, deve-se acrescentar a absorção de lucros devido aos três meses de atraso no acabamento, o que em última análise implica em imobilização de capital. A prática nos tem demonstrado que para obter crescimento e engorda rápidos e portanto bons resultados econômicos com a criação de suínos, é imprescindível o emprego de rações equilibradas. Essas rações devem ser elaboradas (preparadas) utilizando ao máximo os alimentos produzidos na própria fazenda, enriquecidos com suplementos minerais, vitamínicos e proteicos.

A criação de suínos deve ser feita na «ponta do lapis», calculando o custo do quilo de porco produzido e não simplesmente o custo de um kg de ração.

A medida acertada e que garante ao criador o lucro esperado, é a auto-suficiência nos alimentos básicos. Deve, portanto, o suinocultor plantar milho, mandioca, batata-doce, etc. preparar a ração na própria fazenda, acrescentando a ela os elementos indispensáveis que não estão presentes, ou seja os minerais, as vitaminas e as proteínas. Conseguirá, assim, produzir de fato ração realmente equilibrada, de elevado rendimento e portanto compensadora, dado o baixo custo de conversão.

Reprodutores Duroc Jersey, Duroc Argentino e Duroc tipo banha

A "Tortuga" tem para venda a preço especial aos seus clientes reprodutores machos Duroc Jersey, Duroc Argentino e Duroc tipo banha, criteriosamente selecionados e provados em sua Criação Experimental.

Programa de serviços caseiros semanais

LISTA DE UTENSÍLIOS DOMESTICOS E DE MATERIAL DE LIMPEZA

(continuação)

2.^a feira: Lavar a roupa grãuda. Lavar o chão da cozinha e o quintal.

3.^a feira: Lavar a roupa miúda. Limpar a geladeira.

4.^a feira: Passar a roupa. Limpar os espelhos.

5.^a feira: Limpar as janelas e portas, inclusive os trincos.

6.^a feira: Limpar os estrados da cama e os armários de roupa. Arrumar as gavetas. Pulverizar inseticida nos estrados da cama e nas gavetas. Lavar o chão da cozinha.

Sabado: Limpar o soalho da casa, en-

cerando ou lustrando, se fôr necessário. Encerar o chão da cozinha, da copa e das áreas, se forem de cerâmica.

Domingo: Reservar esse dia para o repouso semanal, fazendo somente os indispensáveis serviços de rotina.

Oportunamente, daremos uma lista dos principais serviços que podem ser executados mensalmente, quinzenalmente e diariamente. Esses programas devem ser adaptados à cada casa em particular. Foram elaborados para orientação e não para serem seguidos à risca, comprometendo o bom andamento dos serviços numa casa.

Cobridor de bolo
Cobridor de queijo
Colher grande (das de servir arroz) para a cozinha
Colher de madeira, para mexer doces no fogo (tipo compotas, goiabada, etc.)
Colheres de metal inoxidável (para cozinha)
Concha
Copos para uso diário
Descanso para talheres
Enceradeira
Escorredor de macarrão
Escovinha para legumes
Escovinha para limpar filtro
Escovinha para limpar garrafas
Escovinha para limpar louças, panelas, etc. (forma circular)

(Continua no próximo número)

Caleidoscópio

Aconselhamos a leitura do livro "GUIA DA MULHER PARA UMA VIDA MELHOR", de John A. Schindler, da Editora Cultrix, edição de 1960. Todos os seus capítulos são interessantes; podemos dizer que se trata de livro, senão único no gênero, ao menos raro, e que tem a preocupação de tornar a mulher feliz. Os ensinamentos são expostos com clareza e em linguagem acessível, constituindo a leitura fonte de real prazer.

Pômo-nos à disposição das leitoras leitoras deste Suplemento, que desejarem obter maiores informações sobre os assuntos nele explanados. Para esse fim, queiram dirigir-se à Redação desta Revista, que teremos o máximo prazer em atendê-las, desde que estejamos aptas a fazê-lo.

COM A CARNE DE AVES, AS DONAS-DE-CASA ASSEGURAM...

... o fornecimento de proteínas de alta qualidade, indispensáveis ao desenvolvimento das crianças e à manutenção da saúde.

... pratos nutritivos para as dietas dos cardíacos e hipertensos, pois a gordura da carne de aves novas é do tipo não saturado, não interferindo, pois, na formação do colesterol sanguíneo.

... pratos nutritivos, com alto teor de vitaminas do complexo B, principalmente a niacina.

... a formação de dietas de emagrecimento de alto valor alimentício.

O "SUPLEMENTO" À DISPOSIÇÃO DAS LEITORAS

As leitoras que desejarem diminuir dúvidas de assuntos relacionados com a ciência doméstica, queiram dirigir-nos suas perguntas, encaminhando-as à Redação desta Revista.

Igualmente, agradecemos as

sugestões enviadas; será o ponto de contato com a dona-de-casa, mediante o qual ficaremos conhecendo-lhe os seus objetivos, quanto ao aprendizado da matéria.



Lord Grey



- ROBES
- GRAVATAS
- MEIAS
- LENÇOS

ARTIGOS FINOS
PARA A ELEGÂNCIA
MASCULINA

PRAÇA D. JOSÉ GASPAR, 86 - FONE 36-6275

De grão em grão, a galinha enche o papo

Em nosso programa de ECONOMIA, incluiremos, desta vez, as FORMINHAS DE PAPEL.

As forminhas de papel frizado, dessas usadas para servir docinhos ou salgadinhos, por ocasião duma festinha, dum



na hora de ser servido. Caso contrário, teremos a desagradável surpresa de ver como ela ficou manchada; e, nesse caso, deveremos imediatamente proceder a troca, o que acarreta perda de tempo e de material.

Ao chegar uma visita inesperada, tome um pedaço de bolo (dêsses que não podemos oferecer em pedaços inteiros por ser muito pouco), corte-o em quadradinhos, de tamanho tal que caibam nas forminhas de papel.

A parte, bata uma clara de ovo em ponto de neve; adicione duas colheres cheias de açúcar e deixe bater mais, até misturar bem; em seguida, junte o suco de um limão galego e uma colher (das de café) de chocolate em pó, se o bolo for claro, isto é, se a sua massa já não levou chocolate. Misture tudo muito bem e, com uma colher (das de café) ou saquinho de enfeitar bolos, deposite um pouco dêsse suspiro sobre os pedacinhos de bolo. Sobre o suspiro, coloque se quiser uma passa, um pedacinho de fruta cristalizada, uma cereja, um morango etc. Na falta dessas frutas, coloque assim mesmo o docinho dentro das forminhas de papel. E, assim, com pouco trabalho e algumas forminhas brancas, de cores variadas ou duma só cor, vocês oferecerão guloseima interessante e bem apresentável!

lanche ou mesmo duma visita e, que por sinal são sumamente práticas, devem ser guardadas em latas bem limpas e secas ou em vidros de boca larga. Quando guardadas em gavetas ou armários de madeira, adquirem um cheiro exquisto, que pode comprometer o doce (ou o salgado) e, dessa forma, ficam inutilizadas.

O docinho (ou salgadinho) deve ser colocado na forminha de papel, somente

Removendo manchas

Manchas de FERRUGEM em facas, aliás comuns, quando elas não têm lâmina inoxidável, podem ser retiradas, esfregando-se cebola crua no lugar manchado e depois, com um paninho ou esponja, passa-se sapólio, esfrega-se bem, até retirar por completo a mancha, lava-se bem a faca e enxuga-se completamente, para evitar nova mancha de ferrugem.

Manchas de pintura a ÓLEO, em roupa ou nas mãos das crianças, como acontece quando encostam em portas pintadas recentemente, são removidas com facilidade, se esfregadas com um

Informações úteis

Primeiro mês do ano, no calendário romano. Embora consagrado a Mercúrio, seu nome deriva de Marte, deus da Guerra, e pai de Rômulo e Remo.

PEDRA DO MES

RUBI. Pedra da bonança. Proporciona momentos felizes, e impõe a bondade.

Neste mês reabrem-se as aulas do curso secundário. Convém que os alunos

HABITAÇÃO...

(Conclusão da pág. 56-A)

CONSELHOS PRÁTICOS

Para retirar gordura, lavam-se os azulejos da cozinha com água morna, à qual se misturou um pouquinho de amoníaco. Em seguida, enxuga-se, com um pano seco.

A remoção da gordura dos azulejos também pode ser feita com o emprego de detergente, na proporção de uma colher das de sopa para cada 2 litros de água. Para esse fim, molha-se o pano nesse líquido, passando-se, em seguida, nos azulejos. Lava-se com água pura e enxuga-se com um pano seco.

Os armários de aço devem ser lavados com água quente e sabão. Se as prateleiras forem móveis, o melhor é retirá-las, para que a limpeza seja mais completa, eliminando-se, assim, todo o vestígio de inseto ali depositado. Depois de bem lavadas, e enxutas devem ser secadas ao sol.

Quanto aos armários de madeira, devem ser limpos com água, à qual se misturou detergente, na proporção indicada para a remoção da gordura dos azulejos. O pano deve ser torcido, porém, antes de ser usado na limpeza do móvel. Esses armários ou prateleiras, por serem de madeira, não podem secar ao sol, pois ela empena e deforma.

Solventes líquidos podem ser usados igualmente na limpeza dos azulejos.

Para a completa remoção dos insetos que possam existir nos armários e para que não voltem a eles tão cedo, deve-se retirar tudo que esteja dentro deles. Em seguida, começa-se a limpeza e, quando terminada, bomba-se um bom inseticida por dentro e por fora do armário. Feito isso, cham-se as portas e deixa-se assim, até que o cheiro passe por completo. Nessa ocasião, recolocam-se os objetos, todos em ordem, naturalmente.

Um relógio, tipo despertador ou de parede, ou outro qualquer, em bom estado de funcionamento, embora encostado na casa ou fora de uso, é sumamente útil na cozinha: permitirá o controle do horário das refeições e dos serviços. Indispensável, quando se usa panela de pressão.

Os progressos da raça Santa Gertrudis no Brasil

Visita aos rebanhos do King Ranch do Brasil, na Alta Sorocabana — Início dos trabalhos de inseminação artificial, para atender às necessidades de touros para 12.500 vacas — O peso médio que vem sendo obtido no mestiço de corte de dois anos

VALDEZ CORREA

IV

Voltamos, pela terceira vez, à Alta Sorocabana, a fim de visitarmos os rebanhos da raça Santa Gertrudis do King Ranch do Brasil. E tivemos oportunidade de constatar que a feliz iniciativa de introduzir esta raça norte-americana nos nossos campos, em 1954, veio indiscutivelmente elevar o padrão da pecuária de corte, contribuindo para que os fatores econômicos que procuramos no boi se aproximem do ponto ideal que buscam os criadores. Realmente, conforme dados estatísticos que obtivemos, os mestiços nascidos em março de 1959 e abatidos em junho de 1961 apresentaram o peso médio de 262, o que já satisfaz numa criação intensiva em regime de campo, como acontece nos rebanhos que o King Ranch do Brasil mantém nas fazendas Bar-

tira, Laranja Doce, Mosquito, Brasi-landia e Formosa.

Cerca de mil cabeças de gado puro fomos encontrar ali, denotando os progressos quantitativos obtidos com a importação dos animais que vieram do Texas. Quanto aos progressos qualitativos, as gravuras que publicamos em seguida expressam melhor do que as palavras, pois nelas encontrará o leitor tipos bovinos que podem ser cotejados com os melhores representantes das raças de corte da Europa e da América. Precocidade, resistência às epizootias, completa adaptação ao meio, onde esta raça em regime de campo apresenta um comportamento biológico que só se tinha verificado até então no gado indiano entrado no Brasil — a Santa Gertrudis, nas várias mestiçagens a

que tem sido submetida, veio confirmar as esperanças que nela depositaram os pioneiros de mais este grande ensaio de economia rural.

Doze mil e quinhentas vacas de raça zebuina mantêm o King Ranch no serviço de mestiçagem de corte, enquanto, paralelamente, se desenvolve o rebanho puro-sangue. Para atender a tão grande volume de matrizes, os quatrocentos touros já se mostram insuficientes, pois anualmente mil e quinhentas novilhas entram pela primeira vez em cobertura. Daí a necessidade de preparar-se a organização com amplas instalações para a inseminação artificial, na fazenda Formosa, onde o trabalho deve ser iniciado na hora em que esta revista estiver circulando.

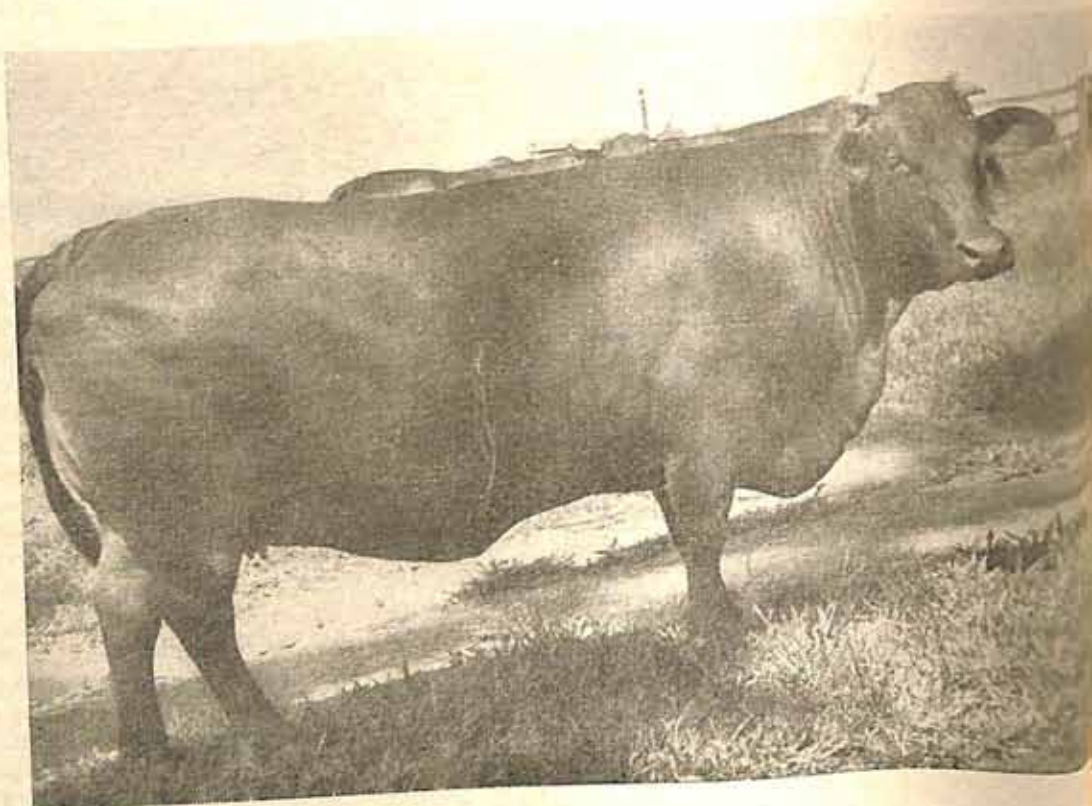
Lote de vacas puro-sangue, nascidas no Brasil, de segunda cria com os seus bezerros.





Lote de tourinhos de um ano, nascidos no Brasil, e reservados para as necessidades das fazendas.

Vaca puro-sangue, também nascida no Brasil. Note-se o invejável acabamento econômico desta rez, que em nada fica devendo a uma Shorthorn pura e pode perfeitamente ser confrontada com uma Santa Gertrudis do Texas.



Lote de vacas importadas do Texas, numa demonstração do seu comportamento em nosso meio, em regime de campo.



VANTAGENS DE TOUROS SANTA GERTRUDIS NO SEU REBANHO COMERCIAL:

1 — Vacas excepcionais — As vacas de cruza Santa Gertrudis são grandes e resistentes, produzindo ótimas crias, além de poderem subsistir nas mais adversas condições de meio.

2 — Tolerancia ao calor — A raça Santa Gertrudis é sumamente resistente ao calor. Durante os dias mais quentes, são para forragear com absoluta naturalidade, pelo que é uma raça ideal para o hemisfério Sul.

3 — Resistencia às pragas — Resiste muito bem às pragas e insetos de varias especies, são comuns aos nossos campos e engordam mesmo quando as pastagens se acham infectadas. Posto que não inteiramente imune ao carrapato, mostra-se resistente à febre típica que este parasita comunica aos rebanhos. A conjuntivite contagiosa, por sua vez, não é comum em animais Santa Gertrudis.

4 — Produtividade leiteira — As fêmeas desta raça dão abundante leite para alimentação dos bezerros, um dos fatores de vitalidade das crias, que se desenvolvem sem os percalços da sub-nutrição.

5 — Peso segundo a idade — Em muitos países latino-americanos, como o Brasil, os criadores podem engordar reses de cruza de Santa Gertrudis em menor tempo do que qualquer produto de outras raças.

6 — Robutez — Ao introduzir a raça Santa Gertrudis no rebanho, o criador está elevando o nível de robustez do plantel, pois os bovinos de cruza com Santa Gertrudis, como a experiencia tem demonstrado, engordam mesmo durante a seca anual.

7 — Rendimento — O gado de cruza com Santa Gertrudis alcança os objetivos economicos visados pelo criador e corresponde à expectativa do comprador, porque, regra geral, dá bom rendimento no cêpo.

VOCÊ TAMBÉM PODERÁ POSSUIR UM REBANHO SANTA GERTRUDIS PURO-SANGUE



Um dos reprodutores puro-sangue que servem na fazenda Laranja Doce.



Vaca também nascida no Brasil, premiada na última Exposição da Água Branca, como portadora de todas as qualidades específicas da raça.

Grupo de campo, colhido por ocasião de nossa visita, vendo-se mestiças de três anos em primeira cria.



A viagem de Teofilo de Godoy em 1893

II

ALBERTO ALVES SANTIAGO

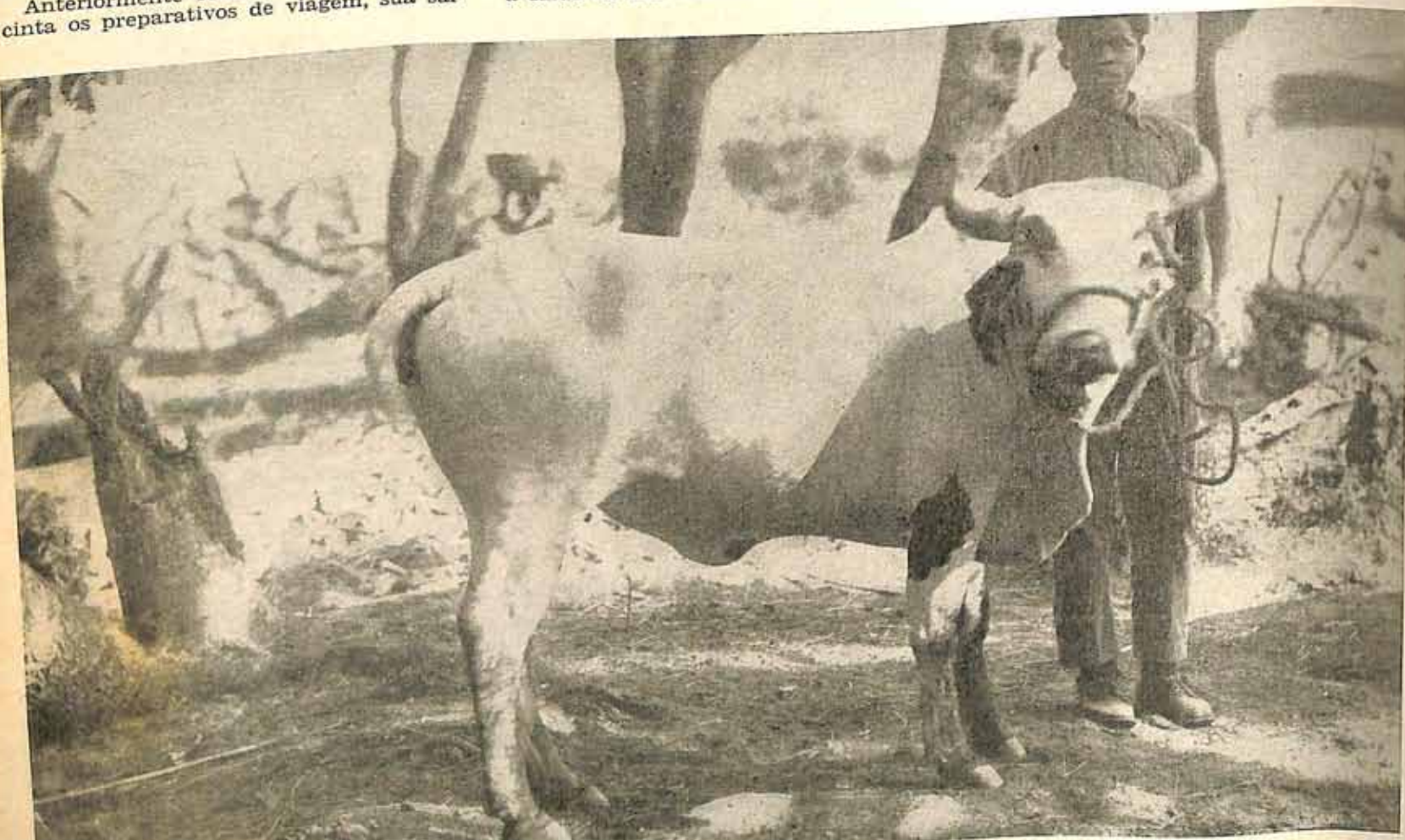
ESTADA EM BOMBAIM

Teofilo de Godoy, mineiro de Araguari, na região do Triângulo, foi o primeiro criador brasileiro que se animou a seguir para o Oriente com o fim exclusivo de conhecer o Zebu e trazer alguns reprodutores para sua fazenda. O relato de sua aventura, feito nos últimos anos do século passado, constitui um folheto de 36 páginas, escrito com muito espírito e revela seu gosto pelas viagens e a existência de um objetivo.

Anteriormente relatamos de forma sucinta os preparativos de viagem, sua saída

de Araguari e longas marchas a cavalo, até encontrar a ponta dos trilhos da Oeste de Minas, próximo a São João del-Rei. O País encontrava-se então sob as agitações que marcaram o governo do Marechal Floriano Peixoto, nos primeiros anos do regime republicano. Embarcou Godoy no dia 24 de abril de 1893, pelo vapor «Galicia» para a Europa, onde se deteve algum tempo, e seguiu pelo navio italiano «Rubatino» para Bombaim, onde desceu no dia 11 de julho, seis meses após a saída de sua fazenda.

Godoy descreve a cidade de Bombaim, sede da Presidência do Oeste do Indostão, situada em uma ilha ligada ao continente por vias férreas que correm sobre aterros e pontes de pedras. Contava na época 600.000 habitantes nativos e 15 a 20 mil ingleses; a cidade nova apresentava ricos prédios de bela arquitetura, na maioria construídos de pedra, ladeando ruas largas e avenidas arborizadas, servidas por diversas linhas de bondes de tração ani-



Exemplar vindo da Índia, por encomenda de criador uberabense. Animal mal caracterizado, do ponto de vista racial e de desenvolvimento precário, mostrando que o conhecimento dos compradores e suas exigências eram, naquela época, precários.

REVISTA DOS CRIADORES

mal. Conheceu o jardim botânico, o museu de história natural e algumas escolas, o que revela o viajante culto, diferente de tantos «boiadeiros» que por lá estiveram no início do século e na década 1911-1921. Visitou e admirou as docas, que refletiam a importância comercial de Bombaim, numa época em que os portos do Rio e de Santos ainda não tinham sido construídos, e todo o movimento de mercadorias se fazia pelos trapiches improvisados. Destacava-se na zona do porto a estação ferrea da *Victoria terminus*, pela sua extensão e arquitetura rica e suntuosa. *Mallabar Hill* já era a zona em que os europeus e indianos ricos tinham residência. Vamos transcrever algumas de suas impressões:

«É belo e encantador passear-se pelo interior onde, a par dos rebanhos e pastores, sem fugir do viajante nem tão pouco assustá-los o silvo da locomotiva, estão as gazelas, cervos, cegonhas e inúmeros passaros, tranquilos e conscientes de seu bem-estar, deleitando nossa vista com a beleza e sua plumagem e mansidão».

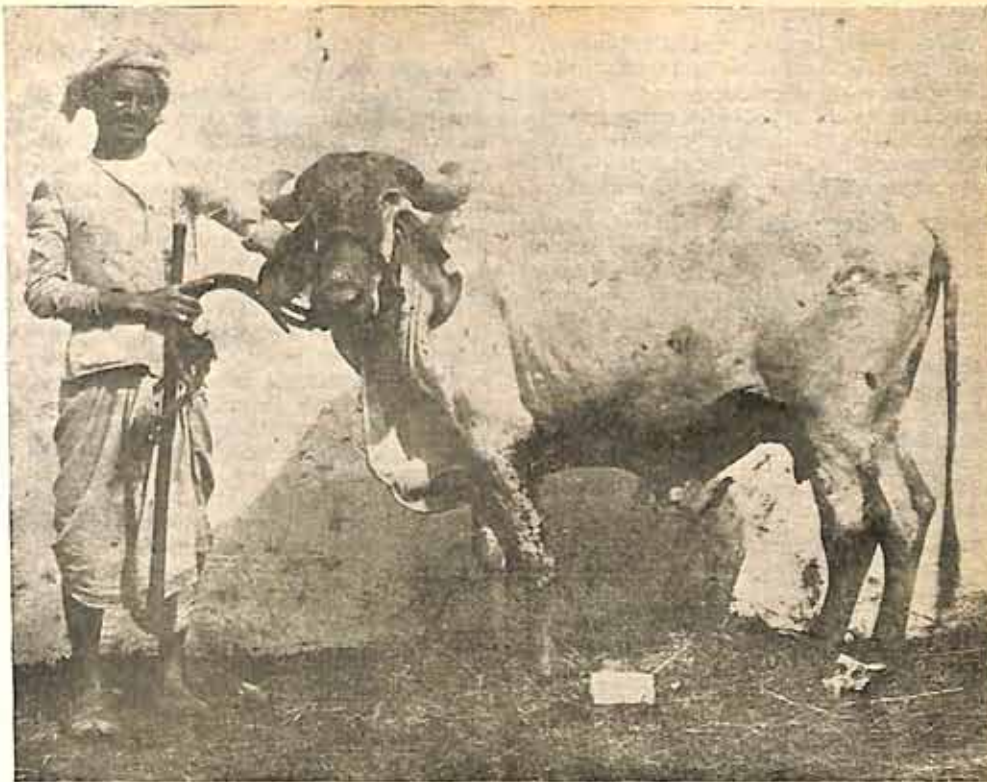
Como é natural, o viajante se espantou com muitos dos costumes indianos: os templos, onde os hindus fazem orações, cantam, tocam e dançam; o casamento de crianças, tanto nas classes pobres como entre os nobres; a poligamia e a triste condição das viúvas, muitas vezes sacrificadas nas fogueiras ou esmagadas sob os carros das divindades, durante os cortejos em dias de festa religiosa, como ainda eram frequentes no fim do século passado; os festejos nupciais e as cerimônias fúnebres, em que as carpideiras compunham um quadro interessante para o fazendeiro de Araguari. A cremação de cadáveres, costume local, era frequentemente observada, dada a densidade demográfica e o alto índice de mortalidade das populações miseráveis.

Teófilo de Godoy, viajante curioso, procurou conhecer comunidades maometanas, com seus costumes ritos diferentes dos hindus; os Parsis, adoradores do fogo, comerciantes ativos e ricos, vindos no passado da Persia, por motivo de perseguições religiosas, que levam seus mortos para as «torres do silêncio», onde os abutres os devoram. Quatro meses não foram suficientes, segundo conta, para compreender a variedade e razão das seitas ali existentes.

VIAGEM PELO INTERIOR DA INDIA

Para melhor conhecer o país, Teófilo de Godoy não se limitou a correr os arredores da antiga cidade e capital da Presidência. Começou saindo de Bombaim pela estrada de ferro «Bombay, Baroda & Central India Railway», tendo descido quatro horas depois na estação de Daman Road, onde tomou um carro de bois trota-dores que, ao fim de duas horas, o levou a Damão, possessão portuguesa já então decadente, sem comercio, com grande numero de casas em ruínas, as ruas invadidas pelo mato e evidentemente mal administrada. Apenas as igrejas o agradaram: belas, grandes e ricas, com trabalhos de arte. Algumas horas foram suficiente para percorrer a cidade, visitar seus fortes e muralhas e, ao anoitecer, tomou o carro de volta à estação da via ferrea. Contamos que pagou duas rupias, o equivalente a 1600 réis, no cambio ao par.

Não havendo mais trem naquele dia,



Reprodutora Gir, de uma das primeiras importações feitas por criadores brasileiros, na primeira década do século atual.

hospedou-se na *Travelling House*, casa construída e mobiliada pelo governo inglês, para abrigo de viajantes e funcionários em serviço. A administração e os fornecimentos eram feitos por arrendatários indianos, que forneciam alimentos mediante preços fixos. O mesmo ocorria

com os restaurantes das estações ao longo da extensa rede ferroviária, que corta a Índia em todos os sentidos. Prosseguindo viagem, Godoy esteve em Broach, capital de um distrito da região de Guzerate e um dos mais velhos portos do oeste indiano. Nesta cidade, nas proximidades

Jornal dos Agricultores

265

EXPEDIÇÃO Á INDIA

PARA A

COMPRA DE ZEBUS PURO-SANGUE

Anuncio no "Jornal dos Agricultores", revista publicada no início do século, sobre o plano de uma terceira viagem à Índia, a ser feita pelo criador mineiro Teófilo de Godoy, com o objetivo de adquirir reprodutores zebuinos para criadores de Minas e Estado do Rio.

No intuito de atender a pedidos insistentes de alguns de seus assignantes, creadores em varios Estados do Brasil, o *Jornal dos Agricultores* está organizando uma expedição à Índia, para a compra de reprodutores indianos (zebus) puro-sangue.

Todos os assignantes do *Jornal dos Agricultores*, portanto, que desejarem aproveitar esta excellente oportunidade, deverão desde já, e com a maxima urgencia, dirigir-se ao Director do *Jornal dos Agricultores*, pedindo esclarecimentos.

Condições a observar pelos pretendentes:

1º—Declararem o numero de reprodutores que cada um deseja possuir;

2º—Especifcarem, entre as raças mais notaveis, aquellas que desejarem adquirir;

3º—Depositarem previamente a importância dos reprodutores epochmmentados.

Entre as raças mais recommendaveis do zebu indiano destacam-se a *Queer*, a *Hamsi*, a *Nellera* e a *Sind*, consideradas as mais notaveis, quer quanto a tamanho e força, quer quanto à abundancia e riqueza de leite.

A expedição só se realizará até 31 de Maio de 1906 estiverem inscriptos e houverem depositado o dinheiro para a importação minimum total de

50 reproductores.

A entrega dos reproductores será effectuada nesta capital até oito dias depois da chegada dos animais aqui, correndo as despesas de taxa em diário por conta dos respectivos donos.

Depois de 31 de Maio de 1906 não accetaremos mais inscriptões.

Chefiará a expedição o Sr. coronel Theophilo Godoy, emérito creador mineiro, que já esteve na Índia por duas vezes, adquirindo gado indiano de primeira mão.

Assistirá com os seus conselhos ao *Jornal dos Agricultores* o Sr. Dr. Joaquim Carlos Travassos, o campeão do zebu no Brasil.

de um famoso templo, viu a famosa fogueira sagrada, com seus 350 troncos grandes e quase 3.000 menores, com 660 metros de circunferência e podendo abrigar umas 7 mil pessoas. Na manhã seguinte partiu para Ahmedabad, a melhor cidade do Guzeráte, distante 12 horas de Bombaim.

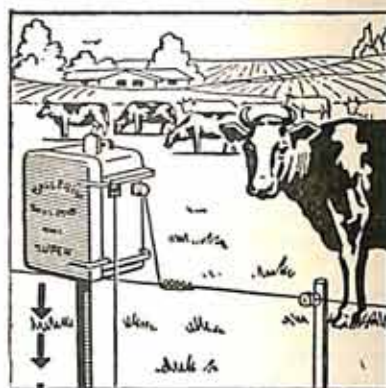
Aquela cidade, uma das maiores da região, situada às margens do rio Sabarmate, possui diversos palácios, mesquitas e mausoleus. Foi edificada por Ahmed Shah, que lhe deu o nome Ahmed Abad, isto é, cidade de Ahmed. Em 1512 foi conquistada pelo imperador Akbar e em 1780 caiu nas mãos dos ingleses. Foi esta cidade o ponto em que quase todos os importadores brasileiros efetuaram a maior parte de suas compras de gado Zebu, e onde reuniam suas levadas enquanto aguardavam o embarque para o Brasil.

Desta província indiana, Teófilo de Godoy, criador e turista, seguiu para Ajmehe e daí para o norte, alcançando Jaipur, a maior e a mais bela cidade da Bajputana e, em sua opinião, a mais formosa de toda a Índia, pelos seus palácios, avenidas e fortes. Visitou a residência do Marajá, seus jardins e parques, o observatório e as imensas cavalariças, com equinos de todas as raças; conheceu a cidade abandonada de Amber, toda de palácios, e seu grande forte coroando uma colina. Foi a antiquíssima cidade de Agra, antiga capital do império do Grão-Mogol e se exten-

siu ante o Taj Mahal, uma das maravilhas do universo.

Adiante de Agra encontrou a cidade de Secundarabad, onde se acha o túmulo de Akbar o Grande, fundador e consolidador do império Mogol, constituído de um vasto palácio com muralhas, jardins e monumentos. O sepulcro encontra-se no ponto mais alto do edifício, ao lado de uma coluna de mármore branco, onde estão gravados alguns de seus feitos. Prosseguindo, Godoy foi conhecer a famosa cidade de Delhi, capital do Indostão, sucessivamente dominada pelos hindus, maratas e musulmanos, teatro de lutas intermináveis, assédios, seguidos de massacres da população pelos conquistadores. Conquistada pelos ingleses em 1857, após cinco dias de sangrentos combates, veio a ser a capital do Império da Rainha Victoria. Naturalmente, neste resumo do interessante relato, não podemos transcrever as impressões do criador patricio, em suas visitas a uma série interminável de palácios, monumentos, fortes, templos e obras de arte de que a Índia é tão rica.

Teófilo de Godoy, em seu interessante opusculo, conta ter visitado diversas regiões e lugares interessantes, como Be-wari, Hansi, Sirsá, Bewani, Nagore e His-sar, onde o governo inglês mantinha já naquela época um estabelecimento para a criação de bovinos de longos cornos, musculosos, para tração de pesados carros de artilharia, dada a escassez de elefantes.

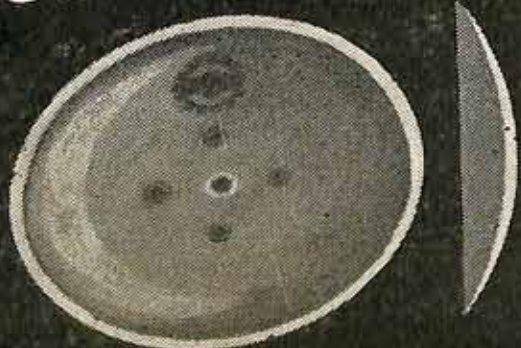


↓ **CERCAS ELÉTRICAS**
BALLERUP
(DINAMARCA)
↓ 80% DE ECONOMIA
↓ EFICIÊNCIA COMPROVADA

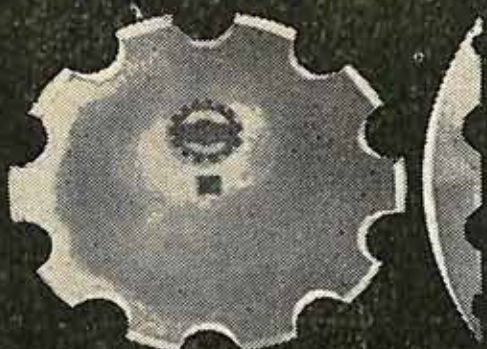
SOCIEDADE ALFA LTDA.
REP. EXCLUSIVO PARA O BRASIL
RUA BÉLGICA, 152 - TEL.: 80-6766
SÃO PAULO

**Discos
para grades
e arados
de 18" a 28"**

SHEFFILD



SHEFFILD



GARANTIA DE 1 ANO

contra:
desgaste excessivo
empenamento e quebra



Forjados em aço especial com análise química controlada. Tratamento térmico com inspeção contínua até o teste final. Os discos para grades e arados **SHEFFILD** e **VOLTAÇO** obedecem rigorosamente às especificações internacionais.

Estamos cooperando com o plano de fabricação do trator e de implemento agrícola no Brasil.



Produzidos pela
METALÚRGICA VOLTA REDONDA S. A.

Matriz: Volta Redonda - Estado do Rio
Escritório de vendas: Av. Cásper Líbero, 58 - 1.º and., cont. 115
Tel. 34-8688 - Cx. Postal 2024 - End. Tel. VOLTAÇO - SÃO PAULO



A volta ao mundo em noventa dias

Do Brasil aos Estados Unidos da América do Norte, à Ásia e à Europa

URBANO JUNQUEIRA

O sr. Urbano Junqueira, o adiantado criador degado Holandês, que, em sua fazenda, na cidade de Cruzília, em Minas, pode exibir ao mundo a vaca Jardineira, campeã brasileira de produção de leite, (14.305 quilos) empreendeu recentemente uma longa viagem pelo mundo, à procura de ensinamentos para a melhora de sua criação. Neste artigo, escrito especialmente para a "Revista dos Criadores" e nas fotografias que o acompanham, terá o leitor uma idéia do que foi essa rápida, mas agitada excursão por países da América, da África, da Ásia e da Europa.

Precisamos chamar a atenção para a parte referente à Rússia, onde ao viajante não lhe foi possível ver nada do que lhe interessava: terra sem liberdade, onde tudo é uniforme e desumano. Em contraste, a Holanda, jardim onde agricultura e criação assumem condições de verdadeira ciência.

Há a registrar ainda a sagacidade que revela o ilustre pecuarista mineiro. Suas palavras constituem um depoimento valioso, que o colocam entre os mais interessantes cronistas de viagens: do muito que viu, sabe contar o pouco que o leitor gostaria de saber. Todavia, estamos certos de que o nosso público muito apreciaria a continuação de suas impressões, principalmente no que se refere particularmente a assuntos pecuários.

17 de maio. Um fabuloso jato Boeing 707 Set Clipper da "Panamerica", numa nova via Pacífico (36 excursionistas) com destino a Los Angeles, fazendo escala no Rio de Janeiro, Caracas (Venezuela), Panamá e Guatemala.

A moderna cidade de Los Angeles, com seus três e meio milhões de habitantes, deslizando pelas ruas três milhões de automóveis, dá bem uma idéia do que seja a vida numa cidade americana. — Unida a São Diego, Hollywood e Long Beach, forma um estupendo conjunto de cidades, encenando maravilhosos passeios: estúdios cinematográficos, Beverly Hills, Knolls Beney Farma, Disneyland e Marinelandia. Zona petrolífera, onde funcionam ininterruptamente inúmeras sondas e refinarias.

São Francisco, situada entre as montanhas e o Pacífico, com suas fabulosas pontes — Oakland Bay Bridge e a Golden Gate Park — seus impressionantes trevos dando acesso às estupendas rodovias cimentadas. Em um auto último tipo, por nós dirigido, visitamos o modelar estado da Califórnia. Zona frutífera, pastagens naturais e artificiais totalmente mecanizadas, irrigadas; grandes plantéis de Holstein, Hereford, Jersey e Durhan. Aviários e muitos perús. Após a fertilíssima planície, vem a zona elevada, inicialmente com pastagens naturais e, em seguida, a zona montanhosa, toda reforestada, até o singular parque Yosewite, com suas sequoias seculares e suas cascatas tão deslumbrantes.

O sr. Urbano Junqueira e ao fundo a baía de Hong Kong, na qual aparecem algumas belonaves de guerra.

Numa segunda etapa, voamos ao Havaí, sonhada ilha, com a moderna cidade de Honolulu, toda transformada hoje com o domínio americano. Praias singulares, turistas em profusão, recebidos no aeroporto com colares de flores e no hotel, com suco de abacaxi, seu principal produto. Havaianas e shows frequentes. Céu e clima ótimo.

JAPÃO E FORMOSA

Novamente no Boeing da Pan-America e nove horas de voo a Tokio, com escala na ilha de Havaí. Grande curiosidade ao depararmos o território japonês. Tendo partido sábado à tarde do Havaí, chegamos segunda-feira de manhã a Tokio. E como tivemos que adiantar de cinco horas o relógio, perdemos assim um dia na vida! Esperava-nos no aeroporto uma simpática guia que se pôs a falar corretamente o portu-

guês e logo interrogada por nós sobre como podia ser aquilo, respondeu que naturalmente, pois havia morado dez anos em Ribeirão Preto! Enfim, a cidade de Tokio, com onze milhões de habitantes, ocupando o primeiro lugar no mundo em população, que é quase a população do Estado de São Paulo! Magníficos hotéis, os que melhor servem em todo o mundo; banhos e massagens, os pontos altos. Todo o interior é muito habitado: 71% das terras são montanhosas e não cultivadas; apenas 33% o são — e intensamente, com cereais que não são suficientes para o abastecimento interno. Culturas manuais, aração com búfalos. Não se vê gado: carne de vaca escassa. 50% do café consumido são do Brasil; custa 500 yens (340 por um dólar) 250 gramas valem 500 yens. Não tendo petróleo, constrói grandes usinas hidroelétricas, sendo o transporte quase que exclusivamente feito por trem. A educação é aprimorada: curso





Sequoias no Parque Yosewite, California, Estados Unidos da América do Norte.



Dança no Havai.



Cedros no Líbano.



Jerusalém, vendo-se ao fundo o Horto das Oliveiras.

elementar obrigatório e gratuito. O número de estudantes é impressionante. Os templos de Buda são inúmeros.

Taipé, capital da Ilha Formosa, está a oito horas de voo a jato de Tokio. Não oferece coisas importantes a ilha e cidade de Chiang-Kai-Shek. Alguns bonitos templos, usinas de enxofre e forte cultura de arroz nas encostas, toda em terraceamento.

HONG-KONG, TAILANDIA

Mais três horas de voo e um pulo a Hong-Kong. Bonita cidade, com aspecto do Rio de Janeiro. Porto livre e o maior comércio do mundo. Ao lado da cidade moderna, mormente a ilha arrendada aos ingleses, existe incalculável miséria: 150 mil refugiados desabrigados e quase sem trabalho. A pobreza, a miséria, a maneira por que vivem são de arrepiar os cabelos. Não tivemos permissão para entrar na China Comunistas. Disse-nos o guia, que lá a coisa é muito pior. Problema insolúvel, o da China: 600.000.000 de habitantes, em terras montanhosas e pobres.

Bang Kok, na Tailândia, está a 2,20 horas de Hong-Kong. País essencialmente agrícola, ocupando o primeiro lugar o arroz. Possui o original mercado flutuante, onde se encontra todo e qualquer artigo, desde armarinho até "prato feito". Os seus exploradores cultivam o arroz pelo mesmo sistema, empregando a água do rio para todos os fins. Sortidíssimas casas de artigos de prata e ouro. Inúmeros templos de Buda, sobressaindo o de Esmeralda, que é considerado o principal, pela crença de que encerra pedacinhos de ossos do grande deus. País onde as mulheres remam e usam pijama e os homens são indolentes.

Nova Delhi, a três horas e meia de Bang Kok. Calor tremendo: 50° à sombra. Cidade moderna, colossais avenidas. Prédios oficiais majestuosos, destacando-se o portal da Índia, arco triunfal construído em homenagem aos soldados indianos mortos no Oriente Médio durante a primeira guerra. Ao lado da cidade moderna, deparamos a cidade velha, onde a pobreza predomina em seus casabres. Em Agra, visitamos o famoso Taj Mahal, grandioso monumento, símbolo do amor eterno, a "sétima maravilha do mundo". Todo de mármore branco incrustado de pedras semipreciosas. Costumes primitivos: os homens usam barba, turbante e camisolão; as mulheres, o sari, algumas bastante elegantes, mormente as aeromoças no avião indiano. A principal exploração agrícola é o algodão, com produção igual à do Brasil, porém inferior em qualidade. Boas vacas e novilhas circulam pelas ruas principais e pelos jardins, sendo animais sagrados, que não podem ser importunados, não acontecendo o mesmo aos búfalos, que servem para todos os trabalhos, produzindo o leite e a carne.

O LEITE DE BUFALO EM BOMBAIM

Bombaim, a grande cidade da Índia, possui coisas interessantes: o tradicional Taj Mahal Hotel, a torre do silêncio. Religião em que os mortos são colocados e devorados incontinenti pelos corvos. Os ossos caem por uma grande câmara, sofrendo uma transformação química, em que viram pó, atirado ao mar. O lavadouro de roupas da cidade é coletivo: um pátio com tanques, onde vários homens de turbante e camisolão lavam toda a roupa.

Nas imediações da cidade está situada uma granja leiteira de búfalos, que abastece a população. É uma economia mista — propriedade do Governo e arrendada a particulares — uma área de 32.000 ares, com vários estábulos abrigando 15.000 búfalos. O governo compra o leite dos produtores (Cr\$ 15,00 o litro) beneficia-o em bem montada usina no local e o revende na cidade a Cr\$ 30,00. O quadro de movimento indicava 15.036 animais e 97.800 litros diários, média de 7 litros por animal, gordura 6,6. (O go-

vérno importa leite em pó da Holanda, que é adicionado ao leite de búfalo, com a finalidade de padronizá-lo). Produção máxima de um animal, 21 quilos. Um ordenhador ganha Cr\$ 2.700,00 (todo o serviço é manual) e um operário de laticínios ganha Cr\$ 5.400,00.

PAQUISTÃO, LIBANO, SIRIA, JORDANIA

Mais três horas de voo e descemos na terra de Ali Khan, o Paquistão. É um país muito pobre: terras arenosas. A água que serve Kanache vem de 160 quilômetros e é vendida na rua, onde fica depositada em potes. Os carrinhos são puxados por jegues e os maiores por camelos. No povo predomina a religião muçulmana. Homens de camisolão e mulheres de veste preta com o rosto vendado.

Com mais 4 horas de voo, o jato da Pan-America nos deixou em Beirute, lugar agradável do Líbano. Pequeno país, vive de turismo. Povo hospitaleiro, jantar gostoso e uma corrida de cavalos árabes (grande prêmio). Um belo cassino onde é escolhida a Miss Europa.

Uma corrida de automóvel à Síria, visitando as fabulosas minas de Bal Bick, construída pelos romanos e considerado o maior templo do mundo pagão. Sua construção durou 250 anos e nela trabalharam 1.100 escravos. Região árida e pedregulhosa, com exceção de um vale que abastece a região. Damasco pouca coisa oferece de interessante: alguns templos, rua Direita, parte coberta e estreita, com grande comércio.

Mais um pulo e conhecemos a Jordânia. Jerusalém, a Terra Santa, lugar que mais emociona a um católico: é sobrenatural e que se sente ao visitar os lugares sagrados, que são conservados na sua forma primitiva. Visita a Belém, Jericó, Rio Jordão e Mar Morto, pelo grande deserto de San Juan. É uma pequena insinuação: todo católico, se possível, deve conhecer a Terra Santa.

EGITO, IRAQUE E EUROPA

Com duas horas de voo sobre o deserto e cruzando o continente asiático, com o africano, dividido pelo Canal de Suez, bem visível do avião, descemos às margens do Rio Nilo, no Cairo, grande cidade situada no fertilíssimo vale e circundada pelo deserto. As tradicionais e impressionantes pirâmides, os históricos túmulos de boi Apis, etc. no deserto próximo a Menfis. A grande estátua de Ramsés I em Sakara e, com doze horas de trem, nas férteis margens do Rio Nilo, zona toda cultivada de milho e algodão, chegamos a Iraque, a antiga Tebas, que tem os dois templos mais antigos do mundo. Povo indolente, velho hábito de trabalhar camisolão, grande mendicância. Camélos, jegues e búfalos em profusão. Serviço todo manual na lavoura. (Em dois meses no Oriente, não vi um trator).

Rumo à Grécia histórica, com o seu símbolo, o Parthenon. Terras pobres, indústria naval e turismo. Roma com toda a sua

arte e a deslumbrante cidade do Vaticano, onde as mulheres são mais bonitas. Paris, o máximo em turismo, com sua vida noturna turbulenta.

RUSSIA, PAÍZ SEM LIBERDADE

Moscou: em três horas e meia, o veloz Jato russo, a 1.100 quilômetros horários e a 10.000 metros de altura, transportou-nos à cidade cortada pelos rios Moscow e Volga. Terreno plano, regularmente reforestado, terras regulares. Cidade de 7.000.000 de habitantes, que não têm uma única cara individual. Grandes prédios, tipo caixote, que o governo aluga ao povo. Tudo é estatal (propriedade do governo). O povo tem um aspecto triste; veste-se com traje barato e de mau gosto e as mulheres não usam jóias. O serviço pesado é feito na maioria pelas mulheres: agricultura, jardinagem, varrição de ruas, asfaltamento de estradas, carregamento de caminhões, etc. É de penalizar! Os homens, creio, trabalhando na fabricação de material bélico e nos seus treinamentos. País sem religião e totalmente sem liberdade. Não existe um bar. As 11 horas da noite, as luzes são reduzidas a uma terça parte. No enorme hotel velho, o horário é rigoroso: café às 8 1/2, almoço, etc. e por aí vai, com uma comida insuportável! Fazendo alguma exceção, possuem umas poucas coisas fabulosas: a universidade de Moscou (a maior do mundo) para 24.000 alunos; o metrô de Moscou e o do Leningrado, cujas estações são todas de mármore e granito, lustres de cristal; esquilas históricas dos chefes políticos, etc. Servidas por enormes e rapidíssimas escadas rolantes. Linda e enorme piscina, grande parque de exposição, fontes luminosas, pavilhões históricos permanentes, o das indústrias, da agricultura e dos foguetes, onde se acha o primeiro lançado e o modelo dos dois segundos. O mais é uma velharia, aliás, quanto à pessoa humana, não se viu um velho. Depois de muito indagarmos onde estavam os velhos, deram-nos a entender que, uma vez inválidos, são enviados para a Sibéria. Fiz várias solicitações para visitar fazendas, mas não fui atendido. Respiramos ao deixar o território russo. Com exceção de astronáutica, este povo está cem anos atrás do americano.

Praga, apesar da Tchecoslováquia ser semi-socialista, tem aspecto completamente diferente do da Rússia. Boa cidade, gente de boa aparência, bom comércio, com os formidáveis cristais da Boêmia, bom hotel, com a fabulosa cerveja Pilsen, que irradiou por todo o mundo.

A HOLANDA, JARDIM FABULOSO

E eis a Holanda, finalmente, concretizando o sonho de um criador principiante, na quarta geração, que procura manter um rebanho iniciado pelo bisavô e aprimorado pelo avô e pelo pai, cuja fazenda, juntamente com duas mais, receberam o primei-

ro touro Holandês importado no Brasil. Em 1890 deu-se esta histórica ocorrência.

Fabulosa é a vista aérea noturna de Rotterdam e Amsterdan, esta cortada por canais e trafegada por 500.000 bicicletas, com um total de 1.000.000 de habitantes. País plano e baixo, as pastagens são abundantes, gado em profusão com a melhor aparência possível.

Como são impressionantes os diques existentes, principalmente o último construído, ligando Amsterdan à província da Frísia! Vinte e nove quilômetros atalhando o mar, de um lado o Mar do Norte; de outro, o grande lago salgado, que ficou fechado, pois por cima passa a estrada.

O país é um jardim e o gado é fabuloso. Com bastante trabalho e sacrifício, pude escolher e comprar quarenta animais novos das duas variedades da raça, que poderão ser bastante úteis à melhora do rebanho nacional.

As propriedades têm em média 30 hectares, mantendo 30 a 50 vacas; ordenha mecânica; no verão, vivem exclusivamente de pasto; a ordenha é feita no pasto; ordenhadeira movida por trator ou motor. Durante seis meses, os animais ficam exclusivamente estabulados. O hectare de terra custa, em nossa moeda, Cr\$ 500.000,00. Somente o filho primogênito herda, lei que visa evitar a divisão das propriedades, pois o problema local é o minifúndio.

DE VOLTA AO BRASIL

Londres, cidade simpática e organizada, com lindo comércio. Mas Nova Iorque é a mais trepidante. Tudo aqui é grande. Verdadeiro progresso. Basta uma simples comparação para demonstrá-lo: toda a energia elétrica existente no Brasil não é suficiente para movê-la.

Mais nove horas de viagem, em solo do insuperável Brasil, apesar dos pesares.

Cheguei à conclusão de que o futuro e a riqueza do Brasil estão em primeiro lugar na provisão de carne. Podemos criar boi do Amazonas ao Rio Grande do Sul, que há mercado. Para produtos oleaginosos de algodão, amendoim, etc. há grande mercado.

É incalculável o consumo de café no mundo, com exceção da Rússia, onde é pouco consumido, porque o preço é proibitivo. Em hotéis e restaurantes é muito consumido, mas nas residências menos, devido ao alto preço. Quando se pergunta pelo preço de um quilo de café, não sabem responder, porque ninguém compra essa quantidade. Em Beirute paguei Cr\$ 90,00 por um cafézinho! Com política acertada e propaganda, todo o café brasileiro será vendido.

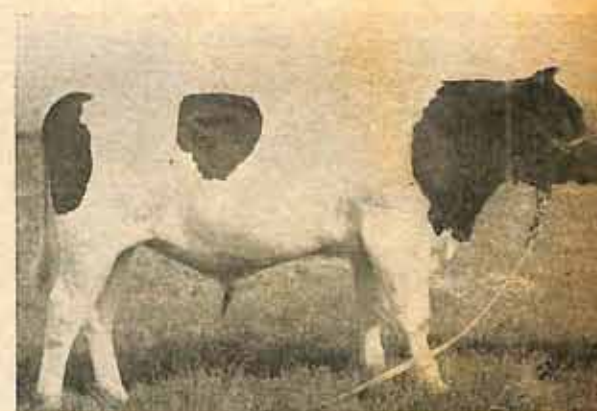
Da direita para a esquerda: Urbano Junqueira e Alcides Faria, em Santos visitam o navio que trouxe o gado adquirido na Holanda. A seguir um criador holandês com 76 anos e que já fez mais de 250 viagens de navio acompanhando gado e a seu lado um neto que segue as pegadas do avô.



Universidade de Moscou.



Quatro vacas do gado da Holanda.



Garrote de Urbano Junqueira



CUIDADOS DE HIGIENE NAS OPERAÇÕES

WALTER C. BATTISTON
Med. Vet. A.P.C.B.

Cuidando dos animais, na fazenda, ou na cidade, necessita o profissional veterinário muitas vezes fazer intervenções cirúrgicas de importância e obter excelentes sucessos; devido, porém, à distância e à situação em que se encontram nossas fazendas, e mesmo devido a interesses econômicos (errados) grande parte dos animais são "operados" por leigos e curiosos ou por algum peão mais ou menos esclarecido, e, aí, as possibilidades de bons resultados são pequenas, devido à falta de higiene que caracteriza a maioria das fazendas e os trabalhadores rurais brasileiros. A estes nos dirigiremos, em termos claros e adequados, para que procurem agir melhor.

Sabe-se que, no meio em que vivem e são medicados os animais, existem inúmeros micróbios prejudiciais, que estão tentando constantemente atacar as rezes causando-lhes doenças e malefícios diversos; contra esses inimigos, existe também o mecanismo de defesa do animal, representado, entre outras coisas, pela pele ou couro. Nas condições normais, a pele e as mucosas (forros) conseguem combater os germes mas, quando estão feridas ou são coroadas (casos de operação), abre-se na pele e nas mucosas uma "brecha", por onde os micróbios penetram e atacam o organismo. Deve o homem, portanto, evitar a todo custo a "penetração" de tais micróbios (fazendo a assepsia) ou atacar os que já atravessaram a barreira (usando a antissepsia); no primeiro caso, seriam empregados "desinfetantes" e a higiene e, no último, os antissépticos. Na prática, porém os termos desinfetante e antisséptico são confundidos e preferimos chamar tudo de "desinfetante".

Existem, no comércio, dezenas de desinfetantes, para os mais variados casos, nas mais diversas concentrações e embalagens; naturalmente, o melhor desinfetante é aquele que custa pouco, que serve para todos os casos, que não é perigoso, que é fácil de ser encontrado e empregado e que não prejudica o homem, os animais e os alimentos. Claro está que tal droga não existe — e temos de nos valer do que mais se aproxima do tipo ideal. Entre os produtos recomendados, teríamos o Lysoform, que parece ter ótimas qualidades, é de fácil manejo e encontrável em qualquer farmácia, por preço econômico e pouco perigo oferece a quem o usa.

Seja tratando um ferimento, seja fazendo cirurgia, quanto mais detalhes de higiene forem observados, melhores serão as possibilidades de cura e menos trabalho se terá depois.

PREPARO DO MATERIAL OPERATÓRIO

Antes de qualquer operação, as pinças, os bisturis ou canivetes, os instrumentos a ser usados deverão ser esterilizados; o melhor meio para isso é manter as peças em água fervendo, por dez minutos. Em certos casos se recomenda colocar o material numa bacia, cobri-lo de álcool e atear fogo, ou passar os instrumentos por uma chama (flambagem) mas tais processos costumam "desemperar" as ferramentas de corte.

Ao ser transportado e no decorrer da operação, o material esterilizado se contamina; para evitar tal inconveniente e facilitar o resfriamento dos instrumentos, recomenda-se conservá-lo numa solução contendo desinfetante. Em geral se usa um balde contendo água e desinfetante e nela se mergulha o material que se vai retirando para usar e novamente aí se coloca. Recomenda-se Lysoform para usar e novamente aí se coloca. Isto é, para cada dez litros de água, um litro de desinfetante; esse produto, além de não atacar o material (enferrujando, estragando o corte etc.) não deixa escorregadia a ferramenta (como a creolina), é de odor agradável e produz mistura quase sem cor, o que facilita a tarefa de encontrar os instrumentos dentro do balde.

PREPARO DA REGIÃO A OPERAR E DO OPERADOR

A primeira coisa a ser feita, depois que o animal está bem seguro, é cortar bem curtos os pelos da região ou, melhor ainda raspá-los com gilete. A seguir, lava-se toda a região com água e sabão, usando a mesma solução do balde (Lysoform a 10%), quando for possível, convém pinçar com tintura de iodo a região, especialmente as vizinhanças do corte.

Tendo as unhas limpas e cortadas, o operador deve lavar bem as mãos com sabão e escova e mergulhá-las em água limpa contendo

do desinfetante, a qual pode ser a mesma do balde ou nova solução de desinfetante (Lysoform a 5%) ou álcool. Quando alguma ferramenta cair no chão, deverá voltar para o balde depois de retiradas as sujeiras.

Todos esses cuidados, embora pareçam inúteis, são importantes, porque com eles diminuem as possibilidades de insucesso e de complicações, evitando portanto, novos trabalhos.

Ao terminar as operações, recomenda-se fazer nova lavagem com água e desinfetante, especialmente o corte; para isso seria interessante fazer nova solução de água e Lysoform a 5%. Depois de bem enxuta a região, convém colocar sulfanilamida em pó ou BHC a 3%, ou os dois produtos, sobre o corte para facilitar a cicatrização. Quando se dá pontos com fios de algodão, não se deve empregar tintura de iodo depois dos trabalhos, porque ela "queima" o fio, que perde a resistência.

Os cuidados aqui recomendados cabem principalmente nas castrações, nos cortes de tumores etc., mas podem ser usados nos casos de ferimentos que se deseja "limpar", como as "frieiras".

Quando possível, sobre os cortes da operação, convém colocar um pano, gaze ou algodão protetor, preso com esparadrapo, para evitar novas infecções e complicações.



Castração de leitões — pode-se ver: (1) o vasilhame com desinfetante; (2) frasco de desinfetante (no caso, Lysoform); e (3) bandeja esmaltada, onde há desinfetante e onde são colocados os instrumentos ocupados na operação.

REVISTA DOS CRIADORES

para o fazendeiro progressista



HIGIENE É LYSOFORM BRUTO

Assim como adotou as modernas técnicas de conservação do solo, rotação de culturas, plantação em curvas de nível, seleção de espécies e de sementes, mecanização e adubação científicas, o Fazendeiro Progressista atualizou também seus conhecimentos em matéria de higiene rural.

1 - Os velhos desinfetantes à base de breu ou de fenol foram superados pelo Lysoform Bruto que é muito mais ativo e evita o perigo de intoxicação quer para homens quer para animais.

2 - Lysoform Bruto, usado na higienização de bebedouros, previne doenças e pestes;

3 - Na desinfecção de estábulos e aviários, Lysoform Bruto é insuperável e tem ainda a vantagem de ser desodorante eficaz;

4 - No asseio e tratamento de cavalos, bois, porcos, cabras, ovelhas, coelhos, etc., Lysoform Bruto liquida parasitas e permite curativos e operações 100% garantidas, como a de castrar.



LYSOFORM BRUTO

é vendido: em um litro — em garrações de 5 litros —
em latas de um litro — em latas de 20 litros — em
tambores de 200 litros

LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.

Rua Dona Veridiana, 177 - Tel. 52-1151 - São Paulo - Caixa Postal 2872

A.P.C.B.

PRODUTOS Á VENDA

Rua Jaguaribe, 634

Tels. 51-6963 e 51-6380

S. Paulo

SEMENTES

SAFRA 1961

PARA PASTO

Catingueira Roxo	Cr\$ 28,50
Jaraguá do chão	Cr\$ 21,00
Cabelo de negro	Cr\$ 29,50
Colônião	Cr\$ 120,00

AZEDEM — a consultar.

FORRAGEIRAS

Alfafa
Aveia
Centeio
Cevada
Ervilhaca

FUNGICIDAS

Cupra-verde — Altamente concentrado, c/ 88% de oxicleto de cobre, substitui perfeitamente e com vantagem a «Calda Bordaleza». É muito econômico pois é necessária apenas a quantidade de 400 a 600 gramas para cada 100 litros de água. Essa dosagem varia com a espécie de cultura.

Preço — Quilo Cr\$ 415,00

Kumulus — Enxofre coloidal, molhável — 98% de enxofre. Eficiente no combate a doenças e pragas da lavoura, como cinza, ferrugem, manchas e ácaros.

Preço — Quilo Cr\$ 53,00

Cupruxidrol - Ultra — Cobre 80% — No combate às pragas que atacam as culturas de batata, tomate, café, cacau, fumo, videira, citrinos etc.

Preço — Quilo Cr\$ 160,00

Tixol extra, Arsenical — lata de 1 litro	262,00
Tixol extra, Arsenical — lata de 10 litros	2.184,00
Cooper-Tox — tambor de 20 litros	10.200,00

PARA CORTE E FENAÇÃO

Alfafa	(	(
Soja Ototar	(	preços a consultar
Sorgo	(	
Guandú	(	

REFLORESTAMENTO

Sementes de eucalipto
Saligna
Tiriticornis
Alba
Citriodora

— X —

FORMICIDAS LÍQUIDOS

Brometo de Metila Blemco caixa com 48 latas	16.000,00
I.A.P., caixa com 48 latas	10.000,00
Brometo de Metila e Bi-sulfureto de Carbono — Formicida M.M. 33, caixa com 6 vidros de 1 litro	1.512,00
Bi-sulfureto de Carbono — Formicida Júpiter — caixa com 2 garrações de 3½ litros cada um	686,00

BASE DE ALDRIN

Shell, vidros 450 cc.	350,00
Nitrosim, vidros 250 cc.	368,00

CARRAPATICIDAS

Dip-Tox — tambor de 20 litros	20.720,00
Neocidol P — pacote de 1 quilo	280,00
Neocidol P — pacote de 5 quilos	1.365,00
Fenatox a 40% — pacote de 1 quilo	105,00
Geigy, a base de Diazinon — lata de 1 litro	3.640,00

PARA ADUBAÇÃO VERDE

Feijão de Porco	(	(
Feijão mucuna	(	(
Feijão Soja	(	(
Labe labe	(	preços a consultar
Crotolaria Juncea	(	
Crotolaria Paulina	(	
Gramma Batatais	(	
Festuca (americana)	(	

GRAMÍNEAS

Gramma Batatais
Kentuki Festuca 31

EM PÓ

Tatú — Cianureto de Potássio, caixa com 60 latas de 200 gramas	3.600,00
Arsenico Sueco, quilo	65,00
Enxofre americano, quilo	35,00
Shel, lata - quilo	150,00

GRANULADOS

Wolf sacos de quilo	81,00
Isca-Tox, saquinho 400 grs...	123,00

BERNICIDAS

Bibe-Tox, lata de 40 g.	175,00
Idem, lata de 1 quilo	387,00
Pearson, lata de 1 quilo	280,00
B.H.C. a 12 — alemão, para misturar em óleo queimado, quilo	140,00
Pó de fumo, Rei com 10%	
Lata 2 quilos	385,00
Lata 20 quilos	3.612,00

Neguvon + Assuntol. pat. 50 g	1.440,00
Geigy a base Diazinon — E-60	
lata de 1 litro	1.750,00
Geigy Diazinon M. 40 pct 2 K.	2.650,00
Curabicheira Geigy a base de Diazinon Lata 500 grs.	120,00
Carrapatox — lata de 1 litro	500,00

REVISTA DOS CRIADORES

PULVERIZADORES

Bombas para todos os fins manuais, para banhar animais com soluções de carrapaticidas pulverizar árvores regar jardins desinfecção de galinheiros chiqueiros etc., para pulverizar gado, arvoredos, desinfetar estábulos e qualquer outro fim:

Excelsior Cobre	10.196,00
Bomba Excelsior	5.498,00
..No combate à broca do café temos BHC de procedência americana, nas seguintes concentrações:	

Preços para tonelada

1%	quilo Cr\$ —
1,5%	quilo Cr\$ 30,00
2%	quilo Cr\$ 32,00

POLVILHADEIRA JACTO-COSTAL — Cr\$ 9.797,00 —

TESOURAS PARA FINS DIVERSOS

Para podar, marca Corneta, curva	Cr\$ 267,00
Fujiboshi, japonesa	Cr\$ 250,00
Kara tosar carneiros alemã N.º 425,10	Cr\$ 1.513,00

SODA CAUSTICA EM ESCAMAS

Caixa com 24 latas Cr\$ 1.400,00

CÊRCAS ELÉTRICAS

Aparelhos eletrificadores de cerca — Ballerup	25.273,00
Aparelho para cerca elétrica com pilha	23.619,00
Aparelho para cerca elétrica (eletricidade) 220 volts	27.530,00
Aparelho para cerca elétrica (Super Universal para 110 e 220 Watts)	3.035,00
Jogo de Pilha	

FERRO DE DESCORNAR

Fornecemos instruções sobre o modo de usá-lo	Cr\$ 392,00
--	-------------

CANIVETES PARA ENXERTOS

Nº 8802	Cr\$ 343,00
Nº 8801	Cr\$ 304,00

PRESERVADORES DE MADEIRA

Osmose — lata de 5 litros..	Cr\$ 950,00
Carbolineum, lata de 20 quilos	Cr\$ 725,00
Palum, Pearson, preservativo de madeiras, tambor de 20 litros	Cr\$ 1.370,00

VASSOURÕES DE PIASSABA

Para terreiros de café, estábulos, grande etc.	Cr\$ 262,00
---	-------------

CABRESTOS DE SOLA, COM CORRENTES

Para bezerro	Cr\$ 380,00
Para vaca	Cr\$ 584,00
Para touro	Cr\$ 658,00

BASTÕES PARA CONDUZIR TOUROS

Todo de ferro, preço	Cr\$ 480,00
----------------------------	-------------

JOGOS DE NÚMEROS

Para marcação a fogo. Coleção de 0 a 9, nos seguintes tamanhos: 5 cm de alt.	Cr\$ 2.672,00
---	---------------

CAPAS IMPERMEÁVEIS COM CAPUZ

Plástico. Sem emendas e sem costuras. Kráticas, duráveis, não rasgam. Para uso no campo e na cidade. Cores: preta, marrom, cinza e verde. Tamanho: 42 a 45. Capa com capuz (P/ senhora) Cr\$. . . 360,00.

LIVRO DE REGISTRO DE GADO

Livro prático e eficiente e que não deve faltar na fazenda. Contém 200 páginas, sendo 4 destinadas ao controle geral e as outras 196 ao registro individual de cada rês. Aí ter-se-á linhagem do animal, dia, mês e ano em que nasceu e outras anotações. Se foi vacinado contra o carbúnculo sintomático e hemático. Há ainda um retângulo para fotografia do animal — Cr\$ 700,00.

FERRAMENTA

Alfange sueco, sem cabo, tamanho 24	Cr\$ 1.020,00
Chumbeador, aparelho para castração de porcas, s/ operação	Cr\$ 325,00

TORQUÊS PARA CASTRAR

Para bovinos d todas as idades. Processo simples, rápido. Engorda rápida.	
---	--

PREÇOS

Nº 42 — sem bico —	Cr\$ 6.855,00
Nº 42 — com bico —	Cr\$ 7.355,00
Nº 52 — sem bico —	Cr\$ 7.140,00
Nº 52 — com bico —	Cr\$ 7.640,00
Com bico lateral evita-se a fuga dos tendões.	

RAÇÕES

Aveia, linhaça e alfafa em fardos	a consultar
Farelo de Amendoim - saco de 50 quilos	a consultar
Farinha de Osso (não empapa) - A única assimilável pela criação - saco com 60 quilos	Cr\$ 1.800,00
Sais minerais Sivam para Bovinos - sc. c/25 quilos.....	Cr\$ 2.300,00
Sais minerais «Tortuga» para Bovinos - Sc 25 K	Cr\$ 1.625,00
Sais minerais «Tortuga» para Suínos - Sc 25 K	Cr\$ 1.425,00
Sal mineral Socil Mineral para Bovinos sc. 20 quilos	Cr\$ 1.170,00

FORMULAS A.P.C.B. - bovinos para serem adicionados em 60 quilos de sal	Cr\$ 300,00
P/ suínos	Cr\$ 290,00

DESINTEGRADORES

Schutzer (conjugada) — máquina para desintegrar e picar	45.000,00
Torresan, para milho, cana verde, capim, produzindo até fubá	35.000,00
Debulhador Tamoio, adaptável em caixa de madeira, somente a máquina sem cavalete ..	Cr\$ 821,00

ENCERADOS

Lona de qualidade superior:	
Lona 8, verde m quadrado (consultar)	
Lona 10, verde m quadrado (consultar)	

BOTAS DE BORRACHA NOGAM

Cano curto	857,00
Cano Longo	918,00

BOTAS DE BORRACHA CAÇAPAVA

Cano longo (até o joelho) Nos. 36-37-38-41-42-43-44	Cr\$ 650,00
---	-------------

BOTAS DE BORRACHA VULCABRAZ

Anti-derrapante. Tamanhos 38 a 42	
Cano longo (até o joelho) —	Cr\$ 918,00
Cano curto —	Cr\$ 857,00

SÔBRE OS PREÇOS DESTA LISTA OS SÓCIOS TÊM O DESCONTO DE 3 A 10%

OS PEDIDOS DEVERÃO VIR ACOMPANHADOS DA RESPECTIVA IMPORTANCIA.

— ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL. — VENDEMOS A PRAZO PARA

ASSOCIADOS — OS PREÇOS DA PRESENTE LISTA PODERÃO SOFRER ALTERA-

TERAÇÃO SEM PRÉVIO AVISO

Problemas sanitários da pecuária paulista

III — TUBERCULOSE

MÁRIO D'ÁPICE

Catedrático da Faculdade de Medicina Veterinária (U.S.P.)

Nos nossos rebanhos leiteiros, além da febre aftosa e da brucelose, que são doenças que por assim dizer deviam ou poderiam ser perfeitamente dominadas, desde que se congregassem os esforços, no sentido de tomar uma série de providências, que em linhas gerais foram recomendadas em artigo anterior, grassa também a tuberculose.

O gado de leite paga pesado tributo a esse mal. Nossa ex-

periência de anos nos indica caminhos que são por alguns combatidos, embora esses mesmos técnicos — e dizemo-lo sem nenhuma intenção de crítica, mas apenas para leva-los a melhor meditar sobre o problema — nunca tenham realizado uma campanha sanitária contra a tuberculose, ou saneado um rebanho tuberculoso. É essa, apenas essa, a razão por que se colocam em campo oposto ao nosso.

TUBERCULOSE BOVINA

A tuberculose bovina, mais precisamente a do gado leiteiro, conquanto não seja das mais difusíveis epizooticamente, causa enormes prejuízos não só pela perda do animal, mas também pelo comprometimento de seu rendimento econômico.

Todos os órgãos podem ser atingidos, e como não determina a morte rápida, a produção é quase sempre diminuída, quer em qualidade quer em quantidade, causando prejuízo econômico surdo, mas certo e progressivo.

Atualmente, o controle da tuberculose repousa em erradicação, imunização e terapêutica.

A opinião de muitos pesquisadores não vai além de âmbito puramente pessoal. Todavia, qualquer que seja este ponto de vista, o sucesso da operação, só pode ser completo quando se consideram o número de rebanhos, o número de reagentes, as condições econômicas, as possibilidades materiais, o número de técnicos e auxiliares, o grau de receptividade e compreensão dos criadores, sem contar a parte puramente técnica, que exige aplicações específicas para cada caso ou grupo de casos.

As condições do meio é que fazem variar a orientação, e é por isso que se estabelecem intermináveis discussões, a maioria das vezes inoperantes, porque cada técnico se limita a isoladas observações, feitas em condições muito peculiares, sem atentar em qual seria seu ponto de vista em outras situações, embora se tratasse de combater a mesma doença.

Exemplifiquemos. A tuberculose pode ser combatida pelo emprego da tuberculina, mas não pensemos que este método pode ser adotado em qualquer tipo de rebanho.

Num rebanho pequeno, com poucos reagentes, o saneamento é simples e rápido. Num rebanho grande, com alto índice de infecção, com freqüentes entradas e saídas de animais, não é uma simples tuberculinização que possa saneá-lo, embora a base da ação repouse exclusivamente no emprego da tuberculina, do mesmo modo que o foi no primeiro caso.

Assim encarado o problema, cada rebanho ou grupo de rebanhos semelhantes, com características, objetivos, organização e possibilidades próprias, requer medidas adequadas e critérios apropriados, sob a responsabilidade do técnico, afim de atender aos interesses em jogo e atingir os objetivos da campanha, que é erradicar a tuberculose. Aqui como na brucelose, não é a tuberculinização simplesmente aplicada que resolve o problema; é através de tuberculinização rigorosamente aplicada e convenientemente interpretada, mediante seleção da via de introdução e número de repetições com intervalos apropriados, (condições essas que variam de acordo com os resultados, que forem sendo obtidos) ao fim de um certo espaço de tempo, que forem sendo obtidos, que atingiremos o objetivo variável dentro de largos limites, que atingiremos o objetivo final — a erradicação da tuberculose.

REVISTA DOS CRIADORES

Nas infecções



PENTABIÓTICO

VETERINÁRIO

Para todas as espécies animais

PRÁTICO • ECONÔMICO • EFICIÊNCIA MÁXIMA

UM PRODUTO DAS

Indústrias Farmacêuticas



Fontoura-Wyeth S.A.

DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA

Tradição e qualidade a serviço da terapêutica veterinária
Rua Caetano Pinto, 129 — São Paulo — Brasil

A tuberculina é como que um instrumento ou aparelho, que, manejado por mãos hábeis, dá ótimos resultados; não se conclua, porém, que não seja segura, pelo simples fato de ter sido inconvenientemente utilizada.

O controle da tuberculose, apesar das opiniões contraditórias a respeito, repousa ainda no emprego da tuberculina. Esta, repetimos, quando de boa qualidade, aplicada acertadamente, repetida e interpretada convenientemente, presta os mais valiosos serviços, constituindo ainda, sem dúvida alguma, o mais eficiente meio de despistar os animais tuberculosos e sanear os rebanhos.

Os Estados Unidos, só depois de 17 anos de campanha educativa bem conduzida, por meio de folhetos, cartazes, artigos em jornais etc., puderam iniciar uma campanha de erradicação baseada no emprego da tuberculina. Com a incidência de 5% de reagentes, só depois de 30 anos de intenso e sistemático trabalho de saneamento é que puderam reduzi-la praticamente a zero.

Na Dinamarca, onde Bang instituiu o emprego da tuberculina como base de campanha sanitária, em 1909, exigiram-se também cerca de 40 anos para livrar o país da tuberculose, não obstante as condições especiais de criação, pois os rebanhos, em número restrito, viviam em numerosas ilhas num isolamento quase natural.

Com esses e outros trabalhos realizados em diversos países, acumulou-se uma experiência valiosa, de modo que o saneamento dos rebanhos baseado no emprego da tuberculina, constitui hoje uma atividade que exige conhecimentos profundos do assunto, sinão daqueles que a aplicam, pelo menos dos que dirigem a campanha. O sucesso repousa, sem dúvida alguma, nesses estudos e nessa experiência.

De nossa parte, quer em rebanhos isolados, quer quando dirigimos a campanha nas granjas leiteiras de tipo A e B, comprovamos o quanto se pode conseguir por meio de um trabalho metódico e orientado, acompanhado do perfeito esclarecimento de todos os casos duvidosos, tanto aos técnicos quanto aos criadores, de modo a formar uma mentalidade de equipe, com a perfeita colaboração dos criadores. Foi graças a esse espírito que, em oito anos de trabalho (de 1949-1957), foi possível reduzir de 15% para 2% apenas a incidência de tuberculose.

O sucesso no combate à tuberculose bovina repousa nas seguintes condições:

- tuberculina perfeitamente dosada e suficientemente sensível;
- métodos de tuberculinização de acordo com os casos;
- limitações da tuberculinização: falsas reações positivas ou negativas;
- variação alérgica por parte do animal;
- técnico que realiza e interpreta a prova;
- repetição da prova, sem intervalos que podem variar segundo o caso;

Veja
o grande sortimento de

CAMISAS
GRAVATAS
MEIAS e
LENÇOS

**CASA
KOSMOS**



g) casos particulares que exigem critérios adequados.

Com referência ao B. C. G., de que tamanhos resultados vêm sendo proclamados na medicina humana, tal êxito não significa que possa ser empregado na veterinária. Em primeiro lugar, todas as experiências realizadas com animais fracassaram totalmente, técnica e economicamente. Em segundo lugar, nos países onde se intensifica mais sua aplicação no homem, dados os bons e reais resultados obtidos, o emprego na veterinária é terminantemente proibido. Em terceiro lugar, não há país, a despeito dos esforços feitos nesse sentido, que tenha podido sanear seus rebanhos pelo emprego do B. C. G.; muito ao contrário, depois de algum tempo, todos os criadores se desinteressam do caso, quer pelos resultados pouco satisfatórios, quer pelo grande dispêndio que exige sua realização, sem nenhum benefício prático. Em quarto lugar, mesmo quando fosse possível a execução de uma campanha total, a proteção não é capaz de impedir o estabelecimento de infecção ativa, com seu cortejo de consequências. Em quinto lugar, há uma diferença fundamental entre a tuberculose humana e a animal. No homem, a infecção, isto é, a presença do bacilo tuberculoso para formar o chamado «complexo primário» é indispensável para lhe garantir resistência contra a tuberculose-doença, ou seja, com manifestações clínicas da doença; nos animais, a simples presença do bacilo no organismo não pode ser admitida.

No primeiro caso, é indispensável que o homem apresente reação positiva à tuberculina, o que só é possível quando portador do «complexo primário»; nos animais, os reagentes à tuberculina não podem ser tolerados num rebanho. Esta circunstância é que estabelece a diferença, pois o B. C. G. se

FOSTER sempre servindo a

AGRICULTURA



Arados - Cultivadores - Grades de dentes/
discos - Plantadeiras manuais - Semeadeiras
para f/ animal - Polvilhadeiras - Pulverizadores

Engenhos/Moendas para cana - Desnatadeiras -
Batedeiras - Descascadores café/arroz - Moinhos p/
fubá - Cortadores de forragens - Trituradores, etc.

CASA FOSTER



Rua Florêncio de Abreu, 441 - Caixa Postal, 56 - SÃO PAULO

R E C I F E - Rua do Imperador, 290 - Caixa Postal, 907

BOTAS DE BORRACHA

NOGAM

PARA O FAZENDEIRO
PROGRESSISTA...

...a bota é sempre a **NOGAM**



- ☆ Antiderrapante
- ☆ Totalmente impermeável
- ☆ Sem emendas
- ☆ Forjadas em uma só peça
- ☆ Forradas e sem fôrro
- ☆ Grande durabilidade!

MANUFATURA DE ARTIGOS DE BORRACHA
R. Madre Cabrini, 364 - Fone: 70-2822
S. PAULO

NOGAM

NA CAÇA, NA PESCA, NA INDÚSTRIA, NA LAVOURA...

destina a impedir a tuberculose-doença e não a tuberculose-infecção. Daí, não se justificar seu emprego na veterinária. Apesar disso, mesmo que se insistisse, seriam necessárias seis aplicações em bezerros, desde o nascimento até aos três anos, isto é, duas aplicações por ano, permanecendo os animais absolutamente isolados de todo e qualquer contato infectante, o que é quase impossível. Além disso, a infecção é própria do animal adulto, cuja predisposição se dá pelas contínuas crias e lactações, períodos em que não se pode nem se deve aplicar o B. C. G., por ser inoperante e por dar reação positiva à tuberculina, indistinguível da infecção. Outras considerações de ordem técnica a contra-indicam, mas fogem do âmbito deste artigo.

Em face do exposto, é de lamentar que mais uma esperança se desvança, sobretudo para aqueles que acreditam na possibilidade de sanear seus rebanhos pelo B. C. G.

Resta-nos o tratamento. De há muito se tenta o tratamento da tuberculose pela tuberculina com as sulfas, sulfonas, antibióticos, aínas etc., mas, só com o advento da hidrazida, só ou associada a outros produtos, é que se deu realmente um grande passo na quimioterapia da tuberculose.

Iniciadas as experiências em animais e comprovando-se no homem, surgiram, como era natural, trabalhos de caráter experimental, e mesmo práticos, aplicados a animais domésticos, particularmente, a bovinos leiteiros. A aplicação preventiva permite a proteção dos animais contra infecção, mesmo em caso de contágios permanentes. Infelizmente, esta resistência só é possível quando a droga existe em determinada concentração no sangue, o que quer dizer que o animal só se defende do contágio enquanto recebe o medicamento em duas doses diárias. Esta circunstância, conquanto favorável, além de dispendiosa, é difícil, a não ser em casos especiais.

Nos casos especiais, é também possível a cura, mas, como o resultado é problemático, impõe-se muito cuidado, pois uma conclusão apressada pode acarretar sérias consequências. Nos animais reagentes, em que a evolução da doença não é conhecida, ou se acredita que de há muito estejam com tu-

berculose, o tratamento hidrazídico não só não é aconselhado, porque não promove a cura, como uma falsa reação negativa dá a errônea impressão de cura. A explicação é relativamente simples: o tuberculo não possui irrigação e, conseqüentemente, como a droga não atinge o foco infectante, não atua sobre o germe.

O tratamento da tuberculose é possível, mas sua indicação se restringe aos casos em que é possível absoluta vigilância técnica, e nunca, a pretexto algum, como vem sendo feito entre nós, por leigos, curiosos ou práticos. Um resultado desastroso desacredita uma intervenção que, em certas e limitadas circunstâncias, poderia constituir providência heróica para salvar valiosos animais.

Ademais, é preciso não perder de vista, que um tratamento inadequado dá lugar a bacilos resistentes, complicando ainda mais o problema, já por si só complexo e delicado.

Uma campanha sanitária contra a tuberculose deve atender a sete itens:

- 1) tuberculina devidamente estandardizada;
- 2) sensibilidade da prova tuberculínica que leve em consideração os fatores que intervêm no caso e que foram já mencionados;
- 3) repetição variável de acordo com o caso;
- 4) estabelecimento de critérios especiais, quando for o caso;
- 5) afastamento dos animais reagentes e suspeitos, tendo muito em conta os resultados;
- 6) não recomendação de B. C. G., como medida sanitária contra a tuberculose animal;
- 7) restrição absoluta do tratamento de animais tuberculosos por meios terapêuticos, os quais somente se justificam por meticuloso estudo e sob rigorosa vigilância técnica, como complemento, e nunca a pretexto algum, como base de campanha sanitária.

Está claro, que toda a campanha sanitária deve ser precedida de trabalho educativo dos criadores e de preparo dos técnicos, dando-se-lhes em todos os casos a máxima assistência, afim de esclarecer todas as dúvidas.

REVISTA DOS CRIADORES

Inseminação artificial de cães

L. P. JORDÃO

Velha é a idéia e a própria pratica da inseminação artificial na especie canina. O primeiro relato científico desta natureza remonta aos idos de 1780, tendo sido autor o extraordinario sabio italiano Abade Lazzaro Spallanzani. Não obstante, os progressos da aplicação do metodo artificial nos cães sómente podem ser levados em consideração a partir de data bem recente, de acordo com trabalhos feitos por autores europeus e norte-americanos.

Por que a inseminação na especie canina não teve o espetacular desenvolvimento que ocorreu em relação a outros animais domesticos, notadamente os bovinos e ovinos? Naturalmente, o fator economico não deve ser esquecido, mas, entre os obstaculos encontrados, deve ser citada, em lugar destacado, a dificuldade de se encontrarem meios adequados para a preservação do esperma canino durante tempo suficientemente prolongado.

Objetivos

As finalidades da inseminação na especie canina são, em síntese, os seguintes: 1. Realizar a união sexual quando impossível ou difícil pelos meios naturais, em consequencia de motivos de ordem fisiologica, anatomica ou psicologica. 2. Possibilitar a reprodução, quando impraticavel pela distancia entre o macho e a femea. 3. Aumentar, no espaço e no tempo, a utilidade de um reprodutor canino comprovado, através de provas de prole. 4. Propiciar a profilaxia de determinadas doenças.

Coleta de semen

A obtenção do esperma canino pode ser feita mediante varios processos: a) manipulação digital; b) estimulação electrica; c) vagina artificial.

O metodo digital encontra objeções de varias ordens, inclusive esteticas, e é inadequado em face da pequena quantidade e má qualidade do esperma emitido.

A electro-ejaculação nem sempre é frutífera e o semen ejaculado pode estar contaminado de urina. Além disso, nem sempre é conveniente a anestesia do animal. Todavia, há experiencias com o emprego de tranquilizantes.

As vaginas artificiais para cães têm como precursor o italiano José Amantea, que, em 1914, construiu o primeiro modelo desse tipo para a coleta de semen de qualquer especie animal. Com o decorrer do tempo, inventaram-se muitos tipos desses aparelhos para cães, todos requerendo a presença de uma cadela em cio para a estimulação do macho. Em 1954, o inglês Harrop criou um modelo especial, em que se dispensa a participação da femea rufiona.

A vagina artificial aperfeiçoada por Harrop compõe-se de uma camara externa de borracha endurecida, com 19 cm de comprimento por 6,5 cm de diametro. A camara interna é de latex fino, semelhante ao da v. a. para bovino. O espaço existente entre as duas camaras recebe agua quente a 30-40° C. Um bulbo cilindrico de borracha, ligado a uma valvula, permite bombear as necessarias quantidades de ar para dentro do espaço entre as camaras. Este dispositivo tem o objetivo de fazer variar o calibre interno da v. a. e agir como pulsador, mediante entrada e saída de ar através da valvula.

Na coleta por manipulação digital, o cão é contido sobre uma mesa. Apresenta-se uma femea, preferentemente em cio, e logo que o macho manifeste interesse, o bulbo da glândula é apanhado pela mão enluvada do operador, que, exercendo es-

timulos digitais por detrás do bulbo, provoca a ejaculação: o semen é recolhido em frasco de vidro esterilizado.

Na coleta com v. a., o bulbo peniano é colhido de maneira semelhante e, após algumas massagens destinadas a provocar a ereção, que se verifica dentro de segundos, o órgão é guiado para o interior do aparelho. As pulsações internas provocadas pelas ondas de ar e agua proporcionam os estímulos necessarios para que se verifique a ejaculação. O semen é emitido através de jactos, sendo recolhido em frasco coletor de vidro com capacidade variavel (dependendo da raça canina), que se acha conectado ao corpo da v. a. por uma manga de borracha.

O SEMEN

O semen total, colhido de cão normalmente sadio, é de cor acinzentada, mais ou menos leitosa, dependendo a turbi- dez da riqueza de espermatozoides. Quanto maior a concentração em zoospermas, mais leitosa o esperma. O semen total, colhido recentemente, é quase inodoro e de aspecto aquoso. Deixado em repouso, pouco a pouco ocorre a separação do liquido em duas partes: a) parte leitosa, rica de espermatozoide, que se deposita no fundo do frasco; e b) parte aquosa, transparente e azoospermica, sobrenadante.

O volume do esperma varia com o tamanho, a raça e o momento da coleta. Na realidade, há três frações distintas



Secção de Artigos Domésticos

Aparelhos de porcelana e granito para jantar, chá, café e peças avulsas. Serviço de cristal para mesa. Baterias e todos os artigos de alumínio para cozinha. Fogueiros de aço inoxidável. Artigos para presentes — o mais variado sortimento.

Secção de Ferragens

Ferragens para construções, ferramentas para todos os fins, tintas e vernizes, rodas de borracha para todos os usos. Alicates de diversos tipos para eletricitas, rádios, relojoeiros, etc. Fogareiros e maçaricos para soldar. Cutilarias e miudezas em geral. Enxadas, enxódes, foices, alfanques, pás e quaisquer ferramentas agrícolas.

Preços Móveis



Avenida São João, 292 - Tels.: 34-4866 - 36-4641
Caixa Postal, 4666 — São Paulo

no líquido ejaculado, sendo a terceira a mais variável em volume. As raças de cães de grande porte propiciam o maior volume. Os São Bernardo e Greyhounds, por exemplo, fornecem cerca de 25 ml. Cães das raças «Fox-terrier» e «Dachshund», dão perto de 5 ml habitualmente. Autor britânico cita que as quantidades médias de uma centena de coletas, em cães de várias raças, foram de 9,5 ml. Cães Beagle nos EUA forneceram, em média, 5,4 ml. Na verdade, poucos estudos têm sido feitos sobre o assunto, de sorte que as médias e os limites de variação normal, citados pelos autores, diferem consideravelmente.

As três frações do semen foram estudadas em 1935 por Freiberg, que verificou o seguinte: a primeira fração corresponde ao volume de 0,25-5 ml (ou mais se o cão for antes estimulado por uma cadela em cio); é um fluido claro, sem espermatozoides, oriundo provavelmente das glândulas uretrais e de Littre; a segunda fração tem o volume de 0,5 a 3,5 ml, apresenta-se com coloração leitosa e consistência mais viscosa, é de origem testicular, rica de espermatozoides; a terceira fração varia de 2 a 30 ml, sendo clara, aquosa, pouco consistente, oriunda da próstata e azoospermica. Vemos, portanto, que a fração de semen situada no meio é a única que contém as células da reprodução.

A ejaculação do cão é feita segundo um ritmo que tem sido estudado por vários pesquisadores. A primeira fração, nesse caso, é contada a partir da introdução do penis erecto na v. a. e foi verificado que demora cerca de 30 a 50 segundos. A segunda fração ocupa perto de 50 a 90 segundos. Finais. A terceira fração é emitida dentro de um lapso que normalmente, a última fração é emitida dentro de 3 a 35 minutos. Entre uma e outra fração costuma haver uma pausa de 10 a 20 segundos. As raças grandes demoram mais para ejacular a terceira fração. Há muita variação entre os indivíduos e em relação ao mesmo animal.

Entre a cobertura natural e o coito fictício em vagina artificial, existem diferenças. No caso da cobertura natural, parece que a ejaculação cessa minutos antes de ter-se o cão desligado da fêmea.

A concentração do esperma de cão é extremamente variável. Há quem tenha contado desde 4 a 588 milhões de espermatozoides por ml, dependendo dessas quantidades de terem sido consideradas as três frações reunidas ou somente duas frações. Em cem coletas feitas por técnicos ingleses, foram encontrados em média 125 milhões de zoospermas por ml, para todo o ejaculado. Os extremos observados foram 4 e 540 milhões, notando-se que as coletas foram efetuadas em dias diferentes.

Imediatamente após a coleta deve ser feito o exame da motilidade dos espermatozoides. No semen normal existe uma intensa atividade cinética e a massa de zoospermas se agita de maneira confusa, desordenada e não em ondas como no semen de ruminante.

A motilidade pode ser representada numa tabela de valores, variável de 5 a 0, referente à quantidade de espermatozoides dotados de movimentos progressivos. Assim, 5 = todos os espermatozoides presentes estão móveis; 4 = 4/5; 3 = 3/5; 2 = 2/5; 1 = 1/5; e 0 = somente espermatozoides com movimentos oscilatórios e N = todos os espermatozoides estão mortos.

Nos exames de semen mais completos, leva-se em conta a morfologia dos espermatozoides. As anomalias constatadas não diferem das que se acham comumente no semen de outros mamíferos. A frequência das coletas tem efeito sobre a morfologia. Após prolongado período de abstinência, verifica-se maior número de formas anormais. Quando as coletas são feitas amiúde, as formas imaturas aumentam.

O pH do semen canino varia de 5,8 a 6,9, logo após a coleta. A acidez vai aumentando lentamente na amostra de semen deixada à temperatura ambiente. O pH das três frações não é idêntico.

PRESERVAÇÃO DO SEMEN

Parece que o melhor diluente e conservador do esperma canino ainda é o leite de vaca submetido ao calor. O leite,

aquecido, lentamente, é esfriado à temperatura ambiente. Na diluição do esperma emprega-se a segunda fração e a mistura é guardada em refrigerador a 4° C. Tem-se empregado a proporção de 1 parte de semen para 8 do diluidor.

Além do leite, outros diluidores são constituídos de gema de ovo e citrato de sódio, em certos casos adicionando glicina. Muitos autores, porém, dão preferência ao leite.

TRANSPORTE DO SEMEN

A embalagem do semen canino obedece aos métodos adotados para as outras espécies, em vidros esterilizados. O transporte é feito em frascos ou caixas isotérmicas. Amostras de semen colhidas na Grã-Bretanha foram despachadas por via aérea, para países da Europa, África e América, tendo chegado em boas condições. Uma das mais sensacionais experiências de transporte ocorreu em 1956: o semen foi enviado da Grã-Bretanha para os EUA, onde serviu para inseminar com sucesso cadelas da raça «Beagle», não obstante decorridas 140 horas entre a coleta e a inseminação. Em 1958 tiveram êxito experiências com semen enviado da Califórnia para as Ilhas Hawai.

INSEMINAÇÃO DA FEMEA

A inseminação das cadelas em cio não oferece dificuldades, mas requer certas precauções, inerentes à espécie animal. No caso de indivíduos nervosos ou agressivos, usam-se anestésicos ou drogas tranquilizantes, para facilitar a operação, que é bem mais demorada do que, por exemplo, nos ruminantes. O semen é introduzido duas vezes, preferivelmente, dentro do espaço de 24 a 48 horas. Recomenda-se fazer a primeira injeção do 10.º ao 14.º dia após a data do primeiro fluxo sangüíneo. A pipeta inseminadora (hoje de material plástico) guineo. A pipeta inseminadora com toda a delicadeza deve ser introduzida na cervix uterina com toda a delicadeza e o semen inoculado bem lentamente, por pressão do embolo e o semen inoculado bem lentamente. A quantidade de semen a injetar de cada vez depende da qualidade, da riqueza de zoospermas do material. Ainda não se fixaram as quantidades mínimas e ótimas que devam ser utilizadas.

CONGELAÇÃO DO SEMEN

O extraordinário sucesso alcançado com os modernos métodos de congelamento do semen bovino, motivou a realização de provas semelhantes com esperma canino. As experiências preliminares não tiveram êxito. Posteriormente, foi desfeito o tempo de glicerolização, antes da congelamento da amostra, devia ser abreviado de 24 horas para 2 horas somente. Nestas condições, o semen canino pode manter-se em bom estado de conservação. A temperatura tem sido a de -79° C. A mistura final é uma diluição de esperma a 1:8, em gema de citrato de sódio, contendo 10% de glicerina. Segundo Harrop, algumas ampolas de semen congelado puderam ser guardadas durante 12 meses, prazo em que o material conservado revelava cerca de 50% de motilidade.

REGULAMENTO DO «KENNEL CLUB»

A prole resultante da inseminação artificial de uma cadela pode ser desclassificada, a menos que tenha havido permissão da Comissão do «Kennel Club» e tenham sido tomadas todas as precauções contra possíveis fraudes. Dispõe a Seção K do K-C Inglês que a permissão pode ser dada também para a importação de semen destinado a inseminação artificial.

BIBLIOGRAFIA

- HARROP, A. E., 1960. Reproduction in the Dog. Baillière, Tindall & Cox, London.
- LEONARD, E. P., 1960. Dogs. Chapter 13. The Artificial Insemination of Farm Animals. Ed. by Enos J. Perry. 3rd Rev. Ed. Rutgers Univ. Press. N. Brunswick - N. Jersey.

REVISTA DOS CRIADORES

Os capins Colônião e Pangola, na produção de carne, durante a seca de 1961

A. TUNDISI
W. DUPAS
J. BARISSON VILLARES

Em 1961, o Estado de São Paulo atravessou um período de baixa precipitação atmosférica e de alta temperatura do ar, em relação às normais. De maio a setembro, as chuvas não alcançaram senão 50% das alturas da estação. Simultaneamente, a temperatura do ar, sobretudo a média das máximas, esteve cerca de 20% acima das normais da seca invernal. Tal associação climática, caracterizada por baixa precipitação e alta temperatura, atingiu duramente as plantas naturais ou exóticas do Estado, principalmente as forrageiras. Isso permitiu ao Departamento da Produção Animal fazer cuidadosas observações sobre o comportamento de algumas plantas forrageiras, ante aquela combinação climática, adversa pela sua composição e prejudicial pela sua intensidade, em 1961.

Dentre as observações realizadas, nas diversas Estações Experimentais de Criação desta unidade da Secretaria da Agricultura, destaca-se o confronto entre os capins Colônião e Pangola. Representando a mais importante planta forrageira para a produção de carne, na área percorrida pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o capim Colônião é o mais alto ter-

mo de comparação para medir as possibilidades de outras forrageiras naquela região. Introduzido pelo Departamento da Produção Animal, nos últimos anos, o capim Pangola, é ainda uma planta incompletamente conhecida, apesar de sua rápida difusão nas fazendas paulistas.

Reveste-se, pois, de grande interesse a divulgação dos ensaios de competição entre os capins Colônião e Pangola, na produção de carne, durante o período de seca de 1961, na zona de Araçatuba.

RESULTADOS EXPERIMENTAIS

No Posto Experimental de Criação, em Araçatuba, duas áreas idênticas e contíguas foram cultivadas com capins Colônião e Pangola, a fim de servir de pastoreio contínuo a bovinos gêmeos idênticos da raça Nelore. Trata-se do emprego de bovinos gêmeos idênticos, como material biológico adequado para medir e confrontar os efeitos de diferentes plantas forrageiras, como técnica de nível alto utilizado na Suécia, Nova Zelândia, América do Norte e outros países, da qual este órgão é o pioneiro na América do Sul, graças à colaboração de pecuaristas, como o Dr. Otávio Pinto Cezar, no caso presente.

Iniciado o pastoreio em maio, os bovinos atravessaram o período de seca, sendo pesados com intervalos regulares, com objetivo de verificar o seu peso, bem como o ganho ou a perda de peso.

O capim Pangola foi capaz de fornecer nutrientes digestíveis totais ao bovino de raça Nelore, permitindo um ganho de peso de 40,5 quilos, no período de maio a setembro de 1961. Em contraposição, o bovino de raça Nelore mantido em pasto de capim Colônião experimentou queda de peso equivalente a 21,5 quilos.

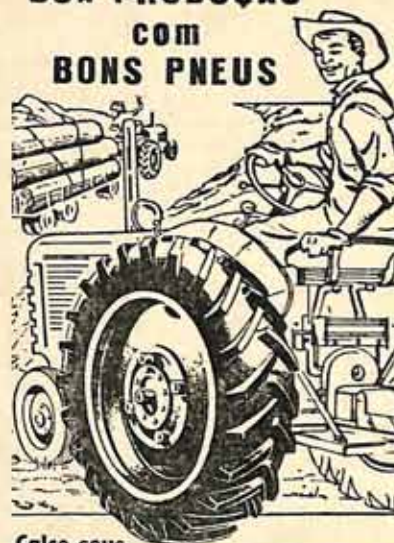
Essa verificação é tida como extraordinária para o capim Pangola, uma vez que o bovino teve um ganho de peso igual a 13,3% no decurso de um dos mais duradouros e intensos períodos de seca invernal. Mesmo para o capim Colônião, onde o bovino sofreu apenas 7,5% de perda de peso, o resultado ainda é tido como satisfatório. Os dois capins apresentavam-se bastante secos, havendo, porém, diferenças favoráveis ao capim Pangola, sobretudo em relação às qualidades comestíveis, à palatabilidade e aos pigmentos da planta.

Os estudos prosseguem para completa elucidação e confirmação de resultados, em anos seguintes.

Esses resultados referentes ao ganho e perda de peso, no decurso da seca inver-

nal, têm grande repercussão na economia da produção de carne, uma vez que nessa estação a cotação do preço de bois gordos experimenta fortes elevações.

BÔA PRODUÇÃO COM BONS PNEUS



Calce seus

TRATORES

com PNEUS da

CASA PLINIO

Exclusivamente pneus de 1ª. linha, de todas as marcas e, para todos os tipos de máquinas.

Consultem-nos
sem compromisso!

TEMOS ENLERADOS LOCOMOTIVA



UMA TRADIÇÃO NO COMÉRCIO DE PNEUS
Rua Washington Luiz, 350 - Av. Concelção, 250
Rua Carlos e Campos, 637 - Brevemente
Rua Rio Bonito, esq. Cons. Dantas - Tels. 34-5340
34-7895-36-4028-36-7065-93-2274 - S. Paulo

COLEÇÕES ENCADERNADAS DA REVISTA

"GADO HOLANDÊS"

Estamos vendendo os seguintes
exemplares de coleções encadernadas
da revista "Gado Holandês":

Ano	Preço
1952	Cr\$ 1.900,00
1953	Cr\$ 1.800,00
1954	Cr\$ 1.700,00
1955	Cr\$ 1.600,00
1956	Cr\$ 1.500,00
1957	Cr\$ 1.400,00
1958	Cr\$ 1.300,00
1959	Cr\$ 1.200,00
1960	Cr\$ 1.100,00
1961	Cr\$ 1.000,00

Para pedidos dirigir-se à

EDITORA DOS CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634
SÃO PAULO

Tanto o bovino que sofreu queda de peso, como o que ganhou peso, durante a seca invernal, experimentaram aumento de valor, de maio a setembro, devido à elevação do preço do novilho de abate. Em pastagem de capim Colônião, o bovino teve uma valorização de 33,3% e na de capim Pangola de 64,7%. A diferença de renda entre os capins Colônião e Pangola é de 3.720,00 ou 20% por bovino, no período de seca, a favor da última forrageira. Isso poderia significar maior lucro ao produtor e mais baixo preço ao consumidor.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Convidamos insistentemente os pecuaristas da área de Araçatuba a visitar o Posto Experimental de Criação, a fim de observar as pastagens de capim Colônião e Pangola, bem como os bovinos deste ensaio, antes que os efeitos da seca desapareçam pela chegada das chuvas.

É indispensável levar em conta que os dados obtidos no Posto Experimental de Criação, em Araçatuba referem-se a condições locais, não convindo, de maneira alguma, fazer generalizações. Em outra situação de clima, solo e manejo, os resultados poderão ser inteiramente outros. Não resta dúvida, todavia, que os primeiros ensaios abrem magníficas perspectivas para a nova forrageira, introduzida por nós, no Brasil.

Além do mais, parece-nos muito conveniente não fazer do capim Pangola uma espécie de forrageira invernal, como solução de todos os problemas pastoris. Ao longo de numerosas provas a que está submetido, acabará esse capim por encontrar

VALOR COMERCIAL D ENOVILHOS D ECORTE, NO MERCADO DE CARNE, DURANTE A SECA DE 1961, EM FUNÇÃO DE SEU PESO

Período de seca	Preço	Valor dos bovinos		Diferença + do Pangola sobre Colônião
	Kg. Peso Vivo	Capim Colônião	Capim Pangola	
maio	41,60	11.876,80	11.876,80	+ 180,00
junho	45,00	13.410,00	13.590,00	+ 1.110,90
julho	48,30	14.248,50	15.359,40	+ 2.505,10
agosto	53,30	14.764,10	17.269,20	+ 3.720,00
setembro	60,00	15.840,00	19.560,00	

PESO VIVO DE BOVINOS EM PASTAGENS DE CAPINS DURANTE A SECA DE 1961, EM FUNÇÃO DE SEU PESO

Período de seca	Peso de Bovinos gêmeos idênticos				Diferença + do Pangola sobre Colônião Kg.
	Capim Kg.	Colônião índice	Capim Kg.	Pangola índice	
maio	285,5	100,0	285,5	100,0	+ 4,0
junho	298,0	104,3	302,0	105,7	+ 23,0
julho	295,0	103,3	318,0	111,3	+ 47,0
agosto	277,0	97,0	324,0	113,4	+ 62,0
setembro	264,0	92,4	326,0	114,2	

a sua área geográfica de produção. No nosso entender, trata-se apenas de um elemento novo que, contribuindo para a diversificação da presente monocultura agrostológica, venha alargar e enriquecer os recursos forrageiros que os animais transformam em alimentos superiores para o homem.

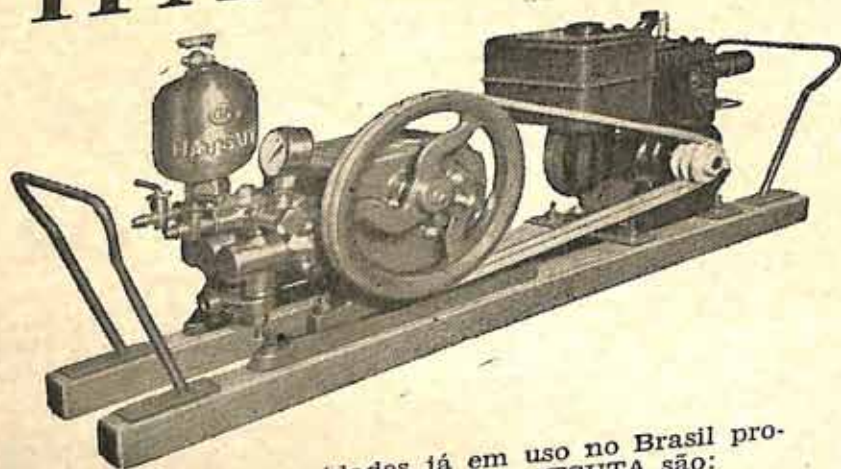
Por fim, a divulgação dos resultados experimentais visa estimular as providências que se fazem necessárias, desde logo, quando se inicia o novo ano agrícola, para a formação de pastagens adequadas, bem como ao cultivo de forragens de corte ou de silo e de tubérculos, para enfrentar a próxima seca, que nos espera em 1962.

ASSOCIAÇÃO RURAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Em dezembro de 1961 foi eleita a nova Diretoria e Conselhos Consultivo e Fiscal da Associação Rural de São José do Rio Preto, para o biênio 1962-1963, que ficaram assim constituídos: Diretoria — presidente, dr. José Custódio Corrêa; vice-presidente, dr. Manoel Matheus Neves e Octavio Pinto Cesar; secretários, dr. Felipe Paula C. A. Lacerda Filho e Acacio Reis; tesoureiros, Walter Aleio e dr. Melchíades Cardoso de Oliveira. Conselho Consultivo — Alberto Bertelli Lucatto, Francisco Fernandes Alonso, dr. Francisco Salles Oeterer, Frutuoso Roberto de Lima, João Baffi, José Beolchi, José Domingues Netto, José Saes, Nicolau Lopes Ross, Olavo Fleury, Tarley Rossi Vilela e Walterio Verdi. Suplentes — Alcides Polachi, Domingos Alves Teixeira e dr. Paulo Carneiro da Costa. Conselho Fiscal — Gerência Benfatti, José Pedro Salomão e Oscar Hansen Junior. Suplentes — Heitor Lucatto, Orlando Birolli e Roberto Pulice.

REVISTA DOS CRIADORES

Pulverizadores HATSUTA



Mais de cinco mil unidades já em uso no Brasil provaram que os pulverizadores HATSUTA são:

- mais econômicos
- mais eficazes
- mais rápidos na sua ação

Peça informações e catálogos aos agentes exclusivos dos produtos HATSUTA no Brasil.

S. IMAI & CIA. LTDA.

Rua Barão de Duprat, 191 — Tel. 33-2757
SÃO PAULO

TERRA NAS MATERNIDADES?

LUIZ PAULIN NETO
Dep. Prod. Animal

Frequentemente temos sido consultados sobre um mal que aflige os leitões em seus primeiros dias de vida, causando-lhes, muitas vezes, a morte ou, na melhor das hipóteses, dando lugar ao aparecimento de animais fracos, tardios, maus transformadores de alimento, em última análise anti-econômicos. Os interessados esclarecem que não conheciam esse problema até quando foram postas em prática medidas higiênico-sanitárias recomendadas pelos técnicos. Estes estão certos; aqueles, exatos na observação.

O problema é a anemia nutricional dos leitões. Os animais que padecem dessa anemia perdem a cor rosada característica e seu sangue se torna excessivamente aquoso. O apetite desaparece, os leitões ficam fracos e preguiçosos, advindo com frequência a diarreia. Comumente, a respiração é pesada e dificultosa, levando o suinocultor a acreditar que o leitão tenha sido esmagado pela mãe. Isso é devido ao esforço do animal para conseguir a quantidade de oxigênio necessário à sobrevivência.

Quando o leitão aspira o ar, o oxigênio é carregado para as várias partes do corpo pela hemoglobina do sangue. No leitão anêmico, a taxa de hemoglobina cai. O animal tenta suprir essa deficiência, acelerando a respiração para que a quantidade de oxigênio de que necessita seja transportada por menos hemoglobina.

Dois minerais, o ferro e o cobre, são partes fundamentais da hemoglobina e, pois, na prevenção da anemia nutricional. O cobre não é encontrado na hemoglobina, mas traços desse elemento são necessários para que o corpo possa utilizar o ferro para formação desse componente do sangue.

O leite de porcas em lactação é muito deficiente quanto aos dois minerais citados. E embora tenham sido ministradas a porcas em gestação, e depois em lactação, quantidades

exatas de ferro e cobre, ainda assim tal deficiência se evidenciou.

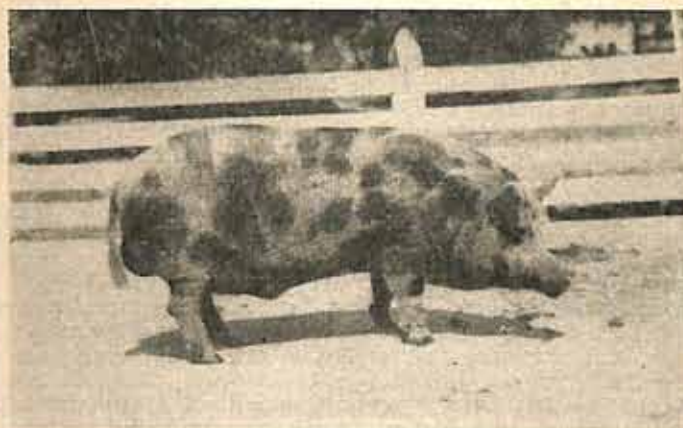
Como o leitão, ao nascer, traz no fígado uma reserva de ferro que se esgota em alguns dias de vida e como o leite é o único alimento com deficiência desses dois minerais, tem-se como provável o aparecimento da anemia nutricional, desde que medidas corretivas não sejam tomadas.

Uma das maneiras de evitar o aparecimento da anemia nutricional nos leitões é pincelar, uma vez por dia, as tetas das porcas com uma solução de sulfato de ferro ou outro sal solúvel de ferro até que os leitões atinjam quatro a seis semanas de vida. A solução pode ser de um quilo de sulfato de ferro para dois a três litros de água. Não há necessidade de adicionar cobre a essa solução porque o sulfato de ferro possui traços desse elemento, suficiente para o fim visado.

Observou-se também que os leitões com acesso ou contacto à terra não padeciam dessa anemia; ao contrário os criados no cimento, fechados, eram muito sujeitos a esse mal. A terra, contendo normalmente minerais, supre as necessidades dos leitões quanto a ferro e cobre, nos seus primeiros dias. Esse fato determinou que viessemos também a aconselhar a introdução de terra nas maternidades, desde o dia do nascimento dos leitões. Essa terra pode ser deixada em um coquinho preso num dos cantos da maternidade.

O criador deve tomar a precaução de coletar essa terra de lugares que nunca tenham sido pisoteados por porcos, assim evitando uma possível introdução de ovos de parasitas.

Como medida complementar, melhores resultados são conseguidos quando se procede a uma mistura de 50 quilos dessa terra com um quilo de sulfato de ferro. O encarecimento é mínimo e a segurança se multiplica.



REPRODUTORES SUINOS "PIAU"
MARCA "ESSAN" — O MELHOR DE CURVELO

ESTÂNCIA SANTA CRUZ

Informações e vendas:

RAYMUNDO JOSÉ TOLENTINO

Tel. 1314 — Caixa postal 123

CURVELO — Minas Gerais



FAZENDA INGÁ — MIRIM

DR. LUIZ PIZA NETO

Criação de Suínos Duroc — Jersey

Caixa postal 141 — Tel. 88 — ITU — Est. de São Paulo
Em São Paulo: Rua Bahia, 684 — Tel. 52-1252

Venda permanente de reprodutores

NORMAS PARA A ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS

1) O desenvolvimento e saúde dos leitões diretamente se subordinam ao correto alojamento e alimentação das leitoas. Por isso, às porcas prenhes e às que estão lactando ou criando, fornecem-se alimentos adequados, de composição variada, com suficiente quantidade de proteínas.

2) O melhor alimento dos leitões é o leite materno. As porcas devem amamentar seus filhos, pelo menos oito semanas. Se se dá leite desnatado, este deve provir de vacas livres de tuberculose e outras enfermidades, se é que se fornece fresco ou coagulado e acidificado. Do contrário, deve ser pasteurizado.

3) O ar fresco e a luz solar são elementos necessários e indispensáveis para o desenvolvimento e saúde de todas as espécies animais. Por isso, deve-se pastorear leitões e adultos, alojá-los em chiqueiros grandes, bem ventilados e com boa iluminação.

4) Para seu bom desenvolvimento e saúde o porquinho necessita de alimentos de fácil digestão, pobres de fibras. Para isso, forneça alimentos de alta porcentagem de digestibilidade. Evitem-se os transtornos e anormalidades do desenvolvimento fornecendo forragens mescladas e variadas.

5) Forneça alimentos econômicos, regularmente e em quantidade suficiente, para que o porco fique satisfeito e o comedouro vazio até o próximo turno.

6) É boa regra dar de beber aos porcos, antes de lhes dar alimentos preparados e concentrados. Estes devem ter consistência pastosa, ou ser ligeiramente umedecidos. Sómente as porcas de cria aproveitam bem as sopas. Cuide da temperatura da água: se estiver muito quente, pode causar acidentes.

7) Os elementos minerais são indispensáveis para o desenvolvimento e saúde do animal, sobretudo para o crescimento dos ossos e para o metabolismo. Forneça misturas de cloreto de sódio ou sal de cozinha, de fosfato e carbonatos de cálcio, ou melhor, adquira as misturas já preparadas, as que contêm principalmente os outros elementos denominados carenciais: iodo, ferro, cobalto. Para os adultos, 20 a 30 gramas por dia; para os leitões, 8 a 15 gramas diárias.

8) Para a economia e maior renda da exportação, convém pesar sempre os porcos. Os que não aumentam de peso em forma regular, devem ser sacrificados. Segundo a raça, o ótimo de peso vivo está nos 70 a 90 kilos no início da engorda. Maiores pesos não são rendosos, porque exigem maior quantidade de alimento para aumentar um quilo de peso vivo.

9) Tenha cuidado ao comprar alimentos preparados ou concentrados, pois encontram-se no mercado misturas impróprias, prejudiciais para o organismo animal e antieconômicas para seu negócio. Exija que o vasilhame indique a quantidade de proteínas, de carboidratos, fibras, sais minerais, e vitaminas, nele contidas.

10) Confie seus problemas de produção a engenheiros agrônomos e a médicos veterinários.

REVISTA DOS CRIADORES



Para encanamentos e irrigação

TUBOS PLÁSTICOS "AMEROPA" *

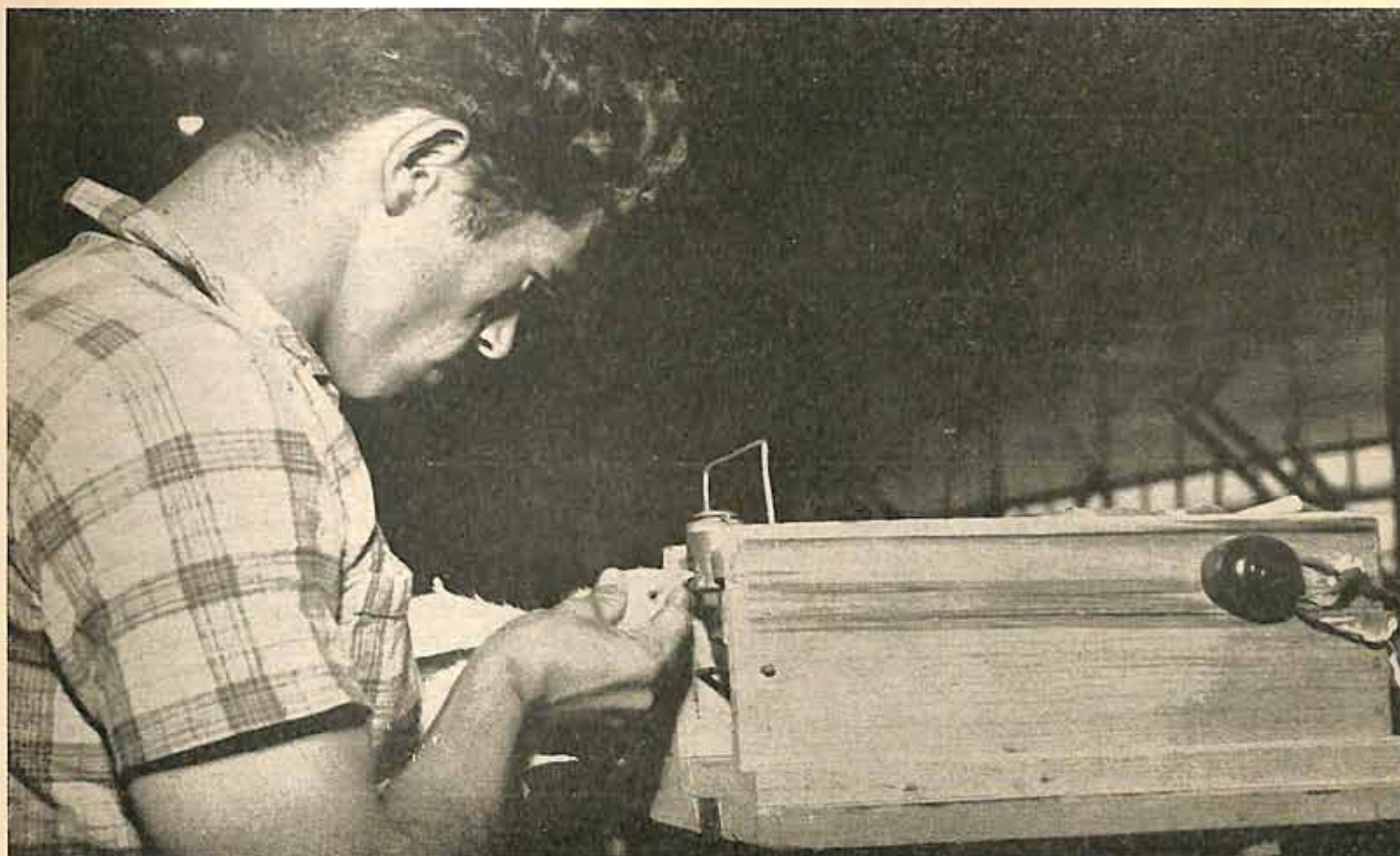
"RECONHECIDOS POR SUA ALTA QUALIDADE"
— a nova e revolucionária solução para tubulações!

* agora fabricados no Brasil

AMEROPA
Indústrias Plásticas Ltda.

Escritório:

Rua Turianu, 1673 (V. Pompéia)
Tel. 62-9421 — São Paulo



Debicador fabricado com ferro de soldar de 300 watts, montado pela Granja Itambi (São José dos Campos). A debicagem das frangas é feita com quatro semanas de idade, com grande eficiência.

A debicagem das frangas como fator economico

HENRIQUE F. RAIMO
Médico Veterinário

Muitos avicultores do Estado de São Paulo vêm enfrentando problemas de canibalismo e de bicagem nas frangas em plena postura ou logo no início da produção de ovos. Isto porque se difundem os sistemas de criação de poedeiras em confinamento e o emprego de rações de alta energia, com o mínimo de 50% de milho, bem como se intensifica o emprego de rações granuladas ou prensadas. O problema é mais grave em frangas da raça Leghorn Branca, de constituição genética reconhecidamente propensa aos fenômenos neuro-psíquicos, que levam ao vício do canibalismo e da bicagem das penas.

Contra esse mal, os avicultores lançam mão de to-

dos os meios ao seu alcance, na tentativa de anular os efeitos altamente prejudiciais ao rendimento economico das explorações avícolas. A debicagem é praticamente o último e quase que definitivo recurso, em qualquer tipo ou sistema de criação: consiste no corte da parte superior do bico, na sua metade, a contar da ponta para a base, junto às narinas. É uma operação eficiente, quando executada com debicador elétrico ou de ferro em brasa. A técnica moderna recomenda também que a ponta do bico inferior seja «abotoada» com o mesmo ferro, isto é, seja retirada apenas a ponta desta parte do bico. Desse modo, retarda-se o desenvolvimento do bico inferior, o que

poderia prejudicar a preensão dos alimentos pelas aves.

Perguntam os avicultores: a debicagem das frangas e dos frangos não prejudicará a produção de ovos e a fertilidade dos lotes em reprodução?

São inúmeras as provas experimentais que demonstram largamente poder a debicagem anular os prejuízos do canibalismo, sem prejudicar a intensidade da postura e os resultados da incubação. Assim é que, entre outros, J. F. Bauermann, da Universidade de Rutgers, do New Jersey (E.U.A.), em diversas provas, obteve resultados realmente animadores. Um lote de 900 frangas, com a idade de 23 a 25 semanas, foi por ele debicado pelo corte da metade do bico inferior e «abotoado» o bico inferior, com debicador elétrico. Antes de ser realizada a debicagem, este lote de 900 frangas apresentava um desperdício de 25% de ração, o qual baixou para 1/2 a 2% e se manteve neste nível durante os 100 dias de controle. Mas a produção de ovos continuou, alcançando o nível máximo de 80% de postura.

Em contra-prova, num lote de 24 semanas, 30 frangas foram debicadas e outras 30 não: durante 40 dias, as frangas não debicadas desperdiçaram cinco vezes mais ração do que as frangas com o bico cortado.

Finalmente, foi formado um lote de reprodução de 90 frangas e 9 frangos-reprodutores e determinado o índice de fertilidade. Depois, os frangos-reprodutores tiveram o bico cortado, continuando acasalados com as frangas. O resultado da incubação não causou nenhuma alteração nos resultados obtidos antes da debicagem.

O corte do bico dos frangos-reprodutores nada poderá, pois, alterar os índices de produtividade das aves em

reprodução ou em postura comercial. Apenas, os avicultores devem observar um programa na debicagem das frangas, pois o corte do bico das aves em plena postura pode alterar o ritmo de produção de ovos.

Outros experimentadores, D. J. Bray e S. F. Ridlen, na Universidade de Illinois (E.U.A.), constituíram 9 lotes de frangas de diversas raças, 25% das quais foram debicadas no começo do outono, quando estavam atingindo o máximo de produção; outros 25% foram debicados no meio do inverno; mais 25% no fim da primavera e o restante não foi debicado. Os resultados obtidos revelaram que as frangas apresentavam uma sensibilidade crescente à debicagem, à medida que progredia o ano de postura; logo no começo da postura, provocava certa perda no peso do corpo das frangas, porém sem afetar de imediato a intensidade da postura.

A indicação precisa e exata para os avicultores é realizar a debicagem das frangas antes do início da postura, entre 4 1/2 e 5 meses de idade. Isto para os casos de briga, bicagem das penas e canibalismo, quando todos os recursos tiverem sido esgotados: correção do trato e manejo e pomadas contra a picagem.

Entre nós, ainda não existem debicadores elétricos do tipo «guilhotina», que cortam e cauterizam o bico, cujo uso é extremamente difundido na avicultura norte-americana. Os nossos avicultores se defendem com ferros elétricos de soldar ou lâminas de aço aquecidas ao rubro em fogareiros de carvão vegetal.

O corte do bico feito com acerto e na época devida é o recurso extremo contra os perigos do canibalismo e da bicagem das aves em crescimento e em postura.

Informativo de interesse avícola

CISCANDO NOTÍCIAS

SEXTA REUNIÃO-ALMÔÇO DO CLUBE DO GALO PAULISTA

Patrocinada pela Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, foi efetuada a VI Reunião-Almôço do Clube do Galo Paulista. Nessa ocasião, foi criticada a posição da FARESP no caso da importação do milho. O sr. Francisco Antônio de Toledo Piza, em nome da Cooperativa Central, assinou que a avicultura atravessa um dos instantes mais dramáticos de sua existência. Fêz o histórico dos entendimentos das agremiações interessadas na avicultura, com o governo da República, visando uma importação de emergência, a fim de salvar o plantel avícola, que está sendo dizimado por falta de rações. Responsabilizou a FARESP por essa situação, por entender que seus dirigentes não estão mais a serviço da pequena lavoura.

Severas críticas à atuação da FARESP foram feitas também pelo sr. José Pires de Almeida, presidente da Associação Rural do Litoral Paulista, que denunciou, juntamente com a APA, o não funcionamento

do Departamento de Avicultura daquela entidade e classificou de «demagógica» a posição do presidente da FARESP na questão de importação do milho.

Por último falou o sr. Ciro Werneck de Souza e Silva, presidente da União das Cooperativas do Estado de São Paulo, que asseverou que, se a importação do milho não for realizada imediatamente, chegará tarde — e, então, teremos que importar ovos em vez de milho, dada a intensificação do abate de poedeiras.

EXPORTAÇÃO DE GEMA DE OVO PARA A ALEMANHA

A Harkson Indústria e Comércio KIBON exportou para a Alemanha Ocidental 17 toneladas de gema em pó, exportação que se efetuou pelo «Cap São Lorenzo» no dia 29 de dezembro, pelo porto de Santos. Em janeiro de 1959, esta mesma companhia já havia exportado 36.990 kg de gema em pó e 5 toneladas de albumina cristal para a Alemanha Ocidental.

A exportação de ovos em pó será capaz de colocar a avicultura brasileira em bases sólidas, visto ser possível uma padronização exata e imediata dos produtos, dentro dos padrões internacionais de qualidade e de embalagem. O mesmo não acontece com os ovos inteiros em casca, cuja classificação arcaica, as diferenças de embalagem e a própria qualidade dos ovos têm criado sérios embaraços à exportação.

GRANJA DO MANECO

Matriz :

T A P I R A T I B A

Praça D. Carolina, 72 - Tels. 72 e 64

—O—

Filial em São Paulo :

GRANJA YPÊ

Estrada de Itapeverica Km. 19
(via Santo Amaro)

FONES: 61-2261 e 8-8935

REVISTA DOS CRIADORES

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

**PORQUE OS PINTOS DE UM DIA
PODEM VIAJAR ATÉ 72 HORAS
EM COMPLETO JEJUM**

Em regra, os leigos ficam admirados ao saber que os pintos podem ser despachados por estrada de ferro ou por avião, viajando horas e horas, sem água e sem comida. Desconhecem completamente a causa que determina essa resistência dos pintos.

Tudo é muito simples. Sabe-se que os pintos se formam à custa da clara e da gema do ovo. Acontece que nem toda a gema é gasta na formação dos pintos; sobra sempre certa quantidade, dentro de um verdadeiro saco. O saco de gema que sobrou, entre o 17.º e o 18.º dia de incubação, passa para a cavidade abdominal dos pintos, restando do ponto de passagem, um orifício arredondado, que é o umbigo. O saco de gema se comunica com o intestino dos pintos, por meio de um pequeno tubo.

Um estudioso achou que esse saco de gema representa cerca de 48% do total de energia do ovo, quando colocado na chocadeira. Como se vê, boa parte dos elementos nutritivos dos ovos.

Os pintos, uma vez nascidos, começam a receber do saco de gema a primeira alimentação. A gema passa pelo tubo que liga ao intestino, sendo assimilada diretamente, sem grandes dificuldades: lentamente, num fluxo constante e regular.

Ao fim de uma semana, todo o saco de gema foi absorvido pelos pintos. A gema absorvida é capaz de manter o calor do corpo dos pintos por 72 horas ou mesmo mais.

Assim, os pintos, quando transportados, podem suportar até 72 horas de viagem, praticamente sem perigo, com o mínimo de mortalidade. O saco de gema funciona como fonte de calor e de alimentação. A morte, por inanição ou fome, começa geralmente aos 5 dias de idade. Portanto, é boa prática, assim que sejam recebidos os pintos, alimentá-los imediatamente, com a ração inicial completa. Não há inconveniente algum em alimentar os pintos, mesmo quando saídos das chocadeiras. A digestão dos alimentos nada atrapalha a absorção do saco de gema, que nesse caso funciona como uma reserva de elementos nutritivos.

Estas constatações biológicas permitiram o extraordinário desenvolvimento da avicultura, com os pintos sendo transportados a grandes distâncias, levando em grandes quantidades, a semente para a instalação de novos aviários.

Com frequência, muitos avicultores têm adquirido pintos despachados dos Estados Unidos e os recebem em perfeitas condições.

SINTOMAS DA ESPIROQUETOSE EM AVES

A criação racional de aves no Estado de São Paulo se expande rapidamente e em grande parte pelo sistema de gaiolas de postura. Estas gaiolas e os galinheiros do tipo "ripado", em geral, são construídos de madeira, muitas vezes sem tratamento por meio de preservativos ou de parasitocidas, que exterminem parasitas externos das aves, entre os quais o carrapato das galinhas ou *Borrelia anserina*, que transmite a temida espiroquetoze das aves. Como principais sintomas desta doença podem ser apontados: nas galinhas, depois de um período de incubação de 3 a 8 dias, grande elevação da temperatura.

Esta febre provoca um aspecto geral de fraqueza e de sonolência nas aves, que se mantêm de pé, sonolentas, asas caídas, penas arrepiadas, crista e barbelas pálidas; quase sempre, diarreia esverdeada e grande prostração das aves, principalmente com o progresso da doença. Nesta altura, também pode ser notada a paralisia das asas e das pernas e a morte é o fim deste quadro sintomatológico.

Também é muito frequente a mortalidade elevada, sem que as aves apresentem qualquer sinal da doença: estando no poleiro ou nos ninhos, morrem subitamente, como que fulminadas. Na autópsia podem ser encontrados: nos casos agudos, o fígado e o bazo aumentados de tamanho e

São Paulo com sinais de degeneração, demonstrado



AGRO-LAR S/A
Caixa Postal 8473 — S. Paulo

pelos pontos de necrose, pequenos e esbranquiçados; o bazo, aumentado até de seis vezes do tamanho normal. A inflamação catarral da mucosa dos intestinos (Conclui na pág. 83)



PAGE S.A.

Praça da Sé, 371 - 1.º andar
Tel. 35-0869
MARÇO DE 1962

**Granja
Ipê**

New Hampshire

**Pintos de um dia,
frangos e aves
reprodutoras**

Estrada Itapecerica -
km 19 (Via Sto.
Amaro)

Telefones:

61-2261 e 8-8935

Informações úteis para avicultores

VOCÊ SABE?

PULOROSE DAS AVES

A pulorose ou diarreia branca das aves é produzida por uma bactéria conhecida cientificamente por *Salmonella pullorum* e que foi identificada em 1900 por L. Rettger, nos Estados Unidos.

A *Salmonella pullorum* é encontrada pra-

ticamente em todos os órgãos dos pintos e dos peruzinhos doentes, como: fígado, pulmões, coração, saco de gema, tracto intestinal e também no sangue.

Nas aves adultas, galinhas ou peruas, a *Salmonella pullorum* se localiza de preferência no ovário, embora seja encontrada

ocasionalmente no fígado, intestinos e nos pulmões.

Muitos ovos postos pelas aves doentes podem estar contaminados e os pintos nascem levando a *S. pullorum*, e mostram os sinais da doença na primeira semana de vida. Muitos morrem e aqueles que sobrevivem se transformam em aves portadoras da doença. É assim o ciclo evolutivo desta doença, que tantos prejuízos ainda causa à avicultura industrial em nosso País.

Felizmente para a avicultura organizada, a *Salmonella pullorum* não apresenta grande resistência aos agentes de desinfecção em geral e também resiste pouco aos raios solares e a secura dos abrigos. Estas constatações permitem a desinfecção eficiente das instalações avícolas, onde foram criados lotes de pintos doentes.

Por outro lado, esta baixa resistência da *S. pullorum* aos fatores do ambiente (luz e secura), diminui as possibilidades de propagação da doença nos galinheiros onde possam existir galinhas portadoras.

ARGIROL EM SOLUÇÃO A 10% NO TRATAMENTO DA CORIZA COMUM

O alto custo dos antibióticos, comumente usados no tratamento das complicações respiratórias, têm levado os avicultores, principalmente aqueles de menor força econômica, a lançar mão de recursos de menor preço para o tratamento da coriza comum ou do resfriado simples das aves.

Principalmente nas criações em gaiolas de postura, onde o tratamento é facilitado, seja pelo reconhecimento exato das aves com corrimento, seja pela apanha simples das aves, o argirol, em solução a 10%, poderá ser de grande valor no tratamento do resfriado das galinhas.

Em solução, o argirol se apresenta de cor quase preta e deverá ser conservado em vidros escuros. É aplicado com facilidade nas narinas das aves, com conta-gotas de vidro ou de matéria plástica, duas a três gotas em cada narina, diariamente. Também é usado, pingando nos olhos e na laringe das aves, quando se observam complicações nestes órgãos, e tem grande eficiência curativa.

COMO RECONHECER A COLERA EM AVES MORTAS

A cólera aviária ocorre no Brasil na forma aguda, na maioria dos casos. Os primeiros sinais externos são: crista e barbelas arroxeadas e mucosidade espessa na boca e nas narinas. Abrindo com as mãos as penas do corpo, principalmente do peito, podem ser notadas zonas de descoloração avermelhada. As aves morrem repentinamente no galinheiro e até mesmo dentro do ninho.

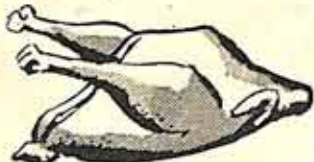
Os órgãos abdominais se apresentam geralmente mais escuros e congestionados, em relação aos órgãos normais.

Mas, os sinais hemorrágicos são os mais importantes a observar: no coração, principalmente na região média ou das coronárias, zonas hemorrágicas de diversos tamanhos, em pequenos pontos ou petéquias. Estas zonas hemorrágicas também podem ser notadas no peritônio, a membrana que recobre os intestinos, e no mesentério, a membrana que prende as alças intestinais, e ainda, debaixo da pele e na gordura abdominal. Encontra-se também, com frequência, o pericárdio ou seja o saco que envolve o coração, cheio de um líquido

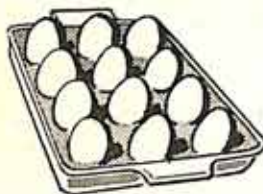
REVISTA DOS CRIADORES



CARNES



AVES

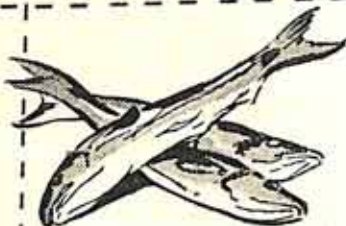


OVOS



FRUTAS

melhor
conservados
em câmaras
frigoríficas
isoladas
com



PEIXES

EUCATEX FRIGORÍFICO

-o isolante criado pela natureza... e aperfeiçoado pelo homem!

Onde for preciso conservar o frio e isolar o calor - em câmaras frigoríficas, caminhões, vagões e refrigeradores - a chapa de Eucatex Frigorífico prova que é o melhor isolante: oferece mais eficiência com igual espessura e igual eficiência com menor espessura que a cortiça e outros materiais. É por isso que os principais construtores de câmaras frigoríficas usam e os principais fornecedores de máquinas recomendam Eucatex Frigorífico. É muito mais fácil de aplicar, econômico e existe sem-pre para pronta entrega nas espessuras de 1/2", 1", 1 1/2", 2", 3" e 4".

O Departamento Técnico de Engenharia da Eucatex S.A. Indústria e Comércio mantém uma equipe de engenheiros à sua disposição para colaborar nos seus projetos e estudos de isolamento de calor e frio.

EUCATEX
S.A. - INDÚSTRIA E COMÉRCIO

RECORTE E ENVIE ESTE CUPOM:

À Eucatex S.A. Indústria e Comércio
Caixa Postal 1683 - São Paulo
Envie-me mais informações sobre Eucatex Frigorífico, sem qualquer compromisso.

NOME:
RUA: ESTADO:
CIDADE:

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 530 -
Fone 51-9108 - C. Postal 1683
Brasília: Super Quadra, 208 - Bloco 4 - apto.
406 - Fone 2-2944
Belo Horizonte: Rua Amazonas, 311 - s/802/3
Fone 2-5170
Rio de Janeiro: Av. Pres. Vargas, 435 - s/902
Fone 43-2754 - 23-8838
Porto Alegre: Edif. Annes Dias - Rua prof.
Annes Dias, 154 - Cj. 1071 - Fone 9-2145
Revendedores em todo o Brasil

Informações úteis. . .

(Conclusão da pág. anterior)

amarelado, em volume além do normal. O fígado aparece cheio de pequenos focos brancos, como verdadeiras manchas pequenas.

Outra lesão freqüente é a inflamação intensa e hemorrágica da mucosa do duodeno ou seja, a parte do intestino que forma uma dobra que recebe o pâncreas e bem junto do fígado. Abrindo o duodeno, nota-se a presença de material de digestão, de mistura com sangue, enquanto, nas demais porções dos intestinos, este mesmo material de digestão é amarelado.

Os avicultores também podem encontrar, nos casos mais graves e em lotes onde a cólera aparece com mais freqüência, a cavidade abdominal cheia de material amarelado e com a consistência de queijo. Outras vezes, este mesmo material está misturado aos intestinos, formando massa compacta, a ocupar toda a cavidade abdominal.

Os avicultores que têm aviário em zona distante de laboratório, de modo que é sempre mais demorado um exame positivo, devem tratar o lote com sinais de cólera com sulfametazina (sulmet-12,5%) e sulfadoxina, que são recursos de alta eficiência no tratamento da cólera.

Com esta providência, evitarão a mortalidade e poderão executar medidas de profilaxia e evitar a disseminação desta perigosa doença das aves.



HEINE e DIAMANT (Importados da Frísia)
SOVEREIGN MYSTERY e SPRING
FARM (Importados do Canadá) são os pais
dos tourinhos vermelho e branco da

FAZENDA

MARAMBAIA

KM 77 - VIA ANHANGUERA

VINHEDO - SP

Trocando em miudos. . .

(Conclusão da pág. 81)

podrá ser observada, bem como a existência de membranas fibrinosas no epicardio. Nos casos menos agudos, nota-se a palidez dos órgãos internos, e o fígado e baço são menores que o normal.

Os avicultores devem desconfiar sempre da mortalidade súbita entre as aves e se socorrer de granjeiro mais prático ou de um instituto científico, para o diagnóstico preciso do mal.

De qualquer maneira, os sinais da doen-

ça, embora possam ser confundidos com os de outras, como o cólera, por exemplo, são muito típicos, exigindo apenas um pouco de atenção do criador, para a adoção das medidas profiláticas indispensáveis.

Para o combate aos carrapatos veiculadores da espiroquetose, a pintura a carbolíneo das instalações de madeira (ripados, poleiros, ninhos e gaiolas de postura) é exigência elementar.



A luta contra a fome

Mais da metade da população mundial vive desnutrida ou mal nutrida, quando não nas cercânias da inanição. A vida dessa gente é marcada pela pobreza, pela ignorância, pela apatia, do que decorre miséria maior ainda. A Campa-

nha Mundial contra a Fome tende a chamar a atenção do mundo para esse problema cada vez mais premente, que exige seja alimentada uma população dinamicamente crescente e se promovam os meios necessários para tal.

A lagosta do deserto talvez seja a mais temida e espetacular das muitas pragas e parasitas que anualmente destroem cerca de 20% dos alimentos que o homem produz.

A erosão é um problema de importância mundial — e a cada ano que passa se perde terra valiosa devido ao desconhecimento dos métodos adequados de luta contra o fenómeno. O excessivo pastoreio e a indiscriminada derrubada de matas causaram a destruição destas colinas da Macedônia.



MERCADOS

AVES E OVOS

COTAÇÃO DE LATICÍNIOS NA PRAÇA DE SÃO PAULO

PRODUTOS	Preços ao Fabricante kg Cr\$	Preço ao atacadista kg Cr\$	Preço ao consumidor kg Cr\$
QUEIJO MINAS			
— comum	110—120	130—140	150—180
— pasteurizado	—	170—200	220—230
(União, Boa, Edméa)	170—190	220—250	280—300
— duro - Araxá	—	—	—
REQUEIJÃO			
Catupiri	45—80	—	60—110
QUEIJO PRATO			
de 1. ^a	—	250—270	300—340
de 2. ^a	—	200—220	240—250
QUEIJO TIPO PARMEZÃO			
comum (frescal)	250—270	280—300	320—340
curado (União e Dolar)	—	350—380	400—450
curado (Faixa Azul)	—	500—550	550—600
MANTEIGA			
Extra	—	320—330	350—380
de 1. ^a	—	300—310	330—350
Comum	270—280	290—300	305—310
LEITE CONDENSADO			
Caixa com 48 latas de 390 g.	—	2.350 a 2.500	65 a 70 c/lata
LEITE EM PÓ			
Caixa com 24 latas de 1 libra ..	—	3.500 a 3.600	160—180 c/lata
Industrial — desnatado			
“roler” em sacos de 25—30 kg	—	—	170—180 o kg
“spray” em sacos de 25—30 kg	—	—	140—145 o kg
varredura em sacos de 25—30 kg	—	—	70—80 o kg
LEITE DE CONSUMO		ao produtor	ao consumidor
Tipo “C”	—	15,30 a 18,00	26,30
Tipo “B”	—	20—21	40,00
Tipo “A”	—	—	45—50
LEITE PARA INDÚSTRIA			
Zona abastecedora de São Paulo, Santos e Campinas	—	15 a 17,00	—
Nas demais zonas do Estado	—	13 a 14,00	—
No Sul de Minas - para queijos e leite em pó	—	17,50 posto plataforma	—
Crema — extra — até 300; 1. ^a qualidade — até 250	—	—	100
2. ^a qualidade — até 200	—	—	220
Caseína láctica	—	—	—
Lactose (USP)	—	—	—

A mais terrível crise no mercado dos resíduos de trigo e do milho, determinando o maior preço jamais observado nas rações balanceadas e sua escassez nos centros de distribuição, vêm ocasionando drástica redução dos plantéis de aves do Estado de São Paulo. Porque, além disso, o preço pago pelos ovos e pela carne de frango, ainda não é capaz de proporcionar o necessário rendimento econômico aos aviários comerciais. Assim é que, já no dia 3 de janeiro de 1962, o preço pago para os ovos do tipo Especial ainda não havia alcançado a linha dos três mil cruzeiros por caixa de 30 dúzias.

De acordo com as cotações fornecidas pela Associação Paulista de Avicultura, o preço dos ovos no mercado atacadista de São Paulo, no dia 3 de janeiro de 1962, foi o seguinte por caixa de 30 dúzias:

Especial	Cr\$ 2.920,00
A	Cr\$ 2.830,00
B	Cr\$ 2.690,00

Nesta base de preço, os avicultores continuam tendo prejuízos e o descarte das poedeiras com 60% de produção têm sido o recurso extremo, para financiar o custeio das frangas quase no início da postura.

O preço pago pelos frangos de corte sofreu alta, mais em função da escassez de carne de ave na praça, do que pelo interesse dos intermediários no amparar os avicultores especializados neste setor.

(Conclui na pág. 100)

Cr\$ 600,00

Você pagará seiscentos cruzeiros por uma assinatura anual da “Revista dos Criadores”, mas ganhará dez ou vinte vezes de volta essa importância, com os ensinamentos das suas páginas.

“Revista dos Criadores”

São Paulo - S.P.

RUA JAGUARIBE, 634

REVISTA DOS CRIADORES



RELATÓRIO N.º 205
SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO
da

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Em cooperação com o Departamento Nacional da Produção Animal do
Ministério da Agricultura e do Departamento da Produção Animal de
São Paulo

DEZEMBRO DE 1961

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do animal	Gráu do sangue	Idade anos mês	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gordura kgs.	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO) Três ordenhas (3x)								
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
A. Liberdade II-B14/5566-LM	PO	4-2	8114	365	9.177,0	337,8	3,68	Manoel Alves de Castro
A. Saudade-B14/5558-LM	PO	4-5	9141	365	7.753,0	307,4	3,96	Manoel Alves de Castro
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
M's. M. Imperial 35-F7-3202	PO	10-10	6424	365	5.568,0	191,5	3,43	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
São José Dançarina-B12/4637	PO	5-4	6602	365	5.426,0	174,8	3,22	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cereja-B10/3536	PO	8-9	4264	322	5.197,0	183,3	3,52	Ministério da Agricultura
Jardim Odaly	NR	6-8	9042	155	3.352,0	117,4	3,50	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
F. S. M. Baré-B10/3535	PO	8-8	4263	232	3.294,0	109,8	3,33	Ministério da Agricultura
F. S. M. Gardenia	—	—	9101	276	3.115,0	104,8	3,36	Ministério da Agricultura

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY,
HOLANDES PRETO E BRANCO E VERMELHO
E BRANCO



Em 1961, na V Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de S. Paulo, por duas vezes, conquistamos o prêmio máximo da pecuária paulista: a **MEDALHA DE OURO GOVERNADOR DO ESTADO**, conferida ao **MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA**. As **MEDALHAS DE OURO** foram conquistadas pelos nossos plantéis de Jersey e Holandês Vermelho e Branco.

*Produção leiteira oficialmente controlada
pela Associação de Criadores*

Sua visita, a qualquer momento, será sempre uma satisfação

Fazenda Santana do Rio Abaixo

C. Postal 20 — S. José dos Campos. SP — Em São Paulo:
Rua Boa Vista, 208 — 8.º and. — Tel 32-3804

Nome do animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	Proprietário
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ — Até 2½ anos.								
Hol. Betsy XI-B17/6991	PO	2-0	9212	343	3.217,0	129,2	4,01	Coop. Agro-Pecuária Holambra
Hol. Marie XIX-B17/6983	PO	2-0	9038	278	2.445,0	91,8	3,75	Coop. Agro-Pecuária Holambra
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
Cast. B. Johanna-B16/6667	PO	2-6	9200	365	3.801,0	140,4	3,69	Alberto Boessenkool (Castrolanda)
S. M. Celeuma M. Marksdekol-B18/7380	PO	2-8	9217	365	2.982,0	103,1	3,45	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Sertão Esperia-B18/7387	PO	2-7	9215	360	2.519,0	97,3	3,86	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
Cast. R. Gelske 4-B15/6188-LM	PO	3-0	8361	352	4.855,0	186,8	3,84	Roelof Rabbers (Castrolanda)
Cast. L. Boukje 28-B15/6213	PO	3-0	9248	321	3.683,0	143,8	3,90	Geert Leffers (Castrolanda)
Hol. Wiepk IX-B16/6339	PO	3-3	8078	294	3.646,0	139,1	3,81	Coop. Agro-Pecuária Holambra
F. Jaçanã Iraci-B15/5925	PO	3-1	9039	295	3.580,0	109,2	3,05	Arthur Monteiro Neves
Cast. L. Jantje 51-B15/6205	PO	3-0	8353	313	3.473,0	133,8	3,35	Eltje J. Loman (Castrolanda)
C. J. Jetje-B16/6639 (1)	PO	3-5	9233	111	1.757,0	62,6	3,56	J. de Jager (Castrolanda)
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Lambreta-34617	PO	3-10	9322	365	5.899,0	216,8	3,67	Eduardo C. Rodrigues
S. C. Samambaia Pabst-B15/5953-LM	PO	3-8	9149	365	5.391,0	184,5	3,42	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Extra M. D'Este-30665-LM	PC	3-8	8339	365	4.957,0	168,3	3,39	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Mandinga S. Martinho-30938-LM	PC	3-7	9154	365	4.708,0	178,1	3,78	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. S. Aliança-30182	PC	3-9	9323	365	2.442,0	85,4	3,49	Alkindar G. M. Junqueira
S. S. Amada-30188	PC	3-8	9324	365	2.343,0	84,8	3,62	Alkindar G. M. Junqueira
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
C. R. Hendrika 2-B15/5765-LM	PO	4-4	6829	365	5.906,0	214,6	3,63	Roelof Rabbers (Castrolanda)
Cast. B. Emma-B15/5770-LM	PO	4-3	8350	365	5.023,0	181,6	3,61	Alberto Boessenkool (Castrolanda)
C. L. Engeltje 1-B15/5824-LM	PO	4-1	8440	340	4.685,0	174,4	3,72	Eltje J. Loman (Castrolanda)
Hol. K. Maus 2-	NR	4-1	7121	338	4.087,0	138,3	3,38	Brandt Keegstra (Castrolanda)
C. L. Slep 29-B13/5142	PO	4-5	7878	254	3.085,0	129,1	4,18	Geert Leffers (Castrolanda)
P. Colombina-B16/6521	PO	4-3	8503	345	2.733,0	104,2	3,81	Lelio de T. Piza e Almeida
S. Quirino Descalça-27174	PC	4-5	9056	225	1.833,0	52,3	2,85	Cia. Agrícola São Quirino
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Bombeira-34614-LM	PC	4-6	9321	365	6.468,0	232,1	3,58	Eduardo C. Rodrigues
Granja-28638	PC	4-6	9157	339	4.305,0	160,5	3,72	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. E. Marie 94-B13/5161	PO	4-6	6675	354	4.035,0	158,2	3,92	R. Salomons (Castrolanda)
Hol. B. Wieb 3-1003	7/8	4-11	8394	330	3.645,0	123,5	3,38	A. Barkema (Castrolanda)
Hol. B. Annie 2-1000	15/16	4-6	7717	324	3.177,0	115,0	3,61	A. Barkema (Castrolanda)
C. R. Teatske 33-B13/5179(1)	PO	4-11	6902	117	1.821,0	66,9	3,67	Roelof Rabbers (Castrolanda)
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Cocaina-29040-LM	PC	6-3	7931	365	7.501,0	274,0	3,65	Guido Malzoni
Annie Reinouw 3-F5/2425-LM	PO	8-9	4372	322	5.712,0	212,3	3,71	Jan Noordegraaf (Castrolanda)
Lili-20649	PC	10-0	5083	365	4.942,0	160,5	3,24	Lelio de T. Piza e Almeida
C. L. Maartebloem 77-F4/1973-LM	PO	9-5	4278	309	4.883,0	178,2	3,64	Geert Leffers (Castrolanda)
Folgada-22727	PO	7-10	7738	273	4.748,0	163,7	3,44	Eduardo C. Rodrigues
C. R. Saakje 2-B13/5046-LM	PC	5-8	6083	307	4.737,0	182,0	3,84	Roelof Rabbers (Castrolanda)
Pipoca-20650	PO	9-9	5198	365	4.677,0	154,0	3,29	Lelio de T. Piza e Almeida
S. Quirino Domitila-27191	PC	5-0	9219	365	4.490,0	164,4	3,66	Cia. Agrícola São Quirino
Atomica-29840	7/8	5-6	7429	296	4.078,0	148,2	3,63	D. Pires Agro-Pecuária S.A.
Floresta Ema-29793	PC	6-5	9040	296	4.003,0	142,1	3,54	Arthur Monteiro Neves
Brigada de Paraiba-19121	PC	8-0	3620	297	3.970,0	143,1	3,60	Arthur Monteiro Neves
V. B. Cancaia Nobre-20574	PC	8-0	9262	365	3.910,0	139,2	3,55	Lincoln Castro da Rocha
M's. Double Sensation-Nevada-	—	—	9021	293	3.898,0	140,2	3,59	Cia. Agrícola São Quirino
Africana-25050	NR	—	9328	365	3.757,0	141,4	3,76	Gil Celidonio G. dos Reis
Amazonas Honduras-25190	7/8	6-5	9031	202	3.523,0	133,1	3,77	Eduardo C. Rodrigues
Cacula-26447	7/8	6-2	5911	249	3.479,0	102,6	2,94	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
S. Quirino Baroneza-21871	PC	5-7	8217	294	3.412,0	110,0	3,22	Cia. Agrícola São Quirino
Amazonas Holanda-26077	PC	5-8	5743	267	3.350,0	98,8	2,94	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
S. Capuchina R. A. Ajax-F7/3396	PO	5-4	8686	322	3.095,0	88,2	2,84	Lelio de T. Piza e Almeida
Baleia M. D'Este-23123	PC	6-0	5910	285	3.088,0	100,7	3,26	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Cop. Festeira-31300	PO	5-1	9357	365	3.088,0	100,8	3,26	Quatro Primos Lutfalla
Belga-30195	PC	8-5	7451	359	2.897,0	88,0	4,17	Alkindar G. M. Junqueira
Delicada-24344	7/8	6-8	7982	266	2.832,0	87,5	3,03	Alkindar G. M. Junqueira
Cast. J. Marie 31-B13/5045(1)	PO	6-2	6383	135	2.561,0	93,0	3,09	J. de Jager (Castrolanda)
Alva Ag. Negras-18078	7/8	10-8	2277	327	2.408,0	66,4	3,44	Alberto Ferraz
Espadilha Ag. Negras-1093	PC	—	5058	210	2.188,0	66,4	3,86	Alberto Ferraz

Nome do animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO) Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
Sta. Cecilia Happy-31851	PC	2-9	9341	309	2.311,0	84,8	3,66	Carlos Whately
Maaik 20-FF1/373	PO	2-9	9032	287	2.301,0	85,4	3,71	Luciano V. de Carvalho
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Guatemala-29518	PC	3-8	9338	365	3.701,0	122,7	3,31	Carlos Whately
Hol. Frieda III-BB2/557	PO	3-7	8519	329	3.176,0	117,1	3,68	Coop. Agro-Pecuária Holambra
Gaby-29515	PC	3-10	8468	365	2.858,0	101,7	3,55	Carlos Whately
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Margje 6(1)-FF1/372	PO	4-1	8182	292	3.119,0	143,1	4,58	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Framboise-26968	PC	4-6	9339	365	3.578,0	123,5	3,45	Carlos Whately
Escocia de Pinheiro-BB1/393	PO	4-9	8994	238	1.059,0	38,2	3,60	Ministério da Agricultura
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Mar. Cinderela Teiana-BB1/280-LM	PO	6-2	6533	365	5.170,0	176,6	3,41	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Dina-27897	PC	5-7	9142	353	3.777,0	139,1	3,68	José Procópio do Amaral
Beleza-BB1/331	PO	8-4	5381	365	3.710,0	149,5	4,02	Carlos Whately
Leme's Dioneia-20055	PC	8-0	9054	276	3.247,0	112,2	3,45	Jayme da Silveira Leme
Hol. Jaantje-BB1/286	PO	8-6	4055	83	1.585,0	47,0	2,96	Coop. Agro-Pec. Holambra
RAÇA JERSEY								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO) Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AA — Até 2 anos.								
Ilha J. Sta. Hilda- (1)	—	1-11	9620	200	1.542,0	62,1	4,02	João Laraya
CLASSE AJ — De 2 a 2½ anos.								
S. A. Heróica Zanalua-3274-C	PO	2-2	9078	246	1.307,0	66,3	5,07	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
Hulha P. Sta. Hilda-3298-C	PO	2-8	9255	365	2.675,0	113,7	4,25	João Laraya
Jóia do Brejinho-3456-C	PC	2-10	8536	337	1.800,0	80,2	4,45	Marcus Rafael A. de Lima
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
S. A. Xandoca 2.ª Zanalua-A/2213	PO	3-1	8555	339	2.405,0	110,9	4,61	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Dulcinea do Brejinho-196/32	PO	7-5	5184	346	2.592,0	134,6	5,15	Marcus Rafael A. de Lima
Belinda-1447-C	PO	8-3	7194	365	2.468,0	136,3	5,52	João Laraya
T. Nancy Favorite-1073-C	PO	11-8	4637	365	2.337,0	115,9	4,95	João Laraya
S. A. Harmonia Patton-1456-C(2)	PO	9-5	4392	266	2.189,0	97,3	4,44	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Elegante do Brejinho-A/1243	PO	5-8	6050	302	2.180,0	117,3	5,32	Marcus Rafael A. de Lima
Juarez do Empyreio-3159-C	PO	5-2	7552	329	1.872,0	98,5	5,25	João Laraya
RAÇA SCHWYZ								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO) Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Cascata de Pinheiro-1966	PO	3-11	6021	365	3.370,0	127,3	3,77	Ministério da Agricultura
Gamarra de Pinheiro-2397	PO	3-9	8577	320	2.516,0	94,1	3,74	Ministério da Agricultura
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Falta de Pinheiro-2255	PO	4-9	8069	313	1.775,0	65,3	3,67	Ministério da Agricultura
MARÇO DE 1962								

Nome do animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
----------------	----------------	------------------	---------	------------------	------------	------------------------	---	--------------

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Coroa-Princeza-29326	NR PC	— 5-10	6183 9378	365 306	3.397,0 2.646,0	123,5 99,8	3,63 3,77	Ministério da Agricultura D. Pires Agro-Pecuária S.A.
----------------------	----------	-----------	--------------	------------	--------------------	---------------	--------------	--

RAÇA GUZERA

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.

Pioneira-ARSF/5833	PO	4-4	9423	312	2.805,0	158,5	5,64	João Carlos Burguês Abreu
--------------------	----	-----	------	-----	---------	-------	------	---------------------------

I DIVISÃO — Até 305 dias (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MÊSES)

NOME DO ANIMAL	Gráu de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kgs.	Gordura kgs.				

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2½ anos.

Cast. B. Antje 4-B16/6687-LM	PO	2-4	9184	295	3.721,0	137,5	3,69	340	230	E. M. Borg (Castrolanda)
Cast. S. Akke 21-B16/6738	PO	2-0	9228	278	2.995,0	115,0	3,83	376	177	H. Salomons (Castrolanda)
Cast. L. Evelien 11-B16/6671	PO	2-2	9283	299	2.663,0	92,7	3,48	348	226	A. Stryker (Castrolanda)
Cast. L. Boukje 29-B17/6779	PO	1-11	9247	260	2.449,0	99,1	4,04	380	155	Geert Leffers (Castrolanda)
Hol. L. Rolientje 5	NR	2-5	9281	303	2.280,0	90,8	3,98	355	223	Eltje J. Loman (Castrolanda)

CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.

Duqueza-30364-LM	PC	3-7	9148	305	4.726,0	159,2	3,36	354	226	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
Hol. B. Maaikje 3-1010	31/32	3-9	9272	258	3.637,0	128,9	3,54	359	171	A. Barkema (Castrolanda)

CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.

Saint R. E. 96 Lena W 316-F7/3437	PO	4-4	9216	287	2.986,0	115,5	3,86	338	224	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
-----------------------------------	----	-----	------	-----	---------	-------	------	-----	-----	---------------------------------

CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.

Cast. L. Jetske 42-B13/5159-LM	PO	4-7	6699	305	5.936,0	214,3	3,61	376	204	Geert Leffers (Castrolanda)
S. C. Maloca Pabst-B15/5931	PO	4-11	9214	290	4.081,0	144,0	3,52	363	202	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
Rika 54-B13/5083	PO	4-11	7981	287	3.914,0	145,8	3,72	379	183	E. M. Borg (Castrolanda)

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Traira-29043-LM	PC	6-1	7930	305	6.557,0	219,0	3,33	393	187	Guido Malzoni
Boukje A 11-F6/2540	PO	8-3	6747	305	4.357,0	145,8	3,34	399	124	H. de Boer (Castrolanda)
Cast. C. Agatha 60-B13/5071	PO	5-3	7889	296	3.755,0	157,6	4,19	364	207	J. W. Kassies (Castrolanda)
Vistosa-30551	PC	5-11	9370	288	3.681,0	132,4	3,59	349	214	Antônio Luiz do Rego Netto
Tetje's Frederik 2-F4/1822	PO	9-4	8437	276	3.160,0	119,1	3,76	373	178	H. Salomons (Castrolanda)
Engeltje-F5/2336	PO	7-11	4440	300	3.144,0	116,3	3,70	367	208	Eltje J. Loman (Castrolanda)
Marmitta-27956	PC	6-0	8446	293	2.844,0	81,0	2,84	394	174	Alkindar e G. M. Junqueira
Fokje II-F5/2305	PO	8-5	3771	232	2.368,0	92,5	3,90	363	144	H. Salomons (Castrolanda)
Rumba-20852	7/8	11-1	9106	88	722,0	26,5	3,67	381	—	Jotamar Adm. e Comércio S.A.

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.
Duas ordenhas (2x)

CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.

Flanela de Pinheiro-BB2/588	PO	3-10	8245	305	2.187,0	77,4	3,53	424	156	Ministério da Agricultura
-----------------------------	----	------	------	-----	---------	------	------	-----	-----	---------------------------

CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.

Mar. Enelda A. Teliana-27786	PC	4-11	6816	249	2.779,0	98,7	3,55	382	142	Luciano Vasconcellos de Carvalho
------------------------------	----	------	------	-----	---------	------	------	-----	-----	----------------------------------

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos, meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kgs.	Gordura kgs.				
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Hol. Anna-BB1/237	PO	7-8	4466	305	4.803,0	169,9	3,53	367	213	Cia. Adm. Com. Agr. Sta. Filomena
Muquem Bandeira-30799	PC	7-11	8638	267	2.665,0	97,5	3,66	311	231	Cia. Adm. Com. Agr. Sta. Filomena
Emenda de Pinheiro	NR	—	6578	220	1.443,0	48,4	3,35	338	157	Ministério da Agricultura

RAÇA JERSEY

Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — De 2 a 2½ anos.

S. A. Confiança Paxford-3263-C	PO	2-0	9081	305	2.035,0	94,6	4,64	410	170	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Elite Paxford-3264-C	PO	2-3	9112	280	1.730,0	90,9	5,25	409	146	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Jester M. Duchess (Duquesa) 3215-C	PO	5-10	9139	293	2.228,0	124,0	5,56	345	223	Alain Boud'hors
------------------------------------	----	------	------	-----	---------	-------	------	-----	-----	-----------------

RAÇA SCHWYZ

Duas ordenhas (2x)

CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.

Fita de Pinheiro-2335	PO	4-0	8452	163	870,0	30,3	3,47	336	102	Ministério da Agricultura
-----------------------	----	-----	------	-----	-------	------	------	-----	-----	---------------------------

CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.

Fama de Pinheiro-2290	PO	4-6	7848	288	1.818,0	67,0	3,68	350	213	Ministério da Agricultura
-----------------------	----	-----	------	-----	---------	------	------	-----	-----	---------------------------

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Elite de Pinheiro-2153	PO	5-8	7311	300	2.367,0	82,8	3,49	375	200	Ministério da Agricultura
Amapola de Pinheiro-88	PO	9-0	5434	165	716,0	27,3	3,80	383	57	Ministério da Agricultura

LM — LIVRO DE MÉRITO

(1) — VENDIDA

(2) — MORREU

O último número em seguida ao nome de cada vaca corresponde ao seu número em registro genealógico.

CATEGORIA DE LONGEVIDADE

Esta relação passa a ser publicada sempre que seja registrada qualquer nova parição.

I RAÇA HOLANDESA — Variedade preta e branca.

A — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite e Gordura

Nome do Animal	Grau do Sangue	Dias	Leite	Gordura	%	Cl. p/G.	Lactações 2x-3x	Proprietário
1.º — B. V. Duchess Senator Bela	PO	2190	51.496	1.740,1	3,37	1.º	6	Alberto Ferraz
2.º — Clara Silvia III	PO	1969	45.264	1.673,1	3,69	2.º	4	Manoel Alves de Castro
3.º — Faroleza Sentinel	PC	2039	45.246	1.364,3	3,01	4.º	6	Instituto Adv. de Ensino
4.º — Willy's Rosana M. Alegria	PO	2070	41.675	1.483,5	3,55	3.º	6	Cia. Agrícola São Quirino
5.º — Firmeza Sentinel	PC	2060	38.406	1.325,4	3,45	5.º	6	Instituto Adv. de Ensino
6.º — Amazonas Nave	PC	2082	35.995	1.126,6	3,12	9.º	7	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
7.º — Amazonas Modesta	PC	2058	34.780	1.044,1	3,00	12.º	7	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
8.º — Amazonas L. Malogenea	PC	1757	33.949	1.187,1	3,49	7.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
9.º — Amazonas Napeva	PC	1763	33.916	954,2	2,81	22.º	7	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
10.º — Florença Madcap C. A. B.	PC	1460	33.896	1.041,1	3,07	14.º	4	Instituto Adv. de Ensino
11.º — Garça Sentinel	PC	1884	33.451	1.107,1	3,30	10.º	1	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
12.º — Juliana Maria	PO	1838	33.445	1.316,5	3,93	6.º	4	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
13.º — Amazonas Narrativa	PC	1991	33.045	1.023,6	3,09	16.º	7	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
14.º — Balinha Sentinel	PC	1825	32.580	1.152,8	3,53	8.º	5	Instituto Adv. de Ensino

Nome do animal	Grão de sangue	Dias	Leite	Gordura	%	Lactações		Proprietário
						CL-P/G.	2x-3x	
15.º — Alga das Agulhas Negras	PC	2201	30.753	1.001,9	3,25	19.º	7	Alberto Ferraz
16.º — M's. Senator Madcap's 5.ª	PO	1762	30.451	1.077,7	3,53	11.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
17.º — Jonbell Sterling H.	PO	1972	30.283	935,9	3,09	26.º	5	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
18.º — Amazonas Média	PC	1567	29.997	904,5	3,01	33.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
19.º — Wanda Tensen Colanthus	PO	1895	29.819	1.041,9	3,49	13.º	5	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
20.º — Galicia Madcap C. A. B.	PC	1460	29.676	937,6	3,15	25.º		Instituto Adv. de Ensino
21.º — M's. Rag Apple Cruzader 4	PO	1265	28.970	948,7	3,27	24.º	4	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
22.º — Normanda de Paraiba	PC	1793	27.744	1.032,8	3,72	15.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
23.º — Dolly C. Perfection	PO	1551	27.637	1.002,2	3,62	18.º	1	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
24.º — Veneza Sentinel	PC	1460	27.422	987,6	3,60	20.º	1	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
25.º — Forsgate S. Patrica	PO	1699	27.259	896,9	3,29	34.º	5	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
26.º — Traviata J. B.	PC	1667	26.812	933,6	3,48	28.º	4	Urbano Junqueira
27.º — New C. Dominó R. Apple	PO	1646	26.643	1.010,9	3,79	17.º	3	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
28.º — Lira Sentinel	PC	1411	26.411	924,7	3,50	29.º	4	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
29.º — Maravilha Madcap C. A. B.	PO	1597	26.073	911,5	3,49	32.º	3	Instituto Adv. de Ensino
30.º — Bob-Mar I. Dewdrop	PO	1615	25.819	986,5	3,82	21.º	5	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agrícola
31.º — Maartebloem LXXVII	PC	1617	25.795	885,6	3,43	37.º	5	Geert Leffers (Castrolanda)
32.º — Harpista São Martinho	PC	1761	25.755	916,3	3,55	31.º	6	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
33.º — Amazonas L. Maltera								Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este

B — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite.

34.º — São Quirino Arapua	PC	1620	28.104	867,4	3,08	40.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
35.º — São Quirino Alsacia	PC	1694	27.418	830,1	3,02	53.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
36.º — Backa (R. 3101)	PO	1297	26.903	859,6	3,19	43.º	1	Alberto Ferraz
37.º — Amazonas Mensal	PC	1435	26.629	752,5	2,82	83.º	4	Cia. Agrícola São Quirino
38.º — Amazonas Magnetica	PC	1635	26.272	835,5	3,18	49.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
39.º — Amazonas Majadacea	PC	1716	25.995	781,9	3,00	70.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
40.º — Amazonas Milagrosa	PC	1637	25.826	756,8	2,93	80.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
41.º — Jardim Gravação	PO	1143	25.694	844,6	3,28	46.º	4	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.

C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.

42.º — Dina 2	PO	1592	23.281	950,5	4,08	23.º	5	Jan Noordegraaf (Castrolanda)
43.º — Bontje 2 (Boneca)	PO	1749	22.998	935,4	4,06	27.º	6	Cia. Agrícola São Quirino
44.º — Ruyter 4 (229)	PO	1239	24.458	896,7	3,66	35.º	4	Coop. Agro-Pecuária Holambra
45.º — Holambra Erna	PO	1460	24.587	892,8	3,63	36.º	4	Instituto Adv. de Ensino

II — RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

A — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite e Gordura

1.º — Jardineira II J. B.	PC	1287	45.063	1.469,0	3,26	1.º	1	3 Urbano Junqueira
2.º — Aafje I	PO	1821	32.411	1.257,0	3,87	2.º	6	Adrianus Sleutjes
3.º — Jardineirinha J. B.	PC	1585	28.045	988,7	3,52	3.º	5	Urbano Junqueira
4.º — Marie 4 (133)	PO	1476	25.861	885,3	3,42	5.º	5	Coop. Agro-Pecuária Holambra

C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.

5.º — Xiromante de Pinheiro	PO	1948	23.017	892,7	3,87	4.º	6	Ministério da Agricultura
6.º — Roosje II	PO	1582	24.383	880,3	3,61	6.º	5	Coop. Agro-Pecuária Holambra

III — RAÇA JERSEY

A — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite e Gordura

1.º — Sant'Ana Olinda Patton	PO	2347	27.284	1.290,7	4,73	1.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
2.º — Sant'Ana Malta Bolhayes	PO	2265	25.975	1.160,3	4,46	4.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
3.º — Sant'Ana Estréla Bolhayes	PO	2053	24.365	1.268,8	5,20	2.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
4.º — Sant'Ana Hera Magnet	PO	2156	23.820	1.142,2	4,79	5.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
5.º — Sant'Ana Itamar Patton	PO	1800	22.551	1.192,1	5,28	3.º	4	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
6.º — Índia V	PO	1913	21.595	1.063,4	4,92	8.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
7.º — S.A. Itapema Patrician	PO	1977	21.253	1.069,7	5,03	6.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
8.º — Nora Basil de Canela	PO	1967	21.056	980,4	4,65	15.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
9.º — Mimosa Basil de Canela	PO	2171	21.021	1.069,5	5,08	7.º	7	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
10.º — Sant'Ana Catita Magnet	PO	1805	20.916	1.016,7	4,86	10.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
11.º — Ninfa Basil de Canela	PO	1898	20.601	1.021,7	4,95	9.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.

12.º — Índia 7	PO	1773	19.639	1.003,7	5,11	11.º	6	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
13.º — Mafalda Basil de Canela	PO	1971	19.420	1.002,9	5,16	12.º	7	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
14.º — Sant'Ana Xelvia Patrician	PO	1703	18.944	988,5	5,21	13.º	4	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
15.º — S.A. Esperança Patrician	PO	1720	19.026	982,0	5,16	14.º	4	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
16.º — Regência Kingdon	PO	1830	19.083	962,0	5,04	16.º	6	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
17.º — Sant'Ana Ita Patton	PO	1837	18.837	955,6	5,07	17.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
18.º — Sant'Ana Raquel	PC	2591	17.751	924,0	5,20	18.º	5	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
19.º — Piaba do Brejinho	PO	1634	18.824	908,1	4,82	19.º	8	Marcus Rafael Alves de Lima
20.º — Lucrécia Borgia	PO	2083	18.528	906,6	4,89	20.º	4	1 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
21.º — Maria Basil de Canela	PO		18.929	896,1	4,73	21.º	7	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura %
---------	--------------	----------------	--------------------	------------	--------------------	----------------	-----------

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.

Dr. Guido Malzoni, Jundiaí. Est. de São Paulo. Controle em 14/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.629	Varginha	PCOD	-	5.º	-	21,360	0,765	3,58
6.630	Paulista	PCOD	8-9	10.º	278	26,570	1,054	3,96
6.631	Chorosa	PCOD	9-2	7.º	212	25,690	0,986	3,84
6.632	Azeitona	PCOD	9-5	4.º	109	23,700	0,827	3,49
6.633	Pelota	PCOD	8-6	4.º	96	22,360	0,778	3,48
6.635	Kalma 61	PO	7-11	8.º	224	27,080	0,884	3,26
6.637	Roseira	PCOD	7-6	6.º	155	19,830	0,715	3,60
7.027	Fantasia	PCOD	7-6	6.º	162	27,230	0,854	3,13
7.155	Fartura	PCOD	8-11	4.º	97	20,230	0,720	3,56
7.202	Jarrinha	PCOD	8-11	4.º	116	21,600	0,867	4,01
7.332	Gazosa	PCOD	9-5	1.º	7	18,260	0,677	3,70
7.333	Itapira	PCOD	8-2	8.º	238	18,710	0,794	4,24
7.377	Soberana	PCOD	6-9	4.º	115	20,860	0,773	3,70
7.529	Cabana	PCOD	7-1	4.º	109	22,120	0,866	3,91
7.531	G. M. Parasita	PCOD	8-10	2.º	54	22,000	0,756	3,43
7.733	Balalaica	PCOD	6-8	6.º	185	20,470	0,736	3,60
7.807	Piava	PCOD	6-6	8.º	237	25,920	1,027	3,96
7.928	Lucera	PCOD	5-10	12.º	339	19,000	0,688	3,62
7.930	Traira	PCOD	7-2	1.º	27	21,410	0,727	3,39
7.931	Cocaina	PCOD	6-3	12.º	352	22,790	0,812	3,56
8.154	Fineza	PCOD	6-6	8.º	235	22,070	0,895	4,05
8.199	Ballarina	PCOD	6-6	6.º	175	18,920	0,813	4,29
8.420	Colina	PCOD	7-11	5.º	149	28,500	0,986	3,46
8.542	Cutiara	PCOD	6-8	4.º	102	22,180	0,758	3,42
8.589	Aaltje 27 (Tainha Mãe)	PO	9-6	7.º	208	17,960	0,690	3,84
8.658	Numerada	PCOD	7-3	6.º	175	21,980	0,896	4,07
8.659	Bolivia	PCOD	7-0	3.º	89	20,600	0,728	3,53
8.661	Vitoria	PCOD	8-5	4.º	112	27,490	0,992	3,61
8.713	Baixinha	PCOD	9-0	5.º	189	18,560	0,669	3,60
8.857	G. M. Garça	PCOD	6-0	4.º	99	14,000	0,546	3,90
8.858	Odalisca	PCOD	7-0	3.º	80	25,180	0,826	3,28
8.859	Mogliana	PCOD	6-9	4.º	123	24,280	0,857	3,53
9.332	G. M. Paulistinha	PCOD	4-6	11.º	331	22,470	0,813	3,62
9.412	Caninana	PCOD	6-5	10.º	296	16,090	0,619	3,84
9.413	Caboclinha	PCOD	6-2	10.º	297	19,690	0,749	3,80
9.624	Canaverde	PCOD	9-0	7.º	211	25,540	0,970	3,80
9.680	G. M. Bacana	PCOD	4-5	6.º	175	21,940	0,731	3,33
9.681	Ursa	PCOD	6-8	6.º	176	17,050	0,640	3,75
9.682	G. M. Champira	PCOD	5-5	6.º	160	16,570	0,627	3,78
9.683	G. M. Artilha	PCOD	4-6	6.º	161	20,890	0,760	3,63
9.684	G. M. Malhada	7/8	5-2	6.º	169	16,070	0,585	3,64
9.685	Marmelandia	NR	-	6.º	169	16,950	0,589	3,47
9.765	G. M. Perigosa	7/8	-	5.º	-	22,110	0,758	3,43
9.883	Lola	PCOD	7-7	4.º	118	16,720	0,584	3,49
9.884	Rancheira	PCOD	6-11	4.º	123	20,570	0,782	3,80
10.068	Vantajosa	PCOD	8-3	3.º	64	18,720	0,644	3,44
10.130	Barrinha	PCOD	4-8	2.º	31	26,980	0,940	3,48

D. Pires Agro-Pecuária S.A. São Carlos, Est. de São Paulo. Controle em 17/12/61.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.756	Copacabana Idonea	PCOD	4-8	2.º	29	13,740	0,488	3,55
-------	-------------------	------	-----	-----	----	--------	-------	------

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos, Est. S. Paulo. Controle em 21/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.148	Isaura de Paraiba	PCOC	14-4	3.º	66	15,750	0,411	2,61
2.230	Javas de Paraiba	PCOC	11-0	4.º	101	16,650	0,674	4,05
2.274	Delta de Paraiba	PCOD	13-4	4.º	116	17,360	0,529	3,04
3.221	Bragança de Paraiba	PCOC	10-5	4.º	92	13,500	0,527	3,90
3.445	Carinhosa de Paraiba	PCOC	10-0	8.º	221	15,880	0,490	3,08
4.422	Herculea São Martinho	PCOC	8-3	9.º	255	13,350	0,484	3,62
6.333	Keen São Martinho	PCOC	6-5	1.º	3	25,570	0,905	3,53
6.418	Balada de Paraiba	PCOC	7-8	8.º	235	17,000	0,626	3,68
6.431	Keops São Martinho	PCOC	7-11	8.º	230	14,180	0,430	3,03
6.661	Guitarra de Paraiba	PCOC	6-0	6.º	186	13,900	0,420	3,02
6.783	Algema de Paraiba	PCOC	7-11	8.º	197	15,150	0,576	3,80
6.787	Bésta M 2170	PO	8-6	4.º	113	17,900	0,646	3,60
6.789	Festeira	NR	-	6.º	173	14,160	0,436	3,08
7.198	Vitrola	PCOD	5-10	4.º	107	21,580	0,652	3,02
7.282	S. Martinho Palomita Paul	PO	7-3	4.º	137	15,760	0,573	3,63
7.296	Limonada	PCOD	5-4	3.º	71	18,700	0,743	3,97

MARÇO DE 1962

FAZENDA SOLANGE

Caixa Postal 90 — Tel. 102
Santa Cruz do Rio Pardo
E. F. Sorocabana

**CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE GADO HOLANDÊS
VERMELHO E BRANCO
E SCHWYZ**



CASTRO PAUL — puro de origem. Filho de Joop III e Miena 61 (Reg. Escol) que produziu 7.668 quilos quilos de leite em 327 dias (média de 23,4 por dia).



BOM CAFÉ FAKIR — puro de origem importado. Conquistou o 1.º prêmio na Exposição da Água Branca em 1959. Filho de Fernando e Hirzli (importados).

**Criação de suínos das raças
Junqueira, Tatuí e
Berkshire**



**VENDA PERMANENTE DE
MACHOS E FEMEAS**

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOULAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz da raça na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9.020 kg de leite.

- Longevidade e produção média com provada.
- Temos varias crioulas inscritas na Categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- **FORTALEZA**, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam a paginas..... desta edição, as médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em S. Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilometro 23 da estrada asfaltada de Itapicorica - via Sto. Amaro

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Cxa. Postal 7258 - Telefone 61-2606
SÃO PAULO

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura	%
7.591	Austria	PCOD	9-8	1.º	2	21,050	0,694	3,30
7.839	Jurubeba de Paraiba	PCOC	5-6	6.º	167	16,000	0,517	3,23
7.920	Carvoeira de Paraiba	PCOC	10-1	3.º	72	22,180	0,683	3,08
7.923	Jamaica de Paraiba	PCOC	7-6	1.º	24	36,450	0,947	2,60
8.037	Narceja de Paraiba	PCOC	4-7	8.º	224	16,330	0,545	3,34
8.040	Centena de Paraiba	PCOD	5-4	6.º	189	14,630	0,536	3,68
8.161	Juçara	PCOD	4-7	11.º	305	13,250	0,533	4,02
8.190	S.M. Zwarte R. Marksdekol	PO	4-10	1.º	3	13,860	0,628	4,53
8.487	Labruna	PCOC	4-10	9.º	266	13,150	0,525	3,99
8.557	Ametista de Paraiba	PCOD	5-1	6.º	175	25,040	0,757	3,02
8.559	Coroadá II de Paraiba	PCOC	3-11	7.º	193	17,220	0,627	3,64
8.563	Sant'Ana Fantasia Roosevelt	PO	4-8	6.º	153	18,450	0,622	3,37
8.653	Viena de Paraiba	7/8	12-8	5.º	133	14,360	0,452	3,15
8.655	Vivenda de Paraiba	PCOD	4-5	3.º	81	19,840	0,645	3,25
8.733	Aroeira de Paraiba	PCOC	3-10	6.º	166	15,670	0,565	3,61
8.941	Doca	PCOD	5-9	3.º	72	20,100	0,633	3,15
9.006	Regia Madcap C.A.B.	PCOC	8-7	4.º	95	21,330	0,642	3,01
9.008	Babilonia de Paraiba	PCOC	3-6	3.º	68	17,060	0,568	3,33
9.010	Sant'Ana Magnolia	-	-	1.º	18	22,780	0,776	3,40
9.838	Loteria de Paraiba	PCOC	2-10	5.º	147	14,600	0,500	3,43
9.916	Serenata de Paraiba	PCOC	3-2	4.º	94	13,870	0,511	3,68
9.917	Fineza de Paraiba	PCOC	2-8	4.º	94	14,650	0,570	3,89
9.918	Condessa de Paraiba	PCOC	2-6	4.º	92	14,610	0,512	3,50
10.044	Algema II de Paraiba	PCOC	3-5	3.º	80	16,980	0,568	3,34
10.046	S. M. Jaan Marksover	PO	3-1	3.º	77	15,700	0,638	4,06
10.047	Represinha	7/8	13-4	3.º	74	26,140	0,603	2,30
10.048	Uberlandia de Paraiba	PCOD	3-5	3.º	73	15,120	0,501	3,31
10.049	Astúria de Paraiba	PCOD	3-1	3.º	72	17,140	0,568	3,31
10.050	Cascata	NR	-	3.º	67	13,390	0,447	3,34
10.126	Alvi-Negra de Paraiba	PCOC	2-8	2.º	59	15,780	0,541	3,43
10.127	Jacira de Paraiba	PCOD	2-9	2.º	32	14,820	0,540	3,64
10.224	Mangueira de Paraiba	PCOD	3-5	1.º	1	18,330	0,863	4,71
10.225	Colombia II de Paraiba	PCOD	3-4	1.º	1	17,540	0,677	3,86

Cia. Agro-Pecuária Fazenda Monte D'Este. Campinas. Est. S. Paulo. Controle em 18/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.994	Amazonas L. Malientica	PCOD	10-9	6.º	191	15,600	0,684	4,38
5.100	Alchimia de Monte D'Este	PCOC	7-6	9.º	245	17,990	0,485	2,70
5.489	Baunilha de Monte D'Este	PCOC	7-1	6.º	173	20,070	0,682	3,40
5.563	Bordada de Monte D'Este	PCOC	6-11	6.º	187	16,420	0,411	2,50
5.838	Anna Bella de Monte D'Este	PCOC	7-5	13.º	390	15,150	0,515	3,40
6.049	Amazonas Indonésia	PCOC	7-0	6.º	169	14,370	0,587	4,06
6.710	Campanula de Monte D'Este	PCOC	5-10	6.º	184	14,420	0,448	3,10
8.173	Dançarina de Monte D'Este	PCOC	4-10	5.º	123	13,200	0,465	5,52
8.380	Estaca de Monte D'Este	PCOC	4-3	5.º	130	16,510	0,880	5,33

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. S. Paulo. Controle em 4/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.587	Holambra Rosa	PO	8-1	4.º	108	19,350	0,705	3,64
6.369	Holambra Emma X	PO	5-5	7.º	201	13,370	0,600	4,49
6.876	Antje XXXV	PO	5-7	4.º	102	14,940	0,500	3,34
7.238	Holambra Grietje WX	PO	4-11	5.º	146	16,490	0,667	4,04
8.078	Holambra Wiepke IX	PO	4-4	4.º	98	13,870	0,477	3,44
8.448	Holambra Goede VI	PO	3-5	9.º	253	15,720	0,652	4,14
8.970	Frisia	PCOD	6-5	7.º	199	14,700	0,602	4,10
9.069	Holambra Grietje IX	PO	3-10	3.º	84	15,570	0,528	3,39
9.110	Holambra Anna III	PO	3-3	2.º	42	20,150	0,725	3,60
9.163	Catarina	PCOD	3-5	1.º	3	13,930	0,397	2,85
9.453	Holambra Martha XIX	PO	2-1	10.º	261	15,040	0,676	4,50
9.540	Holambra Ali VIII	PO	2-4	3.º	224	16,050	0,609	3,80
9.764	Holambra Ruiter	PO	2-4	5.º	145	14,290	0,585	4,09
9.808	Holambra Antje XI	PO	2-0	5.º	140	14,570	0,603	4,13
9.887	Holambra Betsy XVII	PO	2-7	4.º	94	13,180	0,500	3,80
9.905	Holambra Tietje XVI	PO	2-4	4.º	105	16,010	0,525	3,20
9.932	Holambra Emma XV (H964)	PO	2-8	4.º	95	20,270	0,780	3,83
10.074	Holambra Ruiter VIII	PO	2-3	4.º	74	15,590	0,490	3,14
10.168	Holambra Dorian VI	PO	3-11	2.º	39	17,050	0,579	3,40
10.169	Holambra Goede X	PO	2-0	2.º	32	17,640	0,661	3,75
10.171	Princesa	3/4	5-5	2.º	30	17,080	0,546	3,20

Instituto Adventista de Ensino. Santo Amaro. Controle em 1/12/961.

5.054	Maravilha Madcap C.A.B.	PCOC	7-7	12.º	378	14,040	0,498	3,55
5.941	Floreada Madcap C.A.B.	PO	7-3	3.º	77	14,600	0,527	3,61
6.249	Faceira Madcap C.A.B.	PCOC	5-11	3.º	84	20,600	0,747	3,62
6.250	Bela Flor Madcap C.A.B.	PCOC	6-9	7.º	191	13,830	0,534	3,86

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura %
7.047	Liberdade Madcap C.A.B.	PCOC	5-5	8.º	196	13,770	0,462 3,35
7.768	Fada Madcap C.A.B.	PO	5-4	5.º	129	15,060	0,530 3,52
7.768	Coroada Madcap C.A.B.	PO	5-0	7.º	186	13,400	0,500 3,73
7.810	Elizabeth Madcap C.A.B.	PO	6-1	10.º	250	13,620	0,482 3,54
9.679	Salpicada Medalist C.A.B.	PO	2-9	6.º	149	15,450	0,516 3,34
9.761	Calada Medalist C.A.B.	PO	2-8	5.º	141	13,450	0,455 3,38
9.762	Jana Medalist C.A.B.	PO	2-10	5.º	139	13,150	0,468 3,56
10.040	Florista Medalist C.A.B.	PO	2-3	3.º	77	14,790	0,540 3,65
10.042	Gavea Medalist C.A.B.	PCOC	2-5	3.º	60	13,950	0,536 3,84
10.043	Dandi Medalist C.A.B.	PO	2-5	3.º	72	17,410	0,632 3,63

Antônio Coelho Guimarães, Guaratinguetá, Est. de S. Paulo. Controle em 14/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.738	Guará Marília	PCOD	8-2	6.º	165	20,560	0,755 3,67
5.969	Guará Magda	PCOC	7-4	5.º	132	21,880	0,796 3,64
6.459	Guará Magnífica	PCOC	6-1	8.º	230	19,280	0,767 3,97
7.287	Guará Mafalda	PCOD	10-1	5.º	137	15,720	0,822 5,23
7.376	Guará Melindrosa	PCOC	6-7	9.º	251	17,950	0,585 3,26
8.070	Manolita	PCOC	4-4	13.º	382	13,360	0,515 3,86
8.791	Guará Maratona	PCOC	5-11	7.º	206	15,340	0,522 3,40
8.912	Guará Mexicana	PCOD	7-4	2.º	53	20,900	0,639 3,06
9.513	Guará Aristocrática	PO	3-2	8.º	224	15,660	0,665 4,24
9.625	Guará Amora	PCOC	4-3	7.º	206	14,100	0,486 3,45
9.767	Guará Mulata	PCOC	5-11	5.º	136	19,290	0,738 3,82
10.055	Guará Madona	PCOC	5-1	3.º	83	20,900	0,790 3,78
10.056	Guará Brasília	PCOC	2-7	3.º	68	16,950	0,679 4,00
10.143	Guará Araguaia	PCOC	4-1	1.º	21	18,390	0,526 2,86
10.208	Guará Açucena	PCOC	3-1	1.º	5	15,190	0,534 3,51

Alberto Ferraz, Agulhas Negras, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 17/12/1961.

Regime de semi-estabulação, 3 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO

1.763	B.V. Duchess Senator Bela	PO	12-6	4.º	110	23,400	0,767 3,27
-------	---------------------------	----	------	-----	-----	--------	------------

Alberto Ferraz, Agulhas Negras, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 24/12/61.

Regime de semi-estabulação, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

1.763	B.V. Duchess Senator Bela	PO	12-6	5.º	117	20,320	0,700 3,44
-------	---------------------------	----	------	-----	-----	--------	------------

2 ordenhas

5.690	Botina das Agulhas Negras	15/16	6-10	4.º	91	19,670	0,749 3,81
5.758	Lova N 329	PO	6-10	10.º	281	13,110	0,493 3,76
6.293	Andorinha das Ag. Negras	NR	-	4.º	90	13,000	0,422 3,24
6.599	Cyrilla M 20	PO	7-1	5.º	122	13,360	0,477 3,57
9.002	Cuba das Agulhas Negras	PCOD	4-9	4.º	102	13,570	0,466 3,43
9.909	Citara	NR	-	4.º	104	13,030	0,394 3,02

Sociedade Agrícola Fio de Ouro, Garça, Est. de S. Paulo. Controle em 8/11/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

9.505	Olera Ormsby	PCOC	5-7	9.º	268	18,930	0,633 3,34
9.508	Marabá	PCOD	9-0	9.º	253	22,210	0,700 3,15
10.058	Leuntje 10	PO	10-0	2.º	24	19,690	0,590 3,00

2 ordenhas

9.627	Ostaga Carnation Mercedes	PCOC	5-5	6.º	159	14,950	0,469 3,13
9.628	U.M.A. Roleta	PCOC	4-3	6.º	182	13,950	0,444 3,18
9.740	Camponeza de São Pedro	3/4	5-8	5.º	134	15,160	0,594 3,92
9.741	Elvira	PCOD	6-4	5.º	148	19,370	0,811 4,18
9.742	Londrina Carangola Belinda	PO	5-0	5.º	131	13,320	0,498 3,74
9.770	Grauna de São Pedro	7/8	6-8	4.º	121	21,820	0,600 2,75
9.771	Betje 4	PO	9-11	4.º	101	15,580	0,547 3,51
9.896	U.M.A. Prata C. Mercedes	PCOC	5-0	3.º	76	17,890	0,640 3,57

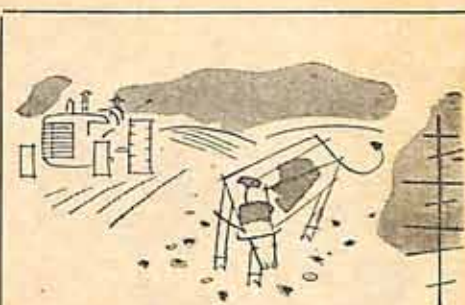
Sociedade Agrícola Fio de Ouro, Garça, Est. de S. Paulo. Controle em 14/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

9.505	Olera Ormsby	PCOC	5-7	10.º	304	16,270	0,562 3,45
9.508	Marabá	PCOD	9-0	10.º	289	17,990	0,566 3,15
10.214	Anglo Fortuna	PO	4-6	1.º	22	19,000	0,536 2,82

MARÇO DE 1962



Fazenda PRIMAVERA

Criação e seleção de gado
Holandês, preto e branco, puro
de origem e puro por cruz
de alta produção

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



PRIMAVERA CESAR — Campeão absoluto
na Exposição de Bragança Paulista - 1957.



SAN MIGUEL 739 ELBITA 15 — Campeã
P.O.I. e 1.º prêmio na Exposição de Bra-
gança Paulista - 1959.

AGRO-PECUÁRIA

PRIMAVERA
LTDA.

JARINU - Est. de S. Paulo
RUA JOÃO BRICOLA, 39 - 2.º AND.
Em S. Paulo:



Fazenda Campo Lindo

**Recordista brasileira
de produção de
leite e gordura
com**

JARDINEIRA II J.B.

Produções:
365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x



JARDINEIRINHA J. B. — Campeã da Raça
Holandesa vermelha e branca na XI Ex-
posição de Caxambú. É filha de JARDI-
NEIRA II J. B., que por sua vez é de-
tentora do "Balde" e da "Batedeira de
Ouro", sendo também recordista no S.C.L.
como v.b. adulta em 2 ordenhas.

Conquistamos



o "Balde" e
a "Batedeira
de Ouro" com
Jardineira II
J. B.

150 anos de seleção

URBANO JUNQUEIRA

Criação de gado Holandês, preto branco e
vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO

CRUZILIA

MINAS GERAIS

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura %
2 ordenhas							
9.628	U.M.A. Roleta	PCOC	4-3	7.º	218	13,090	0,399 3,04
9.740	Camponeza de São Pedro	3/4	5-8	6.º	170	13,900	0,472 3,39
9.770	Grauna de São Pedro	7/8	6-8	5.º	157	19,910	0,696 3,50
9.771	Betje 4	PO	9-11	5.º	137	13,260	0,462 3,48
9.896	U.M.A. Prata C. Mercedes	PCOC	5-0	4.º	112	17,260	0,587 3,40
10.058	Leuntje 10	PO	10-0	3.º	60	18,220	0,583 3,20

Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de M. Gerais. Controle em 6/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

3.077	Clara Sylvia III	PO	11-2	2.º	60	32,600	1,066 3,27
6.327	Arlete Clara Sylvia V	PO	7-0	2.º	58	31,890	1,009 3,16
6.912	Arlete Nora	PO	6-6	3.º	107	28,470	0,933 3,27
6.975	Arlete Dina	PO	5-6	8.º	224	19,790	0,688 3,47
8.585	Arlete Marciana	PO	6-0	10.º	288	19,580	0,696 3,55
9.466	Arlete Soraya	PO	3-6	9.º	260	22,230	0,731 3,29
9.511	Arlete Silvia Paul	PO	3-0	5.º	238	17,940	0,630 3,51
9.768	Arlete França	PO	3-0	5.º	139	22,670	0,741 3,27
9.935	Arlete Colombia	PO	3-0	4.º	108	28,160	0,876 3,11
10.054	Arlete Esperança	PO	5-5	3.º	121	24,060	0,791 3,28

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio. Itanhandú. Est. de Minas Gerais. Controle em 8/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

3.271	Jardim Jamaica	15/16	9-7	6.º	177	21,160	0,734 3,47
4.805	Jardim Jornalesca	7/8	10-2	3.º	74	20,680	0,717 3,46
5.949	Jardim Jandilka	PO	6-7	6.º	168	25,350	0,915 3,61
6.029	Jardim Magaly	15/16	7-0	9.º	108	29,710	1,127 3,79
6.271	Jardim Narceja	7/8	7-4	2.º	56	24,450	0,911 3,72
6.400	Jardim Odete	PCOC	7-0	9.º	262	21,150	0,770 3,64
7.069	Jardim Nariy	PCOC	8-3	7.º	197	16,880	0,676 4,00
7.381	Jardim Fada	PO	9-5	7.º	200	17,010	0,624 3,67
8.792	Jardim Leny	NR	8-10	7.º	208	15,730	0,518 3,29
9.042	Jardim Odaly	15/16	-	3.º	-	22,660	0,876 3,88
9.465	Jardim Poma	NR	4-7	9.º	278	18,950	0,727 3,83
9.769	Jardim Ondilka	PO	3-4	5.º	126	20,260	0,711 3,51
10.059	Jardim Olipa	PO	2-11	3.º	91	16,960	0,624 3,68

Jotamar Administração e Comércio S.A. Santo Amaro. Controle em 5/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.027	Salomé	PCOD	5-6	4.º	112	15,630	0,604 3,85
8.030	Onik Maringá	PO	6-6	2.º	28	22,200	0,827 3,72
8.031	Guitarra	PCOD	5-7	6.º	162	16,600	0,673 4,05
8.032	Monarquia	PCOD	5-10	2.º	29	23,950	0,900 3,75
8.035	Miltonia Troia	PCOD	7-4	2.º	37	21,010	0,763 3,63
8.348	Alavanca	PCOD	5-5	10.º	287	14,090	0,656 4,65
9.106	Miltonia Rumba I	PO	3-8	1.º	9	15,620	0,538 3,44

Dr. Arthur Monteiro Neves. Souza. Est. de São Paulo. Controle em 5/12/961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.397	Floresta Condessa	3/4	11-4	1.º	16	14,970	0,513 3,43
7.506	Floresta Valeria	PCOD	8-0	1.º	14	15,170	0,546 3,59
10.131	Floresta Fabiana	PCOD	4-7	2.º	50	13,290	0,493 3,71
10.132	Floresta Retinta	3/4	4-3	2.º	42	14,020	0,428 3,05
10.133	Floresta Mineira	PCOC	3-10	2.º	67	13,010	0,414 3,18
10.209	Floresta Atalaia	3/4	7-2	1.º	13	14,850	0,556 3,74

Lincoln Castro da Rocha. Barra Mansa. Est. do R. de Janeiro. Controle em 27/12/61.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.800	Mantiqueira	NR	-	5.º	133	14,700	0,575 3,91
9.801	Ruby Veneza	PO	4-1	5.º	145	15,220	0,537 3,53
9.925	Campo Alegre Bolívia	PCOD	6-7	4.º	90	17,220	0,823 4,77
9.926	Campo Alegre Favorita	PCOD	8-5	4.º	117	16,420	0,710 4,32
9.927	Campo Alegre Curucutuba	PCOD	8-4	4.º	109	14,820	0,469 3,17
10.061	Lagoa	NR	-	3.º	63	17,260	0,653 3,78
10.062	Ipanema	NR	-	3.º	84	15,830	0,579 3,85
10.217	Campo Alegre Copacabana	PCOD	4-9	1.º	5	16,200	0,687 4,24
10.218	Palmira	NR	-	1.º	1	17,710	0,679 3,83

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura	%
---------	--------------	----------------	-----------------------	------------	--------------------	----------------	---------	---

Quatro Primos Lutfalla. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 15/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

5.873	Dengosa	PCOD	8-1	5.º	137	24,950	0,759	3,04
-------	---------	------	-----	-----	-----	--------	-------	------

2 ordenhas

9.037	Sta. C. Melba Marksman	PCOC	4-5	2.º	37	12,700	0,458	3,34
-------	------------------------	------	-----	-----	----	--------	-------	------

Dr. Antônio Luiz do Rego Netto. Pirassununga. Est. de S. Paulo. Controle em 21/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.370	Vistosa	PCOD	7-0	1.º	11	21,800	0,706	3,24
9.372	Rancheira	PCOD	6-4	2.º	43	25,980	0,820	3,15
9.653	Artista	7/8	3-9	7.º	206	13,550	0,523	3,86
9.654	Sertão Ema	PO	2-11	7.º	182	13,970	0,543	3,88
10.116	Cantina	PCOD	7-4	3.º	65	16,870	0,579	3,43

Empresa Imobiliária Bandeirantes. São Bernardo do Campo. Est. de S. Paulo. Controle em 7/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.968	Emblema	PCOD	10-3	8.º	210	15,030	0,586	3,90
6.584	Revista	PCOD	7-8	3.º	57	27,050	0,931	3,44
10.152	Baiuca	PCOC	-	2.º	—	15,650	0,570	3,64

Arnaldo Borba de Moraes. Ipaucú. Est. de São Paulo. Controle em 20/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.892	Campinas	PCOC	6-8	4.º	108	16,400	0,569	3,47
10.215	Limeira	PCOC	4-5	1.º	15	15,000	0,541	3,61
10.216	Perola	PCOD	7-4	1.º	27	19,500	0,603	3,09

Dr. Eduardo Celestino Rodrigues. Jundiá. Est. de São Paulo. Controle em 13/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.736	Fidalga	7/8	9-3	3.º	74	18,850	0,619	3,28
7.744	Amelia	PCOD	8-8	5.º	151	15,960	0,584	3,65
7.745	Alamanda	PCOD	8-2	7.º	219	17,560	0,686	3,90
7.755	Sertaneja	PCOD	8-5	4.º	120	14,330	0,509	3,55
7.759	Marambaia	PCOD	7-9	10.º	299	14,250	0,636	4,46
7.813	Selerosa	PCOD	9-5	1.º	6	24,880	0,690	2,77
8.149	Caraca	3/4	9-0	9.º	256	16,930	0,636	3,75
8.414	Gaucha	PCOD	5-3	4.º	102	35,300	1,075	3,04
8.860	Charrua	PCOD	5-1	6.º	178	16,370	0,712	4,35
8.913	Crioula	1/2	10-4	5.º	151	16,910	0,694	4,10
8.914	Amorosa	3/4	-	5.º	—	13,240	0,468	3,53
9.029	Rosa	PCOD	4-7	3.º	90	18,960	0,634	3,34
9.109	Goiana	PCOD	5-10	2.º	32	20,480	0,723	3,53
9.321	Bombeira	PCOD	4-6	12.º	353	16,110	0,618	3,84
9.322	Lambreta	PCOD	3-10	12.º	355	15,390	0,607	3,94
9.512	Ceará	PCOC	4-7	8.º	230	17,960	0,657	3,65
9.776	Rebeca	PCOD	5-2	5.º	188	14,470	0,677	4,68
9.777	Venezia	PCOD	4-4	5.º	170	16,340	0,613	3,75
9.778	Barra	PCOD	4-9	5.º	144	19,880	0,748	3,76
9.779	Emeda	3/4	7-6	5.º	139	16,420	0,531	3,23
9.780	Agave	PCOD	8-4	5.º	134	16,730	0,514	3,07
9.885	Baiana	7/8	4-11	4.º	101	17,110	0,707	4,13
9.886	Marta	PCOD	4-7	4.º	123	17,320	0,712	4,11
10.037	Margarida	PCOD	8-5	3.º	80	18,440	0,566	3,07
10.038	Eritrina	PCOD	8-7	3.º	88	15,620	0,629	4,03
10.164	Arlene	PCOD	4-7	2.º	66	20,110	0,757	3,76
10.165	Valsa	PCOC	5-1	2.º	96	17,810	0,610	3,42

Drs. Alkindar e Guilherme M. Junqueira. Itatiba. Est. de S. Paulo. Controle em 26/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.617	Ventana	PCOD	6-9	5.º	146	14,050	0,510	3,63
7.869	Sereia	7/8	11-9	3.º	70	14,270	0,471	3,30
8.832	Alpaca	PCOD	7-7	1.º	28	14,790	0,554	3,75
9.817	Hamburguesa	PCOD	6-10	5.º	121	13,830	0,485	3,51

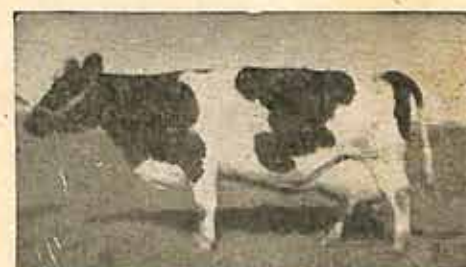
Sociedade Cooperativa
CASTROLANDA Ltda.



**GADO
HOLANDÊS**

PRETO E BRANCO
puro de origem

**PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.**



GRIETJE 42 — Em início de lactação com a produção média de 30 kg. Aos 5a 10m em 365d, produziu 7.807 kg. de leite e 250,914 kg de gordura com 4,32%. Inscrita no Livro de Mérito.

VENDA DE REPRODUTORES

DA RAÇA

SADLE BLACKIE

Sua visita será um prazer

Sociedade Cooperativa
CASTROLANDA LTDA.

C. Postal, 131 - CASTRO - Est. Paraná

CONDUÇÃO

TREM - direto de São Paulo a Castro pela E. F. Sorocabana

AVIÃO - até Ponta Grossa prosseguindo de ônibus até Castro (45 minutos)

Fazenda Bela Vista

AGULHAS NEGRAS,
ESTADO DO RIO



criação e seleção
de gado holandês
preto e branco

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



B. V. BORIS — Filho de São Martinho Colan-
thus Comet Marksdokol, primeiro prêmio na
II Exposição-Feira de Gado Leiteiro, de São
Paulo, 1957 e na XXV Exposição Nacional de
Animais, 1958. Neto de Glenafon Nugget,
"All-Canadian" e campeão da I Exposição-
Feira de Gado Leiteiro de São Paulo. A
mãe de BORIS é Bela Vista Duchess Sena-
for Belo, puro sangue de origem. Inscrito no
Livro de Mérito e no Livro de Escol do S.C.L.



Proprietário:

ALBERTO FERRAZ

Agulhas Negras — Estrada Mauá, Km 18
Estado do Rio

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura	%
---------	--------------	----------------------	--------------------------	---------------	--------------------------	-------------------	---------	---

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês
de Valença, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 30/11/1961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.045	F.S.M. Alba	PO	11-3	2.º	61	16,900	0,548	3,24
3.207	F.S.M. Bicuiba	PO	10-4	4.º	114	15,000	0,558	3,72
5.438	F.S.M. Camias	PO	8-11	2.º	40	22,000	0,755	3,43
5.439	F.S.M. Dagmar	PO	7-11	6.º	165	15,800	0,670	4,24
5.865	F.S.M. Elite	PO	7-4	2.º	65	22,700	0,823	3,62
5.866	F.S.M. Elemi	PO	6-9	8.º	230	14,800	0,491	3,31
6.889	F.S.M. Eulina	PO	6-7	6.º	187	13,700	0,526	3,84
7.131	F.S.M. Fada	PO	6-2	8.º	258	13,700	0,544	3,97
7.313	F.S.M. Falange	PO	6-5	2.º	34	15,000	0,499	3,33
7.803	Fascinação	PO	5-9	4.º	112	13,600	0,570	4,19
8.167	F.S.M. Gabi	PO	5-5	3.º	75	15,000	0,504	3,36
8.325	F.S.M. Gabela	PO	4-10	5.º	139	13,800	0,558	4,04
8.326	F.S.M. Fabulosa	PO	6-2	3.º	79	24,000	0,826	3,44
8.327	F.S.M. Gema	PO	5-6	4.º	97	16,700	0,632	3,78
9.101	F.S.M. Gardenia	PO	-	1.º	30	22,800	0,713	3,13
9.985	F.S.M. Inês	PO	3-3	3.º	75	15,300	0,590	3,84
10.119	F.S.M. Habena	PO	3-9	2.º	54	14,000	0,594	4,24
10.121	F.S.M. Habanera	PO	-	2.º	39	14,700	0,557	3,78

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês
de Valença, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 26/12/1961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.045	F.S.M. Alba	PO	11-3	3.º	87	15,800	0,596	3,77
3.207	F.S.M. Bicuiba	PO	10-4	5.º	140	15,300	0,547	3,57
3.730	F.S.M. Bataua	PO	9-10	6.º	210	13,300	0,542	4,08
5.438	F.S.M. Camias	PO	8-11	3.º	66	22,400	0,802	3,56
5.439	F.S.M. Dagmar	PO	7-11	7.º	191	15,700	0,656	4,18
5.865	F.S.M. Elite	PO	7-4	3.º	91	23,000	0,862	3,75
5.866	F.S.M. Elemi	PO	6-9	9.º	256	14,600	0,524	3,59
6.889	F.S.M. Eulina	PO	6-7	7.º	213	13,900	0,532	3,83
7.313	F.S.M. Falange	PO	6-5	3.º	60	14,200	0,515	3,62
7.803	Fascinação	PO	5-9	5.º	138	14,300	0,568	3,97
8.167	F.S.M. Gabi	PO	5-5	4.º	101	15,700	0,571	3,64
8.325	F.S.M. Gabela	PO	4-10	6.º	165	14,300	0,556	3,89
8.326	F.S.M. Fabulosa	PO	6-2	4.º	105	23,900	0,778	3,25
8.327	F.S.M. Gema	PO	5-6	5.º	123	16,700	0,639	3,83
9.101	F.S.M. Gardenia	PO	-	2.º	56	23,200	0,749	3,23
9.835	F.S.M. Italva	PO	3-4	4.º	124	13,100	0,482	3,67
9.985	F.S.M. Inês	PO	3-3	4.º	101	15,700	0,589	3,75
10.119	F.S.M. Habena	PO	3-9	3.º	80	14,300	0,599	4,18
10.121	F.S.M. Habanera	PO	-	3.º	65	14,900	0,571	3,83

Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida, Jarinú, Est. de S. Paulo. Controle em 27/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.084	Perola	PCOD	10-11	2.º	54	16,580	0,427	2,57
6.684	Artista	PCOD	7-4	9.º	271	16,160	0,704	4,35
7.026	S.M. 739 Elbita 15 L. Michael	PO	6-6	4.º	103	17,450	0,468	2,68
8.098	Onak's 74 L. Sargento Ceres 2	PO	6-1	6.º	156	15,540	0,445	2,86
8.163	S.M. de Kol 9 Lord Michael	PO	6-6	3.º	72	22,150	0,794	3,58
8.220	Ciranda	PCOC	5-2	4.º	103	13,470	0,490	3,64
8.287	Espigas L. Strandjutter	PO	5-10	4.º	105	16,715	0,565	3,38
8.612	Camelia	PCOC	4-9	4.º	115	13,660	0,506	3,71
9.082	Dinorah	PCOC	4-2	2.º	33	15,630	0,511	3,27
9.209	Dracena	PCOC	3-11	2.º	42	14,400	0,466	3,24
10.145	Primavera Espoleta	PO	3-11	2.º	46	17,520	0,642	3,66

Dr. Gil Celidonio Gomes dos Reis, Louveira, Est. de S. Paulo. Controle em 28/12/61.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.124	Cruzada	NR	7-7	2.º	48	13,690	0,451	3,30
9.325	Africana de Louveira	7/8	9-1	2.º	33	14,830	0,501	3,38

S.A. Fazenda Paraíso Industrial e Agrícola, São João da Boa Vista, Est. S. Paulo.
Controle em 7/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.254	G.&B. Pathfinder P. Fobes	PO	10-8	8.º	214	14,550	0,501	3,44
3.565	Casmac Tristram Snow	PO	10-3	6.º	163	16,000	0,508	3,17
3.854	Placid Heilo Crocus	PO	10-4	6.º	164	15,000	0,527	3,51
4.923	Benton Ormsby Viola (Twin)	PO	10-3	3.º	78	18,180	0,646	3,55
5.022	Sta. C. Abajour Sylvia Pabst	PO	8-1	7.º	179	18,000	0,706	3,82
5.880	M's. Bessie Crusader 84	PO	10-11	6.º	145	14,430	0,439	3,04
5.985	Anca	PCOD	6-6	9.º	265	17,760	0,575	3,24

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura	%
6.511	Willy's Citrus S. Estopa	PO	7-6	5.º	124	13,900	0,487	3,50
6.958	Sertão Ciência	PO	5-3	5.º	138	14,050	0,538	3,83
7.164	Astoria	PCOD	7-2	8.º	216	16,050	0,576	3,59
7.364	Balinha	PCOD	5-6	6.º	174	17,300	0,672	3,88
7.511	Sertão Camelia	PO	4-10	9.º	252	14,500	0,551	3,80
7.657	S.M. Bessie Pontiac Holter	PO	4-10	7.º	180	13,030	0,473	3,63
7.831	S.M. Senator Patsy B. Girl	PO	4-11	6.º	149	15,000	0,523	3,49
7.912	Saint T. Ajax Roland 309	PO	5-4	3.º	48	17,180	0,547	3,18
8.081	Willy's Sally Tensen Lucy	PO	5-8	2.º	49	21,360	0,652	3,05
8.783	Sta. Carolina Rutica Pabst	PO	4-8	1.º	22	18,100	0,565	3,12
8.895	S.M. Queen Meerco Supreme	PO	4-7	5.º	131	18,500	0,758	4,09
8.901	S.M. Palomita P. Marksdekol	PO	4-8	3.º	56	16,930	0,626	3,69
8.902	Saint T. Emperor 158 P. 298	PO	5-9	1.º	4	17,380	0,549	3,16
9.000	Sertão Darien	PO	4-4	4.º	90	13,360	0,471	3,53
9.148	Duqueza	PCOC	4-7	2.º	33	19,300	0,812	4,20
9.149	Sta. C. Samambaia Pabst	PO	3-8	13.º	366	14,150	0,544	3,84
9.214	Sta. C. Maloca Pabst	PO	5-11	1.º	9	21,300	0,679	3,19
9.216	Saint R. Emperor 96 L. W 316	PO	5-3	1.º	28	17,460	0,595	3,41
9.384	Sertão Esthonia	PO	2-9	11.º	322	14,000	0,640	4,57
9.397	Sta. C. Mixa Marksman	PO	3-1	10.º	260	13,700	0,506	3,69
9.580	Else	PCOC	2-6	8.º	210	15,140	0,611	4,04
9.714	Sertão Elna	PO	3-3	6.º	149	18,380	0,551	2,99
9.938	Sertão Diamantina	PCOD	3-5	4.º	99	18,250	0,662	3,62
9.939	Sertão Dangi	PCOD	4-5	4.º	92	15,700	0,485	3,09
9.941	Sertão Franca C.P. Senhor	PO	2-6	4.º	88	13,410	0,483	3,60
10.025	Sertão Efigie	PO	3-3	3.º	77	13,130	0,412	3,14
10.029	Sertão Estatua	PO	3-1	3.º	58	15,500	0,465	3,00
10.030	Sta. C. Lidadora Hoarne	PO	4-7	3.º	57	16,730	0,573	3,42
10.153	Alteza	PCOD	8-3	2.º	49	15,680	0,541	3,45
10.154	Sertão Fama Pabst Burke	PO	2-8	2.º	40	14,800	0,472	3,19
10.247	Sertão Francana Carnation	PCOC	2-8	1.º	27	17,450	0,545	3,12
10.248	Sertão Foresee F.P. Burke	PO	2-4	1.º	17	15,000	0,465	3,10

Clovis Joly de Lima, Pinhal. Est. de São Paulo. Controle em 23/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.510	Bolivia	PCOD	7-0	9.º	248	13,650	0,487	3,57
9.677	Crioula de Sta. Thereza	PCOD	6-1	7.º	178	14,880	0,669	4,50
9.827	Alfa	PCOD	8-1	5.º	145	15,250	0,605	3,96
9.828	Alvorada	PCOD	4-7	5.º	116	13,750	0,467	3,39

Quatro Primos Lutfalla. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 20/11/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

5.873	Dengosa	PCOD	8-1	4.º	111	26,700	0,882	3,30
-------	---------	------	-----	-----	-----	--------	-------	------

RAÇA HOLANDESA — Variedade vermelha e branca.

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de S. Paulo. Controle em 4/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.336	Holambra Ana XXI	PO	5-3	2.º	45	16,360	0,580	3,54
7.340	Holambra Elsa VIII	PO	5-0	2.º	41	18,580	0,566	3,05
8.483	Holambra Marie XV	PO	3-11	2.º	45	26,070	1,056	4,05
8.521	Holambra Roosje XII	PO	3-8	5.º	150	16,990	0,704	4,14
8.573	Holambra Bloem VI	PO	4-4	3.º	95	19,860	0,763	3,84
8.679	Holambra Treesje X	PO	3-4	10.º	289	13,160	0,552	4,19
8.765	Holambra Corrie VII	PO	4-2	6.º	162	13,440	0,543	4,04
9.889	Holambra Koosje XIV	PO	2-4	4.º	96	16,340	0,661	4,04
10.072	Holambra Elsa XVIII	PO	3-10	3.º	92	15,750	0,684	4,34
10.210	Holambra Corri XII	PO	2-2	1.º	24	13,120	0,405	3,08

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de S. Paulo. Controle em 14/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.645	Mar. Espada Alexina	PCOD	6-1	6.º	170	19,170	0,687	3,58
6.963	Klaske 5	PO	6-1	6.º	180	17,350	0,556	3,20
7.516	Geertje 7	PO	5-0	10.º	295	13,230	0,618	4,67
7.707	Alle (1)	PO	5-7	5.º	124	14,300	0,536	3,75
7.859	Grietje 17	PO	5-8	3.º	101	14,490	0,508	3,50
8.095	Nelly 4 (1)	PO	5-1	7.º	209	14,400	0,489	3,39
8.478	Anna 3	PO	4-11	10.º	274	15,970	0,648	4,06
8.479	Dora 80	PO	5-7	2.º	51	21,800	0,762	3,49
8.835	Rio Verdinho Bailarina	PO	4-9	2.º	33	17,150	0,631	3,67

MARÇO DE 1962

FAZENDA SANTA FILOMENA

Companhia Administradora
Comercial e Agrícola
Santa Filomena



Correspondência:

Caixa Postal, 4638

São Paulo

Telefone: 61-4382



PINHAL — Município do
Estado de S. Paulo



PALM'S MARGIE TRUMAN — Esta é realmente o neto da melhor vaca frisia Holandesa vermelha e branca. Premiada nas exposições de S. Paulo, Pinhal e São João da Boa Vista.



VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES

FAZENDA N. S. DE COPACABANA

Na V Exposição Especializada de Gado Leiteiro, realizada em julho de 1961 em São Paulo, conquistamos:

COM 17 ANIMAIS 517 PONTOS !

- Grande campeão da raça (Reginald Active Acres)
- Campeão P. O. Senior (Reginald Active Acres)
- Campeã P. O. Senior (Célia)
- Reservada grande campeã (Julieta)
- Melhor úbere da raça (Ubatuba)
- Campeã P. O. Junior (Araponga)
- Reservada campeã P. O. Senior (Rôla)
- Reservada campeã P. C. Senior (Julieta)
- 1.º e 2.º conj. progênie de pai (Arigideon e Reginald)
- 1.º conjunto progênie de mãe (Primavera)
- 1.º conjunto P. O. Senior
- 1.º conjunto P. C. Senior
- 1.º conjunto P. O. Junior
- 1.º conjunto P. C. Junior

E MAIS

- 9 primeiros prêmios de categoria,
- 4 segundos prêmios de categoria e
- 3 terceiros prêmios de categoria

REGINALD ACTIVE ACRES

Grande campeão em Franca - 1958
Grande campeão em São João da Boa Vista - 1960
Grande campeão em São Paulo - 1961

Descendente de animais como:
BISAVÔ: Jane of Vernon — Grande Campeã durante 5 anos consecutivos.
AVÔ: Colonel Harry of J. B. (Excellent)
MÃE: Active Acres Regina que produziu aos 3 1/2 — 365 d — 3 x 9570 kg — 455 kg.
Tem diversos filhos campeões nas Exposições Nacionais.

D. PIRES AGRO-PECUÁRIA S. A.

produtividade, rusticidade e sanidade

Escritório em São Paulo: Rua Major Sertório, 92 - 7.º - Tel. 35-1242

Em São Carlos: C. Postal 218 - Tel. 80 (rural)

Venda permanente de reprodutores P. O. e P. C. das raças Holandês — Preto-e-Branco e Schwyz.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con-trole	Dias de Lac-tação	Produção Leite	Gordura	%
9.806	R. Verdinho D. Aukeana	PO	2-5	5.º	134	13,600	0,578	4,25
10.051	Camélia	—	-	4.º	103	17,660	0,651	3,68

Fernando José dos Santos, Santa Cruz do Rio Pardo, Est. de S. Paulo. Controle em 18/12/1961.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.411	Leme's Flexa	PCOC	7-1	3.º	145	15,750	0,499	3,17
7.356	Leme's Hidra	PCOC	5-5	3.º	97	13,450	0,415	3,06
9.541	Leme's Esfera	PCOC	-	3.º	—	13,600	0,396	2,91
10.077	Leme's Graça	PO	6-0	3.º	130	13,300	0,441	3,31
10.078	Jardineira de Palmeiras	PCOD	6-3	3.º	114	13,950	0,432	3,10

Carlos Whately, Bernardino de Campos, Est. de S. Paulo. Controle em 22/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.701	Pagã	PCOD	10-10	4.º	108	13,900	0,443	3,19
8.157	Curiosa	NR	-	7.º	221	16,350	0,434	2,65

Manoel Possos Filho, Vinhedo, Est. de São Paulo. Controle em 30/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.635	Muquem Polaca	PCOC	-	2.º	10	19,840	0,624	3,14
8.636	Muquem União II	PCOC	6-6	7.º	193	14,740	0,560	3,80
8.639	Muquem Tonelada	PCOC	7-0	4.º	100	17,590	0,721	4,10
9.568	Muquem Televisão	PCOC	6-1	8.º	216	13,340	0,513	3,85
9.569	Marambaia Chiquinha Alexina	PCOC	7-8	8.º	217	13,740	0,514	3,74
10.035	Muquem Alterosa	PCOC	7-8	3.º	80	19,810	0,616	3,11

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, Vinhedo, Est. de S. Paulo. Controle em 23/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.302	Argentina de Marambaia	7/8	10-8	1.º	29	22,920	0,782	3,41
5.791	Marambaia Boemia	7/8	8-10	9.º	259	13,440	0,494	3,68
5.961	Marambaia Aliança	PCOD	10-0	1.º	11	20,670	0,668	3,23
6.295	Dora 69	PO	7-6	5.º	147	14,270	0,465	3,25
6.816	Marambaia Eneida Alexina	PCOC	6-0	1.º	1	21,000	0,717	3,41
6.885	Geertje 24	PO	7-8	2.º	59	13,840	0,516	3,73
7.410	Marambaia Eliana Teiana	PO	6-4	6.º	182	13,170	0,494	3,75
7.414	Marambaia F. A. Teiana	PCOC	5-1	8.º	226	13,040	0,495	3,80
7.436	Marambaia Eva Teiana	PO	6-3	5.º	159	14,420	0,544	3,77
7.438	Marambaia Festa B. Teiana	PCOC	5-4	2.º	47	16,660	0,524	3,14
8.073	Mar. Exotica Alex Teiana	PCOC	5-10	2.º	36	15,100	0,519	3,43
8.109	Marambaia Camélia Alexina	PCOC	7-11	4.º	90	15,390	0,571	3,71
8.369	Marambaia Divina II Alexina	PCOC	7-1	5.º	130	15,560	0,484	3,11
8.903	Marambaia Fontana Teiana	PCOC	4-10	2.º	58	13,530	0,537	3,97
9.075	Tine	PO	5-11	3.º	82	13,740	0,481	3,50
9.782	Marambaia Guanabara Teiana	PCOC	4-4	5.º	134	14,460	0,448	3,10
9.783	Marambaia Inesita Diamant.	PO	3-0	5.º	133	13,750	0,576	4,18
10.162	Mar. Ilda Alex T. Diamantina	PCOC	3-4	2.º	32	15,140	0,581	3,84

Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 19/12/1961. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

8.245	Flanela de Pinheiro	PO	5-0	1.º	19	16,200	0,590	3,64
-------	---------------------	----	-----	-----	----	--------	-------	------

Dr. José Procópio do Amaral, São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo. Controle em 19/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.148	Favela de São Geraldo	PCOC	5-9	2.º	69	13,460	0,457	3,40
10.149	Flamenga	PCOD	5-6	2.º	34	15,660	0,520	3,32

Cia. Administradora Comercial e Agrícola Sta. Filomena, Pinhal, Est. S. Paulo. Controle em 28/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.466	Holambra Anna	PO	8-9	1.º	23	17,830	0,545	3,05
6.817	Holambra Bertha X	PO	5-0	10.º	297	14,320	0,518	3,62
8.024	Muquem La Paloma	PCOC	8-0	4.º	229	15,600	0,468	3,00
8.638	Muquem Bandeira	PCOC	8-10	1.º	27	17,220	0,623	3,61
8.769	Muquem Otima	PCOC	10-8	7.º	197	15,460	0,449	2,90
8.794	Holambra Nera XII	PO	3-7	7.º	185	19,050	0,775	4,07
9.548	Alvorada	PCOD	2-0	8.º	235	14,720	0,483	3,28

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura	%
9.549	Atrevida	PCOD	2-3	8.º	220	14,700	0,481	3,27
9.814	Muquem Jardineira	PCOC	-	5.º	151	18,450	0,533	2,89
9.815	Antena	PCOD	2-3	5.º	139	14,050	0,513	3,65

Jayme da Silveira Leme. Pinhal, Est. de São Paulo. Controle em 20/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.413	Paraiba	7/8	10-6	1.º	16	21,300	0,879	4,12
6.907	Leme's Ema	PO	8-2	3.º	64	19,750	0,624	3,16
7.868	Leme's Euridice	PCOC	8-8	1.º	9	13,300	0,510	3,83
9.061	Leme's Filigrana	PO	7-1	1.º	14	15,520	0,543	3,50
10.256	Leme's Hosana	PCOC	5-0	1.º	17	13,800	0,577	4,18

RAÇA JERSEY

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de S. Paulo. Con- trole em 14/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.003	Sant'Ana Hera Magnet	PO	13-1	5.º	180	14,270	0,586	4,11
2.362	Sant'Ana Malta Bolhayes	PO	11-0	5.º	174	13,950	0,537	3,85
2.625	Sant'Ana Ita Patton	PO	9-9	6.º	181	10,790	0,557	5,16
2.763	Mafalda Basil de Canela	PO	8-9	5.º	125	13,300	0,583	4,38
3.219	Grinalda Sultan de Canela	PO	15-9	1.º	37	11,870	0,455	3,83
3.614	Alegria do Esteio	PO	-	6.º	182	13,770	0,647	4,69
3.924	Meiba 2.ª	PO	-	1.º	9	15,800	0,575	3,63
4.207	Sant'Ana Canôa Patrician	PO	8-7	1.º	18	18,200	0,654	4,22
4.265	Sant'Ana Esperança Patrician	PO	8-10	2.º	47	11,280	0,536	4,75
4.393	Sant'Ana Xalmas Patrician	PO	7-11	6.º	168	12,230	0,525	4,30
4.692	Sant'Ana Bartira Patrician	PO	-	6.º	181	12,630	0,538	4,26
4.921	Sant'Ana Balsa Patrician	PO	7-3	5.º	137	14,370	0,578	4,02
5.345	Nini Basil de Canela	PO	8-8	7.º	205	11,470	0,495	4,32
5.441	Sant'Ana Olimpica Paxford	PO	6-8	5.º	127	19,700	0,817	4,15
5.618	Sant'Ana Coralina Patrician	PO	6-0	5.º	143	13,220	0,628	4,75
5.688	Sant'Ana Havana Patrician	PO	7-10	2.º	54	15,360	0,621	4,04
5.816	Sant'Ana Novela Patrician	PO	-	1.º	16	17,650	0,485	2,74
6.057	Broinha de Fubá	PO	9-10	7.º	196	13,550	0,635	4,68
6.299	Sant'Ana Rima Records	PO	6-0	4.º	105	12,050	0,688	5,70
6.352	Sant'Ana Dama Patrician	PO	-	7.º	200	13,400	0,615	4,59
6.658	Sant'Ana Honrada Records	PO	5-2	8.º	210	12,270	0,635	5,17
6.846	Sant'Ana Lapa Patrician	PO	5-2	1.º	5	19,760	0,736	3,72
7.390	Sant'Ana Raquel 2.ª Zanalua	PO	4-6	7.º	193	11,200	0,562	5,01
7.547	Sant'Ana Xarda Paxford	PO	5-2	4.º	97	17,350	0,635	3,66
7.548	Sant'Ana Grin. 2.ª Paxford	PO	4-5	8.º	202	12,800	0,556	4,34
7.597	Sant'Ana Nilza Zanalua	PO	4-8	5.º	184	10,630	0,555	5,22
7.705	Sant'Ana C. 2.ª Coronation	PO	4-3	7.º	205	11,780	0,559	4,74
7.842	Sant'Ana Minerva Patrician	PO	4-6	6.º	163	10,500	0,530	5,05
7.843	Sant'Ana Rosita 2.ª Zanalua	PO	4-10	3.º	92	11,960	0,655	5,48
8.042	Sant'Ana Estrela 2.ª Paxford	PO	4-2	6.º	154	13,100	0,620	4,73
8.152	Sant'Ana Xelvia 2.ª Zanalua	PO	4-2	3.º	81	14,100	0,514	3,65
8.282	Sant'Ana X. 2.ª Midshipman	PO	4-3	2.º	51	15,100	0,591	3,91
8.735	Sant'Ana Cordilheira Zanalua	PO	3-8	5.º	154	10,450	0,477	4,56
8.824	Sant'Ana Esper. 3.ª Zanalua	PO	3-6	2.º	50	13,400	0,880	6,57
9.011	Sant'Ana Lampadosa Paxford	PO	3-2	5.º	134	13,030	0,540	4,15
9.014	Sant'Ana Xmas 2.ª Zanalua	PO	3-2	4.º	117	10,360	0,672	6,48
9.078	Sant'Ana Heroica Zanalua	PO	3-4	1.º	5	12,950	0,476	3,68
9.081	Sant'Ana Confiança Paxford	PO	3-2	1.º	10	11,320	0,551	4,87
9.112	Sant'Ana Elite Paxford	PO	3-5	1.º	3	10,480	0,420	4,01
10.053	Sant'Ana Xmas 3.ª K. Count	PO	2-3	3.º	78	12,330	0,520	4,22
10.221	Sant'Ana Indonezia K. Count	PO	2-2	1.º	26	14,800	0,592	4,00
10.222	Sant'Ana Cristal 3.ª K. Count	PO	2-4	1.º	24	14,840	0,673	4,53

Dr. João Laraya, Jacarei, Est. de São Paulo. Controle em 16/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.920	Balada de Santa Hilda	PO	8-8	6.º	158	12,950	0,608	4,69
5.960	Embolada	PO	6-6	5.º	122	15,300	0,578	3,77
6.604	Fada Magnet de Santa Hilda	PO	5-5	5.º	131	11,650	0,474	4,06
6.930	Star's Dreaming Jewell	PO	6-7	3.º	79	11,300	0,511	4,52
6.932	Fagulha Bolhayes Sta. Hilda	PCOC	5-0	6.º	156	10,950	0,512	4,67
8.137	Euforia do Banharão	PO	4-7	4.º	102	12,980	0,597	4,60
10.226	Iguaria de Sta. Hilda	-	-	1.º	12	10,010	0,471	4,70

Alain Boud'hors, Jundiá, Est. de São Paulo. Controle em 10/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.139	Jester M. Duchess (Duqueza)	PO	6-10	1.º	20	12,290	0,710	5,77
-------	-----------------------------	----	------	-----	----	--------	-------	------

VOCÊ

SABE...

Como escolher a vaca leiteira?

Qual a melhor maneira de ex-
plorar as pastagens com gado
leiteiro, do ponto de vista da
produtividade?

Qual a influência dos antibióti-
cos na alimentação dos ani-
mais?

Como organizar um plantel de
suínos?

Que são cavalos trotadores?

Quais as principais produtoras
de leite e de gordura do Servi-
ço de Controle Leiteiro da
A.P.C.B.?

Respostas para tôdas estas per-
guntas e muitas outras são
encontradas no

ANUÁRIO DOS

CRIADORES DE 1962

Encomende já o seu exemplar.

Preço: Cr\$ 500,00, apenas.

Rua Jaguaribe, 634 — S. Paulo

COLEÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA DOS CRIADORES"

Estamos vendendo os seguintes exemplares de coleções encadernadas da "Revista dos Criadores":

Ano	Preço
1944	Cr\$ 2.100,00
1947	Cr\$ 2.000,00
1956	Cr\$ 1.900,00
1957	Cr\$ 1.800,00
1959	Cr\$ 1.700,00
1960	Cr\$ 1.600,00
1961	Cr\$ 1.500,00

Para pedidos dirigir-se à

EDITORA DOS CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634
São Paulo

AVES E...

(Conclusão da pág. 84)

Assim é que, de acordo com as cotações da Associação Paulista de Avicultura, o preço pago pela carne de ave no dia 3 de janeiro de 1962, no mercado atacadista foi o seguinte por kg vivo:

Frangos Vermelhos	Cr\$ 140,00
Galinhas Vermelhas	Cr\$ 130,00

Estas cotações representam uma elevação de Cr\$ 20,00 por kg vivo, em relação às cotações de 13 de dezembro de 1961.

A procura de pintos cruzados para o corte é grande neste começo de ano; porém, até junho, está prevista a maior falta de carne de ave no mercado de São Paulo. Por certo, os preços se elevarão, pois, nesta época do ano, não há frangos caipiras no Norte do Paraná e no Sul de Minas.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura %
Jorge da Cunha Bueno. São José dos Campos. Est. de São Paulo. Controle em 16/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
6.928	Sant'Ana Niagara Patrician	PO	5-1	7.º	162	19,890	0,842
9.904	Lorena Comary	PO	10-5	5.º	115	18,010	0,885
2 ordenhas							
7.709	Itaevaté Ima Sumac	PO	4-6	8.º	219	11,130	0,524
8.715	Rendeira Comary	PO	4-0	3.º	220	11,020	0,531
8.837	Rainha Comary	PO	3-10	6.º	174	10,420	0,718
9.137	Santa Comary	PO	3-3	1.º	13	17,480	0,864
9.480	Primavera Comary	PO	5-6	9.º	275	10,080	0,608
9.645	Lobelia Comary	PO	9-5	7.º	201	12,450	0,751
10.219	Revoada Comary	PO	-	1.º	23	12,790	0,744
10.220	Toada Comary	PO	-	1.º	17	11,200	0,515

Ministério da Agricultura. Fazenda Experimental de Criação de Juparanã. Marquês de Valença. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 30/11/1961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.602	Unida	PO	13-8	2.º	34	13,300	0,550
4.998	F.S.M. Colmeia	PO	8-10	2.º	43	16,300	0,698
10.229	Ita	-	-	1.º	34	13,300	0,550
10.230	Ilda	-	-	1.º	1	13,200	0,547

Ministério da Agricultura. Fazenda Experimental de Criação de Juparanã. Marquês de Valença. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 26/12/1961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.602	Unida	PO	13-8	3.º	60	12,500	0,604
4.998	F.S.M. Colmeia	PO	8-10	3.º	69	16,600	0,714
10.229	Ita	-	-	2.º	46	13,300	0,710
10.230	Ilda	-	-	2.º	27	13,300	0,579

RAÇA SCHWYZ

D. Pires Agro-Pecuária S.A. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 17/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.785	Tesoura	PCOC	9-0	3.º	90	13,000	0,448
8.786	Ariana do Haras	PO	6-0	1.º	8	17,300	0,587
9.948	Julietta	PO	5-10	4.º	83	13,100	0,468

Dr. Ruy Assumpção. Santo Antônio da Posse. Est. de São Paulo. Controle em 20/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.136	Laguna	NR	-	2.º	35	14,210	0,504
--------	--------	----	---	-----	----	--------	-------

Alberto Ferraz. Agulhas Negras. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 24/12/1961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.820	Ritinta	7/8	-	10.º	-	18,780	0,722
-------	---------	-----	---	------	---	--------	-------

Benedito Portugal Rennó. Jacutinga. Est. de Minas Gerais. Controle em 18/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.786	Bom Café Americana	PO	4-5	5.º	157	17,400	0,517
9.788	Zita Lucerna dos Papagaios	PO	3-10	5.º	188	13,840	0,451
9.907	Amada de Pinheiro	PO	10-0	4.º	108	14,450	0,522
10.036	Yapura Adonis dos Papagaios	PO	1-11	3.º	83	14,110	0,370
10.166	Bom Café Araçonga	PO	4-8	2.º	39	20,120	0,663
10.167	Aida	PO	8-5	2.º	31	17,340	0,420
10.231	Boneca II	NR	8-5	1.º	22	16,700	0,509

Fazenda Sta. Francisca do Camandocaia. Jaguariuna. Est. de S. Paulo. Controle em 20/12/1961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.378	Wingood Lake Barila	PO	7-0	5.º	148	17,450	0,659
7.510	Suydam's Violet Autumn	PO	6-10	3.º	82	14,800	0,564
9.908	Beriza do Camandocaia	NR	2-9	4.º	98	13,660	0,511

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole	Dias de Lac- tação	Produção Leite	Gordura %
Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 25/11/1961. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.							
3.457	Alinea de Pinheiro	PO	9-7	9.º	250	13,100	0,436 3,32
3.927	Ancora de Pinheiro	NR	-	2.º	53	14,000	0,469 3,35
5.436	Corista de Pinheiro	PO	7-11	1.º	19	18,700	0,532 2,85
7.311	Elite de Pinheiro	PO	6-9	1.º	1	17,200	0,408 2,37
7.660	Espuma de Pinheiro	PO	6-0	1.º	13	16,800	0,449 2,67

Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 19/12/1961. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.							
3.457	Alinea de Pinheiro	PO	9-7	10.º	274	14,300	0,451 3,15
3.836	Aliada de Pinheiro	PO	9-9	6.º	203	13,100	0,462 3,53
3.927	Ancora de Pinheiro	NR	-	3.º	77	16,200	0,505 3,12
5.436	Corista de Pinheiro	PO	7-11	2.º	43	18,500	0,603 3,25
6.373	Delicia de Pinheiro	PO	7-5	3.º	104	13,800	0,526 3,81
7.311	Elite de Pinheiro	PO	6-9	2.º	25	15,500	0,530 3,41
7.660	Espuma de Pinheiro	PO	6-0	2.º	37	16,800	0,579 3,45
7.848	Fama de Pinheiro	PO	5-6	1.º	6	17,800	0,581 3,26
8.644	Fartura de Pinheiro	PO	5-9	1.º	3	18,000	0,700 3,89

RAÇA GUERNSEY

Alberto Ferraz, Agulhas Negras, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 24/12/1961. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.							
8.194	Dora das Agulhas Negras	15/16	13-6	2.º	41	16,150	0,524 3,25
10.227	Serra Negra	-	-	1.º	7	11,250	0,373 3,31

ZEBU LEITEIRO

Ministério da Agricultura, Instituto de Zootecnia, Fazenda Experimental de Criação «Getúlio Vargas», Uberaba, Est. de Minas Gerais. Controle em 28/12/1961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
9.518	Segada F.G.V. 2062	-	6-6	8.º	228	8,600	0,471 5,48
9.646	Varja F.G.V. 2470	-	3-6	7.º	217	7,800	0,454 5,82
9.647	Certeza F.G.V. 1774	-	13-0	7.º	216	2,800	0,158 5,65
9.649	Alterosa F.G.V. 1819	-	12-0	7.º	207	7,700	0,483 6,27
9.650	Sacudida F.G.V. 2032	-	7-3	7.º	206	7,300	0,444 6,09
9.652	Una F.G.V. 2340	-	4-8	7.º	201	10,900	0,648 5,95
9.689	Zanga F.G.V. 2643	-	2-2	6.º	189	13,600	0,620 4,56
9.690	Ultima F.G.V. 2379	-	4-5	7.º	182	6,200	0,401 6,47
9.691	Tumasia F.G.V. 2254	-	5-7	6.º	175	7,700	0,524 6,80
9.772	Vampira F.G.V. 2403	-	4-3	5.º	163	6,500	0,408 6,28
9.773	Vasca F.G.V. 2454	-	3-10	5.º	150	9,300	0,597 6,42
9.774	Sonata F.G.V. 2134	-	6-7	5.º	143	9,300	0,556 5,98
9.894	Segura F.G.V. 2069	-	7-1	4.º	112	11,300	0,679 6,00
9.895	Tormenta F.G.V. 2258	-	5-8	4.º	130	7,700	0,453 5,82
10.063	Ribeiroa F.G.V. 1731	-	8-9	3.º	86	11,500	0,544 4,73
10.064	Reverencia F.G.V. 1999	-	7-9	3.º	81	12,200	0,674 5,52
10.065	Secadeira F.G.V. 2058	-	7-3	3.º	76	10,200	0,587 5,76
10.155	Queimada F.G.V. 1650	-	9-4	2.º	63	13,400	0,729 5,44
10.156	Valsa F.G.V. 2439	-	4-2	2.º	63	8,400	0,478 5,69
10.157	Xacareira F.G.V. 2515	-	3-4	2.º	56	13,800	0,766 5,55
10.158	Sabina F.G.V. 2141	-	6-10	2.º	55	12,600	0,607 4,81
10.159	Utilidade F.G.V. 2364	-	5-0	2.º	43	14,900	0,783 5,26
10.236	Xucra F.G.V. 2513	-	3-5	1.º	46	9,300	0,533 5,73
10.237	Xilofaga F.G.V. 2527	-	3-4	1.º	38	9,800	0,490 5,00
10.238	Montanhosa F.G.V. 1200	-	13-2	1.º	37	13,800	0,751 5,44
10.239	Xara F.G.V. 2596	-	2-11	1.º	31	9,500	0,534 5,62
10.240	Unidade F.G.V. 2280	-	5-11	1.º	28	12,200	0,689 5,65
10.241	Varunca F.G.V. 2469	-	4-1	1.º	35	9,800	0,503 5,13

Observações: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — pura por cruz de origem conhecida; PCOD — pura por cruz de origem desconhecida; PO — pura de origem; RP — registro provisório.

São Paulo, Dezembro de 1961.

Dr. Fnad Naufel
CHEFE DO S.C.L.

MARÇO DE 1962

A ARGENTINA — GRANDE PRODUTORA DE CASEÍNA

Admite-se que os Estados Unidos, que eram os maiores produtores de caseína do mundo, estejam sendo superados pela Argentina. Enquanto os Estados Unidos se transformaram em importadores, (a quantidade importada correspondeu em 1958 a 48% do total consumido no país), a Argentina passou a produzir um total de 37 mil toneladas em 1959. Isso é de admirar, pois a média de produção anual estava no nível de 19.800 toneladas.

O principal comprador da caseína argentina são os Estados Unidos, que absorvem cerca de 1/3 da exportação da Argentina. O restante é destinado em grande parte a Inglaterra, Alemanha Ocidental, Holanda e outros países europeus. O preço médio da caseína no mercado norte-americano é de 40 dólares por 100 quilos. Isso dá, em nossa moeda, a média de Cr\$ 120,00 por quilo.

O crescimento contínuo da produção e do comércio de caseína, depois da guerra, foi devido, além do mais, ao elevado nível de atividade econômica e industrial em que a caseína tem aplicação. A caseína, em regime de concorrência com produtos similares, serve como revestimento em papeis de alta qualidade, no preparo de tintas para pintura e de colas para madeira compensada, na produção de matérias plásticas e de fibras protéicas, em produtos farmacêuticos, etc.

Admite-se a caseína como um grande emprego a ser dado ao leite desnatado, em vez de sua desidratação para pulverização. Leite desnatado em pó (non fat dry milk solids) já não está representando mais uma indústria leiteira adiantada.

Esta última afirmação pode ser verdade em outros países. No nosso, a caseína na base do preço atual de Cr\$ 120,00 e o leite em pó desnatado (sistema roler) a Cr\$ 145,00, mostram a preferência por este último produto. Ademais, com 100 litros de leite desnatado se conseguem, no máximo, 3 quilos de caseína moida, ao passo que este mesmo volume de leite aplicado na pulverização dará a média de 8 quilos de leite em pó. A diferença de rendimento e de preços e a boa aceitação do leite desnatado em pó indicam o caminho a ser seguido.

R. C.

Publicação do
homem do campo

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

ALIMENTOS



REFINAZIL

O AMIGO DA CRIAÇÃO
FARELO COM 24,75% DE
PROTEINA
À BASE DAS BOAS
RAÇÕES BALANCEADAS

VINHOS

VINHOS "VELHO JUNQUEIRA"

Branco seco tipo "Liebfraumich"

Branco suave tipo "Porca de Murso"

Velho Junqueira

Rosado suave

Niagara

Tinto

Fabricados na região de CALDAS, com uvas de castas

Europeias. — Chácaras em Caldas e Divinolândia

Pedidos para VINICOLA JUNQUEIRA S/A.

em Poços de Caldas — Caixa Postal n.º 66

Vendedores autorizados:

S. PAULO — João Cardilo - R. Barão do Bananal, 896 - Fone 52-4325
SANTOS — José Fernandes Claro - R. Cunha Moreira, 174 - Fone 2-5108
CAMPINAS — Benedito Amarante - R. José Alencar 399 - Fone 6763
BELO HORIZONTE — Soc. Filadelfia Ltda. - Ed. DANTES - Fone 20619

É GARANTIA DE BONS LUCROS USAR PRODUTOS GARANTIDOS

Farelo e torta — para rações, amendoim, gergelim, soja — com elevada porcentagem de proteínas.

Enxôfre — Molhável ou em canudos.

Formicida — sulfureto de carbono — garrafão V8

Remédios veterinários — Benzocreol.

Produtos garantidos por 50 anos de esmerada fabricação.

INDÚSTRIAS J. B. DUARTE

Fone: 13-1185 — Caixa Postal, 1002 — São Paulo



Metalúrgica Santa Luzia

FUNDIÇÃO MECÂNICA

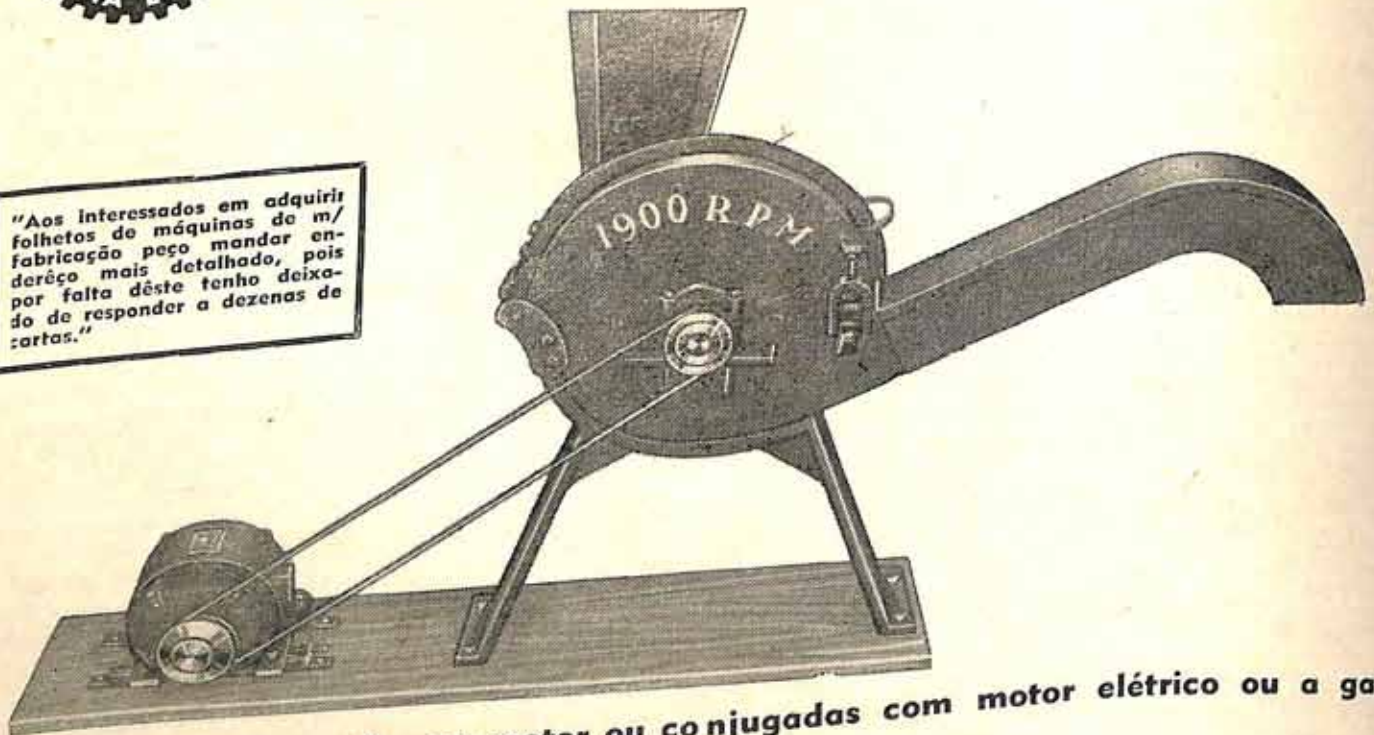
Fundem-se quaisquer peças de FERRO, BRONZE e OUTROS METAIS

Executam-se serviços de TORNO, PLAINA e SOLDA ELÉTRICA

JAYME ESTEVAM BENEDETTI -

Fab.: Praça Vicente de Freitas Guimarães, 36 e 64
Fone: 2464 — PINHAL — Estado de São Paulo

"Aos interessados em adquirir folhetos de máquinas de m/fabricação peço mandar endereço mais detalhado, pois por falta deste tenho deixado de responder a dezenas de cartas."



Picadeiras n. 0, n. 1 e n. 2, sem motor ou conjugadas com motor elétrico ou a gasolina
Todas com disco de aço.

FABRICADA EM 3 TAMANHOS:

N.º 0 de 800 a 1.000 Ks. p/ Hora para 2 HP elétrico trif. ou monof.
N.º 1 de 1.500 a 2.000 Ks. p/ Hora para 2 HP elétrico trif. ou monof.
N.º 2 de 2.500 a 3.000 Ks. p/ Hora para 5 HP elétrico trif.

A n.º 2 tirando os calços que ficam perto das facas, dá maior rendimento para ciliadeira.

Todas as picadeiras seguem 1 jogo de faca de aço avulso.

Trabalha com JEEP e TRATOR.

Para evitar os efeitos corrosivos causados pela cana e outros produtos, esta máquina é construída totalmente de ferro e aço, e a carcaça

é feita de ferro fundido de 1 cent. de grossura.

Giram sob mancais e rolamentos de 2 fileiras oscilantes, e os mancais possuem engraxadeiras; não necessita abrir os mesmos para

serviço.

ESTA INDÚSTRIA NÃO MAIS FECHARÁ PARA FÉRIAS COLETIVAS, DEVIDO À GRANDE VENDA DE SEUS PRODUTOS.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES DE ANIMAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

MARÇO

- 12 a 18 — Exposição Regional em Barretos.
25 — Leilão de Reprodutores, na Fazenda de Seleção do Gado Nacional, em Nova Odessa.

ABRIL

- 2 a 8 — Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados do Vale do Paraíba em Jacarei.
7 a 15 — Concurso de Novilhos de Corte, em Presidente Prudente.
21 a 29 — V Exposição-Feira de Zebu e Outras Raças de Corte, na Água Branca, São Paulo.
28 a 29 — Concurso de Novilhos de Corte em Barretos.

MAIO

- 12 a 13 — Concurso de Novilhos de Corte em São José do Rio Preto.
14 a 20 — Exposição de Animais e Produtos Derivados em São João da Boa Vista.
22 — Início da Prova de Ganho de Pêso em Barretos.
26 a 27 — Concurso de Novilhos de Corte em Araçatuba.

JUNHO

- 2 a 10 — VI Exposição-Feira de Gado Leiteiro e Cavalos Marchadores, na Água Branca, Capital.
5 — Início das Provas de Ganho de Pêso em Franca e Sertãozinho.
22 — Início das Provas de Ganho de Pêso em Araçatuba e Bauru.

JULHO

- 1 — Início das primeiras provas dos Torneios Leiteiros Regionais de Bauru, Bebedouro, Piracununga, São Carlos, São José do Rio Pardo, Itapetininga e Jaú.
9 a 15 — Exposição de Animais da Região de Campinas em Nova Odessa.

AGOSTO

- 6 a 12 — Exposição de Animais e Produtos Derivados em Bauru.

SETEMBRO

- 1 a 9 — Exposição de Médios e Pequenos Animais na Água Branca, Capital.

OUTUBRO

- 1 — Início da segunda prova dos Torneios Leiteiros Regionais de Bauru, Bebedouro, Itapetininga, Jaú, Piracununga e São José do Rio Pardo.
8 a 14 — Exposição de Animais e Produtos Derivados em Araçatuba.

NOVEMBRO

- 12 a 18 — Exposição de Animais e Produtos Derivados em Itapetininga.

MARÇO DE 1962



Creolina

CURÁ QUALQUER
BICHEIRA



MAS

UNGÜENTO PEARSON
PEARSON'S WOUND SALVE
LARVICIDA REPELENTE CICATRIZANTE

E-V-I-T-A
BICHEIRAS
DUMA VEZ

PORQUE A  NÃO POUSA
NUMA FERIDA TRATADA COM 

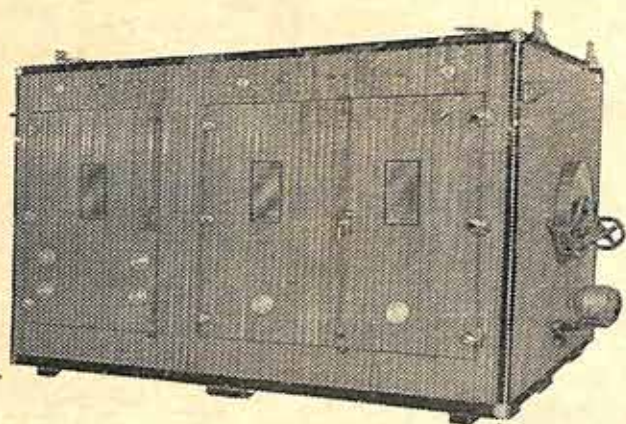
ALÉM DISSO  AJUDA NA CICATRIZA-
ÇÃO DA FERIDA.

PEARSON S. A. Ind. e Com.

RIO	Caixa Postal	2201	PÓRTO ALEGRE C. Postal	2587
SÃO PAULO		8684	BELO HORIZONTE	383
NATAL		245	BRÁSÍLIA	194

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

Incubadora LUCATO



Modelos com capacidade para 2.500, 5.000, 10.000, 17.280 e 20.000 ovos. Orçamentos, para tamanhos especiais, fora da nossa linha normal de produção, bem ainda de câmaras de incubação ou eclosão, separados. Para maiores detalhes, peça folhetos ou visite os fabricantes.

IRMÃOS LUCATO

Rua Tiradentes, 1.315 — Fones: 1-400 e 1-500
Caixa Postal 61 — Limeira — Estado de S. Paulo

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

Rua Senador Queiroz, 649 — Telefone 33-7949
— SÃO PAULO —

REMÉDIOS



Bichol

O SALVADOR DOS ANIMAIS
MARCA REGISTRADA

GRACIAS AO BICHOL OS ANIMAIS
ESTÃO FORTES E SÁDIOS

REMÉDIO INFALÍVEL
PARA A CURA DE
BICHEIRAS, FERIDAS
BERNES, PISADURAS, ETC

CUIDADO COM
AS IMITAÇÕES



FABRICAÇÃO DA
IRMÃOS VENTURACCI S/A, Ind. Com.
FÁBRICA E ESCRITÓRIO
RUA FAUSTO, 898 • SÃO PAULO • TEL. 62-0750
À VENDA TAMBÉM NA
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA JAGUARIBE, 634

TORNOS

TORNOS SÓ NARDINI

MAQUINARIA AGRÍCOLA

Arados - Semeadeiras - Cultivadores - Adubadeiras
Sulcadores - Todos os implementos para a lavoura

MOTORES ESTACIONÁRIOS

Mantemos estoque permanente de peças para motores:
VIKING • BRIGGS STRATTON • CLINTON • C.I.
CONORD • DEUTZ • SMITH • JAP, etc.

Indústria de Máquinas Agrícolas Nardini S/A.

AMERICANA

LINHA PAULISTA - EST. S. PAULO

RUA 30 DE JULHO, 329

CAIXA POSTAL N. 38

TELEFONE N. 1053

Inscrição, 171



Marca Registrada

TORNOS MECÂNICOS
MÁQUINAS AGRÍCOLAS, TEARES AU-
TOMÁTICOS E SEMI-AUTOMÁTICOS

TEARES
SÓ

NARDINI

SÃO PAULO

RUA FLORENCIO DE ABREU, 429
TELEFONES: 33-1422 • 33-4841

RUA AUGUSTO SEVERO N. 58
DEPÓSITO

End. Tel.: "NARDINI"

Inscrição, 261.405

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

SALVADOR — Bahia

Venda avulsa da
"Revista dos
Criadores"

**DISTRIBUIDORA DE
REVISTAS SOUZA**

Rua Saldanha da Gama, 6

COALHO FRISIA

EM LÍQUIDO E EM PÓ - 1.ª fábrica do
coelho no Brasil

Único premiado com 10 medalhas de ouro.
Fabricado por **KINGMA & CIA. LTDA.**
- Mantiqueira E.F.C.B. - Minas

À VENDA EM TODA PARTE - Peçam
amostras grátis aos representantes ou
diretamente aos fabricantes.

**CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA
HOLANDESA** - Vendemos ótimos animais
puros de pedigree, puros por cruzo, etc.

Representantes:

CAIXA POSTAL, 342 - Rio de Janeiro
CAIXA POSTAL, 26 - Santos Dumont -
E.F.C.B. - Minas

CAIXA POSTAL, 3191 - São Paulo
CAIXA POSTAL, 397 - Porto Alegre -
Rio Grande do Sul

SELEÇÃO

BIBLIOGRÁFICA ESPECIALIZADA

de assuntos
agropecuários
Para outros
esclarecimentos
escrever a
Eng.º Agr.º
Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318
Buenos Aires —
Rep. Argentina

1 litro de querosene...
1 dia de refrigeração

REFRIGERADOR
Consul



a querosene

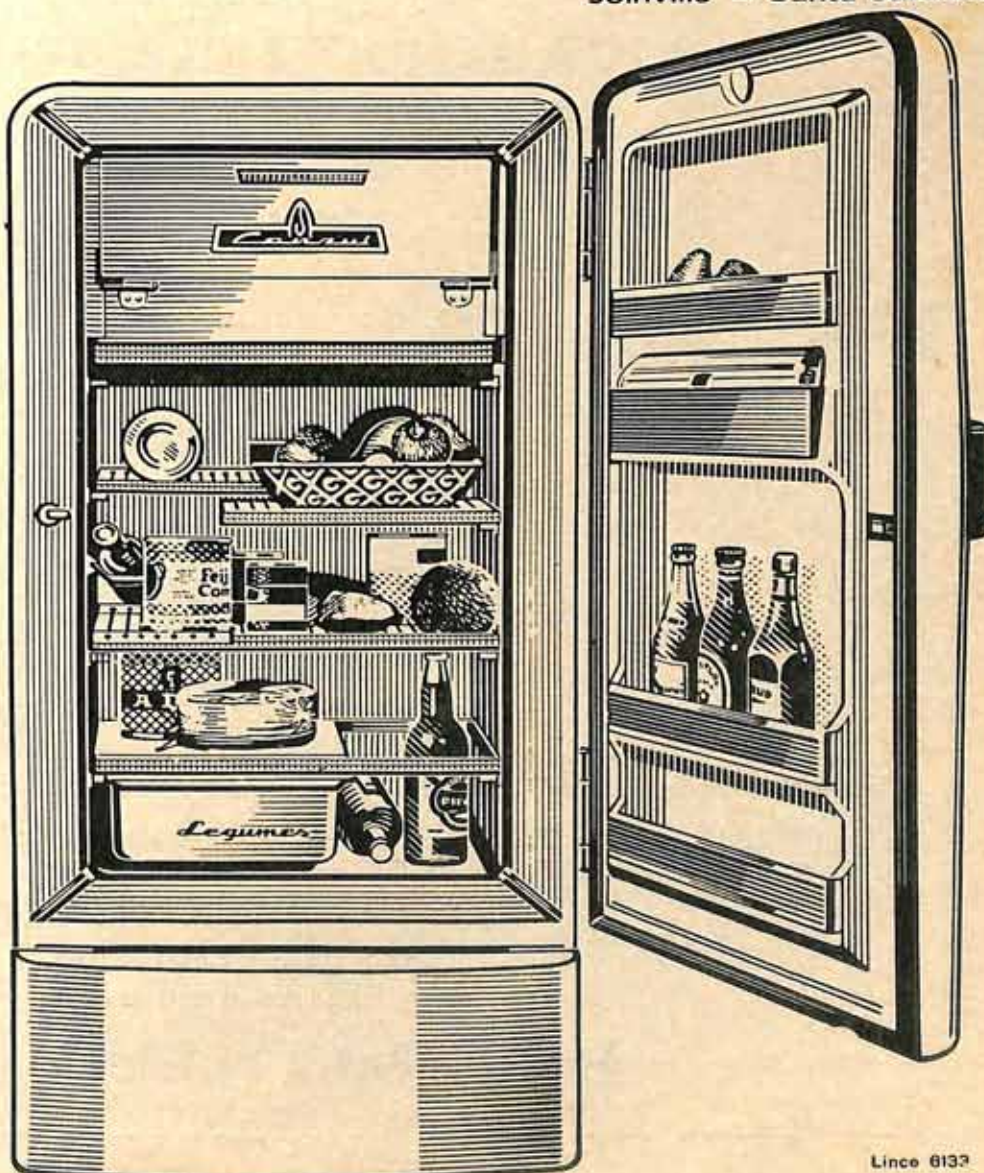
É o jeito mais prático e muito econômico de ter o conforto e a utilidade da refrigeração no campo e em qualquer lugar. O refrigerador Consul Rural é de funcionamento perfeito por longos anos... tem linhas modernas e bonitas. São 8,3 pés de bem-estar e beleza!

PROCURE-O NO SEU REVENDEDOR

produto da

INDÚSTRIA DE REFRIGERAÇÃO

Consul S.A.
Joinville - Santa Catarina



ANUNCIOS CLASSIFICADOS

ofertas da A.P.C.B.

Cr\$

Sais Minerais Iodados — B para Bovinos e Ovinos — Sacos 25 quilos	1.875,00
Polvilhadeira Guarany — capacidade - 6 ks pó.....	6.500,00
Pulverizador Pioneiro — capacidade 10 litros	8.000,00
Lança-chamas Guarany	9.000,00
Aldrin 5% - sacos com 25 ks...	1.800,00
Aldrin 2,5% - sacos com 25 ks	930,00
Aplicador para Aldrin	700,00
Assuntol 50% - Nova concentração carrapaticida em pó para banheiro e pulverização - pacote de 1 quilo	2.825,00
Neguvon — Bernicida sistêmico — pacotes de ½ quilo.....	1.410,00
Bichol — desinfetante contra bicheiras — caixa 12 x 1.....	1.350,00

Cr\$

Caixas 24 x ½	1.675,00
Carbolineum — imunizante para madeira — tambor 200 litros	5.450,00
Lata de 18 litros	610,00
Graxa amarela c. para carroça — lata 17 ks	1.150,00
Graxa preta c. para carroça — lata 17 ks	595,00
Pixe — tambor 200 ks	2.850,00
Tumorim — contra ratos, ratas e camundongos - pacotes de 5 ks	1.310,00
Diazinon M 40 — pó molhável para pulverizações - pacotes de 2 ks.....	2.750,00
Curabicheira — Gelgy - lata de 500 gramas	120,00
Carrapaticida Gelgy — latas de 1 litro	1.875,00

Cr\$

Carrapaticida Fenex 60 — Shell — latas 20 litros	2.000,00
Formicida I.A.P. (Brometo de Metila) — caixa 48 latas.....	9.000,00
Fórmulas minerais A.P.C.B. — Para bovinos para ser adicionadas em 60 ks. de sal — cada fórmula a	250,00
Metasystox — Garrafa	1.800,00
Minersal — sacos 20 ks.	1.100,00
Pentabiotico — vd	110,00
Pó de fumo Rei — latas 20 ks.	3.000,00
lata de 2 quilos	320,00
Terramicina 100 mg. Pfizer — vidro	90,00

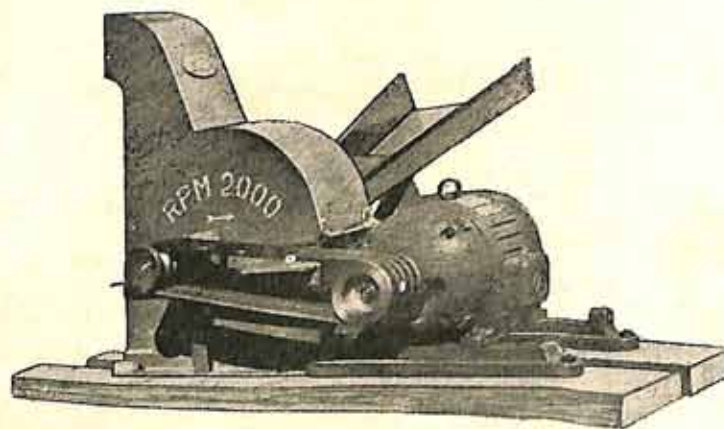
Para qualquer pedido cite ofertas A.P.C.B.
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

Atenção, pecuarista!

Resolva o problema da alimentação sadia de seu rebanho com a

PICADEIRA E TRITURADOR SCHUTZER

Em exposição na A.P.C.B.



A produção horária da máquina depende do motor acionador, que pode variar de 7,5 a 10 HP

Milho em espiga (com palha)	350 kg	Aveia - Cevada - Trigo e Soja	1000 kg
Milho em espiga (sem palha)	500 kg	Alfafa	450 kg
Milho em grãos	650 kg	Canas e Capim colônia e similares	2000 kg
		Mandioca	1500 kg

ROTAÇÃO: 2.000 R.P.M.
Pedidos dirigir à

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

RUA JAGUARIBE, 634 — FONES 51-6380 — 51-6963 — SÃO PAULO

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 4 cm

Cada centímetro por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 250,00 por centímetro e por publicação

Otima oportunidade para os senhores fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634

São Paulo

BELO HORIZONTE

VENDA AVULSA

"Revista dos Criadores"

SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE

JORNAIS E REVISTAS

Av. dos Andradas, 280 — Tel. 2-7200

ADUBOS



"CADAL"

CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do salitre do Chile para o Distrito Federal, Estados do Rio e Espírito Santo

R. MEXICO, 111-12.º AND. - SEDE PRÓPRIA

42-0881

TELS.: 42-0115 REDE INTERNA

42-0980

• Solicitem informações • folhetos, gratuitamente

IMUNIZANTES

CARBOLINEUM

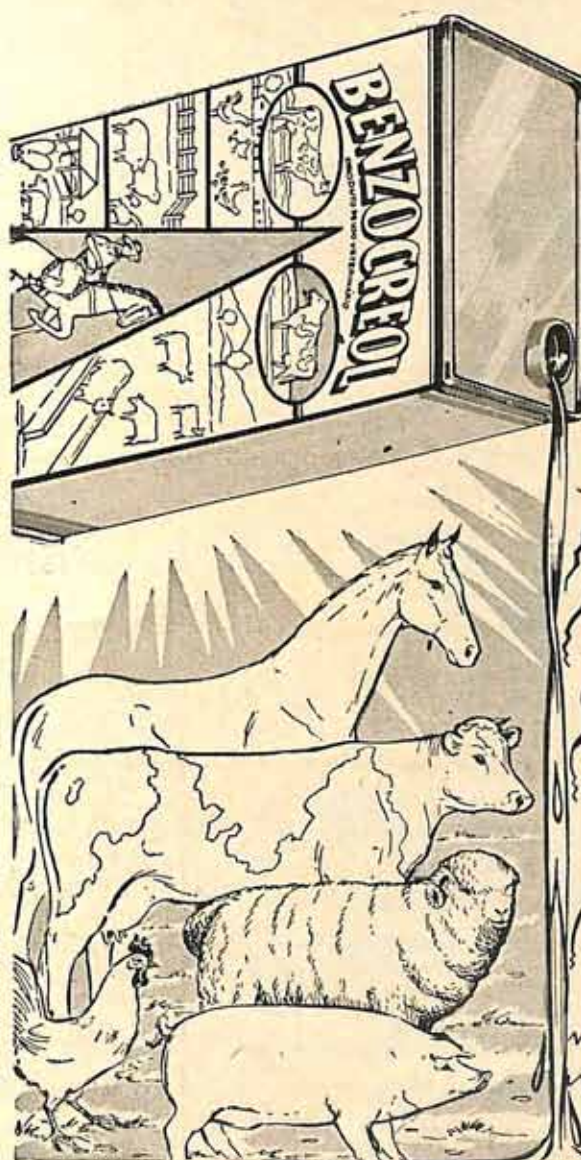
Protege e imuniza toda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistência.

OTTO BAUMGART - Ind. e

Com. S.A.

Rua Carlos de Souza Nazareth, 53
Caixa Postal, 3492 — São Paulo

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para os quais é indicado, eis o que Benzocreol oferece aos animais. Por isso, siga os Criadores experimentados e use Benzocreol, esse maravilhoso remédio veterinário consagrado por uma preferência absoluta de mais de 50 ANOS. Peça grátis: "O GUIA DO CRIADOR", remetendo este anúncio à Cx. Pt. 1002 - São Paulo.

BENZOCREOL

CICATRIZANTE - GERMICIDA - FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Redação: Rua Jaguaribe, 634 - S. Paulo - Brasil

Tels.: 51-9234 e 52-6686

Endereço telegráfico: Criadores

CORRESPONDENTES

SÃO PAULO

Campinas
José Valdez Corrêa
Rua Barão de Atibaia, 479

Piracicaba
Octávio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

GUANABARA

Rio de Janeiro
Hélio de Albuquerque
Rua Irineu Marinho, 35

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103

Uberaba
Hugo Prata
Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achylls Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

PARANÁ

Curitiba
Mercantil Agro-Pecuária Ltda.
Al. Cabral, 510
Caixa Postal 1506

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

GOIÁS

Goiânia
Eomildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, n.º 472 - Setor Sul
Fone 21-16

Buenos Aires
Eng.º Agr.º Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318

AFRICA

Moçambique
José Antônio Cardoso Vilhena

REPRESENTANTES

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros e Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 - s/218

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

GOIÁS

Goiânia
Botave Ltda.
Rua 6, n.º 17
fone 27-10

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York 36, N. Y. - USA

REPÚBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociación Argentina de Criadores
de Cebu
Bartolomé Mitre, 754 - 2.º P:

VENDA AVULSA E ASSINATURA

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 - s/218

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Conganhas
Livraria da Estação Júlio Prestes
Estação Júlio Prestes

Interior
São José do Rio Preto
Agência Comercial

Baurú
Salomão Gantus

Piracicaba
Lício Antonio Hufnbaecker

Taubaté
Judith Mazella Moura

MINAS GERAIS

Juiz de Fora
Agência Campos

Uberlândia
Agência Lopes

Montes Claros
Agência Thais

Eloi Mendes

Astolfo Carlos Teixeira Filho

Cambuquira
Benedito Ferreira

Itajubá

Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques

Barbacena
José Francisco de Assis

São Gonçalo do Sapucaí

José Siqueira Noronha

Lavras
Papelaria Pádua

Belo Horizonte
Soc. Distr. de Jornais e Revistas

Araxá
Wantrim Batista Costa

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queiróz
Distribuidora de Revistas Souza

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copolillo

Alegre
Emílio dos Santos Abreu

Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

GOIÁS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17
Caixa Postal, 45

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octávio Sagebim S/A
Santa Vitória do Palmar

Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento
Lojas Brisolla

Julio de Castilhos
Malvina Walhrich

CEARÁ

Fortaleza
J. Filinto & Cia.

RIO GRANDE DO NORTE

Natal
Luiz Romão

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Mauricéia

Recife
Recife Distribuidora de Revistas
Rua do Hospício, 340
Caixa Postal, 1.300

SANTA CATARINA

Florianópolis
Agência Distribuidora de Revistas
Porto União
Livraria Iguassú

MARANHÃO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquínio Lopes, 292

PARANÁ

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo

Ponta Grossa
Livraria Montes

PIAUI

Terezina
José Alves Martins

SERGIPE

Aracaju
Winston Corrêa Dantas
Rua Siriri, 969

URUGUAI

Montevideo
Livraria Monteiro Lobato

ÁFRICA O. PORTUGUESA

Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.

SRS. FAZENDEIROS TEMOS O QUE NECESSITA NA FAZENDA...

ARAME PARA CERCAR...

...criação, próprio e incomparável para vedar o gado, sem perigo de se inutilizar. Não arrebenta, aço extra-resistente "Coteland Wire". Regula 3 cruzeiros o metro



Com balancim do próprio arame, economizando: moções, tempo, dinheiro e perdura como cerca definitiva. Únicos distribuidores dessa marca. Só atendemos consumidores.

SAL PECUARISTA - Sacos de 30 e 60 quilos, preparado com Cobalto, Cobre, Ferro etc. (Complemento mineral - Chavantes, regist. n. 1.219). Custando apenas mais dez por cento que o sal comum.

SAIS MINERAIS "Chavantes" reg. n. 1.118, 23 M. Agricultura, Sulf. Cobalto, Cobre, Ferro, Manganês etc. (Fórmula preconizada pelo Dr. René Corrêa - Inst. Biológico de São Paulo).

GRAMPOS - Para cerca - Carrapato - (n/ exclusividade). Pás de ponta e Ferros de pua para cercas.

FIVELAS - Veda-tudo, p/balancim e armar tela no local.

INSETICIDAS - Arseniato de Chumbo e Rhoditox para combater pragas de algodão, mascaras, polvilhadeiras.

CREOLINA - Pearson, Bichol, Aphtol, Mataberne, Benzofenol Azul, Vencinas, Seringas Vet., penicilinas etc.

ALICATES - Marcar orelha de bezerras e torqueses.

FORMICIDA - Blenco - Apar. portátil (comprovada eficiência), mata-formigas, imunizantes, Carbolineum etc.

ARADOS - Semeadadeiras, Carpideiras, Desmatadeiras Engenhas, Moimhas para quinquas etc.

MACHADOS - Colins, Faices, Enxadas, Enxadões, Serrotes, Ancinhos etc.

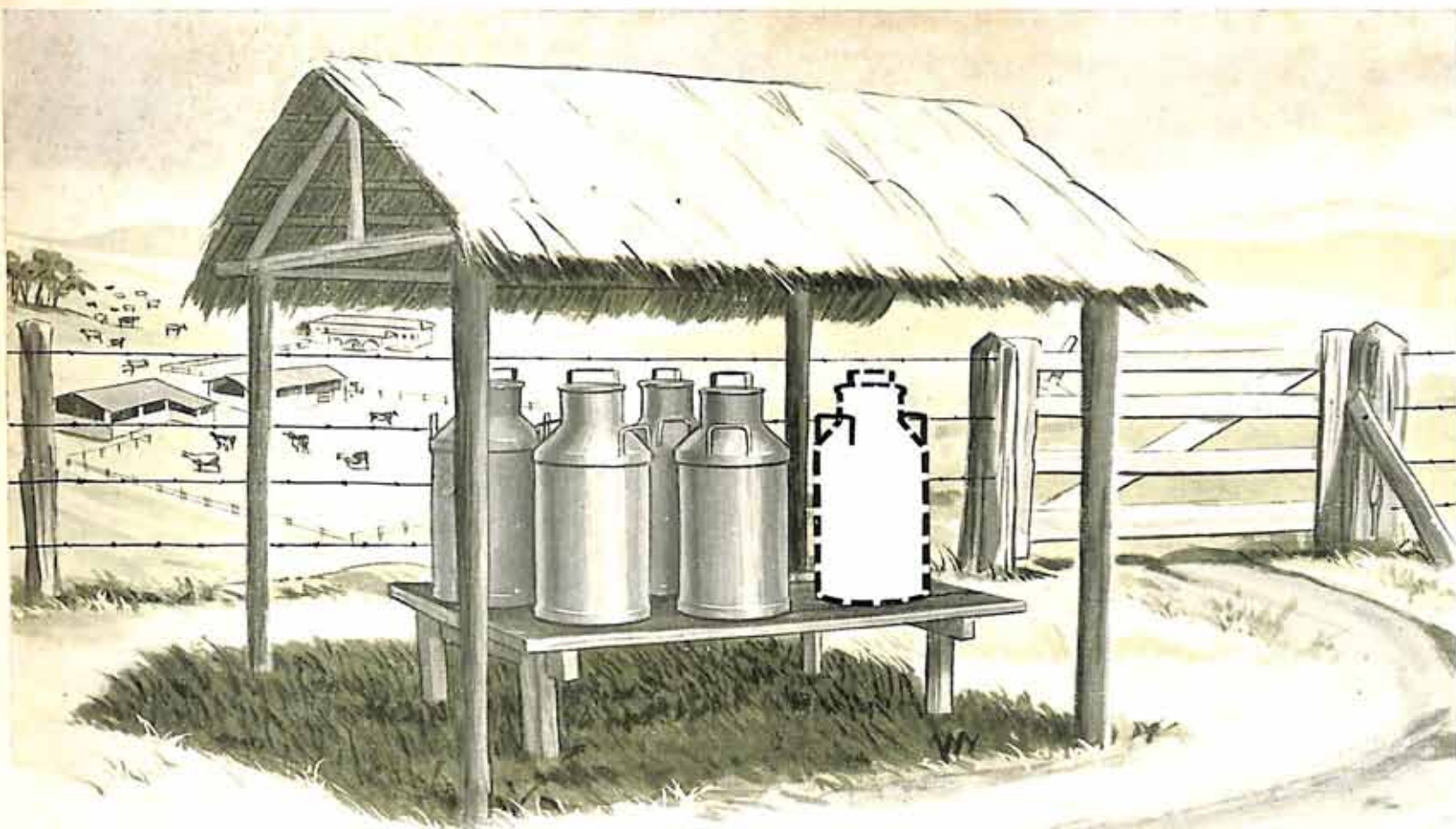
SEMENTES - Alfafa, Colônia, Gordura (roxo e cabelo de negro), Jangal, farinha de osso.

ENCERADOS - "Chavantes" - Todos os tamanhos e para todos os fins, sacos de colheita.

TELHAS - Onduladas para coberturas de alumínio refratárias ao calor, Caixas de água, Canos etc.

MATERIAL ELÉTRICO - Enceradeiras, Liquidificadores, Painéis de Pressão, Talheres (faqueiros), Lanternas, Pilhas, Lampadas, Fios elétricos etc.

SOCIEDADE COMERCIAL S. PAULO - MATO GROSSO
S. Paulo - S. Bento, 484 - 2.º - Fones: 33-4053 e 33-1548.
Soc. Com. Pecuária D'Oeste
Araçatuba - Osvaldo Cruz, 185 - Fone: 2.330
Presidente Prudente - A. Brasil, 657 - Fone 5
Soc. Com. Mato Grosso
Campo Grande - 14 de Julho, 668 - Fone: 2.133
Aquidauana - Rua Manuel Antonio Paes de Barros, 198



Quando V. quiser mesmo
aumentos na
produção leiteira, use

TM-25



A administração de 75 mg, por dia e por cabeça, de **Terramicina** proporciona aumentos sensíveis na produção leiteira (até 14%), além das seguintes vantagens:

- REDUÇÃO DOS CASOS DE METEORISMO (EMPANZINAMENTO)
- REDUÇÃO DAS MASTITES (MAMITES)
- REDUÇÃO DO APARECIMENTO DE FRIEIRAS
- MELHORA EVIDENTE DO ESTADO SANITÁRIO DOS REBANHOS

TM-25, além da **Terramicina**, possui em sua fórmula micro-elementos minerais, normalmente carentes em nosso meio.

Os suplementos Pfizer são vendidos nas boas casas do ramo e nas seguintes filiais da

Pfizer CORPORATION DO BRASIL
Dependências para o Brasil



SÃO PAULO - Depto. Agro-Pecuário
Rua Dr. Cândido Espinheira, 143
Caixa Postal 5291 - Telefone 51-9101

RIO DE JANEIRO - Guanabara
R. Antunes Maciel, 115 - 115-A - S. Cristóvão
Cx. Postal 4409 - Fones: 34-4137 e 34-3875

BELO HORIZONTE - Minas Gerais
Avenida do Contorno, 7492
Caixa Postal 678 - Fone 2-5737

PÓRTO ALEGRE - Rio Grande do Sul
Avenida Oswaldo Aranha, 642
Caixa Postal 4266 - Fone 7-656

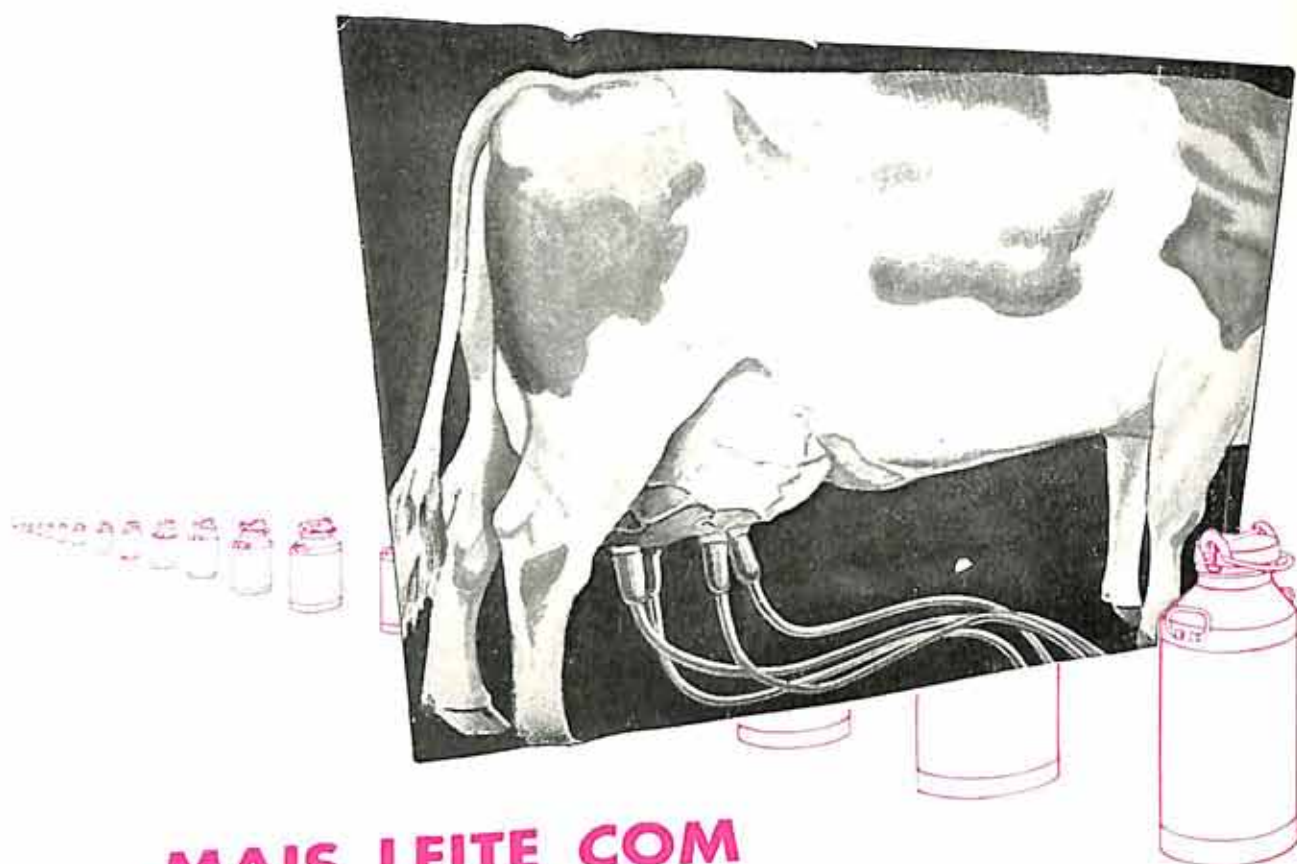
CURITIBA - Paraná
Rua Augusto Stelfeld, 1212/1216
Caixa Postal 2591 - Fone 4-7851

FORTALEZA - Ceará
R. Floriano Peixoto, 286 - 3.ª and. - s/ 31-37
Caixa Postal 1003 - Fone 1-9646

RECIFE - Pernambuco
Rua Djalma Farias, 126 - Bairro Torreão
Caixa Postal 1588 - Fone 2-8815

SALVADOR - Bahia
Trav. Bonifácio Costa, 2 - 9.ª - s/ 903-909
Caixa Postal 1281 - Fone 4-942

BELEM - Pará **ADRIANO PIMENTEL**
Distr. Exclusivo R. Padre Prudêncio, 42
Caixa Postal 433 - Fone 18-46 38-14



MAIS LEITE COM RAÇÕES MELAÇADAS

AGORA



VOCÊ pode produzir mais leite
com menos alimento.

Esta possibilidade lhe garantem
as novas **RAÇÕES MELAÇADAS**
da **SOCIL**, porque são:

- Mais nutritivas
- Mais saborosas
- Melhor digeridas



A Nova Fábrica

SOCIL PRO-PECUÁRIA S.A.

Rua: Ministro Campos Vergueiro, 85 (Anastácio) - Cx. Postal, 5.013
Tels.: 5-0298, 5-0050 e 36-4087 - São Paulo